

'O maior novelista histórico de todos os tempos.'

THE TIMES



# PATRICK O'BRIAN

*O Ajudante de Cirurgião*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

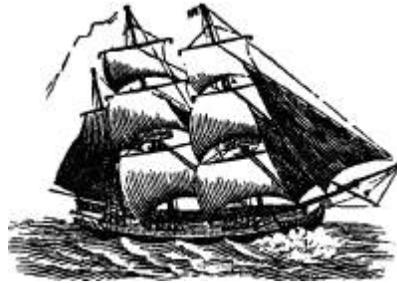
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



*Mestre dos Mares VII*

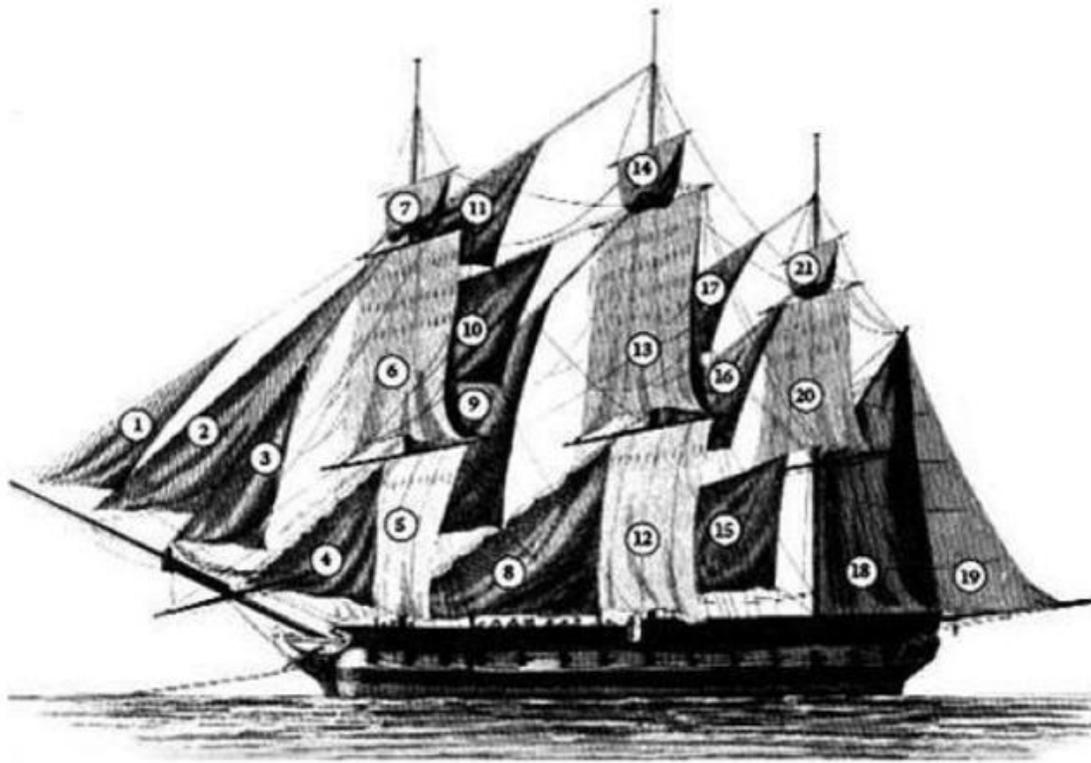
PATRICK O'BRIAN



*O Ajudante de Cirurgião*

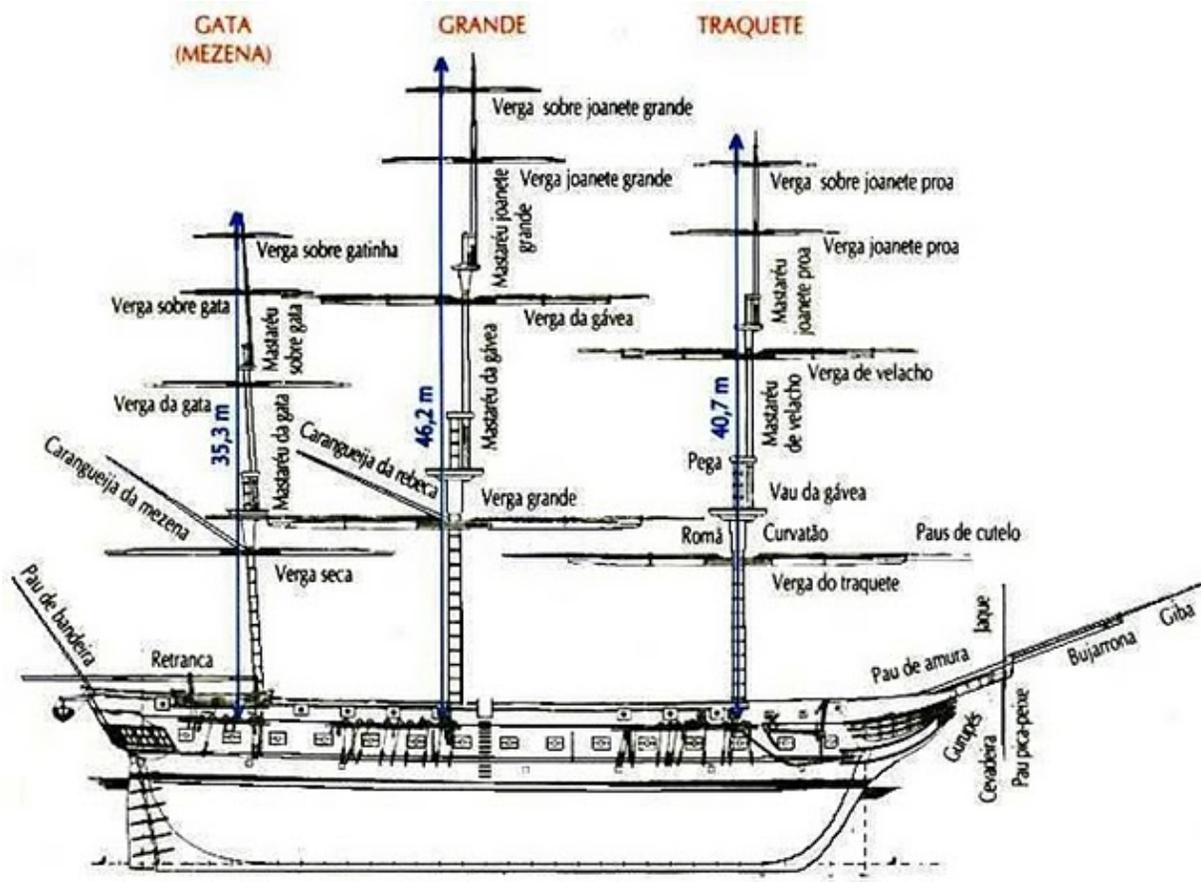
## série **Mestre dos Mares**

*Mestre dos Mares*  
*O Capitão*  
*A Fragata Surprise*  
*Expedição à Ilha Maurício*  
*A Ilha da Desolação*  
*O Butim da Guerra*  
*O Ajudante de Cirurgião*  
*Missão em Jônia*  
*O Porto da Traição*  
*O Lado Mais Distante do Mundo*  
*O Outro Lado da Moeda*  
*A Patente de Corso*  
*Treze Salvas em Honra*  
*A Escuna Noz-moscada*  
*Clarissa Oakes, Clandestina a Bordo*  
*Um Mar Escuro como o Vinho do Porto*  
*O Comodoro*  
*Almirante em Terra*  
*Os Cem Dias*  
*Azul na Mezena*



- 1— Giba
- 2— Bujarrona
- 3— Vela de Estai
- 4— Polaca
- 5— Traquete
- 6— Velacho baixo
- 7— Sobrejoanete de proa
- 8— Estai entre mastros
- 9— Estai do Mastaréu da gávea
- 10— Estai do meio
- 11— Estai principal do joanete

- 12— Grande
- 13— Gávea do grande
- 14— Joanete Grande
- 15— Estai da Mezena
- 16— Estai da gávea da mezena
- 17— Estai do mastaréu da mezena
- 18— Estai do joanete da mezena
- 19— Mezena
- 20— Gávea da Mezena
- 21— Sobrejoanete de popa



O doutor Stephen Maturin tem que empreender uma arriscada missão no mar Báltico, e Aubrey será o encarregado de levá-lo a seu destino. Espera-lhes uma difícil navegação, um dura climatologia e, ainda pior, a dura vingança dos franceses.

## *Nota da edição*

### *espanhola*

---

Este é o sétimo romance da mais apaixonante série de novelas históricas marítimas jamais publicada; por considerá-lo de indubitável interesse, ainda que os leitores que desejem prescindir disso podem perfeitamente fazê-lo, inclui-se um arquivo adicional com um amplo e detalhado Glossário de termos marítimos

Foi mantido o sistema de medidas da Armada Real inglesa, como forma habitual de expressão da terminologia náutica.

1 jarda = 0, 9144 metros

1 pé = 0, 3048 metros — 1 m = 3, 28084 pés

1 cabo = 120 braças = 185, 19 metros

1 polegada = 2, 54 centímetros — 1 cm = 0, 3937 polegada

1 libra = 0, 45359 quilogramas — 1 kg = 2, 20462 libra

1 quintal = 112 libras = 50, 802 kg.

## *Nota do autor*

---

Os grandes homens podem permitir-se cometer anacronismos e, na verdade, não é desagradável ver à Criseida ler as vidas dos santos ou ao Hamlet ir para a escola em Wittenberg; contudo, o escritor comum não deveria tomar muitas liberdades com o passado, porque se o faz, sacrifica sua autenticidade e o voluntário abandono da incredulidade do leitor e provavelmente receberá cartas daqueles que dão mais importância do que ele à precisão. Faz muito pouco recebi uma carta de um instruído holandês que me repreendia haver polvilhado com água de Colônia a bodega de proa da fragata *Shannon* em meu último livro, porque, conforme dizia, citando o *Oxford Dictionary*, a primeira referência à água de Colônia na língua inglesa aparece em uma carta de Byron de 1830, mas acredito que se equivoca ao supor que nenhum inglês havia *falado* da água de Colônia até então. Apesar disso, sua carta me preocupou, sobretudo porque neste livro mantive deliberadamente a sir James Saumarez no Báltico alguns meses depois de seu regresso no *Victory* à Inglaterra e de haver deixado o comando do navio. Quando fiz o primeiro rascunho, peguei os dados do *Dictionary of National Biography*, que afirmava que o almirante ainda estava ao comando no período escolhido por mim, mas depois, ao compará-los com as memórias de um de seus subordinados, descobri que, na realidade, outro homem havia ocupado seu lugar. Contudo, queria falar de Saumarez, que é um magnífico exemplo de um peculiar tipo de oficial naval da época, profundamente religioso e muito competente além de hábil diplomático, e como já não podia reordenar as datas, decidi deixar as coisas como estavam, mas por um sentimento de respeito pelo *Victory*, esse nobre navio, omiti todas as referências a

ele. Portanto, a seqüência histórica não tem uma ordem cronológica exata, mas confio em que o benevolente leitor me aceitará esta licença.

# CAPÍTULO 1

---

Era um longo dia de verão, e no amplo porto de Halifax, Nova Escócia, entravam duas fragatas só com as gáveas desdobradas com a subida da maré. A primeira, que tinha içada uma bandeira com barras e estrelas debaixo de uma bandeira branca, havia pertencido à Armada norte-americana até pouco tempo; a segunda, que tinha içada uma bandeira descolorida, era a *Shannon*, vencedora no combate curto mas sangrento que havia mantido com a *Chesapeake*.

Na *Shannon* todos tinham uma idéia da recepção que lhes aguardavam, já que a notícia da vitória havia se propagado e numerosos pesqueiros, barcos de recreio, botes de barcos corsários e pequenas embarcações de diversos tipos se haviam aproximado da fragata muito antes de que chegasse na entrada do porto, e haviam seguido navegando em sua companhia enquanto seus homens agitavam no ar seus chapéus e gritavam: "Bravo! Hurra! Muito bem, *Shannon*! Hurra!". Os tripulantes da *Shannon* olharam com pouco interesse para aqueles homens e seus barcos, e somente os marinheiros da coberta inferior lhes cumprimentaram com a mão, ainda que sem entusiasmo; em troca, eles olharam a *Shannon* com grande interesse. Os que eram pouco observadores apenas observaram irregularidades na fragata, já que conservava intactos a maioria dos aparelhos, usava velas novas e a pintura estava quase igual ao dia em que havia zarpado daquele mesmo porto, há várias semanas; porém, os corsários, que eram muito observadores, notaram que no gurupés e nos mastros havia profundas fendas, que o pau da mezena havia sido reparado com barras do cabrestante e que no costado havia algumas balas incrustadas e alguns espigões

tapando os buracos que outras haviam feito. Contudo, mesmo alguém que não fosse observador haveria visto o enorme buraco que havia da popa até a alheta de bombordo da *Chesapeake*, no lugar onde as balas da *Shannon*, uns cinco quintais de ferro, a haviam alcançado e a haviam atravessado longitudinalmente. Mas o que ninguém viu foi o sangue derramado naquela encarniçada batalha, tanto que havia saído aos jorros pelos embornais, pois os tripulantes da *Shannon* limpavam ambas fragatas e fizeram o possível para deixar a coberta reluzente. Apesar disso, a julgar pelas condições em que se encontravam os mastros e as vergas da *Shannon* e o casco da *Chesapeake*, qualquer um que houvesse estado em uma batalha haveria pensado que ao final do combate as fragatas tinham o mesmo aspecto de um matadouro.

Na *Shannon* todos sabiam como iam ser recebidos, e por isso os marinheiros da coberta inferior haviam se apressado para pôr a melhor roupa que tinham para desembarcar: jaqueta azul com botões dourados, amplas calças brancas com fitas laterais, chapéu de palha de aba larga com uma cinta com o nome de Shannon bordado e brilhantes sapatos negros. Não obstante, surpreendeu-os o barulho que ouviram quando se aproximavam do cais: primeiro os vivas de alguns grupos cujas vozes se sobrepunham e depois outros muito mais fortes e muito mais apreciados por eles, o coro dos marinheiros dos barcos de guerra ancorados no porto, quando a fragata passava pelo seu lado. E enquanto a fragata se aproximava de seu ancoradouro habitual e a maré subia, os marinheiros, desde as vergas e a exércia, gritavam em uníssono: "*Shannon*, hurra, hurra, hurra!", fazendo estremecer o ar e o mar. Todo Halifax havia saído para dar-lhes as boas-vindas e para aclamar-lhes por sua vitória, a primeira vitória da Armada real em uma guerra desastrosa para ela desde o princípio, já que os norte-americanos haviam aprisionado três de suas fragatas mais potentes em batalhas em que só duas naves inimigas haviam se enfrentado, além de haver capturado outras embarcações menores. Obviamente, os marinheiros eram os que davam mais vivas, e sua alegria era tão grande como profunda havia sido a pena que essas derrotas lhes haviam causado, mas os milhares e milhares de *jaquetas vermelhas*

e civis estavam muito contentes também, assim que quando o jovem Wallis, ao comando da *Shannon*, deu a ordem de carregar as velas, muito poucos puderam ouvir.

Ainda que os tripulantes da *Shannon* estivessem impressionados e satisfeitos, tinham uma expressão grave, já que seu querido capitão se debatia entre a vida e a morte em sua cabine e haviam sepultado ao primeiro oficial e a vinte e dois companheiros de tripulação. Além disso, na enfermaria e no rancho havia cinquenta e nove feridos, muitos dos quais estavam à beira da morte, e entre eles se encontravam alguns dos homens mais populares da tripulação.

De forma que, quando o comandante do porto subiu pelo costado, observou que os tripulantes, muito esmerados mas muito sérios, formavam um reduzido grupo, e que no castelo de popa havia muito poucos oficiais para dar-lhe as boas-vindas. Havia gritado: “Muito bem! Muito bem, *Shannon!*” enquanto lhe subiam a bordo, tratando de fazer-se ouvir entre as ordens do contramestre, e ao chegar, perguntou:

— Onde está o capitão?

— Abaixo, senhor — respondeu o senhor Wallis —. Lamento dizer-lhe que está ferido. Tem uma profunda ferida na cabeça e apenas pode falar.

— Sinto muito... Sinto muito. Está muito grave? Uma ferida na cabeça... Conserva sua capacidade de razoamento? Sabe que conseguiu uma grande vitória?

— Sim, senhor. Acho que é precisamente isso o que lhe mantém vivo.

— O que diz o cirurgião? Está permitido ver-lhe?

— Não me deixaram entrar para ver-lhe esta manhã, senhor, mas mandarei perguntar como se encontra.

— Sim, por favor — disse o almirante e, depois de uma pausa, quis saber o que havia sido do primeiro oficial, que havia servido sob suas ordens como guarda-marinha, e perguntou — : Onde está o senhor Watt?

— Morreu, senhor — respondeu Wallis.

— Morreu! — exclamou o almirante, baixando os olhos —. O sinto muitíssimo... Era um excelente marinheiro. Tiveram muitas baixas, senhor Falkiner?

— Morreram vinte e três homens e há cinqüenta e nove feridos, senhor, um número de homens que representa a quarta parte da tripulação. Na *Chesapeake* houve mais de sessenta mortos e noventa feridos, e seu capitão morreu em nossa fragata na quarta-feira. — E em um tom mais baixo, acrescentou — : Permita-me dizer-lhe que meu nome é Wallis, senhor. O senhor Falkiner está ao comando da presa.

— Claro, claro — disse o almirante —. Foi uma sangrenta batalha, senhor Wallis, uma horrível batalha, mas valeu a pena. Sim, valeu a pena.

Então deu uma espiada pela coberta, muito limpa e ordenada mas cheia de marcas, depois pelos botes, dois dos quais já estavam reparados, depois pelos aparelhos, e em continuação observou durante uns momentos o pau da mezena, que também havia sido reparado.

— Assim que o senhor e Falkiner e os poucos marinheiros que lhes restaram trouxeram as embarcações. O senhor e seus companheiros de tripulação fizeram um bom trabalho, senhor Wallis. Agora queria que me fizesse um breve relato da batalha. Mais adiante, se o capitão Broke ainda não estiver recuperado quando chegar o momento de entregar-me um relatório detalhado, será o senhor que o fará. Mas agora quero ouvir de seus lábios o relato.

— Pois bem, senhor... — disse Wallis e se interrompeu.

Era capaz de lutar com desenvoltura, mas não era um bom orador. Além disso, estava perturbado por achar-se frente a um almirante e em uma audiência junto da qual estava o único oficial norte-americano sobrevivente que podia manter-se em pé apesar de suas feridas. Fez um relato incompleto e deslavazado, mas o almirante lhe escutava com visível agrado, pois coincidia com o que havia ouvido e incluía muitos mais detalhes que os rumores chegados até ele. O que Wallis disse confirmou tudo o que ele conhecia: Broke, ao descobrir que a *Chesapeake* estava sozinha no porto de Boston, ordenou aos barcos que lhe acompanhavam que se

afastassem e havia desafiado ao seu capitão para sair e lutar com ele em alto mar, e a *Chesapeake* havia saído do porto e havia enfrentado eles com valentia. Estavam em igualdade de condições e haviam lutado lado a lado e limpamente, sem estratégias. Durante os primeiros minutos a *Shannon* havia arrasado o castelo de popa da *Chesapeake* com seus canhões, por consequência dos quais morreram ou ficaram feridos a maioria dos oficiais, depois havia disparado numerosas descargas contra a popa, e seus homens passaram para a abordagem e aprisionaram a fragata.

— E transcorreram só quinze minutos entre o primeiro disparo e o último, senhor.

— Meu Deus! Quinze minutos! Isso eu não sabia — disse o almirante.

Depois de fazer mais algumas perguntas, juntou as mãos atrás das costas e, cheio de satisfação, começou a dar passos em silêncio. De repente viu uma figura alta com um uniforme de capitão de navio junto aos oficiais de Infantaria de Marinha e exclamou:

— Aubrey! Sim, é Aubrey, estou certo!

Então avançou com a mão estendida, e o capitão Aubrey colocou o chapéu debaixo do braço esquerdo, tirou a mão direita da tipóia e deu ao almirante um aperto de mãos tão forte como pôde.

— Estava certo de que não podia confundir esse cabelo loiro, ainda que faz anos que... — disse o almirante —. Tem o braço ferido? Sabia que se encontrava em Boston, mas como chegou aqui?

— Escapei, senhor — respondeu Jack Aubrey.

— Muito bem! — voltou a exclamar o almirante —. Então estava a bordo quando se conseguiu essa grande vitória! Valia a pena perder um braço ou inclusive os dois para estar ali! Felicito-lhe de todo coração! Quanto gostaria de ter estado com os senhores! Lamento muito a morte do pobre Watt e o que ocorreu a Broke. Queria falar com Broke, se o cirurgião...

E assinalando a tipóia com a cabeça, acrescentou:

— Tem feridas de importância no braço?

— Não. A ferida foi causada por uma bala de mosquete quando a *Java* lutava com o inimigo. Se quer falar com os doutores, senhor, aí os tem.

— Como está, senhor Fox? — perguntou o almirante, virando-se para o cirurgião da *Shannon*, que acabava de sair pela escotilha principal com um acompanhante que, como ele, estava vestido com roupa de trabalho —. Como se encontra seu paciente? Está em condições de receber uma visita, ainda que só seja por alguns momentos?

— Bem, senhor, acho que em seu estado seria prejudicial que se excitasse ou fizesse um esforço mental... — respondeu o senhor Fox, com tom indeciso, movendo a cabeça de um lado para o outro —. Não lhe parece, colega?

Seu colega, um homem baixinho de tez azeitonada, que usava uma jaqueta negra manchada de sangue, uma camisa suja e uma peruca mal posta, respondeu:

— Sem dúvida, sem dúvida. — E com certa impaciência, acrescentou — : Não podem permitir-se visitas até que a poção faça efeito.

Então, sem dizer mais uma palavra, começou a afastar-se, porém o capitão Aubrey lhe pegou pelo cotovelo e, em voz muito baixa, disse:

— Espera, Stephen! Esse é o almirante, sabia?

Stephen virou para Aubrey seus olhos claríssimos, agora rodeados de um círculo vermelho porque havia passado muitos dias e noites quase sem descansar, e disse:

— Escute bem, Jack, tenho que fazer uma amputação e não me deteria nem para falar com o mesmíssimo arcanjo Gabriel. Só subi para pegar meu pequeno retrator, que está na cabine. E diga a esse homem que não fale tão alto.

Imediatamente se afastou dali e deixou atrás de si sorrisos nervosos e olhares ansiosos que iam dirigidos para o almirante, mas aquele homem tão importante não parecia haver-se ofendido. Depois de percorrer a fragata com a vista, o almirante olhou para a *Chesapeake*, e imediatamente notou-se que atrás de sua preocupação pelo capitão da *Shannon* e de sua pena pela perda de alguns oficiais e marinheiros, assomava uma grande satisfação. Então pediu a Wallis a lista de prisioneiros de guerra e, enquanto iam buscá-la, permaneceu com Jack Aubrey junto ao toldo

improvisado que haviam colocado sobre a clarabóia da cabine do capitão e lhe disse:

— Estou certo de que já vi esse homem antes, mas não consigo lembrar de seu nome.

— É o doutor... — começou a dizer o capitão Aubrey.

— Espere! Espere! Já o tenho! É o doutor Saturnin. O almirante Bowes e eu fomos ao palácio para perguntar pela saúde do duque e ele saiu para dizer-nos como se encontrava. Saturnin... Estava convencido de que o recordaria.

— É ele mesmo, senhor. Stephen Maturin foi chamado para atender ao príncipe William e, pelo que sei, salvou-lhe quando tudo havia fracassado. É um médico extraordinário, senhor, e meu amigo íntimo. Navegamos juntos desde 1802. Contudo, acho que ainda não se acostumou com as normas da Armada, e às vezes, sem pretender, falta com o respeito.

— Realmente, não é muito respeitoso, mas não estou ofendido. Apesar de ter chegado a almirante, não me considero um Deus, sabe, Aubrey? Além disso, custaria muito conseguir que me pusesse de mau humor hoje... Que triunfo, Aubrey! Deve de ser um grande médico para que lhe hajam pedido que atendesse ao duque. Quanto desejo que possa salvar ao pobre Broke! — Então, olhando com admiração para uma jovem muito elegante que havia saído de trás do gorro provisório, disse — : Seu servidor, senhora.

A jovem levava uma bacia e ia seguida de um ajudante de cirurgião extenuado e manchado de sangue. Estava pálida, porém, naquele ambiente, sua palidez lhe favorecia, dava-lhe distinção.

— Diana — disse o capitão Aubrey, — permita-me que lhe apresente ao almirante Colpoys. Minha prima, a senhora Villiers. A senhora Villiers estava em Boston e escapou com Maturin e comigo.

— Seu mais humilde servidor, senhora — disse o almirante, fazendo uma reverência com a cabeça —. Quanto a invejo por haver presenciado uma ação de guerra tão notável!

Diana pôs a bacia no solo e fez uma reverência.

— Na realidade, fizeram-me permanecer sob a coberta, senhor... — disse e, com um intenso brilho nos olhos, acrescentou —

: Mas gostaria de ter sido um homem para participar da abordagem com os demais!

— Não tenho dúvida de que teria matado os inimigos — disse o almirante —. Mas agora que se encontra aqui, pode ficar conosco. Lady Harriet ficará encantada. Minha falua está a sua disposição. Pode descer para terra agora mesmo, se o deseja.

— O senhor é muito amável, almirante — disse Diana, — e eu gostaria muito de visitar lady Harriet, mas ainda tardarei algumas horas em terminar o que estou fazendo.

— A admiro por fazer esse trabalho, senhora — disse o almirante, quem havia compreendido que tipo de trabalho era ao dar uma espiada para a bacia —. Mas quando terminar, deve vir para nossa casa. Aubrey, quando a senhora Villiers terminar, leve-a para nossa casa.

Seu radiante sorriso desapareceu quando um espantoso grito de dor, um grito que não parecia humano, chegou da enfermaria penetrando no ruído das alegres vozes como um faca. Mas o almirante havia estado em muitas batalhas e sabia o preço que havia que pagar.

— É uma ordem, Aubrey, ouviu? — acrescentou um pouco desgostoso e depois, voltando-se para o jovem tenente, disse — : Senhor Wallis, vamos ao nosso assunto.

As horas haviam passado. O capitão Broke fora levado para a casa do comissionado, e os tripulantes feridos, para o hospital. Ali todos, com excessão dos que estavam atormentados pela dor, descansavam tranqüilamente junto aos feridos da *Chesapeake* e às vezes trocavam com eles tabaco e rum de contrabando. Todos os prisioneiros de guerra norte-americanos foram tirados do barco, os poucos oficiais sobreviventes foram postos em liberdade sob palavra e muitos marinheiros enviados para o quartel. Os desertores britânicos capturados na *Chesapeake* haviam tido pior sorte que todos os demais, porque foram encerrados no cárcere, de onde não tinham nenhuma possibilidade de sair salvo para ir para a forca. Já não se via o lado obscuro da guerra, e a alegria e a ilusão haviam começado a dissipar a preocupação e a tristeza na fragata. Os

tripulantes da *Shannon* poderiam descer para terra graças aos capitães dos outros barcos terem enviado voluntários suficientes para completar uma guarda, e a alegria dos recém chegados junto com os gritos procedentes dos cais arrancavam risadas dos mais jovens, que, aglomerados no corrimão, pisoteando-se uns aos outros, observavam como seus companheiros desciam para os botes com cuidado para evitar manchar de alcatrão suas reluzentes calças de dril.

— Prima Diana, quer descer para a terra? — perguntou Jack Aubrey —. Avisarei à *Tenedos* para que o capitão mande seu esquife.

— Obrigada, Jack, mas prefiro esperar por Stephen — respondeu Diana —. Não tardará muito.

Estava sentada sobre um pequeno baú adornado com rebites dourados, o único que havia levado consigo ao fugir de Boston, e olhava para Halifax por cima de um destroçado canhão de nove libras. Jack estava junto dela com um pé apoiado na carreta e também olhava para ali, mas sem prestar muita atenção, porque sua mente se ocupava de outras coisas. Estava cheio de gozo, pois apesar de não ter sido ele quem havia conseguido aquela vitória, era um oficial honesto, unido à Armada real desde sua infância, e as derrotas sofridas no ano anterior lhe afetaram tanto que eram muito difíceis de suportar. Agora já não tinha aquela carga. As duas fragatas haviam lutado um bom combate, a Armada real havia ganhado, no universo as coisas haviam voltado a ser como deviam, as estrelas haviam recuperado seu movimento natural, e havia muitas probabilidades de que assim que ele chegasse à Inglaterra lhe dessem o comando da *Acasta*, fragata de quarenta canhões, o que contribuiria para prolongar esse movimento. Além disso, quando desembarcasse correria ao correio em busca de suas cartas. Durante o tempo que estivera prisioneiro em Boston não havia tido notícias de Sophie, sua esposa, prima irmã de Diana, e ansiava saber dela, de seus filhos, de seus cavalos, de seu jardim, de sua casa... Mas atrás desses sentimentos havia uma pitada de ansiedade, ou talvez mais que uma pitada. Ainda que era um capitão extraordinariamente rico, que havia conseguido mais butins que a maioria dos capitães

de sua mesma antiguidade — e mais que muitos almirantes também — havia deixado atrás de si um negócio com muitos problemas e sua solução dependia de um homem do qual não se fiavam em absoluto seu amigo Maturin nem Sophie. Esse homem, um tal senhor Kimber, havia assegurado ao capitão Aubrey que a escória das minas de chumbo que havia em suas terras poderia produzir mais chumbo e, além disso, mediante um procedimento que só ele conhecia, uma assombrosa quantidade de prata, o que permitiria obter grandes benefícios com um pequeno desembolso inicial. Contudo, as três últimas cartas que sua esposa lhe enviara e que Jack havia recebido nas Índias Orientais, antes de ser capturado pelos norte-americanos em sua viagem de regresso para a Inglaterra, não falavam de benefícios senão de ações pouco claras que Kimber havia realizado sem autorização e a inversão de grandes somas na construção de caminhos, a escavação de poços profundos, ferramentas para trabalhar nas minas, uma máquina de vapor... Estava ansioso para que aquilo se esclarecesse e confiava em que assim fosse, porque Stephen Maturin e Sophie não sabiam nada de negócios e ele, em troca, tomou sua decisão baseando-se em cifras e fatos concretos, não por intuição, e conhecia melhor que eles o mundo que lhes rodeava. Desejava com veemência ter notícias de seus filhos: as gêmeas e o menino. Provavelmente George já falava... enquanto esteve prisioneiro não havia recebido nem uma só carta, e a falta de notícias foi uma das coisas mais duras que havia tido que suportar. Mas sobretudo desejava poder pegar a mão de Sophie e ouvir sua voz o quanto antes. Suas cartas, que tinham data anterior à guerra com Estados Unidos, chegaram a suas mãos quando estava em Java, e as havia lido tantas vezes que se rasgaram nas dobras, mas depois se haviam perdido no mar, junto com quase tudo o que possuía. Desde então, nem uma palavra. Desde os 110° de longitude leste até os 60 ° de longitude oeste, quase meio mundo, nem uma palavra. Ainda que sabia que esse era o destino dos homens do mar, pois tanto os barcos correio como outros meios de transporte eram inseguros, às vezes achava que a sorte lhe havia abandonado.

Tal vez a sorte lhe havia abandonado, mas Sophie não. Seu matrimônio se apoiava em uma base firme, em um carinho profundo e mútuo respeito, e era melhor que a maioria, ainda que em um de seus aspectos não era plenamente satisfatório para um homem como Jack Aubrey, cujos instintos básicos eram muito fortes. Já que Sophie era possessiva e um pouco ciumenta, fazia parte de seu ser. Certamente, ela não carecia de defeitos, mas tampouco ele, e às vezes lhe parecia que os seus eram mais fáceis de tolerar que os dela, mas esqueceu tudo isso quando em sua mente apareceu a imagem do pacote de cartas que encontraria ao atravessar as tranqüilas águas de Halifax.

— Diga-me, Jack, Sophie passou mal quando teve a última criança? — inquiriu Diana.

— Que? — perguntou Jack como se houvesse chegado de muito longe —. Se passou mal ao ter George? Oxalá não... Não me disse nada. Eu estava em Mauricio então. Contudo, acredito que às vezes se passa muito mal.

— Isso me hão dito — afirmou Diana e fez uma pausa —. Aí vem Stephen.

Poucos minutos depois o esquife se abordou com a *Shannon* e eles se despediram, mas da fragata, não dos tripulantes, posto que voltariam a ver-lhes nas festas que dariam na costa para celebrar a vitória, entre elas um baile que o almirante já havia anunciado. Diana não aceitou a guindola que o senhor Wallis lhe oferecia e desceu atrás de Stephen com a agilidade de um menino, e os tripulantes do esquife cravaram os olhos no mar para não ver-lhe as pernas. Depois, gritando, rogou aos homens que estavam na coberta que cuidassem de seu baú e, olhando sorridente para Wallis, que estava radiante de alegria, acrescentou:

— É o único que tenho, o pouco que tenho, sabe?

Sentaram-se no banco da popa e o esquife começou a navegar em direção à costa. Formavam um curioso grupo, já que entre eles existiam relações muito estreitas e diversas. Em outro tempo os dois homens se haviam disputado o carinho de Diana, e a amizade que os unia havia estado a ponto de romper-se. Diana havia sido o grande amor de Stephen, sua grande ilusão; contudo, na Índia lhe

abandonara por um norte-americano muito rico chamado Johnson, com quem as relações haviam se deteriorado depois de sua chegada aos Estados Unidos, sendo insustentáveis depois de começar a guerra. Quando Maturin chegou a Boston como prisioneiro de guerra, haviam voltado a encontrar-se, e ainda que ele ainda a admirava por seu beleza e seu ímpeto, parecia-lhe que seu coração já não sentia nada. Não sabia se isso era devido a ela ter mudado ou a ter sido ele que mudara, mas sabia que a menos que seu coração voltasse a sentir, havia perdido definitivamente o motivo principal de sua existência. Não obstante, ambos haviam escapado juntos e haviam chegado à *Shannon* em uma lancha; Além disso, haviam se comprometido, mas Stephen só adquiriu esse compromisso porque acreditava que era seu dever ajudá-la, porque era um meio para que recuperasse a nacionalidade, e surpreendera-se por ela ter aceito de bom grado, sobretudo porque até então pensava que era a mulher mais intuitiva e perspicaz que conhecia. E se não houvesse sido pela batalha, agora seriam marido e mulher, ao menos conforme o Código Civil da Inglaterra, não conforme o Código Canônico (Stephen Maturin era católico), pois o capitão Philip Broke, a quem seu posto lhe conferia atribuições para casar-lhes no mar, esteve a ponto de fazê-lo, e agora Diana seria de novo súdita britânica em vez de ser nominalmente cidadã norte-americana.

Apesar de todos os sentimentos que se entremesclavam em seu íntimo, foram conversando animadamente até que desembarcaram no cais e assim continuaram até que chegaram à casa do almirante, onde se separaram. Jack foi entrevistar-se com o comissionado e depois iria buscar o correio e alojamento para ele e seu amigo; Stephen afastou-se sem dizer para onde ia, com sua única bagagem, um pacote envolto num pedaço de tecido, metido sob o braço; e Diana ficou em companhia de lady Colpoys, uma mulher bondosa e de pernas curtas.

Stephen não havia dito para onde ia, mas se seus acompanhantes se houvessem posto a pensar nisso, não teria sido difícil adivinhá-lo. O capitão Aubrey, pelo fato de haver navegado junto com o doutor Maturin durante muitos anos, sabia que o doutor, além de ser um médico excelente, que havia decidido fazer-

se ao mar como cirurgião naval porque assim teria a oportunidade de fazer descobertas no campo da história natural (sua grande paixão, só superada em intensidade pelo seu desejo de derrotar Bonaparte), era um dos espiões mais apreciados no Almirantado; e Diana, pouco antes de sua fuga de Boston, vira-lhe pegar os documentos que continha aquele pacote de um dos quartos que ela e Johnson ocupavam, e ele justificou sua ação dizendo que os documentos seriam de interesse para um alto cargo dos Serviços Secretos que conhecia e que casualmente estava destinado em Halifax. Stephen sabia muito bem disso, mas conforme um velho costume e uma tendência inata de agir com muita discrição (o que lhe havia permitido seguir vivo), sempre era muito reservado. Conforme esse costume também, foi para o escritório de seu enlace dando uma volta e parando para olhar as vitrinas das lojas, e posto que em algumas delas se refletia a rua, podia ver o que estava atrás dele. Ainda que costumasse tomar esse tipo de precauções mecanicamente, agora as considerava mais necessárias do que nunca, pois sabia melhor do que ninguém que em Halifax havia alguns espiões norte-americanos, e provavelmente Johnson, furioso por ele lhe haver roubado sua amante e seus documentos, faria todo o possível para vingar-se.

Chegou ao escritório muito tranqüilo, sem que ninguém o seguisse, e se apresentou. Imediatamente foi recebido pelo capitão Beck, oficial da Infantaria da Marinha, que era o chefe dos Serviços Secretos na América do Norte. Nunca se haviam visto, e Beck o olhou com grande curiosidade, já que o doutor Maturin gozava de uma excelente reputação no departamento por ser um dos poucos membros que trabalhava voluntariamente e que era eficiente. Ainda que Maturin fosse metade irlandês e metade catalão e, por esse motivo, era um grande conhecedor dos assuntos catalães, Beck sabia que recentemente havia logrado dizimar os Serviços Secretos franceses fazendo chegar a Paris, através dos incautos norte-americanos, certa informação falsa e comprometedoras. Como esse era um assunto que lhe concernia, Beck foi informado oficialmente dele, mas também havia ouvido relatos não oficiais de outras ações também notáveis que Maturin havia realizado na Espanha e na

França, e inexplicavelmente Beck se sentiu decepcionado ao ver-lhe. Esse homem que agora se sentava do outro lado da mesa e tratava de desatar um pacote envolto em um pedaço de tela era magro, estava mal vestido e tinha um aspecto comum, e Beck, sem razão alguma, esperava que tivesse a figura de herói, e, naturalmente, não esperava que usasse óculos com cristais azuis para proteger-se do sol.

O que Stephen pensava dele também era pouco bajulador. Havia observado que Beck era um homem deforme, de gesto austero, olhos esbugalhados e lacrimejantes, cabelo grisalho e ralo, sem queixo, com o pomo-de-adão proeminente. Pelo tamanho de sua testa parecia inteligente, mas por seu aspecto não parecia capacitado para nada. “Talvez todos nós sejamos muito raros”, pensou Stephen enquanto recordava de outros colegas seus.

Falaram da vitória durante um tempo. Beck falou com tanto entusiasmo que seu rosto macilento ficou corado e Stephen repetiu que não havia tido uma participação notável na batalha, já que esteve sob a cobertura desde o primeiro canhão até o último, e assegurou que não sabia como se havia desenrolado nem quantos desertores britânicos formavam parte da tripulação do barco norte-americano nem quais métodos foram empregados para induzir-lhes a isso. Ao final Beck parecia decepcionado.

— Recebi seu aviso de que os franceses estavam em Boston — disse Stephen, esforçando-se para desfazer um nó —. Obrigado, pois quando me encontrei com eles já estava preparado.

— Espero que não tenha tido nenhum desgosto. Dizem que Durand é um homem decidido e sem escrúpulos.

— Pontet-Canet era pior. Era muito desagradável e me causou muitos incômodos durante certo tempo, mas eu soltei as braças e logrei que se detivesse.

O doutor Maturin se sentia orgulhoso de saber expressões da gíria marinheira. Às vezes as usava corretamente, mas tanto quando acertava como quando errava, sempre as dizia com certa ênfase para expressar sua satisfação, tal como outras pessoas o fariam ao dizer uma citação em grego ou latim no momento oportuno.

— Depois o fiz mudar de bordo em redondo — prosseguiu —. Tem uma faca? Verdadeiramente, não vale a pena conservar esta corda intacta.

— Como o conseguiu, senhor? — inquiriu Beck enquanto lhe dava uma tesoura.

— Cortei-lhe a cabeça — respondeu Maturin, tratando de cortar a corda.

O capitão Beck estava acostumado a ver sangue e morte tanto na guerra como na luta clandestina, mas sentiu um arrepio ao ouvir o tom indiferente de seu visitante, que havia tirado os óculos e lhe olhava fixamente com seus inexpressivos olhos claros, o única coisa que chamava atenção nele.

— Estou certo de que o senhor sabe da posição que Harry Johnson ocupa nos Serviços Secretos norte-americanos, não é verdade, senhor? — perguntou Stephen, desembrulhando por fim os documentos.

— Oh, sim, sem dúvida!

Não era possível que Beck desconhecesse as atividades de seu principal oponente no Canadá, pois desde que começou a desempenhar o seu cargo tivera que lutar contra a rede de espionagem ampla e bem organizada criada por Johnson.

— Muito bem. Peguei estes documentos em seu escritório e de sua caixa forte em Boston. Os franceses os consultavam, mas eu pus fim às suas maquinações.

Pôs os documentos um a um sobre a mesa do capitão. Entre eles havia uma lista dos espões norte-americanos no Canadá e nas Antilhas e alguns comentários sobre eles; cartas dirigidas ao Secretário de Estado onde Johnson falava com todo detalhe das relações entre os Serviços Secretos franceses e os norte-americanos no passado e na atualidade; algumas folhas com códigos para usar em distintas ocasiões e com comentários sobre o caráter, a formação e as intenções de seus colegas franceses; projetos para o futuro; uma avaliação da situação dos britânicos nos Grandes Lagos...

Quando Stephen colocou o último documento sobre a mesa do capitão, já havia alcançado a talha de herói, havia chegado mais lá

do que se esperava. O capitão Beck o olhou por cima da pilha de papéis com profundo respeito, como se o venerasse.

— É uma informação amplíssima, a mais ampla que alguém jamais reuniu. Nós lhes tiramos tudo, meu Deus! Esta lista sozinha bastará para manter ocupado durante semanas a um pelotão de execução. Tenho que refletir sobre todas essas coisas. Estes documentos me acompanharão no leito durante muitas noites.

— Estes documentos não, senhor, com sua permissão. Devem ser enviados para sir Joseph e sua equipe de criptógrafos.

Quando mencionou sir Joseph, o capitão fez uma reverência com a cabeça.

— Proponho enviar a maior parte deles para Londres no primeiro barco que possa levá-los. Podem-se fazer cópias, é claro, ainda que isso também represente alguns problemas, como o senhor bem sabe. Mas antes de falar das cópias ou de qualquer outra coisa, queria fazer uma sugestão e um pedido. Já ouviu falar da senhora Villiers?

— Diana Villiers, a amante de Johnson, essa inglesa que renegou de sua pátria?

— Não, senhor — respondeu Stephen, olhando-lhe fixamente e sem pestanejar —. Não, senhor. A senhora Villiers não era a amante de Johnson, simplesmente aceitou sua proteção em um país estrangeiro. Tampouco renegou a sua pátria. Não só o enfrentou energicamente quando tentou que ela tomasse parte na guerra contra seu próprio país, como que foi ela quem fez o possível para que eu conseguisse estes documentos. Lamentaria muito que a julgassem equivocadamente.

— Sim, senhor — disse Beck depois de uns momentos de vacilação —. Não é minha intenção faltar com o respeito por essa dama, senhor, mas se não me equivoco, tornou-se cidadã norte-americana.

— Foi um ato irrefletido. Pensava que cumpria uma simples formalidade e que isso não afetaria em absoluto a lealdade ao seu país. Disseram que esse era um aspecto que facilitaria o divórcio do senhor Johnson.

Observou que o capitão o olhava com benevolência e inclusive simpatia e franziu o cenho. Depois, em um tom mais calmo, prosseguiu:

— Sem embargo, ela é nominalmente uma estrangeira inimiga, e a respeito disso queria dizer que, em minha opinião, deveria-lhe dar a apropriada certificação, como a qualquer cidadão de nosso país. Por outro lado, quero destacar que ela desconhece minha relação com o departamento. Eu a trouxe comigo, e exceto que hajam outros motivos, não seria correto molestá-la nem causar-lhe nenhum desgosto.

— Agora mesmo lhe darei, senhor — disse o capitão Beck enquanto tocava uma campainha —. Alegra-me que me o tenha dito, pois provavelmente Archbold haveria começado a segui-la antes do anoitecer. Tem havido muitas mulheres... mas a dama em questão é de uma categoria muito diferente.

Nesse momento entrou o ajudante do capitão Beck. Era quase tão feio como o velho e tinha um aspecto mais desagradável e menos inteligente que ele.

— Senhor Archbold, uma certificação X em nome da senhora Villiers, por favor — disse o capitão.

Logo o documento foi preparado, e Beck lhe pôs um selo oficial, o assinou e entregou para Stephen enquanto dizia:

— Mas permita-me advertir-lhe, senhor, que este documento só é válido em minha zona. Se a dama tivesse que regressar para a Inglaterra, possivelmente teria muitas dificuldades.

Stephen poderia haver acrescentado que pensava evitar essas dificuldades casando-se com Diana, pois assim ela recuperaria a cidadania britânica, mas preferiu reservar-se seus pensamentos. Além disso, estava muito, muito cansado pelo grande esforço que havia feito para escapar e por haver realizado seu trabalho como cirurgião em duas fragatas quase ininterruptamente desde o começo da batalha. Assim, não disse nada, e depois de um curto silêncio, Beck prosseguiu:

— Parece-me que o senhor queria fazer uma petição, não é certo?

— Sim. Queria pedir que autorize ao pagador a aceitar uma letra devedora contra um banco de Londres. Necessito de dinheiro urgentemente.

— Se necessita de dinheiro, doutor Maturin, rogo-lhe que não se preocupe com os sete e meio porcentos do pagador nem com toda essa papelada. Tenho fundos à minha disposição e com eles posso solucionar qualquer problema desse tipo imediatamente. Estão destinados a conseguir informação, e um só destes documentos seria suficiente para justificar que eu...

— O senhor é muito amável, senhor — disse Stephen, — mas devo dizer que desde que comecei a colaborar com o departamento, nunca aceitei nem sequer meio penique de Brummagem<sup>{1}</sup> por nada do que fiz ou consegui. Bastará com que escreva uma NOTA para o pagador, se não for inconveniente. Também queria que dois de seus homens que sejam muito fortes e discretos me acompanhassem, pois a fronteira não está muito longe e enquanto o senhor não acabe com os agentes citados na lista de Johnson não deveria andar sozinho por Halifax.

Precedido por um homem discreto de seis pés de altura, seguido de outro e acompanhado por um terceiro, Stephen foi até o escritório do pagador, fez a transação, saiu com um pequeno pacote no bolso e ficou pensando uns momentos. Depois, seguido de seu acompanhante, avançou pela rua com passo vacilante e parou na esquina.

— Estou perdido — disse.

— O que foi, senhor? — perguntou seu guarda.

— Estou perdido. Não recordo onde estou hospedado.

A rua estava quase vazia, porque todos os que tiveram a oportunidade de ir ao porto para ver a *Shannon* e a *Chesapeake* haviam partido. Naquele lugar quase deserto, os outros dois homens faziam o possível para passar despercebidos e caminhavam sem pressa a considerável distância e às vezes adotavam uma postura negligente, porém, viram o sinal que seu colega fez com a cabeça e se reuniram com ele na esquina.

— O cavalheiro se perdeu — disse —. Não sabe onde está hospedado.

Todos olharam para Stephen.

— Esqueceu o nome de seu hotel? — inquiriu um.

— Esqueceu o nome de seu hotel, senhor? — perguntou o primeiro, que havia se inclinado para Stephen para poder falar-lhe ao ouvido.

Stephen, tentando sobrepor-se ao cansaço, esforçou-se para recordar enquanto passava a mão pela mandíbula coberta pela barba incipiente.

— Provavelmente está hospedado no hotel Bailey — disse outro —. Aí é onde se alojam a maioria dos médicos.

— É o Bailey, senhor? — inquiriu o primeiro, inclinado para ele outra vez.

— É o White? O Brown? O Goat and Compasses? — perguntaram os outros, dirigindo-se não ao doutor Maturin mas a seus companheiros.

— Já sei! — exclamou Stephen —. Já tenho a solução! Por favor, levem-me ao lugar onde se recebe a correspondência dos oficiais.

— Então temos que apressar-nos — disse o primeiro —. Inclusive temos que correr, senhor, porque se não o encontraremos fechado.

Alguns minutos mais tarde, depois de percorrer umas centenas de jardas de distância, o mesmo homem, ofegando, disse:

— Aí está! Como eu temia. As persianas já estão fechadas.

As persianas já estavam fechadas, mas a porta estava entreaberta. E ainda que a porta estivesse fechada, ainda assim se poderia ouvir em toda a rua a potente voz de marinheiro do capitão Aubrey dizendo: "Que diabos quer dizer com "depois da hora", folgado? Por Deus que...!".

Stephen abriu a porta, e a voz aumentou de volume. Então viu que Jack tinha agarrado o jovem pelo peitilho da camisa e que o sacudia e o chamava de "maldito bastardo".

O peitilho da camisa se despreendeu e Jack se voltou para Stephen.

— Diz que cheguei "depois da hora" — gritou.

— Não é só isso, senhor — disse o empregado para Stephen, como se falasse com seu salvador —. O senhor Gittins tem as chaves. Não há nada nas caixas postais e não posso abrir a caixa forte sem a chave, isso é óbvio.

Limpou as lágrimas com a manga e continuou:

— Além do mais, dentro não há nada para o capitão Aubrey, dou minha palavra de honra. Sempre estamos dispostos a comprazer aos cavalheiros que nos tratam com cortesia...

Stephen observou a caixa forte. Era um modelo antigo, com um fecho comum que provavelmente não resistiria mais que uns poucos minutos ao seu requerimento, mas nem aquele lugar nem aquele momento eram os adequados para demonstrar suas habilidades.

— Alegro-me por encontrar-lhe — disse —. Esqueci o nome da pousada, isto é, do hotel onde nos hospedamos e estou morto de cansaço. Daria tudo o que tenho para meter-me na cama.

— Verdadeiramente, parece muito cansado — disse Jack, deixando cair o peitilho —. Sim, parece esgotado. Nos hospedamos no Goat, e vou levar-lhe lá imediatamente.

Então, ainda furioso pela decepção sofrida, voltou-se para o empregado e lhe espetou:

— Escute-me, senhor. Voltarei amanhã na primeira hora da manhã. Está me ouvindo?

Ao sair para a rua, Stephen agradeceu ao seu acompanhante, disse que podia ir e o encarregou de cumprimentar o capitão Beck em seu nome. Depois Jack e ele partiram sozinhos.

— Que tarde espantosa! — lamentou-se Jack —. Decepções a cada passagem... nenhuma boas-vindas como merecem os heróis. A cidade está cheia de oficiais do Exército, e só pude conseguir um quarto para os dois no Goat.

— Que lástima...! — exclamou Stephen, que amiúde havia compartilhado a cabine com o capitão Aubrey, possivelmente a pessoa que mais roncava na Armada.

— E quando subi a colina para dar o relatório ao comissionado, ele não estava. Havia muitos homens esperando-lhe, e falei com eles por um tempo e me informei de algumas coisas desagradáveis.

Harte está outra vez na Junta de Chefes do Almirantado, e esse tipo, Wray, é o vice-secretário interino.

“Virgem santíssima!”, disse Stephen para si, e não sem motivo. Jack havia corneado o senhor Harte quando estava em Menorca e ainda era solteiro, e, para o general, os cornudos seguiam usando os cornos até muito depois de que lhe punham. Além disso, fazia algum tempo, quando o senhor Wray já tinha um alto cargo no Governo, Jack o havia acusado pública e justificadamente de fazer armadilhas jogando cartas. Wray não respondeu então a acusação da maneira costumeira, mas era provável que não suportasse aquele agravo toda a vida.

— Esperei todo o tempo que pude e depois fui até o escritório dos correios correndo... E lhe asseguro que correr, na minha idade, já não é o que era antes... Mas ao chegar tive outra decepção. Que tarde espantosa!

— Vem, esposo! — disse uma bonita prostituta na penumbra —. Vem comigo e lhe darei um beijo!

Jack sorriu e negou com a cabeça, e seguiu andando.

— Percebeu que ela me chamou de esposo? — perguntou depois de ter dado alguns passos —. Todas costumam fazê-lo. Suponho que é porque tomar parte de um matrimônio é o estado natural do homem e assim lhes parece que o que fazem não é tão... tão mau.

A palavra “matrimônio” recordou a Stephen que havia planejado levar para um sacerdote a certificação de Diana, aquele documento tão necessário, e fixar a data do casamento, mas apenas podia andar, e agora que o interminável período crítico havia passado, o cansaço acumulado durante os últimos dias, como uma espessa névoa, propagava-se por seu interior entorpecendo-lhe. Só o seu espírito de contradição seguia intacto.

— Não, não o é; pelo contrário, como disse um grande homem de uma época passada, é tão pouco natural que uma mulher e um homem formem um matrimônio que todos seus motivos para permanecerem juntos e todas as travas impostas pela sociedade civilizada para evitar sua separação apenas são suficientes para manter-lhes unidos.

— Silêncio! — exclamou Jack, detendo-se.

Perto do porto uma banda havia começado a tocar *Heart of Oak* e se ouviam muitas vozes cantando-a ou dando vivas. Por cima dos telhados se via a fumaça e o resplendor avermelhado de umas tochas, e pouco depois puderam ver-se as chamas no final da rua estreita, por onde atravessava uma procissão de marinheiros e civis fazendo cambalhotas. De todas as partes, muitas pessoas iam unir-se ao grupo, entre elas a bonita prostituta.

Aubrey recuperou imediatamente seu bom humor.

— Assim está melhor — disse —. Essa sim é uma recepção merecida pelos heróis. Apesar dos desgostos que tive, estou muito contente, Stephen. E amanhã quando tiver as cartas de Sophie, estarei mais contente ainda. Escute! Outra banda começou a tocar!

— A única coisa que peço é que dêem as boas-vindas aos heróis com bastante distância do Goat, que não toquem a menos de um [estadio<sup>{2}</sup>](#) do hotel — acrescentou Maturin —. Ainda que Deus sabia que poderia dormir mesmo que dez bandas estivessem tocando no corredor.

Daria no mesmo se tocassem ali ou debaixo de sua janela, porque os tripulantes da *Shannon* celebravam sua vitória com o mesmo ânimo com que a haviam conseguido, e seus alegres gritos foram ouvidas por todo Halifax até depois do amanhecer. Apesar disso, o doutor Maturin dormiu como um tronco até que um raio de sol entrou por entre as cortinas da colgadura da cama e lhe molestou tanto que o fez despertar finalmente. Tinha a mente limpa e estava muito cômodo e completamente relaxado. Haveria se afastado do raio de luz e ficaria ali abstraído em seus pensamentos, e talvez inclusive teria adormecido de novo, se não houvesse ouvido uma tosse forçada, a tosse de alguém que não quer despertar seu companheiro mas advertir-lhe de sua presença se já está acordado.

Afastou as cortinas e seu olhar se cruzou com o de Jack, que era muito triste. Jack estava de pé junto à janela e parecia muito mais alto, exageradamente alto, e Stephen notou que a causa era que havia tirado o braço da tipóia e agora o tinha estendido junto ao corpo e isso mudava suas proporções. Sorriu ao ver Stephen, desejou-lhe bom dia, isto é, boa tarde, e depois disse:

— Tenho algumas cartas para você.

Stephen ficou pensando por uns momentos. A visível tristeza de Jack, ao menos em parte, estava associada com a larga bandagem negra que tinha ao redor do braço, mas em parte com outras coisas também.

— Que horas são? — perguntou.

— Acabam de dar as doze, e tenho que ir — respondeu Jack, entregando-lhe um pequeno pacote de cartas.

— Faz muito tempo que você levantou, não é? — inquiriu Stephen e deu um espiada nos envelopes sem muito interesse.

— Sim. Cheguei a esse maldita escritório quando abriram as portas, e ainda que o chefe não estivesse, fiz com que o revistassem de cima abaixo... Não pode imaginar a desordem que há... Mas não encontraram nada para mim.

— Alguns barcos correio foram aprisionados ou afundados pelos norte-americanos, meu amigo.

— Eu sei, eu sei — disse Jack —. Mesmo assim... Bem, queixar-se não serve de nada. Depois fui dar meu informe ao comissionado. Recebeu-me com amabilidade e cortesia e me deu boas notícias de Broke: que havia podido passar uma hora sentado, que já falava com coerência e que talvez poderia fazer seu relatório. Além disso, me convidou para comer depois do funeral. Observei que algo o preocupava, e depois de um bom momento soube o que era: não pegarei o comando da *Acasta*, senão que terei que voltar para a Inglaterra. Estive fora do país por muito tempo e a deram para Robert Kerr.

A *Acasta* era uma excelente fragata de quarenta canhões, uma das poucas equiparáveis às potentes fragatas norte-americanas, e Stephen sabia o quanto Jack desejava estar ao comando dela naquelas águas. Tratou de encontrar algumas palavras que mitigassem o efeito daquele golpe, mas não encontrou nenhuma e se limitou a dizer:

— Sinto muito, Jack. Ouve, se tem dor no braço, ainda que seja muito pouco, deve subi-lo e colocá-lo contra o peito. — Então se estirou, bocejou e, tirando o gorro de dormir, acrescentou — : Você falou de um funeral, não foi?

— Sim, claro. Parece que ainda não está acordado, Stephen. Enterraremos o pobre Lawrence, da *Chesapeake*.

— Eu também devo ir? Posso arrumar-me em um momento... Gostaria de expressar o respeito que sinto por ele, se os costumes permitirem.

— Não, o costume é que somente os que têm a mesma classe assistam, além daqueles que têm a obrigação de ir e de seus próprios oficiais. Tenho que ir, Stephen. Conseguiu dinheiro? Entre o funeral e a janta não terei tempo de ocupar-me disso, ainda que quisesse fazê-lo o quanto antes.

— Está no bolso de minha jaqueta, que está pendurada no armário.

Jack sacou o rolo de notas e pegou o que necessitava.

— Obrigado, Stephen — disse, e apertou o sabre e desceu a escada correndo.

Todos os capitães de navio que havia em Halifax estavam agrupando-se no cais da pólvora. Conhecia a maioria deles, mas só teve tempo de cumprimentar a um ou dois antes do relógio dar a hora. O caixão chegou pontualmente ao cais, escoltado por infantes de marinha, e o seguiu um cortejo integrado pelos poucos oficiais norte-americanos que podiam caminhar, os oficiais do Exército, os capitães formados de dois em dois, os generais e o almirante.

Andavam no ritmo de um débil toque de tambor e as animadas ruas ficavam silenciosas quando passavam. Jack havia tomado parte de muitas cerimônias desse tipo (o enterro de companheiros de tripulação, amigos íntimos, um primo seu e seus próprios oficiais e guardas-marinhas), algumas delas muito comoventes, porém, nunca havia lamentado tanto a morte de um oficial inimigo como a de Lawrence. Simpatizava com ele e achava que havia levado sua fragata para combate com decisão e que lutou valentemente. O repetitivo toque de tambor e os passos que dava a intervalos o fizeram esquecer as amargas decepções sofridas naquela manhã; e a rigorosa ordem da cerimônia, as palavras rituais pronunciadas pelo pastor e o ruído da terra ao cair sobre o caixão lhe causaram uma profunda impressão. Depois as salvas, as últimas honras militares, tiraram-lhe de seus pensamentos, mas não apagaram essa

impressão. Apesar da morte ser algo inerente a sua profissão, não podia esquecer a imagem do capitão Lawrence ocupando seu posto no castelo de popa justo antes das primeiras descargas devastadoras, e lhe molestava que seus companheiros houvessem começado a expressar sua alegria de novo. Isso não significava que houvessem fingido respeitar ao defunto nem que houvessem estado muito sérios até o final da cerimônia por hipocrisia, pois, em realidade, respeitavam ao capitão valente e competente que era um desconhecido para eles, a um oficial inimigo que havia atuado como lhe correspondia.

— O senhor o conhecia, não é? — perguntou Hyde Parker, da *Tenedos*, que estava ao seu lado.

— Sim — respondeu Jack —. Veio visitar-me em Boston. Capturou um de meus oficiais quando aprisionou a *Peacock* e o tratou muito bem. Estava então ao comando da *Hornet*, sabe? Era um homem valente, muito valente.

— É uma pena — disse Hyde Parker —. Mas não se pode fazer uma fritada sem romper os ovos, sabe? É impossível conseguir uma grande vitória sem derramamento de sangue, e esta foi uma grande vitória. Acredito que nunca me senti mais feliz que ao ver a *Shannon* com sua presa, e, sem dúvida, nunca gritei mais nem mais alto em toda minha vida. Ainda estou rouco como um rei de codornas.

A alegria que enchia a base naval se notou muito mais na esplêndida janta oferecida pelo comissionado, e Jack voltou a senti-la quando, depois de recolhida a mesa, contou para seus entusiasmados companheiros da Armada a memorável batalha repetindo todos os movimentos das fragatas com duas maquetes que havia pegado do estaleiro e especificando que velas e que partes do aparelho haviam sido derrubadas em cada momento.

Também se notou na janta oferecida pelo comandante do porto. Colpoys estava muito contente e cantou enquanto ele subia a escada, e a dona da casa estava radiante de alegria e falava muito, apesar de sua preocupação por ter que preparar um grande baile com pouca antecedência. Diana havia se contagiado daquela alegria (poucas mulheres gostavam mais de bailes do que Diana) e recebeu Stephen muito carinhosamente, beijando-lhe nas bochechas.

— Quanto me alegra que tenha vindo! — exclamou —. Agora posso dar-lhe o convite em vez de enviar-lhe. Estive ajudando lady Harriet a fazê-los desde o café da manhã. Virão a metade dos oficiais da Armada e um grande número de oficiais do Exército.

— Meu convite? — perguntou Stephen, olhando-a de certa distância com receio.

— Seu convite para o baile, querido. Sabe o que é isso, não? É uma grande festa onde a gente baila. Você sabe dançar, Stephen, não é mesmo?

— A minha maneira. A última vez que bailei foi em Melbury Lodge durante a paz. Tiveste a amabilidade de ser minha companheira e bailamos um minueto bastante bem. Espero que volte a ser amável comigo.

— Sinto muito, Stephen, mas não posso ir porque não tenho nada para vestir. Contudo, eu o verei da sacada, e poderá levar-me um refresco de vez em quando. Já verá como rimos dos que bailam.

— Não trouxeste nada em seu baú?

— Não tive tempo para escolher a roupa e estava trastornada. Além das jóias, só peguei algumas anáguas e meias e alguma outra coisa que tinha a mão. De qualquer forma, não podia adivinhar que me convidariam para um baile.

— Há modistas em Halifax, Villiers.

— Ah, as modistas de Halifax...! — disse Diana e riu com vontade.

Era a primeira vez que ele a ouvia rir desde que haviam se encontrado nos Estados Unidos e isso lhe causou uma estranha impressão.

— Não... — prosseguiu —. Neste deserto só há uma esperança. Uma francesa muito astuta que lady Harriet conhece traz coisas de Paris de contrabando, e nesta manhã veio para mostrar-nos um monte delas, entre elas havia um vestido de lustrina azul que nós duas gostamos. Lady Harriet não pode colocá-lo, sem dúvida... Tem mangas curtas e é muito decotado pela frente e por trás, e, como ela mesma reconheceu, a faria parecer uma grande estátua. Escolheu um vestido de musselina cor *merde d'oie* que é espantoso, mas ao menos a cobre por completo, e lhe estão alargando. Eu teria

comprado o azul, mas madame Chose pede uma barbaridade, e necessito que o pouco dinheiro que pude trazer dure muito. Sabe que cerzi um par de meias ontem à noite? Se estivesse em Londres ou em Paris ou inclusive na Filadélfia, desataria a enfiada de pérolas e venderia um par delas, mas neste deserto só compram imitações e filigranas. Eu entendo de jóias, e sei que seria uma estupidez vendê-las em Halifax. As pérolas de um nababo em Halifax! Pode conceber que ocorra algo assim?

Essas palavras teriam sido um pedido direto e sem delicadeza se qualquer outra mulher que não fosse Diana as tivesse dito. Desde que haviam se conhecido, ela sempre falava a Stephen com absoluta franqueza, com confiança, sem segunda intenção, como se fossem companheiros ou inclusive cúmplices, e se assombrou muito ao ouvir-lhe dizer:

— Temos dinheiro. Saquei dinheiro da conta de Londres, assim que pode comprar o vestido de lustrina. Mandaremos buscá-lo imediatamente.

Trouxeram-no e recebeu sua aprovação; e madame Chose se retirou com uma imensa soma. Diana pôs o vestido em frente de si e se olhou ao espelho que estava sobre a chaminé. Não tinha bom aspecto, mas ter um vestido novo lhe proporcionava um prazer idêntico ao dos anos em que vivia rodeada de luxos e avivava sua expressão. Então semicerrou os olhos e franziu os lábios.

— A parte de cima tem pouca graça — disse olhando-se ao espelho e assentindo com a cabeça —. Foi pensada para enfeitá-la com algo, talvez com umas pérolas... Colocarei os diamantes.

Stephen baixou a vista. Ela se referia a um colar de diamantes de cujo centro pendia um extraordinariamente formoso de cor azul claro. Era um colar que Johnson lhe havia presenteado no início de sua relação, e mediante um curioso processo mental ela o havia separado de sua origem, mas Stephen não. Contudo, sua dor não era por ciúmes mas porque lhe desgostava que houvesse dito uma imprudência. Sempre havia acreditado que Diana atuaria com tato, fizesse o que fizesse, e que não seria capaz de dizer nada ofensivo sem propor-se. Talvez havia se equivocado ou talvez a longa permanência de Diana nos Estados Unidos, entre os amigos ricos e

libertinos de Johnson, combinada com sua profunda aflição, levava-a a converter-se em uma pessoa ordinária, refúgiada na vulgaridade, além de fazer-lhe adquirir um pouco de sotaque colonial e o gosto por bourbon<sup>{3}</sup> e tabaco. Mas Stephen recordava que Johnson tirara os diamantes de Diana e pensou que talvez ela, por havê-los recuperado e escapado com eles expondo-se a um grande perigo, considerava que havia conseguido o título de propriedade daquelas pedras preciosas. Parecia-lhe que havia atuado como um pirata que, ao vencer, havia se apropriado sem remorsos de seu butim sem importar-se com a sua procedência. Então levantou a vista e perguntou:

— Não acha que parecerão um pouco exagerados em uma festa provinciana?

— Não, em absoluto, Maturin — respondeu ela —. Aqui há algumas mulheres distintas, muito diferentes das demais. Muitas das esposas dos oficiais do Exército as têm imitado; vi os nomes de pelo menos uma dúzia delas quando estava fazendo os convites. E também há algumas esposas de marinheiros, por exemplo, a senhora Wodehouse, Charlotte Leveson-Gower e a própria lady Harriet.

Depois de sua primeira tentativa, Stephen não se ocupou mais do caso. Não tinha dúvida de que Diana sabia mais do que ele dessas coisas; Além disso, em Londres e na Índia ela havia mantido relações sociais com pessoas muito distintas e influentes. Colocou a mão no bolso e pegou alguns papéis. O primeiro não era o que estava buscando, mas sorriu ao vê-lo, e em vez de guardá-lo de novo, disse:

— Isto me chegou esta manhã, e é curioso que meia hora antes de recebê-lo eu estivesse sonhando com Paris.

Entregou a ela.

— Pedem que você dê uma conferência no Instituto da França. Oh, Stephen, não sabia que era um homem tão importante! Querem que lhes fale das espécies extintas da avifauna de Rodríguez. Que é avifauna?

— Aves.

— Que lástima que não possa ir! Teria gostado tanto! Talvez achem que é neutro ou que é norte-americano.

— Acredito que poderei ir. Como vê, ainda falta muito para esse dia, e se conseguirmos embarcar em um barco o bastante rápido, poderei ir. É seu segundo convite, da vez anterior senti muito não ter ido. Possivelmente esta seja a distinção mais importante que hajam outorgado. Além disso, poderei conhecer alguns dos homens mais brilhantes da Europa; os Cuvier provavelmente estarão, e algumas das coisas que observei nos cetáceos da região antártica assombrariam a Frédéric.

— Porém, como é possível que vá? Como é possível que vá a Paris em meio a uma guerra?

— Isso não é difícil desde que se tenha uma licença e um salvo-conduto. Os naturalistas não têm em conta esta guerra nem nenhuma outra, e a comunicação entre eles é freqüente. Por exemplo, Humphry Davy foi ali para dar uma conferência sobre o cloreto de nitrogênio e teve uma calorosa acolhida. Mas era esse o assunto de que queria falar-te.

Pegou outro envelope e, um pouco perturbado, o pôs em cima da mesa, justo frente a ela, dizendo:

— Isto é para grampos.

— Grampos? — perguntou ela surpresa.

— Sempre ouvi que as mulheres necessitam de uma considerável soma para grampos.

— Stephen, você ficou corado! — disse, rindo alegremente —. você ficou corado! Nunca pensei vê-lo assim, garanto-lhe. É muito amável, mas teve muita atenção comigo. Tenho vinte e cinco dólares, mais do que suficiente para comprar grampos. Fique com o dinheiro, querido. Prometo que lhe avisarei quando eu ficar sem um penique.

— Bem — disse Stephen, pegando outro documento —. Esta é uma certificação na qual consta que, apesar de ser uma estrangeira inimiga, pode entrar em território canadense e permanecer nele enquanto tenha bom comportamento.

— Eu me comportarei muito bem — disse, rindo de novo —. Mas isso é uma bobeira, Stephen, porque já estou em território

canadense. As formalidades e os documentos oficiais sempre me pareceram uma grande bobeira, mas nunca havia visto um documento tão ridículo como este. *Por graça de Sua Majestade*, diz, e Sua Majestade, pobrezinho, não sabe que estou aqui. Quanta sandice!

— Não, mas seus servidores sabem. Este é um documento muito importante, Villiers, falo sério. Sem ele poderiam tirá-la daqui, tenha ou não tenha a proteção do almirante. Sabe-se que legalmente é cidadã norte-americana, e por isso poderia ser presa e inclusive repatriada.

— A quem importa a lei e todas essas sutilezas? Qualquer um pode ver perfeitamente que sou inglesa, sempre fui e sempre serei. Porém, diga-me, como você o conseguiu?

— Fui ao lugar adequado e falei com o oficial que se ocupa desta tipo de assuntos.

— Agradeço-lhe que tenha pensado nisto — disse ela.

E de repente gritou:

— Ah, Stephen, havia me esquecido...! Ficaram contentes ao ver os documentos que trouxe de Boston? Recordo que me disse que ia dá-los a um oficial dos Serviços Secretos do Exército. Espero que lhe tenham sido úteis.

— Por desgracia, parece que tinham mais informação política do que militar. Ainda que dizem que têm algum valor, penso que poderia ter escolhido outros muito melhores. Acho que não seria um bom espião.

— Não, não posso imaginar ninguém pior dotado para ser um espião do que você — disse Diana rindo e, olhando-lhe afetuosamente, acrescentou — : Não é que não seja inteligente, querido Maturin. Na realidade, é um dos homens mais inteligentes que conheço, mas se sentiria muito mais à vontade entre os pássaros. Quando penso como seria como espião...! Oh, meu Deus!

A alegria tingiu sua tez de rosa. Rara vezes Stephen a vira tão alegre.

— Você me dá a certificação? — perguntou Stephen —. Tenho que levá-la para o sacerdote. Não poderá casar-nos sem ela. O que acha de sexta-feira, muito cedo para amanhã? Suponho que não

quer uma cerimônia muito complicada, mas Jack poderia levá-la até o altar. Por fim voltará a ser uma súdita britânica.

Toda a alegria de Diana desapareceu, e seu rosto empalideceu e depois tomou uma cor terroso que lhe dava um aspecto doentio. Levantou-se, caminhou de um lado para o outro da sala e por fim parou junto ao janelão e, retorcendo o papel, olhou para o jardim.

— Agora que tenho a certificação, para que tanta pressa? — inquiriu ela —. Que importância têm todas essas formalidades? Não pense que não quero casar contigo..., o que ocorre é... Por favor, Stephen, prepare-me um desses cigarros que faz com papel.

Stephen pegou um charuto, o cortou em dois e os envolveu em uma folha de seu caderno formando dois pequenos rolos, um para ela e outro para ele. Depois lhe aproximou uma brasa, mas ela, em vez de acendê-lo, disse:

— Não. Não posso fumar aqui. Lady Harriet poderia vir, e não quero que pense, isto é, que saiba que deu alojamento a uma mulher dissoluta que gosta de tomar uma taça de vez em quando e fumar tabaco. Acenda o seu e nos iremos para o jardim... Ali poderei fumar. — E, ao abrir a porta, acrescentou — : Sabe uma coisa, Stephen? Desde que me falou do efeito do bourbon na pele, não tomei nenhuma bebida alcoólica exceto vinho, e muito pouco; mas Deus sabe que agora eu adoraria tomar uma taça.

Passeavam muito juntos, ocultos pelos arbustos e seguidos por uma nuvem de fumaça pouco densa.

— Com tanta pressa — disse, — os preparativos do baile, as conversas com lady Harriet e a preocupação com o que ia usar estava um pouco trastornada. Esqueci onde estava. Maturin, tenho que dizer-lhe que gostaria de esperar, mas não quero que se desanime com isso... De todos os homens que conheço, é o único que nunca faz perguntas, que nunca é indiscreto, nem sequer quando tem o direito de sê-lo.

Tinha a cabeça baixa e olhava para o solo. Stephen nunca a vira tão aflita e perturbada, apesar de a conhecer há tantos anos e de que a havia visto em diferentes estados de ânimo. Ela estava de pé e o sol a atingia de cheio, e ele olhava seu rosto atentamente. Mas antes de que ele tivesse tempo de dizer “Não tem importância”

ou “É muito benévola”, apareceu um criado no final do caminho de cascalho. Que proximou-se coxeando e, com voz forte, disse:

— A honorável senhora Wodehouse e a senhorita Smith desejam vê-la, senhora.

Diana olhou para Stephen de tal maneira que parecia pedir-lhe desculpas e correu para a casa. Ainda que seu estado de ânimo era muito estranho, seus movimentos seguiam tendo a naturalidade e a graça que sempre agradaram a Stephen, e sentiu em seu íntimo uma onda de ternura, talvez a mesma que acompanhava ao seu antigo amor apaixonado ou talvez o fantasma daquele amor.

O criado ficou ali esperando Stephen, com a perna de madeira perfeitamente apoiada no cascalho. Em verdade, quem esperava por Stephen era um homem com um uniforme de criado de cor laranja e vermelho violáceo como o fígado, as horríveis cores da insígnia do almirante; seu ar despreocupado, sua longa trança e as cicatrizes de seu velho rosto de expressão alegre, que podiam notar desde um cabo<sup>{4}</sup> de distância, revelavam qual era sua verdadeira profissão.

— Espero que esteja bem, senhor — disse, tocando-se a sobrançelha com o nó dos dedos do dedo indicador.

— Muito bem, obrigado — disse Stephen, olhando-lhe com atenção.

A última vez que o havia visto tinha a cara pálida, suada e contraída para não gritar enquanto ele lhe cortava com o bisturi na *Surprise*, quando a fragata, destroçada pelos disparos de um navio francês de setenta e quatro canhões, navegava lentamente para o oeste com destino a Fort William.

— Mas você não era amputado — acrescentou.

— Não, senhor, sou Bullock, marinheiro do castelo e membro da guarda de estibordo da velha *Surprise*.

— Claro! — exclamou Stephen, apertando-lhe a mão —. O que queria dizer é que lhe salvei a perna, que não a cortei.

— Não, senhor — disse Bullock, — mas quando estava no *Benbow* perto dos abrolhos e uma bala me fez uma ferida tremenda, como o cirurgião não era o doutor Maturin, cortou-me a perna sem sequer pedir permissão.

— Certamente foi necessário — disse Stephen.

E era necessário dar apoio ao seu colega com um comentário, mas não parecia ter feito com convicção, talvez porque o cirurgião do *Benbow* quase sempre estava bêbado e quando estava sóbrio era exageradamente desajeitado.

O criado o olhou afetuosamente e disse:

— Espero que o capitão Aubrey também esteja bem. Ouvi que desembarcou da *Shannon* mais contente que o Papa e que parecia mais alto que antes.

— Está muito bem, Bullock, muito bem. Eu o verei dentro de pouco no hospital.

— Peço que lhe apresente meus respeitos, senhor. Sou John Bullock, marinheiro do castelo da velha *Surprise*.

Enquanto estiveram em Boston como prisioneiros de guerra, Aubrey e Maturin haviam sido muito bem tratados por seus captores, e como não tinham dinheiro nem roupa de inverno, os oficiais da fragata norte-americana *Constitution* se ocuparam de proporcionar-lhes o quanto necessitavam. Agora nenhum dos dois queria deixar de corresponder a essas ações, e como Stephen esperava, encontrou Jack junto a um tenente norte-americano ferido.

— Recorda-se de um homem de sobrenome Bullock que navegava na *Surprise*?

— Sim — respondeu Jack —. Era marinheiro do castelo, e muito bom.

— Pediu-me que apresentasse seus respeitos ao seu velho capitão.

— Oh, que amável! — exclamou Jack —. John Bullock... Disparava seu canhão com a maior precisão que se possa desejar, acertava exatamente no alvo, mas era um pouco lento. Estava ao comando da brigada do canhão de proa de estibordo. Mas quero que saiba, Stephen, que o *velho capitão* também pode acertar no alvo, ainda que por causa dos funerais, da melancolia e da natural decrepitude, sinto-me como se fosse o avô de Matusalém.

— Come e bebe muito, meu amigo, e se preocupa muito. Caminhar dez milhas com passo ligeiro pelos úmidos bosques do Novo Mundo, que provocam tanto interesse, ajudará a deixar para

trás a melancolia e se restabelecer, e Além disso, fortalecerá seus instintos básicos. Ponce de León pensava que a Fonte da Juventude se encontrava nestas terras... Por outro lado, deve ter em conta que em qualquer momento pode chegar um barco correio da Inglaterra.

— Acho que tem razão com respeito à Fonte da Juventude, Stephen, mas se equivoca com relação ao barco correio. Nenhum zarpará antes do dia treze, e com este vento do oeste soprando constantemente, tão cedo não poderão chegar. Além disso, não poderia caminhar hoje, ainda que ao final do percurso houvesse uma dúzia de Fontes da Juventude e uma sala onde beber suas águas. Tenho que fazer um trabalho muito desagradável na prisão, tenho que identificar os desertores ingleses que foram capturados na *Chesapeake*, quase todos marinheiros que fugiram de nossos barcos de guerra. Mas antes vou ver o ajudante do oficial de derrota norte-americano, o único oficial que não está ferido. Quer vir?

— Não. Os oficiais que combatem são assunto seu, naturalmente, os que não combatem, assunto meu. Preocupa-me sobretudo o cirurgião, um homem de extraordinária cultura.

O homem de extraordinária cultura estava sentado na deserta sala de operações com uma jarra de cerveja de píceas na mão. Parecia estar muito triste e cansado, mas sereno. Aceitou com agrado o oferecimento de Stephen e logo esteve falando com ele sobre alguns casos durante um tempo, sorvendo a bebida de vez em quando. Disse que a cerveja de píceas era um “duvidoso antiescorbútico” mas “um bom carminativo” e que era uma bebida que se agradecia em um dia como aquele. Quando terminou de beber, Stephen disse:

— Parece-me que o senhor me disse que antes de fazer-se ao mar se dedicava principalmente a atender as damas de Charleston, não é certo, senhor?

— Sim, senhor. Era um parteiro ou, se preferir, um *accoucheur*.

— Exatamente. Portanto, tem muito mais experiência que eu nessa matéria, e lhe agradeceria sua colaboração. Além dos sintomas mais comuns e claros, quais outros aparecem no princípio da gravidez?

O cirurgião franziu os lábios e ficou pensativo.

— Bem — disse, — não há nenhum totalmente confiável, sem dúvida, mas as faces raras vezes me enganam. A pele do rosto fica mais grossa e perde cor justamente ao princípio, e depois segue perdendo com rapidez; as pálpebras e a parte que rodeia as comissuras ficam cinzentos, e os lacrimais, esbranquiçados. E não podemos desprezar o método que nossas avós usavam, que consistia em examinar as unhas e o cabelo. Por outro lado, um médico que conheça bem a sua paciente pode guiar-se por suas variações de comportamento, sobretudo se é uma paciente jovem. Os mudanças repentinas e sem razão aparente, por exemplo, da tristeza e da ansiedade para a alegria, ou inclusive a exultação, são muito significativos.

— Agradeço-lhe muito por suas observações, senhor — disse Stephen.

## *CAPÍTULO 2*

---

Durante os anos que havia servido na Armada real, Stephen Maturin havia refletido amiúde sobre as diferenças entre seus oficiais. Em suas viagens havia visto oficiais descendentes de família nobre e oficiais de origem humilde; navegara com alguns que nunca abriam um livro e com recitadores amantes de poesia; conhecera capitães que citavam os clássicos e outros que apenas podiam escrever um relatório oficial coerente sem ajuda de seu escrevente. Apesar da maioria provir da classe média, dentro desta havia tal quantidade de subníveis e subdivisões locais que somente um observador que se houvesse criado no seio da sociedade inglesa e conhecesse seu intrincado sistema classista poderia dizer com exatidão qual era sua origem e sua posição social atual. Também havia entre eles diferenças econômicas, sobretudo entre os capitães, pois os que tinham a oportunidade de encontrar-se com barcos mercantes, se eram decididos ou tinham sorte, podiam conseguir uma fortuna com butim ao cabo de várias horas de perseguição, enquanto que outros não tinham mais dinheiro que o de seu pagamento e viviam angustiados, com aperto, e sua situação era verdadeiramente difícil. Não obstante, todos tinham a marca de sua profissão: ricos ou pobres, rudes ou corteses, todos haviam sofrido o embate dos elementos e muitos deles o dos inimigos do Rei. Inclusive os tenentes recém nomeados para seu cargo haviam passado toda sua juventude no mar, e a maioria dos capitães de navio que ocupavam um lugar tão alto como Jack Aubrey no escalão haviam estado navegando quase ininterruptamente desde 1792. Todos tinham em comum a participação em uma longa, longa

guerra, com períodos de interminável espera no vasto oceano e breves lapsos de furiosa atividade.

Suas esposas não tinham isso em comum com eles, certamente, e as diferenças entre elas eram muito maiores. Alguns marinheiros, empurrados por suas receiosas famílias, casavam-se com mulheres de sua mesma classe ou de classes superiores, mas outros, ao regressar ao seu país depois de estar longo tempo fazendo o bloqueio a Brest e Toulon, entre o tédio e os perigos, ou de passar três anos em uma missão nas Antilhas ou nas Índias Orientais, jogavam-se nos braços das mais estranhas mulheres; e em muitos casos os matrimônios eram felizes, pois os marinheiros eram excelentes esposos devido a passarem muito tempo longe e a permanecerem no lar quando estavam em terra. Porém, indubitavelmente, quando suas esposas eram convidadas para um baile, formavam um conjunto que chamava a atenção.

Stephen os contemplava atrás de um grupo de plantas semeadas em vasos. Ainda que os marinheiros fossem de muito diversas compleições, o uniforme lhes fazia parecer um conjunto homogêneo, e o mesmo ocorria com os oficiais do Exército, apesar de que entre eles havia mais diferenças; contudo, as mulheres haviam escolhido sua própria roupa e o resultado era muito curioso. Entre elas havia reconhecido a uma antiga camareira da pousada Keppel's Head de Portsmouth que agora estava envolta em musselina rosa e enfeitava sua mão com um anel de casamento, e havia muitos mais rostos que lhe eram familiares, que talvez havia visto em outras pousadas ou em teatros ou em tabacarias.

Havia uma notável diferença entre seus vestidos, o que permitia distinguir às mulheres que podiam escolher e comprar os bons das que não podiam, mas havia uma diferença ainda maior entre suas jóias, cuja gama abarcava desde o pingente feito de granada da jovem esposa de um tenente que só recebia um pagamento de cem libras anuais até os rubis de lady Leveson-Gower, com os quais teria sido possível construir uma fragata de trinta e dois canhões e enchê-la de provisões para seis meses, ou as enormes esmeraldas de lady Harriet. Mas o que Stephen se interessava em observar naquela multidão não era isso, senão o

comportamento das mulheres, em parte porque aprenderia algo sobre a adaptação da mulher a um grupo onde, aberta ou implicitamente, dava-se grande importância à classe, e em parte porque comprovaria sua teoria de que quanto mais licenciada havia sido a conduta delas no passado, mais discreta, mais correta e mais prudente era no presente.

De vez em quando interrompia a observação e se voltava para o alto da escada para ver se Diana havia terminado de vestir-se por fim, assim que não lhe foi possível comprovar sua teoria. Somente chegou à conclusão de que as que tinham elegância a conservavam fossem quais fossem suas origens e as que não, atuavam com torpeza ou afetação ou ambas as coisas de uma vez, e notou que todas, inclusive estas últimas, divertiam-se. A imensa alegria pela vitória da *Shannon* havia se estendido a todos os ali reunidos e por isso quase todas as mulheres tinham um aspecto atraente e davam à diferença de seus vestidos e à classe de seus respectivos esposos muito menos importância do que o habitual. Em resumo, a alegria compartilhada e a fraternidade haviam borrado as diferenças que marcavam a divisão hierárquica da Armada, a origem social, a riqueza e a beleza e que às vezes eram fonte de conflito.

Mas essa não era uma descoberta que valesse a pena ficar um longo tempo atrás daquelas plantas — que nem sequer provocavam interesse porque eram em sua maioria filicíneas e bromeliáceas — assim que Stephen avançou até o lugar por onde as pessoas iam e vinham, e quase imediatamente se encontrou com Jack, que estava acompanhado de um homem tão alto como ele, mas muito mais robusto, com o uniforme vermelho e dourado dos oficiais da Infantaria.

— Ah, está aqui! — exclamou Jack —. Estava lhe procurando. Conhece ao meu primo Aldington? O doutor Maturin... O coronel Aldington...

— Como está, senhor? — perguntou o oficial num tom que lhe pareceu adequado para dirigir-se a um homem vestido com o escuro uniforme de cirurgião naval.

Stephen se limitou a fazer uma inclinação de cabeça.

— Este vai ser um baile estupendo, pressinto — disse o coronel, voltando-se para Jack —. O último a que assisti foi o dos paroquianos de Winchester... Por certo que havia me esquecido de dizer-lhe que bailei com Sophie... Foi um baile horrível porque havia apenas trinta pares e não havia nenhuma jovem que valesse a pena olhar. Busquei refúgio na sala de jogo, mas perdi quatro libras e quatro peniques.

— Sophie estava no baile? — perguntou Jack.

— Sim, estava com sua irmã. Tinha muito bom aspecto. Bailamos juntos duas vezes e lhe asseguro que nos... — Então, olhando para o alto da escada exclamou — : Meu Deus! Que mulher mais bonita!

Diana começou a descer pela escada. Usava um vestido azul e seus deslumbrantes diamantes, que eclipsaram todas as outras jóias que haviam na grande sala cheia a transbordar. Sempre fora e tivera um porte elegante, e agora, ao descer devagar muito erguida, tinha um aspecto soberbo.

— Gostaria de dançar com ela — acrescentou.

— Eu lhe a apresentarei, se quiser — disse Jack —. É prima de Sophie.

— Se ela é prima sua, também é prima minha, de certa forma — disse o oficial —. Porém... Que me crucifiquem se essa não é Diana Villiers! Que demônios está fazendo aqui? A conheci em Londres faz anos. Não necessito que me a apresente.

Passou a andar imediatamente e foi abrindo passagem entre a gente como um boi, seguido de Stephen. Jack os contemplava enquanto se afastavam. Sentia uma grande pena ao pensar que Sophie havia ido àquele baile. Em qualquer outro momento lhe haveria alegrado ouvir que não se havia ficado em casa triste e melancólica, mas nesse momento a notícia se somava ao seu amargo desencanto por não haver recebido cartas suas e haver perdido a *Acasta*, e ainda que não fosse propenso a enfadar-se, agora estava ofuscado pela indignação e pensava que Sophie nunca lhe escrevia e se passava o tempo bailando apesar de que a última notícia que havia sabido dele era que estava prisioneiro nos Estados

Unidos, ferido, enfermo e sem dinheiro. Geralmente ela escrevia pouco, mas nunca havia dado amostras de ser uma desalmada.

O coronel Aldington chegou aonde se encontrava Diana e, depois de lançar para Stephen um olhar de desaprovação, voltou-se para ela com uma expressão completamente distinta e disse:

— Talvez a senhora não se recorde de mim, senhora Villiers. Meu nome é Aldington. Sou amigo de Edward Pitt. Tive a honra de levá-la para jantar ao Hertford House e bailamos juntos na festa de Almack. Suplico-lhe que me permita acompanhá-la esta noite.

Enquanto dizia isto havia desviado o olhar do rosto de Diana e o havia cravado em seus diamantes, e depois voltou a dirigi-la para seu rosto, com uma expressão que denotava muito mais respeito.

— *Désolée*, coronel — disse —. Já estou comprometida com o doutor Maturin, e acho que também bailarei com o almirante e os oficiais da *Shannon*.

A princípio Aldington não pareceu entender o que ela havia dito, mas depois, como não era um homem bem educado, não podia encontrar uma forma de sair dessa situação garbosamente. Então ela acrescentou:

— Mas se me trouxesse um refresco em recordação dos velhos tempos, ficaria muito agradecida.

Antes do oficial do Exército voltar, a música havia começado. Formou-se uma comprida fila e o almirante abriu o baile com a noiva mais bonita de Halifax, uma jovem de dezessete anos loira e de imensos olhos azuis e tão alegre e cheia de vida que todos sorriam ao vê-la avançar para o centro movendo-se com agilidade.

— Não teria dançado com esse homem por nada do mundo — disse Diana quando ela e Stephen esperavam sua vez —. É um imaturo e um fátuo e o homem mais fofoqueiro que conheço. Olha! Encontrou um par, a senhorita Smith. Espero que ela goste de mexericos.

Stephen olhou ao redor e viu o coronel colocar-se na fila com uma jovem alta vestida de vermelho. Ainda que fosse muito magra, tinha seios abundantes e seu aspecto era elegante. Tinha o cabelo e os olhos negros, e ainda que não possuísse uma grande beleza, seu rosto era muito expressivo e sua tez estava rosada de excitação.

— Está com um vestido um pouco extravagante e se pinta muito, mas parece que se diverte bastante — continuou —. Este vai ser um baile magnífico, Stephen. Você gostou do meu vestido de lustrina?

— Ele lhe cai muito bem. E a cinta preta que lhe pôs ficou ótima.

— Estava segura de que notaria. Ocorreu-me no último momento, por isso me atrasei tanto.

Chegou sua vez e fizeram as evoluções da dança com a deviada formalidade, Diana com a graça de sempre e Stephen corretamente ao menos, e depois voltaram a unir-se. Diana, alçando a voz para ser ouvida entre o ruído das inumeráveis vozes e da música da orquestra, disse:

— Você dança muito bem, Stephen. Como estou contente!

Tinha a cara avermelhada pelo exercício e pelo calor da sala, e, sem dúvida, pela alegria que havia no ambiente como consequência da vitória, mas talvez também pela satisfação de ter conseguido as jóias e de usar um maravilhoso vestido. Contudo, Stephen a conhecia bem e sabia que era possível que atrás daquela felicidade aparecesse logo um sentimento completamente distinto. Quando voltaram a fazer as evoluções da dança, Stephen viu o ajudante do capitão Beck falando com o ajudante do almirante e se surpreendeu de que o horrível homenzinho já estivesse bêbado. Cambaleava e tinha o rosto coberto de manchas vermelhas, que contrastavam com o branco de seu uniforme. Cravou seus olhos vidrosos em Stephen e, depois de uns momentos, olhou para Diana e lambeu os lábios.

— Parece que todo mundo está muito contente — disse Diana —. Bem, todo mundo exceto Jack. Está ali, apoiado naquela coluna, com uma cara como se houvesse chegado a hora do julgamento final.

Nesse momento tiveram que fazer evoluções de novo, e quando a música terminou, Jack havia desaparecido daquele lugar. Afastaram-se dali de braços dados e se sentaram em uma conversadeira situada perto da porta, e até eles chegou uma brisa quente que trazia o agradável odor do mar.

Jack aproximara-se de uma mesa cheia de copos e garrafas à qual muitos ainda não haviam se aproximado. E depois de beber certa quantidade de champanhe, disse:

— Isto está muito bom, Bullock, mas quero que me prepare um copo de grogue.

— Sim, sim, senhor — disse Bullock —. Um copo de grogue. O que o senhor necessita é algo explosivo. Um homem pode cair-se ao solo de um enjôo com esse horrível líquido espumoso.

A mistura que Bullock preparou era verdadeiramente explosiva, e Jack afastou-se dali com a sensação de que o fogo lhe queimava as entranhas. Falou com vários oficiais em meio ao barulho, pondo sempre gesto sorridente, como requeria a ocasião, e depois parou perto da orquestra. Aquele lugar era mais tranqüilo, e pôde distinguir claramente a nota fora de tom que um músico gordo deu para que seus companheiros afinassem seus instrumentos. Pensou que fazia tempo que não tinha um violino debaixo do queixo e se perguntou se ainda teria agilidade nos dedos da mão do braço ferido. Nesse momento ouviu atrás dele uma voz que perguntava:

— Quem é esse homem tão bonito que está perto da janela?

Olhou para a janela, mas perto dela só havia dois guardas-marinhas desengonçados e com a cara cheia de espinhas, e depois ouviu que a voz dizia:

— Não, perto da orquestra.

Então pensou assombrado que provavelmente se referia a ele. E sua idéia se confirmou quando lady Harriet, em voz mais baixa mas ainda audível, disse:

— Esse é o capitão Aubrey, querida, um de nossos melhores capitães de navio. Quer que lhe o apresente?

— Oh, sim, por favor! Estava a bordo da *Shannon*, né?

Nesse momento passou entre eles um grupo de pessoas que tentava desesperadamente alcançar os sorvetes recém trazidos, e Jack cravou a vista na orquestra. Era um homem bonito, mas não se dera conta disso nem ninguém nunca lhe havia dito, e estava encantado de ficar ciente e de saber que alguém lhe achava atraente. Era bonito, sim, mas para alguém que não apreciasse muito a esbelteza e a juventude, que considerasse atraente um

homem de costas largas e de pele muito branca, olhos azuis e cabelo loiro, e que não desse importância a que tivesse no rosto a cicatriz de uma ferida causada por um alfanje, que se estendia desde a orelha direita até a bochecha, e a de uma ferida causada por um pontiagudo pedaço de madeira, que descia desde a outra orelha até a mandíbula e continuava ao longo desta. Evidentemente, a senhorita Smith era alguém assim, pois quando ele se virou e foram apresentados, o olhar dela expressava tanta admiração que inclusive o homem mais vaidoso se sentiria satisfeito. Jack tinha predisposição para julgá-la com benevolência, e a olhou do mesmo modo e mostrou uma grande deferência por ela, mas realmente viu uma mulher jovem, bonita, alegre e impetuosa, como lhe agradava, e sobretudo se fixou em seu peito.

Imediatamente Jack lhe pediu que bailasse com ele a música que tocavam, e depois a seguinte. E na metade da segunda música, ela perguntou:

— Não acha que este é um baile estupendo?

— O melhor baile ao qual já fui — respondeu ele com convicção.

A atmosfera já não lhe era asfixiante, o ruído já não lhe parecia a conversa insossa de um grupo de tontos senão a de pessoas sensatas e agradáveis que celebravam alegremente uma vitória... e que vitória! Agora recordava com viveza a glória que havia alcançado. A orquestra lhe parecia muito boa, e sua forma de interpretar o minueto, excelente. Além disso, sua companheira bailava muito bem, e ele estava encantado em ter como companheira de baile uma mulher tão ágil e alegre como ela. Sim, o baile era estupendo. Aquela noite a alegria de ambos se nublou só por uns momentos, quando a senhorita Smith, assinalando para Diana e para Stephen, perguntou:

— Quem é essa mulher que está de vestido azul e com esses magníficos diamantes?

— É Diana Villiers, a prima de minha esposa.

— E quem é esse homem tão baixinho que está dançando com ela? Parece muito raro... Dançaram juntos várias vezes. De que é o uniforme que está usando? Não o conheço.

— Essa é a jaqueta do uniforme de cirurgião naval... Deve de ter esquecido os calções regulamentares. É o doutor Maturin e vai casar-se com ela.

— Mas não é possível que uma mulher tão bela e elegante se jogue nos braços de um simples cirurgião! — protestou ela.

Com tom convincente, mas não isento de amabilidade, disse:

— Nenhuma mulher que esteja nos braços de Stephen Maturin se arrojou para eles. Havemos navegado juntos durante anos e somos amigos íntimos. Tenho um grande conceito dele.

No momento em que terminou de falar, tinham que ir até o final da fila com as mãos dadas, e ela lhe apertou fortemente a mão. E quando chegaram ao lugar que lhes correspondia, ela disse:

— Certamente o senhor tem razão. Seguramente há muito mais nele do que podemos ver. E os cirurgiões navais devem de ser melhores que os de terra. O que ocorre é que ela é tão bela e elegante que... Não sabe senhor quanto admiro a beleza em uma mulher.

Jack disse imediatamente que ele também admirava a beleza em uma mulher e que estava muito contente porque sua companheira de baile era o melhor exemplo dessa beleza em toda a sala. A senhorita Smith não se ruborizou nem baixou a cabeça, aliás exclamou:

— Por Deus, capitão Aubrey!

Sem embargo, quando ele voltou a pegá-la na mão para dar-lhe uma volta, ela pegou a sua sem mostrar reprovação.

Quando ele a levou à mesa para jantar, já sabia muitas coisas sobre ela. Criara-se em Rutland e seu pai tinha uma matilha. Encantava-se com a caça à raposa, mas lamentava que muitos dos caçadores fossem uns libertinos. Estivera prometida, mas rompeu seu compromisso ao informar-se de que seu noivo tinha um considerável número de filhos naturais. E havia passado várias temporadas em Londres, na casa de uma tia que vivia na praça Hannover. Pelo que disse, Jack calculou que teria uns trinta anos, o que lhe surpreendeu. Agora vivia com seu irmão Henry e cuidava da casa. Ainda que seu irmão fosse membro do Exército, por ser curto de vista lhe haviam dado um posto como ajudante do delegado, um

posto ignominioso, e agora se encontrava em Kingston ocupando-se do suprimento de apetrechos. Ela pensava que nem sequer os soldados que combatiam estavam muito melhor, pois marchavam em uma direção e logo em direção contrária sem conseguir quase nada, e que não podiam comparar-se com os membros da Armada. Nunca se emocionara tanto como no dia que vira a *Shannon* entrar no porto com a *Chesapeake*. Havia sentido uma grande admiração pela Armada e havia gritado. E Jack, ao ver seu rosto avermelhado e ouvir seu tom veemente, acreditou nela.

Enquanto jantavam, ela pediu que lhe contasse a batalha com todos os detalhes, e ele lhe contou com muito gosto. Havia sido uma batalha bastante simples porque somente dois barcos se enfrentaram e durou quinze minutos. Ela seguia seu relato com grande atenção, e para ele parecia que ela tinha muito senso comum e uma facilidade de compreensão infreqüente.

— Quanta alegria deve ter sentido ao ver que arriavam a bandeira! E que orgulhoso de sua vitória! Estou segura de que meu coração teria saltado dentro do peito — disse juntando as mãos e apoiando-as no peito, que cedeu sob sua pressão.

— Estava muito contente — disse —. Mas a vitória não foi minha, sabe?, foi de Philip Broke.

— Porém, não estavam os dois ao comando da fragata? São capitães os dois.

— Oh, não! Eu era simplesmente um passageiro, uma pessoa sem importância.

— Acho senhor é muito modesto. Estou segura de que passou para a abordagem com o sabre na mão.

— Bem, arrisquei-me a passar para a outra coberta e lutei ali durante uns minutos, mas a vitória foi de Broke e só de Broke. Brindemos a ele.

Encheram suas taças até a borda, e ao brinde se uniram os outros comensais, que eram *casacas vermelhas*, mas tinham boa vontade. Um deles já havia desejado tantas vezes uma pronta recuperação ao capitão Broke que poucos minutos depois deste brinde seus companheiros lhe levaram, deixando-os sozinhos na mesa. A senhorita Smith voltou a falar da Armada. Disse que não

sabia quase nada dela, desgraçadamente, porque sempre havia vivido longe do mar, mas que adorava ao pobre Nelson e que havia usado luto durante vários meses depois da batalha de Trafalgar. Perguntava-se se se o capitão Aubrey compartilhava de sua admiração e se havia conhecido esse grande homem.

— Sim, compartilho. E o conheci — disse sorridente e a olhou com benevolência, pois o caminho mais curto para chegar ao seu coração era expressar amor pela Armada e admiração por Nelson —. Tive a honra de jantar com ele quando era um simples tenente. Na primeira vez me disse apenas: “Se importaria de passar-me o sal?”, mas o disse com grande amabilidade. A segunda vez disse: “Não importam as táticas, o que importa é atacar com decisão”.

— Era um homem admirável! — exclamou entusiasmada —. “Não importam as táticas, o que importa é atacar com decisão”. Isso é exatamente o que eu penso. Essa é a única forma de alguém com brio agir. Compreendo tão bem a lady Hamilton!

E depois de uma pausa, durante a qual comeram lagosta fria, inquiriu:

— Mas, por que ia de passageiro na *Shannon*?

— Essa é uma longa história — respondeu Jack.

— Não será muito longa para mim — disse a senhorita Smith.

— Um pouco mais de vinho? — perguntou Jack, pegando a garrafa.

— Não, obrigada. Para ser-lhe franca, a cabeça me dá voltas. Ainda que provavelmente seja pelo baile ou a música ou por estar encerrada ou por estar sentada junto de um herói. Nunca antes havia me sentado junto de um herói. Quando acabar de comer a lagosta, talvez possamos dar um passeio ao ar livre.

Jack assegurou que já havia acabado de comer e que somente estava brincando com a comida, e acrescentou que ele tampouco podia suportar estar encerrado ali.

— Então saíamos por essa porta de vidro. Alegro-me de ir porque assim posso escapar do odioso coronel Aldington, com quem estava meio comprometida para dançar a próxima música.

No jardim, ela agarrou seu braço e disse:

— O senhor se dispunha a contar-me por que ia de passageiro na *Shannon*. Por favor, comece do princípio.

— Para começar do princípio terei que falar do *Leopard*, o velho *Leopard*, um navio de cinqüenta canhões distribuídos em duas cobertas. Quando terminaram de reconstruí-lo, deram-me o comando e me ordenaram ir para Botany Bay e depois seguir até as Índias Orientais. Teria sido uma viagem simples, mas tivemos má sorte. Tivemos uma epidemia quando estávamos na zona de calmas equatoriais; depois um navio holandês de setenta e quatro canhões nos perseguiu, obrigando-nos a desviar-nos para sudeste do Cabo e a penetrar em uma zona de altas latitudes, onde, rodeados de uma espessa névoa, chocamos com uma montanha de gelo e nosso leme quebrou. Estávamos meio afundados e tivemos que seguir avançando para sudeste para tentar chegar a alguma das ilhas próximas, mas não estávamos seguros de poder consegui-lo porque os marinheiros estavam bombeando água dia e noite. Mas conseguimos, e para não fazer o relato muito detalhado, direi que reparamos o *Leopard*, pusemos um leme novo e fomos para Nova Holanda e depois atravessamos o estreito Endeavour e nos reunimos com o almirante Drury nas imediações de Java.

— Java! Fica nas Índias Orientais, né? Que romântico! Especiarias e gente passeiando em palanquins! E aposto que também há elefantes. Quanto o senhor tem viajado! Quantos lugares do mundo já viu! As mulheres de Java são tão bonitas como dizem?

— Havia algumas mulheres bonitas, realmente, mas nenhuma podia comparar-se com as de Halifax. O almirante teve grande satisfação em saber o que havia ocorrido com o navio holandês de setenta e quatro canhões...

— Por que? O que lhe ocorreu?

— Nós o afundamos. Nessa zona, quando uma embarcação tem o vento em popa, um canhonaço acertado pode fazer maravilhas. Estou falando da zona dos 40° de latitude, já sabe, onde os ventos são muito fortes. Quando lhe derrubamos o mastro do traquete, virou para barlavento e afundou. Mas o almirante não ficou satisfeito com o estado em que se encontrava o *Leopard*. Não tinha

canhões, porque os havíamos jogado pela borda, e tinha as balizas tão deterioradas por causa do gelo que não poderia suportar o peso nem de um só, assim que já não servia para nada exceto para usar como transporte. Mas isso não me preocupava, pois me haviam designado outro barco, uma fragata chamada *Acasta*. Então ele me ordenou voltar para a Inglaterra na *Flèche*, e a viagem foi estupenda...

A senhorita Smith deu um grito e se refugiou em seus braços. Um sapo cruzava devagar a vereda e sua pele brilhava com a luz que saía pelas janelas.

— Ah, quase o toco! — gritou ela.

Jack ajudou o sapo a cruzar com o pé, ainda que com certa dificuldade porque ela o rodeava com seus braços. Quando o sapo passou, ela disse que os répteis e as arranhas lhe produziam uma grande repugnância e não podia suportá-los. Depois riu de tal maneira que Jack teria pensado que isso era uma amostra de superficialidade se ela houvesse sido uma mulher estúpida, e sugeriu que procurassem um assento entre as árvores. Contudo, não havia nem um lugar vazio entre os louros, já que a alegria da vitória, o vinho, a boa comida e talvez também o calor da sala de baile haviam feito muitos outros convidados pensarem igual; tampouco o havia na estufa, e retrocederam justo a tempo de cometer uma grave indiscrição. Tiveram que contentar-se com um banco próximo ao relógio de sol, e dali, entre o calor daquela noite de verão e do odor das plantas e das flores que exalam seu perfume à noite, Jack observou a Ursa Menor e, sobre tudo, os guardiães do pólo para saber as horas, e ao ver que de vez em quando ficavam quase ocultos pelos bancos de névoa que a brisa trazia do mar, disse:

— Acho que cairá um aguaceiro muito breve.

Mas ela não prestou atenção a sua observação e disse:

— O senhor estava dizendo que a viagem havia sido estupenda.

— Sim. Avançávamos pelo menos duzentas milhas por dia, e navegávamos sem dificuldade até que dobramos O Cabo e cruzamos o trópico. Mas então um maldito..., um horrível sucesso ocorreu:

aconteceu um incêndio, o fogo se estendeu até a linha de flutuação e a fragata explodiu.

— Oh, capitão Aubrey!

— Então nossos botes se separaram na escuridão, e posto que não levávamos provisões, passamos muito mal até que fomos recolhidos pela *Java nas* imediações do Brasil. Contudo, nossos problemas não haviam terminado, pois alguns dias depois a *Java* se encontrou com o barco norte-americano *Constitution*, e como a senhorita recordará, os norte-americanos a destruíram.

— Lembro muito bem! Todos choraram ao ouvir a notícia. Mas diziam que isso não era justo porque a *Constitution* não era realmente uma fragata ou tinha mais; canhões ou algo assim.

— Sem dúvida alguma, é uma fragata, uma potente fragata, e ganhou a batalha em bom combate, asseguro-lhe. Em quaisquer circunstâncias teria sido um osso duro de roer, e nessa ocasião utilizou seus canhões melhor do que nós e nos capturou.

— Mas a bonita e nobre *Shannon* compensou isso — disse ela, pondo-lhe a mão no joelho.

— Claro! — exclamou Jack, rindo satisfeito —. E agora me custa recordar a tristeza que estávamos todos naquele momento. Mas os norte-americanos nos trataram bem depois que acabou a batalha. Enviaram para a Inglaterra em um barco com bandeira branca a maioria dos tripulantes da *Java*, e os feridos foram levados para Boston. Maturin teve a amabilidade de oferecer-se voluntariamente para acompanhar a mim e aos outros pacientes...

— O senhor foi ferido? — inquiriu ela.

— Bem, só tinha uma ferida que me causara uma bala de mosquete — disse —. Mas a ferida piorou, como costuma ocorrer, e se não houvesse sido por ele, haveria perdido o braço. Assim que nos retiveram em Boston como prisioneiros de guerra, compreende? E como tardavam em trocar-nos, por uma ou outra razão, e a situação não nos parecia boa, Maturin e eu pegamos uma lancha junto com Diana Villiers...

— Mas, o que estava fazendo ela ali?

— Estava passando uma temporada com uns amigos quando estourou a guerra. Nos fizemos ao mar com o fim de encontrarmos

com a *Shannon* quando chegasse na entrada do porto para fazer um reconhecimento. Broke nos recebeu amavelmente a bordo e se ofereceu para trazer-nos a Halifax, por isso...

A chuva que ele prognosticou, e que também havia sido anunciada pelo sapo, começou a cair, e ambos entraram na sala correndo. Não foram muitos os que se fixaram neles, pois eram um casal a mais entre tantos outros e, além disso, foram precedidos por uma jovem que provocava muito mais comentários porque seu vestido branco tinha a parte de trás cheia de pequenos pedaços de musgo e verdes manchas de grama; contudo, não passaram despercebidos. O coronel Aldington lhes olhou com uma mistura de ira e rancor, e depois, durante uma breve ausência da senhorita Smith, quando Jack bebia um copo de ponche feito com rum para eliminar a sensação que a umidade lhe produzia, disse:

— Olha, Jack, acho muito bom que se divirta, mas me tirou a minha acompanhante. Eu lhe vi levá-la justo no momento em que ia pegá-la para dançar... E tive que ficar ali de pé como um imbecil enquanto durou essa música, e também a seguinte. Isso não é justo. Não, isso não é justo.

— Somente os valentes merecem o justo — disse Jack.

E posto que gostou da frase, com voz grave, mas incrivelmente melodiosa, cantou:

Somente os valentes,  
somente os valentes  
merecem o justo.

— Ah, ah, ah! Que diz disso, Tom? — perguntou.

— Não sei o que insinua com “os valentes”, mas se essa é sua idéia de “o justo”, direi que não é igual à minha — respondeu furioso o coronel —. Isso é tudo, ainda que poderia dizer mais coisas. Poderia dizer que o que ouvi não é muito diferente do que esperava ouvir. Poderia falar da reputação e advertir-lhe que tenha cuidado de não queimar os dedos, mas não o farei. E poderia aconselhar-te que largasse esse copo e não bebesse mais porque já bebeu bastante, mas tampouco o farei. Sempre foi muito teimoso...

O regresso da senhorita Smith impediu que Jack seguisse pensando na resposta que ia dar-lhe. A música começou outra vez, e quando ambos começaram a dançar, ele se pôs a pensar nas diferentes formas com que o álcool afetava os homens. Uns ficavam tristes e criticavam os outros, outros se tornava brigões e chorões... Ele, por exemplo, não lhe afetava em nada exceto em que lhe fazia achar os outros mais simpáticos e desejar que o mundo fosse muito mais feliz. "Mas não acho que possa ser muito mais feliz do que já é", pensou sorrindo enquanto olhava para a multidão, entre a qual bailava a jovem do vestido manchado de verde, que não notava que estava revelando seu segredo e contribuía para aumentar a alegria geral.

— Jack e a senhorita Smith se fazem notar, não lhe parece Maturin? — disse Diana na metade da noite —. Bailam juntos todo o tempo exceto quando se escondem nos cantos.

— Espero que estejam se divertindo — disse Stephen.

— Porém, Stephen, não acha que deveria falar como amigo e advertir-lhe que tenha cuidado com o que faz?

— Não.

— Não, claro. Mas lhe asseguro que essa mulher me indigna. Seduzir ao pobre Aubrey é como tirar os peniques do chapéu de um cego! Olha-o, tem o rosto radiante e se move como se fosse um touro jovem. Se fosse uma jovem como a do vestido manchado de verde, eu não diria nada, mas Amanda é uma coquete.

— Uma coquete, Villiers?

— Sim. A conheci na Índia quando eu era uma menina. Chegou com a frota pesqueira e ficou para viver com sua tia, uma mulher de nariz tão comprido como ela e que também se pinta muito. Pertencem a uma família vulgar originária de Rutland, onde os cavalos são lentos e as mulheres audazes. Tentou ali e também aqui, mas os membros do Exército são muito cautelosos quando chega a hora de falar de matrimônio, sabe?, não se parecem em nada aos da Armada. E agora tem uma reputação... Não muito melhor que a minha. Jack deveria ter cuidado.

— Realmente, parece muito complacente. Porém, não acha que é um pouco tonta e que se deixa arrastar pelo entusiasmo?

— Não. Pode ser histérica, leviana e volúvel, mas quando surge uma boa oportunidade, discorre com extraordinária claridade. Todos sabem que é muito rico... Os marinheiros o chamam *Jack O Afortunado*... Direi uma coisa, Stephen: a menos que o teto se venha abaixo, ao final da noite ele cairá nos braços dessa mulher, e então terá se metido em um boa confusão. Não poderia preveni-lo do que pode suceder?

— Não, senhora.

— Não, claro. Você não é o guarda de seu amigo, certamente. E de toda forma, isto será simplesmente uma *passade*.

— Diga-me, querida, o que ocorreu que lhe pôs de mal humor?

Ela parou e, ao compasso da música, deu três passos para a esquerda e depois três para a direita, e então respondeu como ele esperava.

— Nada... Só que quando estava falando com lady Harriet e com a senhora Wodehouse, Anne Keppel se aproximou e me olhou com muita atenção e elogiou meus diamantes. Não recordava havê-los visto em Londres e estava segura de que nunca esqueceria um colar e um pingente como esses. Perguntou-me se os havia adquirido nos Estados Unidos e o que estivera fazendo durante todo este tempo. É uma impertinente. Mas já havia notado frieza antes. Juraria que qualquer outra velha ou o coronel Aldington estiveram murmurando.

Stephen fez um comentário sobre os diamantes e os ciúmes, mas ela seguiu pensando igual e acrescentou:

— Mas em uma noite como esta não me pareceria muito desagradável nem o mais intolerante puritano, ainda que Deus sabe que Anne Keppel não poderia jogar a primeira pedra. Espero que consigamos um barco logo, pois, apesar de lady Harriet ser muito boa, com pessoas malévolas e desprezíveis como Aldington e Arme Keppel espalhando fofocas a torto e a direito, a vida neste lugar se converterá rapidamente num inferno... Bah! Vamos, Stephen.

Foram dançando até o centro, e quando ele a afastou de si e a recebeu de novo em seus braços, percebeu que seu estado de ânimo havia mudado. Já não tinha aquele brilho atemorizador nem a cabeça erguida com gesto desafiante, agora desfrutava do baile e da

companhia daquela alegre multidão extasiada com a música e a lembrança da vitória. Diana lhe parecia tão bonita como sempre, e voltou a assombrar-se por não sentir nada. Então ela olhou para os pares que bailavam seu redor e com muita alegria comentou:

— Quanta graça me faz essa jovem do vestido manchado de verde!

E ele se assombrou ainda mais, porque quando Diana estava alegre, o que não era freqüente, era encantadora. Talvez sua insensibilidade não fosse mais do que uma proteção que já se habituara a usar, uma forma de fazer mais tolerável seu vazio interior... Não havia dúvida que sentia algo que, por assim dizer, era independente de sua vontade. Por outro lado, ele também estava divertindo-se mais do que o esperado, apesar de que em seu íntimo ainda experimentava um grande vazio comparável às páginas finais em branco de um livro, era um vazio muito profundo, ainda que nesse momento apenas podia observá-lo. A orquestra estava tocando um minueto de Clementi em dó maior, o mesmo que Jack e ele haviam feito um arranjo para violino e violoncelo. Era uma das peças que interpretavam com mais frequência, mas agora que a dançava pela primeira vez, aquela música tão conhecida tinha um significado diferente, agora ele fazia parte da música, estava imerso nela como aquelas figuras que se moviam seguindo o compasso, vivia em um mundo totalmente novo, no presente.

— Quanta graça me faz essa jovem do vestido manchado de verde! — repetiu ela quando o violoncelo deixava escapar suas graves notas —. Como está se divertindo! Oh, Stephen, quanto eu gostaria que esta noite fosse eterna!

Em realidade, a noite somente durou algumas horas a mais, suficientes para que o capitão Aubrey cumprisse a profecia de que dormiria na cama da senhorita Smith. Quando começaram a aparecer as primeiras luzes no leste, ela o despertou e, com tom urgente, disse:

— Você tem que ir! Os criados já se levantaram! Rápido! Aqui está a camisa.

Apenas havia limpado a mente quando notou que ela estava chorando. Então ela o abraçou.

— Não devemos voltar a fazê-lo nunca, nunca — disse, e depois, mais calma, acrescentou — : Aqui estão os calções.

Posto que ainda não podia mover bem o braço, custava-lhe fazer o nó da gravata. Ela lhe amarrou rindo nervosamente, de um modo que ele se assombrou, e, entre outros comentários incoerentes, disse que lady Hamilton havia feito igual a Nelson. Depois lembrou:

— Não interessam as táticas, o que importa é atacar com decisão. Ah, ah, ah! — E quando ele já tinha a jaqueta posta e o cabelo arrumado, ela sussurrou — : Saia pela porta do jardim, que só está fechada com um trinco. A deixarei aberta esta noite.

Stephen viu Jack entrar no quarto que compartilhavam e, apesar do rangido das tábuas, que era quase impossível não ouvir, teria deixado que chegasse até a cama sem dizer que o havia visto se Jack, agindo com excessiva cautela, não houvesse derramado a velha bacia que tinham para lavar-se, a qual soou como um sino, rodou descrevendo uma espiral e se deteve ao chocar com a mesinha de noite que estava junto à cama de Stephen. Isso era algo que não podia passar despercebido, assim que se sentou na cama.

— Sinto muito tê-lo despertado — disse Jack com um sorriso radiante—. Fui dar um passeio.

— Por seu aspecto, parece que encontrou a Fonte da Juventude, meu amigo... Espero que tenha levado uma capa ou ao menos um colete de flanela, pois na sua idade e com essa ferida, o orvalho da manhã pode ser muito prejudicial. Não se devem alterar nem um pouco os humores do corpo, Jack. mostre-me o braço. Justamente o que pensava: inflamação, avermelhamento e dor. Parece-me que fez muito exercício com ele. Deve usá-lo na tipóia outra vez. Não sente que a articulação está um pouco rígida? Não sente?

— Dói um pouco, mas tirando isso me sinto muito bem — disse Jack —. Apesar do que hás dito da idade e do colete de flanela, Stephen, sinto-me tão jovem como quando fui nomeado capitão, ou talvez mais ainda. Um passeio matutino faz recuperar as forças, é a

verdadeira Fonte da Juventude. Acho que darei outro esta madrugada.

— Você viu muitas pessoas na rua?

— Vi um grande número delas, inclusive alguns oficiais que conhecia, caminhando em todas as direções.

— O que dizes confirma minha suposição: Halifax é uma cidade madrugadora. O deduzo pelo ruído da rua e pelo fato de que veio um menino adoentado, um evidente caso de escoliose, o pobre, para trazer uma nota do senhor Gittings.

— Quem é o senhor Gittings?

— O encarregado do correio.

Jack abriu rapidamente a nota, aproximou-se da janela e leu:

Há havido um lamentável erro... As cartas do capitão Aubrey estavam separadas... os subordinados estavam mal informados... pode recolhê-las quando quiser...

— Bendito seja Deus! Louvado seja Deus! Nunca havia... Já volto, Stephen.

— Antes de ir, porei o seu braço na tipóia — disse Stephen —. E sugiro que se lave enquanto o preparo. Se lhe vêem assim à luz do dia, pensarão que travou algum tipo de batalha.

Jack se olhou no espelho. Na escuridão do dormitório da senhorita Smith não havia visto a grotesca mancha de batom que tinha no rosto, uma mancha que parecia mais grotesca agora que sua expressão era grave. Lavou-se muito bem, armou-se de paciência e esperou em silêncio que Stephen lhe pusesse a tipóia e depois saiu da pousada.

Parecia que apenas haviam transcorrido uns momentos quando subiu as escadas outra vez com dois pacotes de cartas que estavam envoltos em tela e alguns envelopes com data mais recente.

— Desculpe-me, Stephen — disse —. Quase todas as cartas são de Sophie, e não posso lê-las em um lugar público.

Quando Stephen terminou de vestir-se para ir ao hospital, Jack ainda tinha diante de si uma pilha de cartas e estava classificando-as e colocando-as de maneira que pudesse lê-las em ordem, e sua

expressão culpada havia dado passagem a outra ansiosa e alegre. E quando Stephen regressou, a pilha de cartas havia se transformado em uma perfeita seqüência e Jack as havia lido todas duas vezes. As cartas estavam debaixo de uma garrafa de água, e junto delas havia algumas folhas com contas, e no semblante de Jack se refletia uma estranha mistura de alegria e preocupação.

— Sophie lhe manda um cumprimento muito carinhoso em todas estas cartas — disse —. Em casa tudo vai bem, exceto pelo maldito Kimber. George já veste os calções e as meninas estão aprendendo etiqueta e francês. E pensar que essas pequenas criaturas que tinham cabeça de pepino estão aprendendo francês!

— Recebeu alguma carta sua de Boston?

— Sim, duas. Pela reprodução do relatório oficial do almirante Drury sabia que o *Leopard* havia se salvado. Depois o bom Chads, quando foi julgado pelo Conselho de guerra, foi até New Hampshire para contar-lhe que a *Java* havia nos recolhido e o ocorrido entre a *Java* e a *Constitution*. Falou-lhe de minha ferida com muito tato, disse que não era nada que me mantivesse afastado da ação durante muito tempo, mas que haviam pensado que era melhor que eu fosse para a América do Norte contigo e ser trocado ali em vez de arriscar-me a passar por uma zona tórrida em um barco abarrotado de prisioneiros. Estou muito agradecido, porque ela acreditou no que ele contou ao pé da letra e não se preocupou.

— Certamente que o acreditou... Certamente que acreditou...

— Vão tomar o café da manhã agora, senhores? — perguntou uma donzela do outro lado da porta.

— Sim, por favor — respondeu Stephen —. E outra coisa, querida jovem, poderia dizer-lhes para fazer o café duplamente forte?

— É claro que acreditou — disse, bebendo a tragos aquela infusão clara —. Um provérbio latino, que provavelmente conhecerá, diz que os homens acreditam no que querem acreditar. Estava pensando nisso outro dia... — E enquanto via pela janela lady Harriet e Diana passando pelo outro lado da rua seguidas de um criado carregado de pacotes, continuou — : Estava pensando nisso outro dia, e em seu corolário, de saber, que os homens não vêem o

que não querem ver. São realmente incapazes de vê-lo. E o pensava porque encontrei em mim mesmo uma prova evidente. Há várias semanas tinha ante minha vista os claros sintomas de uma determinada alteração do organismo e, contudo, não os via. O médico que há em mim deveria ter notado alguns pelo menos, e ainda que cada um separadamente fosse suficiente para chegar a uma conclusão, deveria ter percebido que o conjunto de todos eles era significativo; o homem não viu nenhum, e se assombrou muito quando lhe fizeram compreender que existia essa alteração de que falei. *Gnosce te ipsum...* Isso é muito bom, porém, como logrará-lo? Somos seres imperfeitos, Jack, e com tendência a enganar a nós mesmos.

— Isso dizia minha velha ama-de-leite — disse Jack.

Como ocorria em algumas ocasiões, Jack achava Stephen chato, por isso havia deixado de atender-lhe e agora prestava atenção às contas que tinha junto com as cartas de Sophie.

— Antes falou do maldito Kimber... — disse Stephen.

— Sim. Ainda está fazendo das suas. Segue pressionando-a para que lhe dê dinheiro porque, conforme afirma, uns quantos milhares de libras mais nos permitirão salvar o que investimos e transformar as quantiosas perdas em grandes ganhos... Agora fala de milhares como se fosse uma quantidade comum... Não entendo as contas que lhe apresentou, ainda que me dê bem com os cálculos numéricos... Quer que ela venda Delderwood... Não acho que esse documento que firmei antes de partirmos seja uma procuração, sabe?, porque se não poderia atuar sem seu consentimento.

— Quais são os termos do contrato matrimonial que você subscreveu?

— Não tenho idéia. Limitei-me a aceitar o que a mãe de Sophie propôs, isto é, seu agente de negócios, e depois assinei onde me indicaram: J. *Estúpido*, capitão da Armada real.

Stephen sentiu um grande alívio, pois conhecia a senhora Williams há muito tempo e estava seguro de que pelo fato de ser uma mulher sumamente avara teria assegurado os bens de Jack amparando-se em todas as leis arrevesadas e diamantinas que pode.

— Meu amigo — disse, — faz muito, muito tempo, quando navegávamos pelos distantes mares do Oriente e você se informou do comportamento desse homem, eu lhe disse que intentaras não pensar nisso até que *A Flèche* nos levasse até a Inglaterra. Pedi que não desperdiçasse seu tempo e sua energia em fazer conjeturas e recriminações senão que deixasse o assunto de lado até que pudesse analisá-lo com todos os dados necessários na mão, até que pudesse consultar a um advogado e encontrar-se com esse tipo em companhia de alguém que entenda tanto de negócios como ele. Esse conselho era o melhor que podia dar-lhe então e também é o melhor agora. Só faltam poucas semanas ou dias para que cheguemos à Inglaterra, e seria um absurdo que os passasse enfurecido por não poder fazer nada, já que chegaria com a mente trastornada. Só faltam alguns dias. O relatório oficial do capitão Broke será enviado assim que esteja pronto, pois a notícia vai agradar muito ao Governo.

— Oh, sim! — exclamou Jack e seu rosto se iluminou ao recordar da vitória —. E feliz do homem que a leve! Seguirei seu conselho, Stephen, e me comportarei como um estóico: conservarei a serenidade e não me preocuparei com Kimber.

E com um brilho menos intenso nos olhos, em um tom mais grave, acrescentou:

— Além do mais, acho que já tenho bastantes preocupações em Halifax.

Nunca havia dito nada mais certo, pois, ainda que usar o braço na tipóia, como insistia Stephen, e a ferida, a dieta e os remédios lhe serviam de desculpa para não ir ver a senhorita Smith pela noite, ela solicitava insistentemente sua companhia durante o dia, e às vezes seu corpo. Parecia sentir um prazer mórbido em comprometer-se e em expor seu relacionamento. Quando Jack se refugiava em seu leito de convalescente, ela ia à pousada e lhe lia em voz alta; e quando ele ia respirar ar fresco e fazer exercício porque já não suportava ouvir nem uma linha mais de *Childe Harold* em tom enfático, ela passeava com ele pelos lugares públicos de Halifax agarrada em seu braço ou dava voltas e voltas pela cidade na carruagem de seu irmão, conduzindo-o torpemente. Jack se deu

conta de que outros homens, especialmente seu primo Aldington, não lhe invejavam, e teve que admitir que a companhia de uma jovem exageradamente ativa, leviana, superficial, insensata e ridícula não era invejável, que o coragem que a senhorita Smith se atribuía não era proporcionada por seus encantos nem por sua inteligência... e que às vezes desejava que lorde Nelson nunca tivesse conhecido lady Hamilton.

Mas nunca o desejou tanto como no dia em que levou a senhorita Smith para visitar a *Shannon*, porque ela falou do casal com tanto entusiasmo que ele teve a impressão de que inclusive a pessoa mais estúpida podia dar-se conta de sua intenção. Sabia que nenhum dos oficiais da *Shannon* era estúpido e notou que Wallis e Etough se olharam com perspicácia. Então, apesar dela protestar aos gritos que desejava ardentemente ver onde o herói havia jazido, ele a levou de volta para terra. Quando se achava num barco, recuperava em parte sua autoridade inata, mas em terra era muito débil, não podia ser severo ou descortês com ninguém deliberadamente, e estava quase indefenso, pois ainda que conhecesse as mulheres, as quais, indubitavelmente, não lhe eram indiferentes, havia passado a maior parte de sua vida no mar. No Mediterrâneo, sendo muito jovem, ganhara fama de farrista, mas não era, e nunca havia feito nenhuma estratégia para esse tipo de encontro; contudo, agora estava assombrado; assombrado e preocupado, porque lhe parecia que era necessária uma estratégia.

Costumavam encontrar-se nos jantares que ele devia participar obrigatoriamente, e ela o molestava e o punha em evidência com suas insinuações inoportunas, até o ponto que ele chegou a ausentar-se do baile oferecido pelo comissionado, apesar disso ser uma grave falta de respeito para a etiqueta da Armada. Por outro lado, cada vez havia mais probabilidade do capitão Smith voltar, e ainda que poucos homens fossem mais valentes do que Jack Aubrey, não lhe agradava a idéia de ter que dar explicações de sua conduta.

Os dias passaram. O bergantim correio *Diligence* chegou da Inglaterra, com mais cartas e meias grossas, e permaneceu ancorado com uma só âncora cerca da corveta *Nova Scotia* durante

dias e dias, mas o pobre capitão Broke não podia fazer o relatório oficial.

— Ele se distrai poucos minutos depois de conseguir se concentrar — disse Stephen —. A ferida da cabeça, a fratura do crânio, é mais grave do que pensávamos, e seria uma crueldade forçá-lo a fazer um relatório detalhado da vitoriosa batalha.

— Pergunto-me por que não pedem para que Wallis o redija — disse Jack.

— Já lhe pediram, mas ele se recusou a fazê-lo porque não quer tirar os méritos nem arrebatá-la glória de seu capitão.

— Muito bem — disse aborrecido —. Isso lhe honra, não há dúvida, mas acho que é muito escrupuloso. Contudo, estou certo que o oficial de mais antiguidade e o comissionado procurarão uma solução se Broke não se recuperar dentro de um ou dois dias. Devem de estar ansiosos para fazer chegar a notícia à Inglaterra, eu mesmo estou. Morro de vontade de estar a bordo do bergantim correio, de vê-lo sair do canal balançado pelas ondas e com vento favorável. Não sei como puderam esperar tanto tempo.

— Porém, por que no bergantim correio? O que levará a bordo, além das cartas, será a cópia do relatório oficial, enquanto que na *Nova Scotia*, Wallis ou Falkiner levarão o informe oficial original, e é lógico que o original chegue antes que sua réplica.

— Isso é o que qualquer um acharia, mas o bergantim correio é muito rápido e a corveta não. Além do mais, o *Diligence* não é um barco correio oficial e não vai para Falmouth, é um barco alugado e vai para Portsmouth, justo ao lado de casa, e aposto três contra um que chega primeiro, apesar de que Capel provavelmente deixará que a corveta zarpe duas marés antes, ainda que só seja em prova de respeito.

— Uma dama deseja ver-lhe, senhor — disse um servente.

— Oh, meu Deus! — exclamou Jack e se meteu na cama rapidamente.

Como todas as pessoas que viviam fora da cidade já haviam visto a *Chesapeake*, a pousada não estava tão cheia e eles dispunham agora de uma salinha. E fizeram Diana entrar ali.

— Tem um aspecto estupendo, querida — disse Stephen.

— Alegro-me — disse ela, olhando-lhe nos olhos.

E ele soube imediatamente o que se passava por sua mente. Amiúde havia se comunicado mediante essa transferência silenciosa, mas não com tanta frequência como com Diana. Isso não ocorria com regularidade nem ele podia controlar, mas acontecia, era totalmente confiável. A comunicação se estabelecia em ambas as direções, e depois já não era possível mentir, o que podia ser um inconveniente para ele quando atuava como médico ou espião. Pensava que era propiciada, ou talvez inclusive originada, pela interação dos dois olhares, e por essa razão às vezes usava óculos de cristais verdes ou azuis. Mas a primeira coisa que disse para Diana foi que iam zarpar quase imediatamente.

— Lady Harriet me confiou o segredo de que o capitão Capel e o comissionado haviam redigido o relatório oficial do capitão Broke e que iam mandar imediatamente o original na *Nova Scotia* e a cópia no bergantim correio. Mas como todo mundo vai ficar sabendo assim que as ordens forem enviadas, pensei que não tinha nada de mau que lhe contasse.

A segunda notícia que lhe deu foi que a carruagem da senhorita Smith havia virado ao dobrar uma esquina rápido demais.

— Passei por ali um pouco depois e ainda estava metida em um monte de palha e havia um homem sentado em cima da cabeça do cavalo. Quanto desprezo a uma mulher que não é capaz de cair sem ficar histérica!

— Então, houve muitos danos, não?

— Não. Só se soltou uma roda e ela rasgou a anágua. A acompanhei até sua casa andando... Diga-me, Stephen, quem é Dido?

— Se não me equivoco, era a rainha de Cartago. Enéias gozou de seu favor e ela sofreu muito quando ele a abandonou, *quando pendurou o croque*, como nós dizemos.

— Bem, então deixou de comparar-se com lady Hamilton. Como ela também sabia o segredo, não parava de exclamar: "Sou outra Dido!". Não entendo como Jack pode ser tão tonto. Com uma mulher como Amanda Smith! Eu poderia ter-lhe dito como ia terminar este caso.

— Isso teria sido uma grande satisfação para você, Villiers.

Antes de que ela pudesse responder, Jack entrou.

— Como está, prima? — perguntou Jack —. Ouvi sua voz e pensei que devia dar-lhe bom dia antes de sair. Tem muito bom aspecto.

— Obrigada, Jack. Estava dizendo a Stephen que a carruagem da senhorita Smith virou e que nós vamos zarpar dentro de pouco na *Nova Scotia* ou no bergantim correio.

— Que vamos zarpar? — perguntou Jack e depois acrescentou — : Espero que não tenha se ferido, que não tenha quebrado nenhum braço, nenhuma perna, nem nada.

— Só passou um susto e rasgou a anágua. Bem, já que vamos partir logo, acho que agora é o momento de se despedir e fazer as malas.

— Por que se refere a isso, não tenho nada mais que o que estou vestindo. Irei pedir que nos autorizem a viajar no bergantim correio e depois irei a bordo para conseguir que nos dêem cabines decentes.

Duvidou por um momento se lhes perguntava se queriam uma cabine para os dois ou não. Eles haviam pedido ao capitão Broke que os casasse a bordo da *Shannon*, e ainda que a batalha e a ferida de Broke o tivessem impedido, ele tinha entendido que a cerimônia ia ser celebrada em Halifax. Contudo, desde então nenhum dos dois havia dito uma palavra, e para ele parecia uma falta de delicadeza falar do assunto agora, assim que não disse nada.

Houve um comprido silêncio quando ele se foi. Ao fim Diana, assinalando os restos do café da manhã, perguntou:

— O que é isso?

— É conhecido tecnicamente como café — respondeu Stephen —. Quer uma xícara? Para dizer a verdade, não o recomendo, a menos que goste do sabor de cevada torrada e bolotas fervidas em água salgada.

E depois de outro silêncio, continuou:

— Já faz algum tempo que falamos de nosso matrimônio, querida, e posto que vamos fazer-nos ao mar muito em breve, não

acha que deveríamos ir à igreja agora? Ainda não é meio-dia, e como tenho excelentes relações com o padre Costello, sei que não terá inconveniente em officiar o casamento.

Ao ouvir isso, ela mudou de cor, levantou-se e, visivelmente nervosa, começou a caminhar de um lado para o outro da sala. E quando passou junto da mesa onde Stephen havia posto seus charutos, pegou um. Ele acendeu e ela, rodeada de uma nuvem de fumaça, disse:

— Stephen, gosto muito de você, e se alguma vez tivesse que implorar caridade para um homem, seria para você. Sei muito bem que não deseja casar-se comigo, o soube desde o momento que recuperei a sensatez que havia perdido ao passar aqueles horríveis momentos em Boston. Eu teria percebido no mesmo momento em que voltei a vê-lo se não estivesse completamente destruída e aterrorizada por aquele homem. Não, não minta, Maturin. É muito bondoso, mas não pode ser. Não pode ser... — Então o olhou com um gesto desafiante e, ruborizando-se, acrescentou — : De qualquer maneira, nunca me casarei com um homem sabendo que espero um filho de outro. Deus sabe que não. Nem para salvar minha vida. E agora me dê uma bebida, Stephen. Estas confissões são exageradamente cansativas.

— Só tem rum — disse Stephen e olhou ao seu redor procurando um copo limpo —. Mas é a última coisa que deveria tomar. Havia pensado em dizer-lhe há várias semanas: não deve tomar álcool. Também deve evitar o tabaco e usar roupa apertada.

— Você sabia? — perguntou ela.

Ele assentiu com a cabeça e respondeu:

— Sem dúvida, exagera a importância disto, querida. Mas não é estranho que o faça, porque, como é sabido, e agora falo como médico, Villiers, o estado físico em que se encontra afeta a capacidade de raciocinar, e Além disso, porque os intensos sentimentos que tem experimentado recentemente, a fuga, o resgate e a batalha com a *Chesapeake*, como era inevitável, agravaram essa alteração e fizeram a sua mente cometer graves erros. Por exemplo, equivoca-se ao julgar meus sentimentos. Talvez não me pareça aquele jovem suplicante e trêmulo de outro tempo,

mas isso se deve unicamente à idade. Demonstrar as emoções quando se tem o cabelo grisalho é indecoroso. Contudo, dou minha palavra de que meu carinho não mudou.

Ela pôs a mão sobre seu braço sem dizer uma palavra, e seu sorriso era tão triste que Stephen se desconcertou e antes de continuar falando foi até a janela e voltou, pôs os óculos de lentes azuis e acendeu um charuto.

— E ainda que tivesse razão, o que nego redondamente, deve buscar sua conveniência, deve ter em conta seu estado civil. Um matrimônio, ainda que seja nominal, fará com que recupere de imediato a nacionalidade e, o que talvez seja mais importante que tudo, dará um nome ao seu filho. Carinho, pense no que significa ser um bastardo. Sua existência é em si mesma uma ofensa. Por seu nascimento, tem desvantagens em todos os sistemas legais que conheço; está castigado desde que nasce. É impedido de exercer muitas profissões, e se a sociedade o admite, é só para não fazer o esforço de recusar-lhe. Escuta a mesma censura a cada passo, durante toda sua vida, e inclusive de lábios de qualquer tipo que pertença à décima geração de uma família e haja herdado o rosto de tonto de seus membros ou qualquer tolo que seja filho legal, e não pode replicar. Sou um bastardo, como provavelmente saberá, e sei muito bem o que digo quando afirmo que é uma crueldade obrigar uma criança levar essa carga.

— Sem dúvida o é, Stephen — disse ela profundamente emocionada, pegando sua mão.

Permaneceram calados uns momentos, e por fim ela, com voz muito baixa, disse:

— Por isso recorri a você, a única pessoa em quem posso confiar. Você entende destas coisas... É médico... Stephen, não poderia suportar ter um filho desse homem. Seria um monstro. Sei que na Índia as mulheres usam a raiz de uma planta chamada *holi*...

— Aí está! Essa é uma prova evidente de que está com a razão turbada, pois do contrário não teria pensado em algo assim nem me o diria. Meu dever é proteger a vida, não. O juramento que fiz e minhas convicções...

— Stephen, por favor, não me falhe — suplicou ela.

Depois, retorcendo-se as mãos, começou a murmurar:

— Stephen... Stephen...

— Diana, deve casar-se comigo.

Diana negou com a cabeça. Ambos sabiam que a postura do outro era inamovível e guardaram silêncio. Permaneceram assim até que a porta se escancarou e entrou um oficial rosado, muito jovem e muito alegre.

— Ah, aqui está a senhora, senhora! — exclamou —. E aqui está o senhor, senhor! Encontrei os dois ao mesmo tempo! Transmitirei a minha mensagem imediatamente.

E maquinalmente, em tom solene, disse:

— O almirante Colpoys apresenta seus respeitos à senhora Villiers e se compraz em comunicar-lhe que o bergantim correio zarpará dentro de pouco, e lhe roga que suba a bordo o quanto antes. — Então pegou ar e continuou — : O comandante do porto informa ao doutor Maturin que o *Diligence* zarpará dentro de duas marés e lhe ordena apresentar-se a bordo do navio urgentemente.

Depois, desta vez apontando para o porto, em tom coloquial, acrescentou:

— Alí está, senhor. É o bergantim que está ao lado da *Chesapeake*. Tem içada a bandeira de saída.

## CAPÍTULO 3

---

O *Diligence* avançou pelo amplo porto durante a noite, e já havia passado Little Thrumcap antes do amanhecer. E quando o Sol, ainda borrado, começou a iluminar o céu pelo leste, já estava em alto mar, navegando com todas as velas desdobradas e com o vento pelo través de estibordo, e fez rumo para o noroeste para deixar par trás, muito longe e ao sul, a ilha Sable. Pela popa não se podia ver nada, pois, mesmo que a névoa não fosse tão espessa, o cabo Sambro já não era visto do barco; contudo, a uns 70° pela amura de estibordo, a umas cinco milhas de distância, via-se a escura figura de uma embarcação, uma escuna, destacando-se sobre o fundo iluminado. Não era uma corveta, não era um navio de guerra, era, sem dúvida, uma escuna; e, pelo outro lado, a *Nova Scotia*, que havia partido uma maré antes, já devia estar pelo menos a quarenta milhas da linha do horizonte.

Não estava em movimento e suportava o embate das ondas com a vela maior ondeada, mas estava claro que não era um barco pesqueiro, em primeiro lugar, porque não haviam botes ao seu ao redor, e em segundo lugar, porque nenhum capitão que fizesse uma longa viagem para pescar bacalhau usaria uma escuna comprida e estreita, com pouco espaço para as capturas, nem iria a um lugar onde havia poucos peixes.

O segundo em comando, que estava encarregado da guarda, a viu ao mesmo tempo que o serviola do castelo, e depois de olhá-la atentamente por entre os lampejos do mar, desceu à cabine onde o capitão e Jack Aubrey estavam comendo um bife.

— Acredito que a *Liberty* se encontra a barlavento, senhor — anunciou.

— Ah, sim? — disse o capitão —. E a que distância, senhor Crosland?

— A umas cinco milhas, senhor.

— Então vire e largue a joanete de proa. Já subirei para a coberta.

O senhor Dalgleish, o dono — nominalmente o dono — do *Diligence* esvaziou sua xícara imediatamente, pegou seu telescópio da prateleira e subiu a escada seguido de Jack.

Da alheta de bombordo, ambos observaram a embarcação estranha, que já havia desdobrado mais velame, havia virado e seguia a mesma direção deles, e nesse momento apareceram bandeiras de sinais no topo de um mastro e disparou um canhão para barlavento.

Quando Jack a viu, pensou que provavelmente era um barco corsário norte-americano, já que nenhuma outra embarcação se deteria em meio da rota marítima que ligava a Inglaterra ao Canadá, e não se surpreendeu quando Dalgleish, passando-lhe o telescópio, disse:

— Sim, é a *Liberty*, e pelo que vejo, o senhor Henry lhe deu uma mão de tinta. — Voltou-se então para seu filho, um jovem alto e magro, e disse — : Tom, suba ao tope e diga-me se o sinal do senhor Henry tem algum significado ou se é outro de seus malditos sinais falsos. Senhor Crosland, largue a bujarrona volante...

Enquanto Dalgleish dava ordens para que abrissem mais velas, Jack observou a *Liberty*. Era uma escuna longa pintada de preto, de uns setenta e cinco pés de comprimento por vinte de largura e um arqueio de umas cento e cinquenta toneladas, construída para navegar muito velozmente. Pelo que podia apreciar, em cada costado levava uma bateria de oito canhões, provavelmente de doze libras, e na proa, uma caronada, e a coberta estava abarrotada de homens. Tinha desdobrada a redonda no traquete e as outras velas aferradas em calções; contudo, nenhuma escuna podia navegar com grande rapidez com o vento em popa com as velas aferradas em calções e durante o longo tempo que Jack ficou observando-a, pareceu-lhe que ela não avançava muito, se é que realmente avançava.

— Bom dia, senhor — disse uma voz ao seu lado.

— Bom dia, senhor Humphreys — disse Jack secamente.

O oficial Humphreys fora escolhido para levar a cópia do relatório oficial no lugar dos suboficiais que haviam lutado contra a *Chesapeake*. Todos na Armada pensavam que isso era uma trapaça feita com o propósito de Humphreys conseguir uma promoção. Naturalmente, os oficiais da *Shannon* seriam promovidos, e, sem dúvida alguma, Falkiner, agora a bordo da *Nova Scotia*, ia ao encontro da nomeação de capitão; apesar disso, todos pensavam que os jovens suboficiais deviam compartilhar com eles a glória ao chegar à Inglaterra.

— O que vê, Tom? — gritou o senhor Dalgleish.

— Então, vejo algo parecido com o velame de um barco a 20° ou 30° pela alheta, papai, mas ainda não se vê o casco — respondeu Tom —. Contudo, não o distingo bem porque o sol me dá de frente, e pode ser que seja uma montanha de gelo.

— Há algo a sotavento?

— Nada a sotavento, papai, exceto um grupo de baleias... Agora essa volta a ofegar...! E ao norte posso ver até o horizonte.

Logo, depois de uma pausa, gritou:

— Escute, papai, *há* um barco a barlavento, outra escuna.

— Graças a Deus! — murmurou o capitão do bergantim correio e, virando-se para Jack, exclamou — : Como estou contente de ter dito que passaríamos pelo sul da ilha Sable! Se a outra escuna se aproximasse pelo sotavento, as duas juntas poderiam pegar-nos como...

Enquanto olhava atentamente a *Liberty* com o telescópio, tentava encontrar um símile com que expressar a idéia da lenta aproximação de dois barcos separados por uma grande distância para pegar um outro entre eles. Mas não encontrou, e então, imitando o movimento das pinças de uma lagosta com a mão, repetiu:

— Poderiam pegar-nos como...

— O senhor acha que tinham informação sobre sua rota?

— Certamente — respondeu o senhor Dalgleish —. Em Halifax não se pode nem urinar em uma parede sem que os ianques saibam

no dia seguinte. Enquanto esperava as comunicações oficiais, estive no King's Head, que estava cheio de gente, e comentei que quando tivesse todas as sacas a bordo zarparia e faria rumo ao sul. Ah, ah, ah!

— Assim que não se surpreendeu em ver as goletas esperando-lhe na rota do sul, né?

— Não, senhor — respondeu —. Bem, não me surpreendeu ver a *Liberty*. O senhor Henry — assinalou para o alto mar com a cabeça — me há esperado muitas vezes com o propósito de aproximar-se por sotavento, aproveitando que sua escuna é extraordinariamente rápida quando navega de bolina, e passar para a abordagem e capturar meu barco. Foi assim que capturou o *Lady Albermale* e o *Probus*, dois magníficos e rápidos barcos correio, além de outras embarcações. O senhor Henry é um marinheiro excelente. Eu o conheço de muito tempo antes do início da guerra. Antes de ser corsário, ele também era capitão de um bergantim correio. Contudo, me surpreendeu ver a outra escuna, sua companheira. Eles nunca navegam em pares, a menos que persigam um mercante de grande valor, e nenhum mercante, nem de muito nem de pouco valor, passará por esta rota antes de umas duas semanas. A captura de um barco correio é para eles como pôr uma pluma no chapéu, e para o rei Jorge, como ter uma palha no olho, e não vale a pena fazer o gasto que isso comporta, pois têm que pagar conforme a tabela de salários da América do Norte para aproximadamente cem marinheiros que, além disso, comem vorazmente, sem contar o risco de perder paus e os danos que podem sofrer os homens e as fendas do casco pouco antes do abordagem.

— Acho que o senhor poderia fazer muitas fendas em seu casco, capitão Dalgleish — disse Jack enquanto observava as caronadas de doze libras do bergantim, distribuídas em uma fila de cinco em cada costado.

— Poderia, e as farei se se abordar com o meu barco. Mas não tema, capitão, pois navegamos mais rápido que eles com o vento em popa, e isso porque ainda não larguei as alas. Estas gotas de água no ar indicam que haverá névoa no Banco do Meio ou no Banquereau, e ali os deixaremos para trás e depois voltaremos a

navegar com o mesmo rumo que antes, se eles não deixarem de perseguir-nos antes, como me parece que sucederá. Um barco correio não é um grande butim, não tem um carregamento valioso e os Estados Unidos não é um bom mercado para vendê-lo; não vale a pena persegui-lo a toda vela, durante todo o dia, sem levar em conta que é verão e os blocos de gelo desprendidos podem chegar a estas águas.

Depois de um curto silêncio, Jack perguntou:

— Já pensou alguma vez em usar a estratagem do barco que tem dificuldades, capitão Dalglish? Soltar um pouco as escotas, dar solavancos, pôr uma arrastraculo<sup>{5}</sup> debaixo da espicha, mandar a metade da tripulação para baixo... Se lograsse atrair a escuna antes de que transcorresse uma hora, poderia lutar com ela antes de que sua amiga chegasse. Poderia tomar a liberdade de tomar a *Liberty*, ah, ah!

Dalglish riu, mas Jack compreendeu que foi igual a cantar salmos ao coroamento do barco, porque o capitão do bergantim correio não havia mudado de opinião aliás estava muito satisfeito de sua forma de atuar. Era um homem decidido, seguro de si mesmo, que confiava que sua conduta era a correta.

— Não, senhor — disse —. Não serviria de nada usar essa estratagem com o senhor Henry. Eu o conheço e ele me conhece, e logo perceberia que há gato escondido. E ainda que não fosse assim, capitão Aubrey, ainda que não fosse assim, tomar a *Liberty*, como o senhor disse com engenho, não é parte de meu trabalho. Não faço a guerra nem meu bergantim é um barco de guerra senão um barco que transporta o correio por um tempo limitado — ainda que o tempo já se estendeu por mais de doze anos — ou, como dizemos, um barco contratado. Os senhores, os cavalheiros que procuram por glória, estão em uma situação diferente; os senhores têm que responder para o rei Jorge, enquanto que eu tenho que responder para a senhora Dalglish, e ambos vêem as coisas de diferente maneira. Além disso, os senhores podem ir ao estaleiro o dia que queiram e pedir meia dúzia de mastaréus, grande quantidade de paus e inclusive todo o velame de seu barco novo, mas se eu fosse à associação de capitães de barcos correio e lhes

pedisse sequer meio rolo de tela do número três, ririam em minha cara e me recordariam que firmei um contrato. E de acordo com o contrato, devo armar um barco a minhas expensas para transportar o correio de Sua Majestade, que, também de acordo com o contrato, devo levar e trazer da forma mais rápida e mais segura possível, já que o correio é sagrado, senhor. As cartas e os informes oficiais são sagrados, sobretudo esse bendito relatório que fala da vitória.

Ao dizer isto lançou um olhar perspicaz para Humphreys, que fez uma reverência com a cabeça. Contudo, este não disse nada, porque Jack tinha uma patente muito superior à sua e era um homem por quem sentia devoção, e, além disso, porque apesar de nunca, por nada do mundo, teria renunciado ao seu posto, percebia qual era a sua situação e pensava que possivelmente os outros o consideravam um intruso que tinha conexões, e alguns deles, inclusive, um miserável.

— E mais — continuou o senhor Dalgleish, — este bergantim é meu meio de vida, e ninguém me dará outro se for capturado.

— E é um magnífico bergantim — disse Jack —. Nunca vi outro de melhores características.

A atitude de Dalgleish não lhe incomodava. Ainda que ele sentia todo seu ser vibrar de emoção ao pensar na possibilidade de sustentar um combate, um combate que requeresse grande astúcia e terminasse com extraordinária violência e, muito provavelmente, com a captura da *Liberty*, pareciam respeitáveis as razões que o capitão do barco tinha para mostrar-se tranqüilo e seguro.

E assim disse para Stephen quando se reuniram para tomar café ao meio da manhã.

— Nunca pensei que me simpatizaria um tipo que confessa sem rodeios que vai correr como uma lebre para fugir de outro... Apesar de ter uma pequena mas potente bateria que pode fazer com que o capitão da escuna reze o *Eu pecador*, se sabe rezá-lo.

— Meu amigo, fala de uma lebre, uma fuga, uma escuna, e não entendo nada — disse Stephen.

— Não sabia que nos perseguem?

— Não.

— Onde esteve toda a manhã?

— Sentado junto de Diana. Subi uma vez para a coberta, mas estavam desdobrando velas e me pediram que voltasse a descer, e ao ver que estava falando com o senhor Dalgleish, voltei para o lado de Diana.

— Como ela está?

— Prostrada. Sem dúvida alguma, é a pessoa que pior suporta navegar de todas as que conheço.

— Pobre Diana! — exclamou Jack, movendo a cabeça de um lado para o outro, mas sua compaixão era puramente teórica, pois fazia trinta anos que havia sentido um enjôo pela última vez, e havia sido leve, assim que um momento depois continuou — : Bem, o que ocorreu é que ao amanhecer avistamos um barco corsário norte-americano, uma escuna, a cinco milhas de distância, e depois outro, ao qual ainda não se via o casco, muito mais longe por barlavento, e Dalgleish mudou o rumo e agora fugimos de ambos correndo como lebres, tal como disse antes. Acho que navegamos quase a onze nós. Quer subir para a coberta e ver como estão as coisas?

— Sim, certamente.

A uma simples vista parecia que as coisas não haviam mudado muito. A *Liberty* ainda estava situada pela alheta de estibordo do bergantim correio, e a escuna mais distante seguia navegando com rumo este-sudeste pelas águas cinzentas e agitadas. Mas no *Diligence* havia uma atmosfera completamente diferente, havia uma grande tensão, e no semblante do senhor Dalgleish se refletia uma preocupação maior. O bergantim já tinha desdobradas as alas de cima e de abaixo e navegava a grande velocidade enquanto sussurro da água ao passar pelos costados provocava no casco uma ressonância apenas audível. A *Liberty* havia largado muito mais velame e avançava perceptivelmente, enquanto que sua distante companheira, cujo casco já podia ser visto, avançava ainda mais rápido e estava a ponto de passar pela frente de um enorme iceberg com a borda dentada que se destacava sobre o fundo cinzento e se assemelhava ao conjunto de velas de uma esquadra de barcos de linha.

Dalgleish estava falando com o segundo em comando e o senhor Humphreys, o qual media com muito cuidado o ângulo

subtendido entre os perseguidores.

— Nunca havia visto o senhor Henry agir com tanta determinação — disse Dalgleish, voltando-se para Jack —. Navega com grande rapidez, como se pensasse que as velas e os paus são grátis ou que persegue a um maldito galeão espanhol. Por favor, senhor, pegue meu telescópio e diga-me o que pensa da outra escuna.

Jack apoiou a mão nos amantilhos, dirigiu o telescópio para a distante escuna e se pôs a observá-la justo quando passava pela frente do iceberg.

— Largou as alas de cada lado — disse —. Nunca vira fazer isso com esse tipo de exércia. Deve de ter muita pressa.

— Foi o que pensei quando me pareceu vê-las — disse Dalgleish —. Durante todo o tempo que estou ao comando deste bergantim correio, nas numerosas viagens que fiz, nunca vi nada parecido, nem sequer depois que começou a guerra. Qualquer um diria que levamos um carregamento de ouro.

Stephen viu alguns alcatrazes ao longe, a sotavento, e se pôs a observar como pescavam, como entravam na água verticalmente fazendo saltar a branca espuma, e apenas prestava atenção aos marinheiros. Eles falaram da possibilidade de que o vento amainasse e rolasse para noroeste, da pressão barométrica e das sossobres, que, na opinião de Dalgleish, eram velas desnecessárias, custavam um olho da cara e provavelmente se desprenderiam com um vento como aquele. Falaram de um método que o capitão Aubrey utilizava para segurá-las em casos de emergência, consistente em pô-lhes gradis duplos que passavam por uma polia fixada mais acima e eram controlados por um marinheiro muito hábil, mas que deviam esticar-se no último momento, se é que chegavam a usar-se. Então Stephen ouviu Dalgleish dizer que, diferente de outros capitães de barcos correio, ele não pensava que não tinha nada que aprender com os cavalheiros da Armada real, que alguém podia aprender algo novo a cada dia, apesar de ser velho, e que provaria o método do capitão Aubrey.

Nesse momento Stephen dedicou toda sua atenção a um grupo de baleias, baleias boas, que apareceram pela amura de bombordo.

Pedi emprestado um telescópio e as observei até que a rota que seguiam convergiu com a do bergantim, quando estiveram tão perto que lhe foi impossível vê-las com nitidez pelo telescópio e podia ouvir como lançavam os enormes jorros de água e inclusive o ruído que faziam ao aspirar o ar. Notou que em dado momento o bergantim aumentou de velocidade, como movido por um forte impulso, e que a música da exércia subiu meio tom, e quando levantou a vista viu que as sossobres estavam desdobradas, que a *Liberty* estava muito mais longe e que todos os marinheiros estavam satisfeitos de si mesmos.

— Agora poderemos comer em paz — disse Dalglish muito comprazido —. Sua idéia é muito boa, senhor, verdadeiramente boa. Não obstante, acho que deveria usar duas vinhateiras para segurar as perchas...

As baleias haviam desaparecido depois de dar um desses longos saltos seguidos de um mergulho com os quais fazem suas misteriosas viagens; os marinheiros falavam de ganchos e sapatilhos, das vantagens e das desvantagens do uso de ganchos e sapatilhos e vinhateiras com os gradis em comparação com o uso de trincas; e Stephen voltou para o lado de Diana. Estava convencido da eficácia do láudano, a tintura de ópio, e desta vez Diana havia retido a quantidade que ele lhe havia administrado por tempo suficiente para que fizesse efeito, de modo que, apesar de estar exausta e meio adormecida, já não tinha enjôos.

Diana emitiu um sussurro quando Stephen entrou, e ele lhe falou das baleias. E ainda que ela não parecesse prestar muita atenção, acrescentou:

— Parece que dois barcos corsários nos perseguem, mas estão muito longe e não representam uma ameaça. O senhor Dalglish está muito contente porque confia que poderemos deixá-los para trás.

Diana não respondeu. Stephen a olhou atentamente. Estava deitada na maca com o cabelo úmido e alvoroçado, tinha o rosto verdoso e um gesto de dor, provavelmente por causa de uma incipiente náusea, e tinha um aspecto tão descuidado que não era agradável olhá-la, e menos ainda se quem a olhava era seu

apaixonado amante. Tratou de encontrar o nome adequado do que sentia por ela, mas não encontrou nenhuma palavra ou combinação de palavras satisfatórias. Não era a paixão que havia sentido em seus anos jovens nem nada parecido; tampouco se parecia ao afeto em que se baseava a amizade, como o que sentia por Jack Aubrey, por exemplo. Sentia carinho, sem dúvida, e ternura, e tinha a sensação de que entre os dois havia cumplicidade, de que haviam iniciado uma busca em comum há muito tempo, talvez a absurda busca da felicidade. Isso o fez evocar dolorosas lembranças, mas, descendo a voz para que não a despertasse, se é que estava adormecida, continuou:

— Parece que essas goletas estavam na rota que todos acreditavam que íamos seguir. Encontravam-se ao sul de uma ilha, mas o prudente senhor Dalgleish passou pelo norte. É quase impossível que sua presença ali tenha sido fruto da casualidade.

Podia haver sido fruto do trabalho dos espões norte-americanos; ou podia dever ao fato da lista dos agentes norte-americanos não ser correta, pois ele não achava que Beck houvesse deixado nenhum cabo solto. Contudo, tinha que levar em conta o pessoal de Beck... E enquanto pensava naquele tipo que estava bêbado no baile, Diana saiu do aparente coma e disse:

— Certamente que não foi fruto da casualidade. Johnson faria, e gastaria, o que fosse necessário para fazer-nos regressar. É capaz de contratar barcos corsários, custe o que custar. Gastaria o dinheiro como água e moveria céu e terra para pegar a mim... e aos meus diamantes.

Fez uma pausa e se virou com dificuldade, mexendo os lençóis.

— São tudo o que tenho — murmurou por fim, e depois acrescentou — : Nunca escaparei desse horrível homem. — Fez outra pausa e depois disse — : Mas não os terá nunca, não os terá enquanto eu tiver fôlego, Deus o sabe.

Stephen observou que apertava o estomago fortemente contra o peito. Sabia que os estimava muito, mas não que chegasse a esse extremo.

— Acredito sinceramente que não tem por que preocupar-se. Estamos muito na frente delas, e o senhor Dalgleish, que conhece

estas águas muito bem, assegurou-me que encontraremos névoa nos bancos e que ali não poderão ver-nos nem seguir-nos. Alegro – me muito de que seja assim, porque se há algo que detesto mais que a violência em terra, é a violência no mar, porque é muito mais perigosa e sempre vai acompanhada de frio e umidade.

Ela havia caído num profundo sono induzido pelo láudano, estava ausente, mas as lágrimas seguiam saindo por entre as pálpebras fechadas.

Stephen pensou que era quase certo que ela tinha razão. Johnson era poderoso, rico, influente e, além disso, vingativo, e o ocorrido lhe havia ferido em seu orgulho. Diana o conhecia intimamente (quem poderia conhecê-lo melhor, então?) e não podia equivocar-se ao julgar seu caráter. Por outro lado, era significativo que os barcos corsários tivessem deixado a *Nova Escócia* passar e houvessem perseguido somente o *Diligence*. Era provável que ela também tivesse razão com respeito ao colar. Realmente era um adorno magnífico. Tal era sua magnificência que a pedra central tinha nome, talvez Nababo ou Mogol ou algo parecido, e ele havia comprovado que inclusive os homens muito ricos tinham apego a determinados objetos que possuíam. Era o apego o que dava valor a diamantes como o Pitt, o Sancy, o Orloff... De repente se recordou do nome do de Diana e também de que tinha forma de pêscoço e um formosíssimo cor, uma cor azul muito parecida ao da safira, mas mais clara, e um brilho muito mais intenso que este. Um marinheiro ímpio o havia roubado de um templo em tempos de Aurangzeb e lhe havia dado nome, um nome que havia mantido desde então e que Stephen gostava muito. Sua cor lhe recordava o da bandeira de saída, a que içavam os barcos quando estavam a ponto de zarpar, a única que podia reconhecer, que, além da iminente partida, anunciava-lhe a descoberta de novas regiões do mundo, novas criaturas, novas vidas ou talvez nova vida. Como o senhor Dalgleish havia profetizado, puderam comer em paz, pois o bergantim correio seguia avançando, apesar do vento ter amainado, e os perseguidores não eram mais que uma remota ameaça. E como havia profetizado, havia névoa no Banco do Meio. Ao subir para a coberta, Stephen a viu ao longe, ao norte, formando um arco tão

baixo que parecia uma distante faixa de terra; e viu que havia quatro embarcações ao redor do bergantim correio, a uma distância não muito grande, navegando lentamente na mesma direção, para o norte. Por um momento pensou que o senhor Johnson havia mobilizado a maior parte da Armada Norte-Americana e que esta tinha rodeado o bergantim correio; contudo, percebeu que aquelas embarcações tinham as cobertas desordenadas e uma vela latina em no mastro mezena e careciam de portalós, e ainda que não fosse um grande marinheiro, estava certo de que não eram barcos de guerra. Além disso, ninguém parecia estar preocupado, e os homens do *Diligence* inclusive estavam cumprimentando os do barco mais próximo. E Jack, Dalgleish e o contramestre, trepados na exércia como se fossem macacos, estavam fazendo um trabalho.

— O que faz o capitão Aubrey alí em cima? — perguntou ao segundo em comando.

— Entre todos estão trocando as vinhateiras por estrobos, senhor — disse o segundo em comando —. Se deixassem o capitão Aubrey fazer tudo o que quer, teríamos o aspecto de um barco de guerra.

— Deve cuidar do braço. É uma loucura estar em mangas de camisa com este frio penetrante. Tenho vontade de chamá-lo, porém... Esses barcos têm uma exércia estranha, né, senhor?

— São os barcos que costumam pescar nos bancos, senhor, barcos portugueses. Nós os chamamos *terra-novas*. Verá muitos mais como esses no banco, senhor, se é que pode ver algo, porque a névoa é muito espessa, como o dono disse.

— *Terra-novas...* Já ouvi falar deles. E essa é Terra-nova, suponho.

— Não exatamente, senhor. Esse é o banco, isto é, a névoa que cobre o banco. Como quase sempre há névoa sobre o banco, às vezes o chamamos de o banco de nevoeiro, sabe o que eu quero dizer...

O segundo em comando duvidava que o doutor Maturin tivesse muita inteligência, já que um homem capaz de confundir as varredoras e as alas dificilmente poderia distinguir o bom do mau, o bem do mal, um ovo de uma castanha... Mas era um jovem de bom

coração e respondeu amavelmente para Stephen quando este lhe perguntou por que se formava a névoa, por que não se dissipava com aquele vento e por que os portugueses se agrupavam ali. Explicou o mais simplesmente que pôde que os portugueses iam aonde estava o bacalhau e que esse ano havia muito mais bacalhau ali que no banco Saint-Pierre e inclusive o Grande Banco. Depois lhe perguntou se sabia como era o bacalhau. Disse que era um peixe com uma barbicha sob a mandíbula que gosta de quase todas as iscas, mas sobre tudo da lula e do eperlano. Os papistas eram obrigados a comê-lo seco e salgado nas sextas-feiras e durante a quaresma, se não, iam ao inferno. Por isso os espanhóis e os portugueses, e também os franceses em tempo de paz, que eram papistas em sua maioria, iam aos bancos a cada ano, ainda que também iam ali os habitantes da Nova Escócia e de Terra-nova. Todos iam aonde estava o bacalhau, e o bacalhau estava nos bancos, onde o fundo do mar tinha bruscas trocas de nível e às vezes chegava a elevar-se a apenas quinze braças da superfície... O mesmo havia visto muitas vezes montanhas de gelo encahadas ali... Porém, em geral, o fundo se elevava a quarenta ou cinqüenta braças. Os portugueses ancoravam e desciam os botes, e em cada um iam dois marinheiros que pescavam com redes de cânhamo. Quando ele era pequeno, havia ido pescar com um tio seu de Nova Escócia, precisamente de Halifax, e em onze horas havia capturado setenta e nove bacalhaus, alguns com um peso em torno de cinqüenta libras. Com relação à névoa, ela se formava porque a fria corrente do Labrador, em sua descida para o sul, passava pelos bancos e se encontrava com a quente corrente do Golfo, da qual o doutor provavelmente ouvira falar. A névoa se formava com grande rapidez e quase continuamente, e havia dias em que o mar jogava vapor como uma chaleira. Por isso o vento não a dissipava, porque estava se formando continuamente. Contudo, em algumas épocas do ano a corrente se desviava para o leste e a névoa não se formava, e durante dias e inclusive semanas os bancos ficavam limpos. De toda forma, um sempre sabia onde estavam os bancos, mesmo sem sondar, pela presença dos pássaros. Nos bancos, com névoa ou sem ela, sempre havia pássaros, pássaros muito curiosos.

— Que tipo de pássaros?

— Araus-comuns, fradezinhos, pássaros bobos, mergulhões, petréis, fulmares, salteadores, todo tipo de gaivotas, pardelas, pingüins...

— Pingüins, estimado senhor? — perguntou Stephen.

— Sim, doutor. Uma ave muito rara. Não pode voar, somente nadar. Alguns o chamam de outra forma, mas nós o chamamos de pingüim. É que é lógico: uma ave que não sabe voar é um pingüim. Pode perguntar a qualquer baleeiro que tenha navegado pelo sul.

— Tem aproximadamente uma jarda de altura, é branco e preto e com o bico volumoso e pontiagudo?

— É assim mesmo. E tem uma mancha branca entre o bico e os olhos.

Sem dúvida alguma, aquela ave era o *Alca impennis* que Linneo havia descrito e que outros autores de menor categoria chamavam de arau-gigante, uma ave que Stephen sempre desejara ver. Eram tão escassos os exemplares que, de todos seus colegas, somente Covisart assegurava ter visto um, e Covisart tinha tendência a mentir.

— E o senhor realmente viu algum desses pingüins? — inquiriu.

— Oh, sim! Muitos, muitas vezes — respondeu o jovem rindo.

— Então, assinalando para Terra-nova com a cabeça, disse — : Ali há uma ilha na qual se criam aos montes, e meu tio da Nova Escócia costumava ir até ela quando pescava no Grande Banco. Um dia fui com ele e matamos muitíssimos. Acredito que o senhor teria achado divertido vê-los retos e imóveis como bolos que iam ser derrubados. Nós os esquartejamos para usá-los como cebo e comemos os ovos.

“Maldito seja esse tio da Nova Escócia! Godo! Vândalo! Huno!”, disse Stephen para si, e depois, usando o tom mais amável que podia, em voz alta perguntou:

— Acha que há probabilidade de que veja algum neste banco?

— Acho que sim, doutor, se ficar alerta. Eles lhe interessam? Eu lhe emprestarei meu telescópio.

Stephen ficou alerta, ainda que por causa do frio as extremidades se entorpeciam e punham azuis e se embaçava o telescópio, e quando o bergantim correio, já a grande distância das

goletas, deslizava para o limite meridional do banco e atravessava a capa de névoa, ele já havia visto não apenas os araus-comuns e os fradezinhos senão também dois arau-gigante. A névoa ficou mais espessa e ocultou o *Diligence* por completo. O senhor Dalgleish mandou arriar as sossobres, as sobrejoanetes, as joanetes, as maiores... Todas menos o velacho (que fez descer para debaixo do tamborete) e uma bujarrona, as necessárias para que o barco tivesse velocidade suficiente para poder manobrar naquela turbulenta escuridão. Chegou a noite, e Stephen ainda seguia ali de pé, tremendo, com a esperança de ver outro arau-gigante.

O *Diligence* avançava devagar. A sino soava continuamente, havia dois vigias na proa e dois na popa e a âncora de leva estava preparada e pendia do serviola de estibordo, porque o senhor Dalgleish não sabia o que poderia ocorrer-lhe ao navegar de noite por aquele lugar entre tantas embarcações e com o perigo de encontrar os blocos de gelo que chegavam até ali porque o verão os havia desprendido. De perto e de longe chegavam apitadas e toques de tambor em resposta, e também de todo o redor, o som dos caracóis dos botes invisíveis. A névoa deixou de ser branca e tomou uma cor cinza que, a medida que avançavam, tornava-se mais escura. Por fim, a umas duzentas jardas, viram através da névoa os reflexos dourados das luzes do farol de popa e os paus de uma embarcação. Era uma embarcação que, por meio de uma manivela, emitia um apito peculiar, exageradamente agudo.

— Ei, *Leviathan*! — gritou o senhor Dalgleish.

— Que barco vai? — perguntaram do *Leviathan*.

— O *Diligence*, sem dúvida. Que profundidade há, William?

— Trinta braças.

O senhor Dalgleish virou o leme para bombordo e o barco pôs a proa contra o vento e retrocedeu um pouco. Então jogou a âncora.

— O senhor Henry está furioso outra vez — disse com voz forte, mas com tom tranqüilo.

— Maldito sem-vergonha! — gritaram desde o *Leviathan*, agora pelo través de estibordo do bergantim correio.

— Há muito bacalhau, William?

— Bastante, bastante, Jamie — responderam do *Leviathan* com uma gargalhada —. Não há eperlanos, mas os atraímos com lulas. Mande um bote e terá pescado para jantar.

Imediatamente zarpou um bote sob o comando do segundo a bordo e ao fim regressou, avançando lentamente pelas fumegantes águas enquanto seus tripulantes riam. A bordo trazia dois bacalhaus do tamanho de um homem e, além disso, um pássaro branco e preto de enorme tamanho, já morto, que o segundo em comando manteve apertado contra seu peito quando subiu pelo costado.

— Aqui tem, doutor — disse —. Iam usá-lo como cebo, mas tinham muitas lulas e pensei que o senhor gostaria de ficar com ele.

Todas as profecias do senhor Dalgleish haviam se cumprido até esse momento. E na janta, depois que comeram o melhor bacalhau do mundo ligeiramente fervido em água do mar, profetizou que a *Liberty* e sua companheira desistiriam de perseguir-lhes naquela noite. Disse que o senhor Henry não podia permitir-se permanecer ali dias e dias com tantos homens a bordo e que não valia a pena fazer um gasto assim por um simples bergantim correio. Era um corsário que atacava melhor perto da costa que em alto mar, e de improviso. Provavelmente já havia mudado de rumo e se dirigia agora para Marblehead tão rápido como podia, já que o vento não mudaria até que a lua estivesse em quarto minguante. O senhor Dalgleish tinha razão no que disse sobre o vento, pois seguiu soprando do sudoeste, de maneira que favoreceu o deslocamento do *Diligence* quando atravessou cautelosamente o Banco do Meio entre a penumbra da madrugada e a pálida luz do nascer do dia, rodeado de barcos espanhóis, portugueses, da Nova Escócia e de Terra-nova cujas sirenes não cessavam de soar. Mas se equivocou com respeito ao senhor Henry. Apenas o barco saiu da névoa, avistaram as goletas, com seus inconfundíveis paus inclinados, ainda que, por sorte, estavam ainda muito longe, ao sul.

— Nunca havia visto com uma atitude tão obstinada — disse o senhor Dalgleish.

Voltou a dizer que a julgar pela forma como o perseguiram, qualquer um diria que seu barco levava um carregamento de ouro; e o *Diligence* voltou a rumar para o noroeste, e com a maior

quantidade de velame desdobrado que podia usar, dirigiu-se para os bancos de Misaine e Artimon.

Não obstante, fosse qual fosse o artil que Dalgleish utilizasse — e foram muitos — o condenado senhor Henry o descobria. Quando cruzou o banco Misaine, ali estava de novo; e depois de sair do Artimon, onde havia permanecido ao paio por toda a noite, voltou a vê-lo à luz do amanhecer, a umas três milhas de distância. A única coisa que o senhor Henry não podia fazer era mudar a direção do vento. Tinham ainda o vento em popa, e posto que o *Diligence* era um barco com exércia de cruz, tinha vantagem sobre as goletas. Mas essa vantagem só podia mantê-la atendendo ao velame em cada momento daquela interminável corrida, e se largavam e arriavam as bujarronas, as alas e as sossobres uma e outra vez, e a escassa tripulação estava cada vez mais cansada. Por fim Dalgleish decidiu fazer rumo para o leste, para o Grande Banco, onde a névoa era notoriamente mais espessa, e na longa rota que levava até ele, seu barco deixou de ter a vantagem, porque as goletas navegavam tão rápido como o bergantim com o vento pela alheta, apesar de seu dono cuidar do leme em todos os turnos de guarda e as escotas estarem esticadas como se fossem de ferro. As três embarcações navegavam velozmente, com os pescantes de bombordo quase sempre cobertos pela água e pela branca espuma e com a coberta inclinada como o teto de uma casa. Seus mastros lançavam lamúrias, o vento passava com força arrasadora pelo corrimão de estibordo e assobiava ao passar entre a tensa exércia, tão tensa que parecia que podia romper-se de um momento a outro.

Não havia névoa no Grande Banco, não servia como refúgio. Havia aves, centenas de milhares de aves, e montes de barcos e inumeráveis botes pescando o bacalhau, mas não havia névoa. Algum estranho fenômeno havia se produzido nas correntes e aquela vasta zona estava tão limpa como a do Mediterrâneo. Além disso, esse dia havia lua cheia, assim que o banco tampouco serviria como refúgio durante a noite. O senhor Dalgleish maldice a hora em que não havia feito rumo para Saint John's, Terra-nova, e virou de novo o bergantim para ter o vento em popa, um vento que era forte, mas instável. E quando virou, se ouviu um rangido no mastaréu de

velacho e apareceu uma fenda em sentido longitudinal no terço superior deste. Em uma perseguição como essa não podiam pôr-se em paio durante o tempo suficiente para colocar outro, assim que de imediato o repararam colocando umas barras do cabrestante diante da fenda e fazendo depois uma arreata. Mas um mastaréu com uma fenda tão profunda não podia suportar a pressão de muitas velas desdobradas, assim que o bergantim correio perdeu a vantagem. Agora, apesar de ter o vento em popa, como era frouxo, só podia alcançar a mesma velocidade que as goletas, e quando teve que tomar rizados nas gáveas, as goletas superaram sua velocidade.

E seguiram navegando velozmente para o noroeste — mais para o norte que para o leste a maior parte do tempo — durante luminosos dias azul claro e brilhantes noites nas quais uma enorme lua iluminava tudo de um lado a outro do horizonte. Fazia tempo que Jack, Humphreys e seu ajudante estavam preparando os canhões e as armas leves do bergantim, e obrigavam a fazer práticas com os canhões aos poucos marinheiros que podiam largar as árduas tarefas do barco. Porém, no que se referia ao armamento do *Diligence*, Jack não tinha ilusões e pensava que por levar aquelas caronadas de tão curto alcance e de tão pouca precisão, o barco podia definir-se com a frase: cachorro ladrador, pouco mordedor. Além disso, ainda que os marinheiros fossem homens dispostos, eram muito poucos e estavam pouco treinados.

Na quinta-feira pela noite o vento quase se acalmou, e havia muita probabilidade de que rolasse para oeste ou para noroeste e voltasse a soprar com a mesma força de antes, a julgar pela descida do barômetro, a acumulação de nuvens pela popa e o grande aumento da marejada. O vento instável trouxe consigo o odor do gelo, e ao final da guarda de prima, quando a lua estava quase no mais alto do céu, viram como uma gigantesca montanha de gelo (quebrada pela ação da corrente quente) caía para um lado jogando para o ar enormes blocos, que, ao cair no mar, faziam saltar a mais de cem pés de altura um sem-fim de gotas de água que brilhavam à luz da lua, e poucos segundos depois ouviram o ruído estrondoso do portentoso impacto.

Ao passar pelos bancos puseram no *Diligence* defesas contra o gelo, uma série de paus que cobriam as amuras e diminuíam o efeito do choque com blocos de gelo, desprendidos por causa do verão, ainda que também fizessem diminuir a velocidade, e os tiraram desde que o mastaréu rachara-se, sobre tudo porque já haviam entrado numa zona onde não era usual encontrá-los. O senhor Dalgleish ordenou que voltassem a pôr as defesas e apenas comentou:

— Antinatural.

Era uma medida necessária, ainda que possivelmente inútil para evitar a fatalidade da captura, pois aqueles blocos de gelo dentados, que apenas podiam ver-se porque estavam quase completamente cobertos pela água, podiam perfurar a proa de um barco ainda que não navegasse mais que a cinco nós, e muito mais facilmente se navegava à extraordinária velocidade de catorze nós, a velocidade que o bergantim correio navegava; e ao norte, em seu campo visual, havia outros três brilhantes icebergs.

Dalgleish mal se ausentar da coberta desde que a verdadeira perseguição começara. Não se barbeara e parecia muito cansado e muito velho, e agora, ao pensar na probabilidade de que soprasse um vento favorável para as goletas, estava abatido. Contudo, em seus avermelhados olhos apareceu um intenso brilho na sexta-feira pela manhã, quando avistou um barco ao leste, onde se via um dourado resplendor e começava a aparecer o nimbo do Sol, de um intensa cor vermelha, e havia sinais que pressagiavam uma forte tormenta. Subiu torpemente até a cruzeta com o telescópio, e quando desceu disse para Jack:

— Pode parecer uma crueldade dizer isto, mas acho que esse barco será nossa salvação. Suba com meu telescópio, senhor, e diga-me se pensa o mesmo que eu.

Jack subiu até o tope com a agilidade de um menino — um menino gordo — e posto que o sol nascente lhe impedia de ver bem o barco desconhecido, passou a observar primeiro a *Liberty* e sua companheira, situadas respectivamente pelo través e pela alheta do bergantim correio. Aproximaram-se durante a noite, e ainda que ainda se encontrassem a uma distância superior ao alcance de um

canhão longo, já haviam sentido as primeiras rachas do vento do noroeste, que chegaria ao sair o Sol. Seus capitães sabiam que o vento chegava com pontualidade, por isso já haviam preparado os canhões de proa, e para Jack pareceu que o do senhor Henry era um canhão longo de bronze de nove libras, uma arma que podia ser muito perigosa em boas mãos. Então se voltou para o barco desconhecido, que já se separara daquela luz cegante. Navegava de bolina, com as velas amuradas a estibordo e parecia levar uma carga muito pesada porque estava bastante afundado na água. Sem dúvida alguma, era um mercante, e de tamanho e valor consideráveis, e se estava ali naquela fase da guerra, só podia ser britânico. Avançava sem pressa e sem dificuldade, com as maiores desdobradas e as gáveas rizadas, e seguia um rumo que o levaria diretamente ao encontro com as goletas, as quais somente teriam que mudar de bordo um pouco o leme para aproximar-se dele e poder abordá-lo pelos dois costados e capturá-lo antes que despertasse.

Mas teriam que mudar de rumo muito logo, pois, com aquele vento tão forte e naquela direção, o mercante não tardaria a ficar a barlavento deles, e então, mesmo navegando de bolina, já não poderiam aprisioná-lo.

Todos os que estavam a bordo do bergantim correio os olhavam com grande atenção. Três badaladas... Quatro badaladas... Todos os telescópios enfocavam a *Liberty* para ver o primeiro indício de que ia aproximar-se do mercante. Havia tanta claridade que podiam ver seus tripulantes. Provavelmente o senhor Henry estava ali no abarrotado corrimão de estibordo olhando para o mercante, a resposta às fervorosas orações de todo corsário. Contudo, parecia que o mercante ainda dormia. E seguia avançando como se o mar estivesse deserto. Jack havia notado que em muitos mercantes os serviolas ficavam distraídos, mas nenhum tanto como o desse mercante.

— Devemos avisá-lo com um canhonaço! — gritou com indignação —. Com sua permissão, senhor, dispararei um canhonaço.

— Dispare uma dúzia, se quer, capitão Aubrey — disse Dalgleish com um sorriso amargo—. Mas lhe asseguro que o mercante não corre perigo. O senhor Henry não tem intenção de tocá-lo.

Jack disparou dois canhões, e estava contente de poder esquentar as caronadas. Estava quase certo de que Dalgleish tinha razão, porque um homem como o senhor Henry, um corsário feroz e um excelente marinheiro, não deixaria passar uma atrás de outra aquelas preciosas milhas tendo semelhante butim à vista. Preferia o bergantim correio ao mercante, e dentro de pouco dispararia seus canhões furiosamente.

Quando Stephen foi informado do que ocorria, subiu correndo para a coberta, e ainda que inclusive o mais inexperto marinheiro poderia dar-se conta da situação, pois as goletas manobravam com a facilidade de um barco de recreio com aquele vento, o segundo em comando expressou claramente a situação com uma frase grosseira. Depois do segundo canhão, Stephen se aproximou de Jack e perguntou:

— Que posso fazer?

— Desça à santa-bárbara e encha os cartuchos de pólvora com o senhor Hope — disse Jack —. E depois pode disparar esta caronada comigo.

Passaram vários minutos. O mercante despertou, respondeu com um canhão, içou a bandeira, a desceu um pouco em sinal de cumprimento e voltou a içá-la. Os barcos corsários responderam imediatamente disparando cada um um canhão por sotavento e içaram a bandeira britânica. Jack decidiu disparar as caronadas restantes da bateria de estibordo, convencido de que o mercante perceberia que ocorria algo. O odor da pólvora, que recordava tão bem, propagou-se pela coberta; as pequenas caronadas rodaram suavemente para fora e depois para dentro; as trincas fizeram um agradável rangido. Depois ele e seus companheiros voltaram a carregá-las com metralha e balas.

O mercante tirou os rizados das gáveas e seguiu avançando como se se jogasse nos braços de seus amigos. Ainda que há tempo o

*Diligence* içara bandeiras de sinais para advertir-lhe do perigo, ele não parecia fazer caso. Mas o certo era que não estava em perigo.

Talvez os corsários desejassem capturá-lo, mas não restava dúvida de que sua única presa era o bergantim correio. Haviam orçado, e nesses momentos se aproximavam do *Diligence* e se afastavam do rumo do mercante. Acabava de passar o momento crucial, e o mercante, agora seguro, cruzou a esteira dos barcos corsários.

— Não há que dar-se por vencido — disse Dalgleish com um triste sorriso.

Deu ordem de que largassem as joanetes e as sobrejoanetes, apesar do mastaréu rachado, e ele mesmo pegou o leme, orçou e desviou um pouco a proa. Tinha afeto pelo *Diligence* e o conhecia muito bem; pedia-lhe tudo o que podia dar e ele respondia de maneira magnífica. Mas apenas a perseguição entrou nessa nova fase, o vento amainou, e era evidente que o barco não poderia deixar para trás as goletas navegando de bolina; mas agora não podia mudar de bordo para colocar-se com o vento em popa, porque as goletas situaram-se a sotavento desde que afastaram-se do rumo do mercante. Avançavam muito juntas, a uma velocidade de sete nós, enquanto que o bergantim correio navegava a seis nós, e provavelmente a perseguição ia terminar em contenda ao redor do meio-dia. Já haviam trazido para a coberta as sacas de correio, três grandes sacas de pele fina, e a cada uma haviam atado dois lingotes de ferro para que pudessem afundá-las quando chegasse o momento de jogá-las ao mar.

Hora após hora seguiram navegando velozmente pelas agitadas águas cinzentas. As nuvens se acumulavam no oeste escurecendo todo o horizonte; o vento e as ondas aumentavam. Os tripulantes olhavam uma e outra vez para o mastaréu reparado porque, apesar da arreata, as bordas da fenda se separavam e voltavam a juntar-se devido ao forte balanço. Ainda que o contramestre tenha reforçado ainda mais as velas, Dalgleish não podia orçar para situar-se a barlavento das goletas com aquela marejada porque o mastaréu

tinha uma fenda muito profunda, e se virasse em redondo cairia em suas mãos.

— Deixo a glória para o senhor, senhor — disse para Jack com o olhar fixo na borda de barlavento da gávea maior —. Quando começarem a disparar virarei e passarei entre elas. — Então, com um gesto iracundo em seu rosto enrugado e quase coberto por uma barba cinza, acrescentou — : vamos lhes dar uma boa surra, ainda que isso seja a última coisa que façamos.

Jack assentiu com a cabeça. Era o único que podiam fazer, a excessão de render-se, e era melhor que render-se sem lutar, ainda que as probabilidades de ganhar à plena luz do dia eram infinitamente remotas.

Entre Jack e Humphreys e sua pequena brigada, seguindo uma rigorosa ordem, destrincaram as caronadas de bombordo, as dispararam e voltaram a carregá-las, e Jack se sentiu satisfeito, porque gostava de usar os canhões quentes e com pólvora recém colocada. Disparou a última caronada e, no momento em que esta retrocedia, ouviu uma gritaria na popa e se virou para ali. Os homens davam saltos para a coberta, gritavam de alegria e se davam palmadas na costas. Ao correr, alguém fez que se soltasse a bolina da vela maior, e o *Diligence* se abateu para sotavento. Então a *Liberty* pôde ser vista pelo través. O mastaréu do velacho se partira justo acima dos malhetes e, com todo o velame que levava, havia caído sobre a borda da amura de estibordo. E quando Jack olhou para ela, o mastaréu maior se partiu também. Imediatamente a proa da escuna se desviou para onde vinha o vento, e a vela maior, agora flácida, começou a dar fortes golpes.

Então Dalgleish, em tom furioso, gritou que todos eram uns malditos marinheiros de água doce e ordenou:

— Soltar as adriças das sobrejoanetes, as adriças das sobrejoanetes! Tom e Joe, soltem as condenadas braças de barlavento! Carregar as velas de proa! Esses brioles, esses brioles, malditos filhos da puta! Açoite esses maricas, senhor Harvey! Dê um chute neles! Ei, Joe! Quer atar essa condenada escota antes que se rompa a cabeça?

A confusão era terrível. Jack recebeu dois chutes e o extremo de um cabo lhe deu um forte golpe justo quando acabava de perder a voz. O *Diligence* ficou somente com as maiores desdobradas, a pressão no mastaréu do velacho diminuiu, a ordem foi restabelecida. O senhor Dalgleish cedeu o leme a outro e, com tranqüilidade, passou a observar a *Liberty* junto com Jack. A escuna chocara-se de frente contra um bloco de gelo e este a havia perfurado, e a julgar pelo afundamento da proa, a roda estava partida por debaixo da linha de flutuação. Seus tripulantes tratavam de descer os botes, e enquanto isso, a outra escuna se dirigia para ela e se afastava do bergantim correio perdendo em cinco minutos a vantagem que havia conseguido em uma hora.

Depois de dar outra bordada para o norte, o bergantim correio começou a navegar com o vento em popa deixando as goletas cada vez mais longe.

— Acha que a outra escuna continuará nos perseguindo sozinha? — inquiriu Stephen.

— Não, senhor — disse Dalgleish, bocejando —. Pode ir para sua maca e dormir tranqüilo. Assim como eu vou dormir, sem dúvida. A escuna recolherá todos os homens do senhor Henry, se puder... Olhe quantos se dirigem para ela...! Olhe aquele estúpido que se jogou ao mar, ah, ah, ah! Isto é tão divertido como uma obra teatral! Depois a escuna regressará para seu país. A viagem será difícil porque terá que navegar rumo ao leste dia e noite, e posto que as provisões da *Liberty* não se salvaram e há tantos homens a bordo, terão comido os cinturões e os sapatos antes de regressar a Marblehead.

— Há algo na desgraça dos outros que não nos desgosta de todo — disse Stephen.

Mas ninguém o escutou porque então todos gritaram "Aí vai!" ao ver a distante *Liberty* afundar sob a superfície do cinzento oceano.

— Não, senhor — repetiu o senhor Dalgleish —. Pode dormir tranqüilo agora. E também a senhora... sua noiva, sua prometida. Esqueci o nome da dama. Espero que o ruído e os gritos não a tenham perturbado.

— Acho que não, mas descerei para vê-la — disse Stephen.

Estava equivocado. Perturbaram-na muito. A primeira descarga havia acabado com seus enjôos, que já eram menos fortes, mas havia mal interpretado os últimos disparos e os gritos que ouvira na coberta. E Stephen a encontrou vestida, sentada em um escaninho, com uma pistola em cada mão apontando para o vácuo e com um olhar feroz como o de um gato montês preso em uma armadilha.

— Largue essas pistolas agora mesmo — disse secamente —. Não vê que é de muito mau gosto apontar com uma pistola para uma pessoa a quem não pensa matar? Deveria ter vergonha, Villiers! Onde a educaram?

— Perdoe-me — disse ela, impressionada com sua severidade —. Pensei que havia uma batalha, que eles haviam nos abordado...

— Nada disso! Nada disso! A mais notável nave corsária, a *Liberty*, destruiu a si mesma: chocou contra um bloco de gelo e se afundou faz menos de cinco minutos. E a outra, carregada como a arca de Noé, dirige-se para seu país. Felicidades por haver escapado, querida! Acho que está melhor — pegou-lhe o pulso —. Sim, está muito melhor. Quer tomar ar fresco e ver como derrotamos os nossos inimigos?

Stephen conduziu Diana à coberta, onde ainda se ouviam risos e perdera-se a noção de hierarquia, e todos a cumprimentaram com um espontâneo viva. Alguns marinheiros a seguiram até o corrimão e lhe assinalaram a escuna, que agora se achava muito longe, ao oeste. O cozinheiro, colado a ela, contou-lhe detalhadamente todos os movimentos que haviam feito desde o amanhecer sussurrando e com voz enrouquecida, cujo som quase era afogado pelas explicações dos dois ajudantes do capitão e um garoto franzino que queria que ela soubesse que ele havia previsto o que ia acontecer desde o princípio. O senhor Dalgleish se aproximou, tirou o chapéu e a cumprimentou cerimoniosamente:

— Todos estamos muito contentes de vê-la na coberta, senhora — disse —. E espero que nos faça a honra de vir aqui todos os dias enquanto dure a viagem. Ainda que não serão muitos dias, se este vento seguir soprando. Esses vilãos nos obrigaram a percorrer com

rapidez uma grande distância para o leste, assim que não me surpreenderia que avistássemos Rockall na quarta-feira.

E ao notar que Rockall não tinha nenhum significado para ela, acrescentou:

— Não me surpreenderia que nossa viagem fosse a mais rápida que já se fez, excetuando o do *Clytie*, em 1794. E todos ficarão muito contentes ao ver-nos, senhora, pelas notícias que levamos! Eu mesmo comecei a rir quando ouvi pela primeira vez que a *Shannon* havia capturado a *Chesapeake*.

## CAPÍTULO 4

---

Finalmente com o novo mastaréu, o *Diligence* rumou para sudoeste com o vento pela alheta de estibordo. O vento era de moderada intensidade, o melhor que um marinheiro poderia desejar, e, apesar de trazer consigo a chuva com frequência, soprava com a mesma força e na mesma direção dia após dia, como os ventos alísios. Era realmente apropriado para usar as joanetes desdobradas, mas quando diminuiu ligeiramente de intensidade, o senhor Dalgleish abriu também as sobrejoanetes, pois estava decidido a obter o máximo proveito de seu impulso. Ainda que tivessem se detido nos bancos, havia probabilidade de que fizessem uma viagem extraordinariamente rápida, já que os corsários os obrigaram a navegar a grande velocidade em direção leste. O senhor Dalgleish estava convencido de que o *Diligence* estava muito mais adiantado do que a *Nova Escócia*, uma corveta muito lenta, pela rota do sul, e de que chegaria primeiro à Inglaterra, e, como todos os que iam a bordo, morria de vontade de dar a notícia da vitória.

O vento seguia soprando com força. O *Diligence* navegava a toda vela e percorria 269 milhas marítimas de meio-dia ao meio-dia seguinte, e ao cabo de dezessete dias chegou a uma zona de menos de cem braças de profundidade, próxima ao canal da Mancha. E nas turbulentas águas do canal, em meio da chuva, Dalgleish gritou com todas suas forças: "*Shannon* capturou a *Chesapeake!*", quando passou a barlavento de um mercante que ia de regresso à Inglaterra, um dos barcos que faziam o comércio com a África, e seus tripulantes se puseram a gritar como loucos. Depois deu a notícia a um sardinero de Cornualhenses, a um cúter nas imediações

de Dodman, a uma fragata perto de Eddystone e a muitas outras embarcações, a maioria das quais saíam do Canal.

Se por casualidade a notícia já houvesse chegado à Inglaterra, era lógico pensar que somente se haveria difundido pelo extremo sudoeste dessa úmida ilha e que o *Diligence*, navegando velozmente pelo Canal com vento do sudoeste e a favor da corrente, chegaria a Portsmouth antes dela. Mas não foi assim. Quando o *Diligence* içou as bandeiras de sinais para indicar que levava mensagens oficiais e começou a entrar no porto, com Haslar pela amura de bombordo e o castelo Southsea pelo través de estibordo, veio a seu encontro a falua do almirante, com o dobro de remadores, avançando com grande rapidez.

— É verdade? — inquiriu o tenente do navio insígnia.

— Sim — respondeu Humphreys, que levava a comunicação oficial guardada no peito e já tinha um pé posto na escada.

Quando a falua se abordou com o barco, Humphreys saltou para ela, e o vento lhe levou o chapéu. Caiu longe, mas ele riu, e a falua zarpou imediatamente para levar-lhe até a carruagem de quatro cavalos que o conduziria ao Almirantado a dez milhas por hora, uma carruagem adornada com galhos de carvalho, pois o loureiro escasseava desde que havia começado a guerra contra os Estados Unidos.

Apesar da notícia já ser conhecida, o barco correio não atracou no momento de anticlímax, já que a confirmação do rumor aumentou o entusiasmo e os desejos de conhecer todos os detalhes. Os passageiros tiveram que suportar as curiosas perguntas, mas não a inspeção, dos oficiais da aduana, e quando desceram a terra por fim, a gente lhes rodeou para perguntar-lhes como, onde, quando... As ruas de Portsmouth estavam abarrotadas, e todos abandonavam seu trabalho para correr para reunir-se com a multidão. Perto da entrada do estaleiro, muitos de seus empregados e marinheiros de licença estavam empilhando madeira para fazer uma enorme fogueira, e os tendeiros, acompanhados pelos aprendizes, abriam passagem entre eles para acrescentar caixas, barris e, em ocasiões, curiosos objetos, como por exemplo, um sofá com três patas e uma carruagem com uma só roda. E por todas as partes se ouviam gritos

de alegria; parecia que a Portsmouth havia chegado a notícia de que toda uma esquadra era que havia alcançado a vitória, uma grande vitória.

Indubtavelmente, essa reação dava uma idéia do profundos que eram a dor, a raiva, o desalento, a frustração e o assombro dos cidadãos ingleses porque os norte-americanos lhes haviam infligido uma série de derrotas, e talvez refletia também seu amor pela Armada real, mas para Jack lhe parecia um pouco exagerada. Por outro lado, as chatas formalidades que eram requisitos prévios para poder ocupar-se de sua vida privada o retardavam, e posto que pensava em sua mulher como um amante apaixonado e desejava estar de novo em sua casa e ver seus filhos e seus cavalos, esses obstáculos enturvaram sua alegria. A hostilidade não era um traço notável de seu caráter, mas ficou visível agora, enquanto caminhava para o escritório do almirante. Não se incomodava que os marinheiros dessem vivas e rissem o quanto quisessem, porque sabiam o que era uma batalha, mas os civis com ar triunfante não lhe agradavam, nem tampouco seus gritos: "Aos ianques vamos vencer, uma e outra vez!". Ao passar em frente ao Blue Posts, teve que ir para a borda da rua para dar passagem a um grupo de entusiasmadas jovens, e ali se encontrou frente a frente com um prestamista que se chamava Abse, um tipo adulator que havia conhecido tempos atrás, quando era simplesmente o guarda-marinha Aubrey e apenas tinha um pouco de valor para empenhar. Abse quase não havia mudado. Ainda estava mal barbeado e tinha as bochechas penduradas, como as dos tipos de Bath, e o nariz bulboso; e tanto as suas faces como o seu nariz estavam vermelhos pela excitação. Imediatamente reconheceu ao seu velho cliente e gritou:

— Capitão Aubrey! Ouviu a notícia? A *Shannon* capturou a *Chesapeake!*

E depois que se separaram, Jack ouviu que seguia gritando:

— Vamos vencer-lhes, uma e outra vez!

Se apresentou ante o almirante e contou a batalha com detalhe pela centésima vez, e quando saiu do escritório, as chamas da fogueira já eram muito altas e havia mais alvoroço.

“Não me incomodava ouvir os vivas e os risos em Halifax, aliás gostava muito”, pensou Jack. “Parecia-me algo natural, algo correto, porque esses homens estavam perto do lugar da batalha e os norteamericanos os haviam atacado e haviam aprisionado seus barcos, e porque realmente viram a *Shannon* e a *Chesapeake*”. Além disso, pensou que pouco antes de chegar a Halifax havia comido, mas não antes de chegar aqui, pois o cozinheiro do bergantim estava tão excitado pensando em descer para terra e comunicar a estupenda notícia e ver outra vez a sua noiva (uma jovem de Gosport) que se esquecera. Não houve janta a bordo, e Jack tinha o estômago vazio e parecia que havia se aderido à coluna. Então foi até o Crown e pediu pão e queijo e uma jarra de cerveja.

— E quero que mande um moço astuto ao estábulo de Davis para buscar um cavalo, um cavalo de carga — disse ao hospedeiro —. Que diga que é para o capitão Aubrey. E se o moço voltar antes de que termine de tomar a cerveja, darei meia coroa a ele. Não há nem um minuto a perder.

Nenhum jovem comum teria podido ganhar meia coroa, pois nas ruas havia uma grande multidão e o capitão Aubrey tinha enorme desejo de beber cerveja (aquela era a primeira cerveja inglesa que tomava em muito tempo), mas o moço do Crown, que se criara bebendo as últimas gotas de álcool das garrafas, tragos de genebra e do que podia encontrar, apesar de ser franzino, era muito astuto, e trouxe a égua de Davis pelas ruelas traseiras da hospedaria. Saltou o postigo que dava para o imóvel de Parker e depois o de saída, correndo um grande perigo, e depois deixou a égua ofegando no pátio e, justo no momento em que Jack empinava a jarra pela última vez, entrou tranqüilamente para avisar que acabava de trazê-la.

— Desculpem-me, cavalheiros, mas tenho que dar a notícia a minha família e não posso ficar mais tempo — disse Jack ao grupo de oficiais que o rodeava.

A égua de Davis havia levado no lombo muitos oficiais navais gordos e com pressa (o que a havia feito envelhecer antes do tempo e havia mudado seu temperamento) mas nenhum mais gordo nem com mais pressa que o capitão Aubrey e quando subia a colina

Portsmouth, suando copiosamente, já estava descontente, por isso tinha as orelhas inclinadas para trás e um olhar furioso. Jack se deteve um momento para que a égua tomasse fôlego e se pôs a observar o manipulador do telégrafo, que se movia sem parar, provavelmente enviando para Londres mais detalhes da vitoriosa batalha através de seus fios. A égua escolheu esse momento para tratar de desfazer-se dele e deu um par de coices com uma agilidade enorme para seu tamanho, levantando as patas de tal maneira que parecia um cavalinho de gangorra vivo. Mas Jack, ainda que não fosse um bom jóquei, era muito decidido, e fazendo uma enorme pressão com os joelhos lhe tirou quase todo o ar e o mal-humor. Puxou as rédeas e, como sua força era superior à dela, a obrigou a andar de novo e a fez descer a galope a verde colina. Depois saiu do caminho principal e seguiu pelo outro que desviava para a direita, e a fez percorrer os atalhos cobertos de grama que conhecia tão bem. Subiu e desceu montanhas e atravessou vales, e por fim subiu a a colina desde onde começavam a estender-se suas terras e observou que haviam sido derrubadas muitas árvores. Cruzou o formoso bosquezinho chamado Delderwood, seguiu o caminho construído por Kimber, onde a égua esteve a ponto de cair, e depois, segurando fortemente as rédeas, passou entre as galerias de uma mina abandonada, uma chaminé de aspecto fantasmagórico e edificações vazias; contudo, apenas se fixou nessas coisas, pois conduzia a égua entre elas com rapidez e quase instintivamente, como se governasse um barco em um intrincado canal, porque havia visto assomar entre as árvores o teto de sua casa e o coração pulava dentro do peito.

Havia chegado a Ashgrove Cottage por trás, pelo caminho mais curto, e agora atravessava o pátio e se aproximava das cocheiras. Quando havia partido, apenas haviam começado a construí-las, mas agora estavam quase terminadas e tinham um formoso aspecto, com suas paredes de tijolo rosado, suas fileiras de portinholas brancas e uma vereda com uma arcada que as separava do jardim, e ao lado estava a cocheira, sobre a qual se alçava uma torre com um relógio que dava uma aparência elegante ao conjunto. Freou a égua e, ao olhar ao seu redor, viu muitas coisas que lhe produziram grande satisfação: as novas alas (feitas com a recompensa pelo êxito obtido

numa operação bélica nas ilhas Mascarenhas e a recuperação de numerosos mercantes da Companhia das Índias), que, agregadas à antiga casinha de campo, a haviam transformado em uma ampla casa; a enredadeira, que ele havia plantado em forma quando pequenos estacas e já se havia estendido por cima das janelas baixas da casa; e as maçãs que coroavam o muro da horta. Mas tudo estava tranqüilo e silencioso como num sonho. As portinholas estavam fechadas e não havia cavalos assomando a cabeça por cima delas nem se viam moços de estábulopor ali. Não havia nem um alma nas limpíssimas cocheiras e tampouco atrás das reluzentes janelas de cristal da casa; não se ouvia nenhum som exceto o canto do cuco, que, mudando uma e outra vez de tom, chegava de um lugar distante, do outro lado das macieiras. Um estranho pressentimento escureceu sua felicidade e lhe pareceu estar em um mundo irreal; mas nesse momento se ouviu na torre um clique e um zumbido porque o relógio se preparava para marcar o quarto de hora. Ali havia vida, ali estava ele montado em uma égua empapada de suor que necessitava ser atendida imediatamente. Voltou-se para a casa e gritou:

— Ei!

E pouco depois, desde Delderwood, chegou o débil eco: “Ei!”.

Outra vez se fez um profundo silêncio, e voltou a ter a sensação de um mundo ao seu redor e ele mesmo eram uma ilusão. Seu sorriso desapareceu, e quando estava a ponto de desmontar, viu no outro lado da arcada duas meninas que, com um menino gordinho no meio, marchavam em fila com bandeiras na mão e gritavam: “Wilkes e liberdade! Hurra! Hurra! Viva a direita! Hurra! Hurra!”.

As meninas eram muito bonitas, tinham cabelos encaracolados e pernas compridas, porém Jack, que as olhava amorosamente, ainda podia ver em suas filhas gêmeas algo daquelas pequenas criaturas de cabeça de pepino e pouco cabelo que havia deixado ao ir embora. Tinham uma semelhança assombrosa, mas muito provavelmente a que era um pouco mais alta, a que dirigia o grupo, era Charlotte; e o menino gordinho provavelmente era seu filho George, a quem não vira quando era um bebê rosado muito

parecido com as meninas. Então lhe deu um aperto no coração e gritou:

— Olá!

Mas a corrente de afeto se movia em uma só direção. Charlotte virou a cabeça e se limitou a dizer:

— Volte amanhã. Todos foram para Pompey.<sup>{6}</sup>

Depois reiniciou sua marcha fanática e pomposa, seguida pelas outras crianças, e todos voltaram a corear: “Wilkes e liberdade!”.

Desceu da égua e começou a buscar um compartimento onde poder metê-la. Quase todos estavam completamente vazios e muito limpos, mas por fim encontrou um que estava em uso. Desaparelhou a égua, a escovou e a cobriu com um cobertor, e nesse momento o relógio marcou o quarto de hora. Atravessou o pátio, entrou na casa pela porta da cozinha, passou por suas brilhantes panelas de cobre e chegou ao corredor silencioso e inundado de luz. Apesar de conhecer tão bem a casa que podia encontrar sem olhar as maçanetas das portas, reinava tanto silêncio que não se atrevia a chamar, e ainda que não fosse um homem imaginativo, parecia que havia regressado da morte e que voltava a encontrá-la ali esperando por ele, iluminada pelo Sol. Entrou no refeitório, onde o silêncio era absoluto. Depois entrou na sala de jantar, onde havia limpeza e claridade, mas nenhum som nem nenhum movimento, e instintivamente olhou para o relógio magistral, o relógio de grande precisão com o qual comprovava suas observações astronômicas. O relógio havia parado. Depois abriu seu próprio quarto, e ali estava Sophie, sentada ante a escrivaninha com um monte de papéis. E um instante antes de que Sophie alçasse a vista da soma que fazia, ele notou que estava triste e preocupada e mais magra do que antes.

Uma imensa alegria a invadiu e sentiu tanto prazer como ele. Ambos fizeram inumeráveis perguntas — que, em sua maioria, ficaram sem resposta — e relatos incoerentes e fragmentários constantemente interrompidos por beijos e exclamações de júbilo e assombro. Depois ela, ao informar-se de que ele não havia comido, levou-lhe até a cozinha.

— Então é verdade? — perguntou —. Oh, Jack, como estou contente que esteja em casa!

— O que é verdade, querida?

— Que a *Shannon* capturou a *Chesapeake*. Ouvimos o rumor esta manhã e o carteiro o repetiu quando passou por aqui. Bonden e Killick me pediram permissão para ir a Portsmouth e eu deixei que pegassem a carruagem e fossem com os outros. Estranho que ainda não tenham regressado, porque se foram faz muitas horas.

— Sim, é verdade, graças a Deus. Isso é o que estava tratando de dizer-te. Stephen, Diana e eu estávamos a bordo da fragata... Foi um combate tão simples como é de desejar, pois só transcorreram quinze minutos desde o primeiro canhão até o último... Nós três regressamos juntos para a Inglaterra em um bergantim correio. A viagem foi muito boa depois que conseguimos desfazer-nos dos corsários. Resta mais pão, meu amor?

— Como está Stephen? — perguntou Sophie —. Por que não veio? Por favor, come um pouco mais de presunto, querido. Está muito magro. Sinto muito que não haja restado pastel de carne; as crianças comeram tudo no jantar. Onde está Stephen?

— Está em Portsmouth, mas amanhã irá para Londres em uma carruagem e é possível que nos visite. Diana teve algumas dificuldades por causa de sua nacionalidade e não pode sair de onde está até que as autoridades permitam. Está na casa dos Fortescue, e Stephen, Fortescue e eu somos seus fiadores e teremos que pagar cinco mil libras cada um se sair dali. Mas não irá. Ela e Stephen vão finalmente se casar.

— Vão se casar?

— Sim. Foi uma surpresa para mim. Fiquei sabendo quando pedi para Philip Broke que celebrasse a cerimônia. Um capitão pode casar as pessoas que vão a bordo de seu barco sabe? Mas Broke não pôde casá-los naquele dia, pois a *Chesapeake* já estava saindo da enseada de Nantucket, e tampouco depois da batalha, porque estava ferido, ainda que sei que gostaria de fazê-lo. Nem sequer pôde redigir o relatório oficial que estava obrigado a fazer... Sim, vão casar-se, e talvez isso seja o melhor, porque ele suspira por ela há muitos anos. Ela se comportou muito bem quando fugimos e também depois da batalha... É uma pessoa pouco comum, eu lhe

asseguro. Nunca lhe faltou brio. Sempre lhe estarei agradecido porque lhe deu notícias sobre o *Leopard*.

— Eu também. E lhe farei uma visita amanhã mesmo. Gosto de Diana e espero que seja feliz.

Havia falado com sinceridade, e se Jack houvesse refletido sobre suas palavras, a haveria aplaudido, porque indicavam o triunfo de seus sentimentos sobre seus princípios ou sobre o que poderia chamar-se sua concepção da moral. Sophie pertencia a uma família tradicional e provinciana na qual, até onde podiam rastrear-se suas origens, nunca houvera um escândalo por assuntos amorosos, uma família de moral estrita que havia sido puritana em tempo de Cromwell e que ainda agora qualificava de detestável inclusive um mínimo desvio de conduta. Apesar da forma em que a havia educado sua mãe, Sophie era muito bondosa e amável para ser uma falsa moralista; porém, por outro lado, não aprovava nem compreendia um comportamento desenfreado no terreno amoroso (para ela não tinha muito interesse o aspecto físico do amor nem sequer nas relações amorosas lícitas), e as irregularidades cometidas por Diana nesse terreno estavam muito longe de ser mínimas e haviam dado lugar a fofoca inclusive numa sociedade tão liberal como a londrina, na qual havia podido manter sua posição somente graças a sua beleza, seu brio e sua relação com alguns homens que pertenciam ao círculo de amigos do Príncipe de Gales. Mas Jack não refletiu. Estava aturdido por causa de tanta alegria e só havia se fixado em que ela havia mencionado os nomes de Bonden e Killick, seu timoneiro e seu despenseiro respectivamente.

— Como é possível que Bonden e Killick estejam aqui? — inquiriu.

— O capitão Kerr os mandou com uma nota muito amável. Dizia que, em vista de que seria ele que assumiria a *Acasta* em seu lugar, achou justo que seus homens fossem contigo quando lhe dessem o comando de outro barco.

— Robert Kerr foi muito amável, sem dúvida alguma, muito amável. O comando de outro barco... Ah, ah, ah! Sabe uma coisa, Sophie? Antes de que voltasse a fazer-me ao mar, encherei a casa de relógios. Em uma habitação não há vida sem um relógio fazendo

tiquetaque. Há alguns que podem funcionar até doze meses seguidos sem necessidade de dar-lhes corda em todo esse tempo.

— O comando de outro barco... — começou a dizer Sophie, mas parou.

Sabia que não devia dizer-lhe quais eram seus desejos: que nunca lhe dessem o comando de outro barco e que nunca voltasse a afastar-se de casa nem a expor-se a naufragar e a ser preso e aos perigos de tormentas e batalhas. Sabia que uma condição implícita de seu matrimônio era que ela ficasse ali sentada esperando-lhe enquanto ele se expunha a tudo isso. E por essa razão, terminou assim:

—... porém, querido Jack, acredito em que a corda dos relógios durem um ano, todo um ano... Sinto muito o que ocorreu ao relógio magistral: o arganz de Charlotte se meteu dentro e vai ter crias.

— Bom, com relação ao outro barco, não tenho muita pressa, a não ser que me ofereçam a fragata *Belvidera* ou a *Egyptienne*, de nossa base naval da América do Norte. Tenho esperanças de conseguir uma das fragatas com canhões de vinte e quatro libras que estão contruindo atualmente, e não acredito que isso seja pedir demais, pois nem todos os dias um navio de quarta classe<sup>{7}</sup> afunda por causa de um de setenta e quatro canhões. Isso me permitirá passar vários meses em terra, vigiar para que a constuíssem do meu gosto e ocupar-me dos assuntos de casa...

A frase assuntos de casa fez embaçar a alegria de ambos, pois incluía necessariamente ao malévolo senhor Kimber, e eles sabiam muito bem. E sabiam que por causa de Kimber teriam uma infinidade de complicações e possivelmente também grandes perdas, mas agora davam muito mais importância ao arganz de Charlotte.

— Mas já passei muito tempo ao comando de fragatas — continuou. — É mais provável que me designem um barco de linha, e não tenho pressa para que o façam.

Tinham tantas coisas que se falar! Tinham que falar de tantas cartas que haviam trocado! E falaram do jasmim, do magnífico resultado que havia dado pôr treliça no damasqueiro, e pouco depois ficaram silenciosos, com as mãos agarradas por em cima da mesa da cozinha, olhando-se extasiados, como dois tontos. O silêncio foi

rompido pelas vozes que gritavam: "Wilkes e liberdade!". A partir de então se ouviu a mesma frase uma vez depois da outra e cada vez mais perto.

— Aí estão as crianças — disse Sophie.

— Sim — disse Jack. — Eu os vi marchando como se fossem soberanos e dominantes. De que brincam?

— Brincam sobre eleições de Westminster. Seu pai é um candidato. — E depois de hesitar uns momentos, acrescentou — : Um candidato dos radicais.

— Santo Deus! — exclamou Jack.

Durante sua mutável carreira política, o general Aubrey havia lutado às vezes contra a corrupção e outras estivera entre os corruptos, e isso o levava com frequência a uma posição contrária ao governo, ainda que nunca chegara a este extremo. Desde que o general fora eleito representante do horrível distrito de Gripe, propriedade de um amigo seu, havia sido um *tory* quando o Primeiro Lorde do Almirantado era um *whig* e um representante das diversas correntes dos *whig* quando o Primeiro Lorde era um *tory*. O general, um homem de uma endiabrada energia que aumentava com os anos, tinha a pompa e a eloquência próprias dos militares e as evidenciara no Parlamento, pelo qual, como oponente, havia sido para os governantes como uma espinha cravada, e como partidário, uma vergonha. Alguma ou outra vez fizera para ajudar ao seu filho utilizando sua influência política, mas sempre fora mal interpretado e, em ocasiões, inclusive obtivera um resultado quase desastroso, e ainda que, em verdade, pensara muito poucas vezes em seu filho, Jack teria chegado a ser capitão de navio muito antes se não fosse por seu pai.

— Digo para que entrem? — perguntou Sophie.

— Sim, por favor, querida — respondeu Jack. — Gostaria de conhecer George.

— Crianças, venham dar boas-vindas ao seu pai — disse Sophie, temendo que não o reconhecessem. — Acaba de regressar da América.

Apesar das precauções de Sophie, as crianças não o reconheceram. Olharam-no atentamente e depois olharam ao seu

redor para ver se viam a outro homem que fosse familiar. Foram uns momentos muito dolorosos, mas por fim eles recordaram suas boas maneiras e, com semblante grave, deram um passo adiante, fizeram uma reverência e disseram:

— Boa tarde, senhor. Bem-vindo à casa.

Depois olharam para a mãe para ver se haviam feito o correto.

— George, onde estão suas maneiras? — murmurou Sophie.

O pequeno ruborizou e baixou a cabeça, e depois, tomando coragem, aproximou-se dele desde a porta, fez uma inclinação de cabeça e lhe estendeu a mão dizendo:

— Espero que esteja bem, senhor.

— Bem-vindo à casa — sussurraram suas irmãs.

— Bem-vindo à casa — disse George, olhando-lhe fixamente, e depois, sem transição, acrescentou — : Eles chegarão imediatamente. Ouvi a carruagem no caminho da entrada. Bonden me prometeu que traria uma braçadeira de ferro se a notícia fosse verdadeira. Um braçadeira de *ferro*, senhor!

— Acho que ele vai trazer, George — disse o pai sorrindo.

Depois houve um silêncio, e posto que a Charlotte lhe pareceu embaraçoso, cortesmente, disse:

— O avô esteve aqui no outro dia com sir Francis Burdett e nos falou das eleições de Westminster e de Wilkes e a liberdade. Desde então estamos votando por ele. Não lhe agradaria que fosse eleito?

— Crianças, crianças, devem trocar os sapatos e lavar o rosto — disse Sophie. — E vocês, Fanny e Charlotte, ponham aventais limpos. Nós nos sentaremos no refeitório.

— Sim, mamãe — disseram.

Nesse momento a carruagem entrou no pátio. As crianças saíram correndo e regressaram uns segundos depois gritando:

— É verdade! Conseguimos uma grande vitória! A *Shannon* capturou a *Chesapeake*! Hurra! Hurra!

Desapareceram, e pouco depois se podia ouvir como gritavam com todas as suas forças no pátio, como suas vozes se destacavam entre as dos homens. Então Jack notou que ali usavam o tom e as expressões grosseiras dos marinheiros. Fanny chamou Bonden de “maldito tonto”, mas de brincadeira, sem intenção de ofender, e

Charlotte disse que apesar de Worlidge estar bêbado como um gambá, qualquer grupo de “malditos sodomitas” teria aparelhado o pônei melhor do que eles. Isso era certo, pois três dos quatro homens que se ocupavam das tarefas de Ashgrove Cottage se haviam criado no mar e não sabiam nada de cavalos, e o quarto, o atordado Worlidge, que trabalhava em uma fazenda quando foi recrutado à força para a Armada, vinte anos atrás, jazia no piso da carroça desde antes de que iniciassem a viagem de regresso e não pudera mover nem um dedo desde então. Os outros três, ao ver que haviam perdido a coalheira e que Worlidge estava mudo e imóvel como se houvesse sofrido uma paralisia, haviam amarrado o pônei às varas com nós marinheiros, e dessa forma o animal não tinha nenhuma possibilidade de soltar-se, mas cada vez que dava um passo para frente, o cabo que tinha ao redor do pescoço lhe cortava a respiração, assim que tiveram que empurrar a carroça desde que saíram de Hand and Racquet, onde haviam celebrado a vitória.

Sem embargo, haviam suado tanto com o exercício que já estavam sóbrios outra vez, ou pelo menos bastante sóbrios em relação ao que era usual na Armada, e quando Bonden (o mais astuto de todos) foi ao refeitório para receber novas ordens, deu mostras de alegria que não eram causadas pelo *dog's nose*<sup>{8}</sup> nem pelo *flip*<sup>{9}</sup> nem o sumo de framboesa com rum.

Deu as boas-vindas ao seu capitão, felicitou-lhe por haver conseguido a vitória e escutou com grande atenção o relato que Jack fez da batalha, cujos movimentos compreendeu perfeitamente.

— Se não houvesse ocorrido isso ao capitão Broke, tudo teria sido perfeito. Servi sob suas ordens no *Druid*, e já então era um fora de série com os grandes canhões. Ele se recuperará, senhor?

— Espero que sim, Bonden — respondeu Jack, sacodindo a cabeça ao recordar sua profunda ferida. — Mas o doutor poderá dizer mais do que eu. É provável que nos visite amanhã e há que ter seu quarto muito limpo e arrumado para se recolha. Agora vá cumprimentar Kimber de minha parte e diga-lhe que eu gostaria de vê-lo amanhã muito cedo, antes que eu viaje.

— Sim, sim, senhor — disse Bonden. — Arrumar o quarto do doutor e dizer a Kimber que venha depois do café da manhã.

— Vai viajar, querido? — inquiriu Sophie quando a porta se fechou atrás de Bonden. — Não acho que tenha que ir ao Almirantado imediatamente. Acredito que o almirante tenha lhe dado algum tempo de licença.

— Oh, sim! Foi muito amável... Fez o que correspondia... ele lhe mandou muitas lembranças. Mas não é o Almirantado que me preocupa mas Louisa Broke. Há que dizer-lhe como está seu esposo o quanto antes, e se saio amanhã cedo, posso ir e voltar no Harwich Flyer e estar de regresso aqui na sexta-feira.

— Uma carta... Uma carta urgente serviria da mesma forma. Está tão cansado, querido Jack, e tão magro! O que deve fazer é descansar, e passar vinte e quatro horas em uma carruagem lhe esgotará, para não falar de cavalgar até a cidade. Além disso, como disse para Bonden, você não pode dizer nada sobre a ferida de Broke. Uma carta urgente com bons desejos, frases de consolo e a opinião de Stephen será muito melhor.

— Sophie, Sophie... — disse, sorrindo.

Em seu íntimo, Sophie sabia que era habitual que os membros da Armada percorressem grandes distâncias para consolar as famílias de seus companheiros de tripulação e que a ela a haviam consolado em várias ocasiões, por exemplo, dois meses atrás, quando o primeiro oficial da *Java* havia vindo de Plymouth para assegurar-lhe que ainda tinha esposo; contudo, não podia evitar opor-se à repentina viagem de Jack. Um pouco ciumenta e mal-humorada murmurou: "Louisa Broke", e lhe ocorreram outros argumentos, porém, pelo brilho que havia nos olhos de Jack e a forma com que havia inclinado a cabeça, sabia que, por mais sensatos que fossem, seria inútil expô-los. Pouco depois voltaram a ficar tão alegres como antes e deram um passeio pelo jardim para ver as plantas que tanto apreciavam, sobretudo as que estavam perto da casa original, as que eles mesmos plantaram. Nenhum dos dois tinha dotes para a jardinagem, nem muito gosto, e as plantas que haviam sobrevivido (uma pequena parte) formavam grupos isolados e estavam raquíticas, mas eram suas próprias plantas e por isso as queriam muito tal como estavam. Quando Sophie teve que entrar de novo na casa para atender às crianças, ele entrou

também, e ouviu seus fortes passos por toda a casa. Pouco depois ele foi para a sala de música e se sentou ao piano de Sophie, que, apesar dela utilizar pouco, havia sido afinado recentemente para as lições das meninas. Tocou uma série de alegres acordes, mais e mais agudos a cada vez, e depois outros que foram descendo de tom até que entroncaram delicadamente com as notas da sonata de Hummel, que ele interpretava amiúde e que Sophie havia aprendido há muito tempo. Pegou seu violino, um violino adequado para alguém com conhecimentos musicais muito superiores aos seus, um Amati nem mais nem menos, que tomara parte de um butim obtido no oceano Índico e que ele comprara fazia algum tempo. Então interpretou a mesma melodia adaptada para o violino. Não tocava bem, porque fazia tempo que não tinha um violino nas mãos e, além disso, porque os dedos da mão do braço ferido ainda não haviam recuperado sua agilidade, mas para Sophie dava no mesmo se fosse Paganini, o que importava era que a casa tinha vida outra vez, que estavam nela todos seus habitantes.

Sophie acertara com relação à postura inamovível de Jack. No dia seguinte, ele e Stephen subiram na carruagem logo depois do jantar, e esta, dando solavancos e com grande estrondo, afastou-se de Ashgrove Cottage por um caminho secundário tão rapidamente como podiam movê-la seus quatro cavalos.

— Na verdade, não gosto de viajar assim — disse Jack quando chegaram ao caminho principal e foi possível conversar de novo. — Prefiro uma carruagem comum ou a diligência.

— Falou com Kimber, né? — perguntou Stephen,

— Não. Kimber disse que não podia vir ver-me porque ia para Birmingham, mas mandou um grupo de homens que, conforme ele, são novos sócios em nosso negócio. E alguns eram uns tipos raríssimos. Além disso, havia um par de advogados com gravatas sujas que não cessavam de tomar notas...

— Diga-me, meu amigo, as coisas vão mal?

— Bem, o que está claro é que Kimber descumpriu minhas instruções e fez mil vezes mais coisas do que disse. Construiu longas galerias e poços profundos, comprou maquinaria de todo tipo e fez

que a sociedade, como eles a chamam, participe em outros negócios, incluindo um canal navegável.

“O canal era a única coisa que faltava”, disse Stephen para si. “Agora, deixando à parte o movimento perpétuo e a pedra filosofal, o quadro está completo”.

—...e tudo é muito estranho — continuou Jack. — Por um lado, dizem que as perdas e as dívidas são enormes, e um deles inclusive me mostrou uma conta que é quase o dobro do que possuo, ainda que tenha admitido que é um cálculo aproximado; porém, por outro lado, me pediu para que siga adiante, e dizem que, se forem feitas escavações um pouco mais profundas, transformaremos as perdas em enormes ganhos. Querem mais dinheiro e mais segurança, e vi como um dos advogados passeava pela habitação como se estivesse avaliando os móveis. Você teria se admirado ao ver-me, Stephen, porque estava impertérrito como um juiz e os deixava falar. Aqueles malditos me incomodaram muito porque tiveram a impertinência de me perguntar diretamente se havia investido em bônus do Estado, como eram o acordo matrimonial que Sophie e eu havíamos firmado, qual era a fortuna de Sophie e qual seria a herança de meu pai. Passaram dos limites, e provavelmente pensavam que tinham um filhote de pombo entre suas garras, que eu era um tipo que não sabia nada de negócios e que podiam persuadir-me ou assustar-me para que fizesse qualquer ação insensata e prejudicial. Mas lhes cortei bruscamente e disse que não pensava em investir nem mais um penique e lhes desejei que passassem um bom dia. Oh, Stephen, quanta vantagem temos ao envelhecer! Há dez anos, ou mesmo cinco, todos teriam terminado no bebedouro e teriam me processado por agressão.

— O que eles responderam?

— Fizeram muito ruído e alguns falaram bravatas e outros se mostraram conciliadores. Tratavam de dar uma de cal e uma de areia... Disseram que não esperavam que um cavalheiro descumprisse seus compromissos e que, de todas as formas, era inútil que o fizesse porque eles tinham direito sobre minha propriedade, já que em minha ausência a sociedade tivera que pedir dinheiro emprestado a um juro exorbitante. Disseram que tinham o

direito de penhorar meu bem, que Kimber havia delegado para eles todos os poderes e que seria melhor contribuir em dinheiro efetivo do que descontar letras, mas que, desgraçadamente, a senhora Aubrey não achou conveniente entregar, e acrescentaram que isso não era uma crítica e que não podia esperar que as mulheres entendessem de negócios. Conforme eles, a única forma de proceder é seguir adiante, conseguir dinheiro para seguir adiante e satisfazer os credores mais urgentes. Acham que será fácil agora que regressei, porque poderiam conseguir dinheiro emprestado utilizando meu nome, que é por si só uma garantia, e necessitam de minha assinatura para cumprir uma simples formalidade. Dizem que se eu me opuser a isto, eles, contra sua vontade, terão que tomar medidas para salvaguardar seus próprios interesses... Sabe Deus como vou sair desta situação! É o mesmo que navegar com a costa a sotavento.

Trocaram os cavalos em Petersfield, e quando a carruagem deixou para trás o povoado, Jack disse:

— Como estou contente que Sophie os tenha freiado, Stephen! Quando se deu conta que Kimber estava se excedendo, escreveu-lhe uma carta dizendo que parasse, e desde então se negou a assinar qualquer outro documento e a dar mais dinheiro. E quando as coisas pioraram, guardou a carruagem, vendeu os cavalos e disse a todos os serventes que procurassem outro emprego, bem, todos exceto Dray e Worlidge, porque eram aleijados. Ainda nos resta muito dinheiro investido em ações e no banco de Hoare, mas não sei se conseguirei conservá-lo. Acho que ela entende mais de negócios do que você e eu. Desde o início foi contra isto, sabia?, contra Kimber e de seu maldito projeto.

Stephen podia ter dito que ele também era contra o maldito projeto desde o princípio, que lhe parecera o típico engano do qual Jack era objeto quando se achava em terra, um engano que costumava vitimar os oficiais navais mais ricos, mas não disse nada e Jack continuou:

— É uma boa mulher... Bem, a Bíblia diz algo sobre isso que acho muito acertado, mas não lembro bem.

— Estou certo que você tem razão — disse Stephen. — E diga-me, o que aconteceu com a esposa de Killick, aquela mulher com um cabresto que ele comprou no mercado da última vez que estivemos na Inglaterra?

— Oh! — exclamou Jack e passou a rir. — Voltou para seu primeiro marido poucos dias depois que fomos para o mar. Parece que costumam fazer isso e que vão de um mercado para outro por toda a costa. A mãe de Sophie revistou seu quarto e encontrou os pertences de Killick e duas de nossas bandejas de prata. Eu nunca teria permitido esse registro se estivesse em casa, mas agora estou contente de que tenha feito, porque aprecio muito essas bandejas.

— A senhora Williams desempenha agora seu ministério no Ulster, né?

— Sim, graças a Deus. Está cuidando de Frances, que espera um filho. Teria sido horrível se estivesse aqui quando Sophie teve que cortar os gastos da casa.

— Temo que isso a privou de uma grande satisfação — disse Stephen, recordando o prazer que a senhora Williams sentia em economizar, seu ar triunfante ao poupar um cabo de vela e sua profunda e absurda devoção pela libra.

— A senhora Williams... — disse Jack com seu vozeirão, mas parou, pensou melhor no que ia dizer, tossiu, pegou um pacote envolto por um guardanapo que havia num canto da carruagem e continuou: — pegue um destes sanduíches. Sophie os fez e tive que prometer que comeríamos todos. Não ficará contente até que eu esteja gordo como um boi.

Terminaram de comê-los pouco depois de passar por Guildford, quando anoitecia. E depois que Jack sacudiu o guardanapo pela janela e o dobrou, disse:

— Vou dar um cochilo.

Então se acomodou num canto, apoiou o queixo contra o peito e, tão rapidamente como o Sol se põe no trópico, adormeceu. Essa era uma habilidade comum para a maioria dos homens do mar, o resultado de fazer a guarda ao longo de muitos, muitos anos, e Stephen, que padecia com insônia, olhava-o com inveja. Pelo seu lado, cada vez mais borrados, passavam com rapidez as cercas, as

casas, os palheiros e as aldeias, e passou a diligência de Portsmouth, com os faróis já acesos e tocando a buzina, mas Jack seguia dormindo. Ainda dormia quando voltaram a trocar os cavalos, e quando já estavam atravessando Putney Heath ergueu-se por fim e perguntou:

— O que é um embargo?

— Um embargo? — repetiu Stephen e permaneceu pensativo por uns momentos. — Não há dúvida de que é um termo legal, mas não sei o que significa. Não sei quase nada sobre a lei, só que quando um homem comum se põe em contato com ela, ainda que sua causa seja justa, é provável que sua alma e seu bolso sofram grandes danos. Por isso, meu amigo, rogo-lhe que busque alguém que possa aconselhar-te bem e que o busque imediatamente. Este não é momento de aplicar panos quentes nem de consultar advogados provincianos. Deve contratar um dos homens de mais talento de Londres, deve contar com o assessoramento de um advogado eminente e experiente que esteja acostumado a tratar com sem-vergonhas como esses e a enfrentá-los em seu próprio terreno. Necessita de outro Grotius, de outro Pufendorf.

— Sim, porém, onde posso encontrar a outro Pufendorf?

— Onde? Bem, eu conheço na cidade a um cavalheiro inteligente e discreto que conhece a maioria dos advogados e é a pessoa que melhor poderia indicar qual é o mais hábil e astuto de todos. Quer que lhe pergunte?

— Sim, agradeceria-lhe que o fizesse, Stephen, se não tiver que desviar-se de seu caminho para isso.

Stephen não teve que desviar-se nem uma jarda, pois o propósito de sua viagem a Londres era levar os documentos conseguidos em Boston para seu chefe, sir Joseph Blaine, o cavalheiro inteligente e discreto a que havia se referido. Os documentos estavam envoltos em um pedaço de tela e teve que levá-los sobre as pernas pelo fato de viajar numa carruagem pequena, mas ele havia preferido viajar assim desta vez porque numa ocasião se esqueceu de alguns documentos secretos numa carruagem, e já sofrera bastante por isso.

Sob o chuvisco, os cocheiros levaram-nos pelas ruas pouco transitadas, onde se viam cartazes alusivos à vitória com tantas frases engenhosas e versos como a imaginação e o espaço permitiam, e mesmo que alguns estivessem bastante deteriorados, as luzes mortíferas tornavam possível distinguir dois barcos com os nomes de *Shannon* e *Chesapeake* escritos em letras enormes. Pararam diante de uma discreta casinha situada atrás do mercado Shepherd e o cocheiro de mais autoridade bateu fortemente na porta, na qual apareceu o próprio sir Joseph com uma vela na mão.

— Querido Maturin! — exclamou e o fez entrar para o saguão enquanto olhava atentamente para o pacote que Stephen trazia. — Que agradável surpresa! Bem-vindo finalmente à casa!

Subiram para a biblioteca, um agradável quarto de solteiro com um tapete turco, poltronas cômodas, muitos livros perfeitamente ordenados, a maioria sobre entomologia, uma lâmpada de abajur verde, algumas esculturas de bronze e quadros eróticos muito bem realizados e um fogo que fazia brilhar a proteção de latão.

— Peço que me perdoe por ter-lhe pedido que me recebesse aqui, senhor, mas estive fora por tanto tempo que não sei como estão as coisas no Almirantado — disse Stephen. — Fiquei sabendo que houveram mudanças e pensei que seria melhor evitar a possibilidade de qualquer mal-entendido ou atraso.

— Não tenho nada que desculpar-lhe. Nada me haveria produzido mais satisfação. Ordenei que acendessem o fogo quando recebi sua mensagem, porque sei que o senhor é friorento. Por favor, aproxime a poltrona um pouco mais. Asseguro que me parece uma prova de confiança, e, como o senhor disse, houve mudanças no Almirantado. O pobre Warren já não está conosco, mas isso o senhor já sabia antes que o *Leopard* zarpasse. Que golpe deu o senhor então, Maturin! Chegou a receber minhas felicitações, né?

— Na própria Java. O senhor foi muito amável, muito amável.

— Em isso é no primeiro que estou em desacordo com o senhor. Em minha opinião, foi uma magnífica operação... O almirante Sievewright e uns poucos mais se hão ido, e há meia dúzia de homens novos, alguns dos quais são jovens muito competentes para o cargo que ocupam. Além disso, temos um novo vice-secretário, o

senhor Wray, que antes trabalhava no ministério da Fazenda. Para ser mais preciso, é um vice-secretário suplente, ainda que estou quase certo de que logo receberá a nomeação para o cargo, a não ser que o pobre Barrow se recupere inesperadamente. É um homem que analisa detalhadamente as coisas e tem muita energia... Eu gostaria de ter pelo menos a metade... Trabalha mais duro do que todos nós e ainda encontra tempo para ter uma vida social muito ativa. Não vou a nenhum lugar onde não o encontre. Talvez o senhor conheça o senhor Wray, Edmundo Wray.

Stephen conhecera o senhor Wray em uma desafortunada ocasião, quando Jack Aubrey o acusara, se bem que veladamente, de fazer armadilhas no jogo de cartas. Wray não havia julgado conveniente exigir uma satisfação da maneira usual, talvez porque considerava que a acusação havia sido o suficientemente velada, e devido à comprida ausência de Jack, o caso fora esquecido. Mas Stephen pensou que esse não era o momento de dizer como e onde o havia conhecido, sobretudo porque percebera que sir Joseph não tinha o menor interesse nisso, já que seus brilhantes olhos estavam fixos no pacote envolto em tela.

— Estes documentos os consegui em Boston — disse Stephen, desenbrulhando-os por fim. — Na primeira folha encontrará um sucinto relato de como chegaram às minhas mãos e na seguinte um sumário de seu conteúdo. A maioria só tem importância para assuntos locais, e já foram examinados em Halifax pelo capitão Beck, mas acho que alguns têm importância para assuntos mais gerais.

Sir Joseph pôs os óculos e se sentou na mesa da biblioteca, perto da lâmpada.

— Meu Deus! — exclamou depois de alguns momentos. — Estes são documentos privados de Johnson!

— Exatamente — disse Stephen.

Então se levantou, ficou de costas para o fogo e puxou para a frente os espigões da jaqueta para que suas delgadas pernas recebessem melhor o calor. Observou sir Joseph, que, em meio do silencioso quarto, lia atentamente os papéis que estavam naquele círculo luminoso e estava impaciente para terminar de conhecer seu

conteúdo. O único que se ouvia era o rumor das folhas ao passar e, de vez em quando, em voz muito baixa, a exclamação: “Astuto raposa...!”. Depois de um tempo, Stephen se virou para as prateleiras. Ali havia obras de Malpighi, Swammerdam, Ray, Réaumur, Brisson, e os mais modernos escritores franceses, e tinha inclusive o último estudo do velho Cuvier, que não lera ainda. Então se sentou no braço da poltrona e leu os primeiros capítulos e depois se aproximou do gaveteiro de sir Joseph para buscar o inseto ao qual se referia o estudo. As gavetas estavam cheias de insetos mortos muito bem conservados e classificados, e na segunda havia um exemplar raríssimo, um verdadeiro ginandromorfo, com um lado feminino e o outro masculino, uma *colias* comum, sob cujo nome científico podia-se ler: *Presente de meu estimado amigo o Dr. P. H.* Essas eram as iniciais que ele usava nas comunicações que enviava ao departamento na época em que presenteara Blaine com a mariposa. Blaine sempre estava preparado para o imprevisto, e ninguém mais que ele podia decifrar as iniciais que havia debaixo de muitos dos espécimes de sua grande coleção, que precisamente eram os mais exóticos. Entre eles, Stephen reconheceu alguns exemplares de Java, Celebes, Índia, Ceilão e Arábia Feliz,<sup>{10}</sup> que, sem dúvida, eram presentes de membros dos Serviços Secretos que operavam naqueles lugares, membros que não conhecia e que tampouco o conheciam. Encontrou o estojo com o inseto que procurava, um horrível gorgulho, voltou a pegar o livro e o aproximou da luz junto com o estojo. Sir Joseph seguia lendo.

Stephen lia agora o argumento de Cuvier, que era persuasivo e estava escrito de forma elegante, mas que lhe parecia uma falácia. Retrocedeu duas páginas enquanto mantinha o dedo perto da cabeça do gorgulho, mas as referências à ilustração não estavam claras. Poderia haver detectado o erro se não houvesse passado todo o dia viajando e se parte de sua mente não se ocupasse de Diana. Sua mente era difícil de controlar, e se não lograva dominá-la, se formaria nela a idéia de que Diana havia morrido, ou de que o mito de Diana, criado por seu infinito amor, havia morrido, e isso lhe produziria um fundo pesar; contudo, esse pesar não seria muito fundo, já que pelos meios mais surpreendentes, o antigo mito tendia

cada vez mais a coincidir com a realidade. Pensou que talvez aquilo se parecia com matrimônio: ambos haviam passado muito tempo juntos e, ainda que continuassem sendo quase como estranhos um para o outro, estavam inextricavelmente ligados. Cravou o olhar nas chamas pensando em Diana Villiers, e Cuvier passou a ser uma recordação que cada vez se fazia mais borrada e chegou a ser infinitamente remota.

Sir Joseph deu um suspiro, fazendo Stephen voltar para o quarto, e depois de pôr de novo os documentos na pasta, afastou-se da mesa.

— Querido Maturin — disse, apertando-lhe a mão. — Não sei o que dizer. Usei todos os superlativos ao meu alcance quando lhe escrevi felicitando-lhe pelo golpe que deu no *Leopard* e agora a única coisa que posso fazer é repeti-los. O senhor realizou um trabalho magnífico, magnífico; contudo, sinto arrepios, sim, asseguro-lhe que sinto arrepios quando penso nos riscos que correu para trazer estes documentos.

Seguiu louvando-lhe com generosidade e sinceridade e acrescentou:

— Não tem nada contra uma janta, né, estimado amigo? Tenho uma garrafa de vinho que queria compartilhar com o senhor para celebrar seu regresso, uma garrafa *nata mecum consule Buteo*, a última que me resta. Espero que ainda se encontre em bom estado.

Ainda se encontrava em bom estado. Era um vinho do porto excelente, e enquanto o bebiam, depois de comer ovos mexidos com manteiga, costelas em molho picante e queijo Stilton, sir Joseph deu umas palmadinhas na pasta e disse:

— O senhor Johnson deve ser um homem muito interessante. Estes documentos mostram seu progresso desde que era um jovem aficionado com talento até que se converteu em um profissional; um progresso extraordinariamente rápido. Parece que ele e seus colegas puderam condensar em poucos anos a experiência de várias gerações. A rede que organizou no Canadá o faz merecedor de elogios, e ainda que, indubitavelmente, foi enganado pelos franceses, isso poderia ter acontecido a qualquer um. Que tipo de homem é?

— É um homem bastante jovem e tem uma grande agilidade mental e um forte instinto animal. Poderia dizer que é um homem atraente e tem maneiras elegantes e gosta de insinuar-se. Acho que sua ambição de poder é seu traço mais característico, ainda que não tenha a desagradável aparência de uma pessoa ambiciosa, dominante, autoritária. Procede de uma família de considerável fortuna e possui uma grande inteligência. Não pretendo afirmar que existe uma relação causa-efeito neste caso, mas é uma pessoa que não suporta que o contradigam nem que lhe interponham obstáculos, e como é tão astuto, persistente e determinado e pode usar sua grande fortuna quando tarda em receber os fundos dos Serviços Secretos ou estes são insuficientes, é um oponente perigoso. Estou convencido de que alugou dois barcos corsários para que atacassem o bergantim correio em que viajávamos e que lhes ofereceu uma grande recompensa para capturar-nos. Se encontravam na rota por onde ia a corveta que levava o relatório original e a deixaram passar, e para nós, em troca, perseguiram-nos com uma incrível tenacidade, cuja única explicação seria que esperavam obter uma enorme quantidade de dinheiro. Ainda que, na verdade, neste caso, Johnson tinha um poderoso motivo para agir assim.

— Sim — disse sir Joseph, ainda que não podia saber-se se havia consentido porque sabia qual era o motivo de Johnson ou por cortesia, e, depois de encher as taças, olhou a vela através da sua, riu e acrescentou: — Que golpe, Meu Deus! Que golpe...!

— A verdade é que *tive* boa sorte, não vou ocultá-lo — disse Stephen. — Apesar de que ter conseguido dar esse golpe graças às circunstâncias e não a meus próprios méritos, não lamento terminar minha carreira com um êxito fortuito.

— Terminar, Maturin? — perguntou sir Joseph assombrado. — Que quer dizer com isso?

Sir Joseph possuía todas as qualidades necessárias para ser um excelente chefe dos Serviços Secretos, mas não tinha senso de humor, e a ansiedade e o desalento comuns a sua profissão haviam acabado com o pouco que tinha por natureza. Não se deu conta de

que Stephen falava com leveza, de que havia caído na tentação de arredondar uma frase, e, muito sério, prosseguiu:

— Maturin, Maturin, como pode ser tão débil? Estou certo que nesses lugares remotos leu nossos boletins e comunicados preparados para os países neutros e, sobretudo, para o povo russo, e que chegou à conclusão de que a guerra está a ponto de acabar. Acho que pensa que o fato de Wellington ter o controle de boa parte da Espanha, implica que Napoleão está derrotado e que por controlarmos sua querida Catalunha, o senhor já não tenha trabalho. Mas lhe asseguro que o controle que exercemos sobre a Espanha, particularmente sobre a Espanha mediterrânea, é muito débil, pois só contamos com a ajuda de poucos batalhões de soldados de reserva e de portugueses, e se os franceses fazem um movimento desde o Rosellón e atacam as tropas de Wellington pelo flanco direito, cortariam extensas linhas de comunicação. Sim, inclusive nessa região a situação é muito perigosa, por não falar do norte. As tropas de Wellington recebem as provisões pelo mar, por isso o domínio do mar é um fator decisivo, e considerando somente nossa esquadra do Canal... Aqui está o último comunicado de lorde Keith:

O inimigo tem doze barcos de linha, além do *Jemmapes*, preparados para zarpar, e quinze fragatas... — quinze, Maturin... — e outras embarcações mais pequenas, enquanto que a esquadra que tenho sob meu comando atualmente é composta de catorze barcos de linha, oito fragatas, seis corvetas, dois bergantins, uma escuna e dois cúters alugados, e onze destas embarcações estão nos portos ou de regresso a eles para reabastecer.

Um terço delas não podem ser utilizadas no momento, enquanto que todas as dos franceses estão preparadas para o combate; e as outras esquadras estão na mesma situação. Como vê, se os franceses conseguissem sair, Wellington ficaria pendurado no ar e mudaria por completo a face da guerra, por isso ele se queixa constantemente de que não tem suficiente proteção naval nem provisões. Asseguro-lhe que a guerra se encontra em sua fase mais perigosa, Maturin. Estamos queimando nossos últimos cartuchos,

não nos restam reservas, e se Napoleão conseguir uma vitória em terra ou no mar, duvido que nos recuperemos. O senhor esteve fora por muito tempo e talvez não possa apreciar a imensa perda de recursos que este país sofreu. Subiram os impostos o mais alto possível e, contudo, não há dinheiro e apenas podemos apetrechar a Armada. O prestígio do Governo diminuiu muito. O desconto dos bônus do Tesouro é tão alto que o senhor poderia forrar o quarto com eles. O comércio está quase paralizado, o ouro não se encontra por nenhum lado, há papel moeda por todas as partes e na cidade há muito pouca atividade. Na cidade todos estão entristecidos, Maturin, entristecidos!

Para Stephen era indiferente o estado de ânimo da cidade, mas refletiu sobre as palavras de sir Joseph. Não possuía uma informação tão detalhada e atualizada como a de seu chefe, mas colaborara na redação de muitos documentos falsos para ter-se deixado enganar pelos que havia lido, e sabia muito bem que a situação era crítica, que a aliança contra Bonaparte era exageradamente frágil, que os dois lados estavam exaustos e uma única vitória francesa, bem aproveitada, poderia ter como consequência um final terrível para a guerra e o estabelecimento de uma tirania que duraria gerações e gerações. Sir Joseph estava dando um sermão, por assim dizer, para um homem que não necessitava de converção, e Stephen lamentava muito, sobretudo porque com os anos ele aumentara sua tendência de contar as coisas com muitos detalhes. Agora, por exemplo, dava muitos detalhes ao falar da Bolsa.

— Acredito que existem poucas coisas nas quais os homens pensam mais e cuidam com mais zelo que o dinheiro, e a Bolsa é um infalível indicador de seus pensamentos, dos pensamentos de um grande número de pessoas inteligentes e informadas que têm muito a perder e muito a ganhar. Inclusive a vitória conseguida pelos senhores, que há chegado como caída do céu, e a de Wellington em Vitória, praticamente o único que hão provocado na cidade é que se acendam fogueiras e luzes e se pronunciem discursos patrióticos. Esses cavalheiros sabem que sozinhos não podemos seguir adiante por muito tempo e que, na primeira ocasião que tenhamos má sorte, nossos aliados nos abandonarão, como nos abandonaram outras

vezes. E se eu tivesse a metade da segurança que o senhor tem de que Napoleão está a ponto de ser derrotado, iria para a cidade amanhã e faria uma fortuna.

— Como a conseguiria, senhor?

— Comprando bônus do Estado, ações da Companhia das Índias e de qualquer outro tipo de companhia cujo valor dependa do comércio internacional. Compraria essas ações pelo baixíssimo preço que têm agora e assim que Bonaparte fosse derrotado ou se firmasse a paz, eu as venderia e obteria enormes ganhos. Enormes ganhos, senhor! Qualquer pessoa que estivesse informada de antemão e dispusesse de uma considerável soma, ou pudesse obter uma considerável soma emprestada, poderia fazer uma fortuna. Seria como apostar em uma corrida de cavalos sabendo de antemão qual será o vencedor. É desta forma que se fazem as fortunas na Bolsa, ainda que, em verdade, raras vezes seja possível obter benefícios tão grandes.

— O senhor me assombra— disse Stephen. — Não sei nada destas coisas.

— É o que eu supunha — disse sir Joseph em tom afetuosamente, sorrindo-lhe. — Permita-me que lhe sirva um pouco de vinho. Apesar disso, eu não vou fazer uma fortuna, desgraçadamente, pela simples razão de que estou totalmente de acordo com os cavalheiros da cidade. Acredito que agem com acerto. Napoleão ainda é um poderoso chefe militar e, ainda que tenha se metido em uma confusão em Moscou, tem muitas probabilidades de se recuperar. Acaba de demonstrar em Lucerna o que é capaz de fazer, e Berlim corre um grave perigo neste momento. Temo que faça outra de suas inesperadas e excelentes jogadas e divida os aliados e chegue a destruí-los, como já fez tantas vezes. Ainda tem situados na Alemanha duzentos e cinqüenta mil homens, e novas divisões estão sendo treinadas na França. Por outro lado, sua frota está intacta e tem barcos na desembocadura do Escalda, Brest e Toulon... O senhor sabia, Maturin, que só em Toulon ele tem vinte e um barcos de linha e dez potentes fragatas? Todas as suas embarcações são excelentes, estão bem equipadas e bem tripuladas, e nós lhes fazemos bloqueio com esquadras compostas por barcos velhos que a

duras penas podem manter-se em seus postos durante todo o ano. Creia-me, Maturin, a Bolsa é como um barômetro, e posso assegurar-lhe que ainda nos falta muito para fazer antes que Boney<sup>{11}</sup> seja derrotado.

— Então brindemos por sua derrota — disse Stephen.

— Pela derrota de Boney — disse Blaine e saboreou seu vinho do porto e, alguns momentos depois, acrescentou: — Faz muito pouco que o Primeiro Lorde e eu lamentávamos amargamente sua ausência. Ainda que a zona mediterrânea seja realmente o seu terreno, se estivesse aqui, teríamos lhe pedido que aceitasse realizar uma missão no Báltico, uma missão muito adequada para o senhor. Ali há uma ilha fortificada e provida de um grande número de potentes canhões que se encontra sob o controle de uma brigada catalã a serviço dos franceses; uma brigada que pertencia a uma das grandes guarnições que a Espanha manteve ao longo da costa de Pomerânia até a rebelião. Fizeram com que acreditassem que sua presença na ilha é de vital importância para a independência de sua terra, uma condição necessária para conseguir a autonomia catalã. Não sei que invenções e que mentiras contaram para convencê-los de semelhante mentira, porém, apesar de que seja ilógico e apesar dos acontecimentos históricos, permanecem ali e serão um obstáculo para nós se nossas operações no norte seguirem seu curso provável, pois temos muitas esperanças de nos aliar com o rei de Saxônia... Napoleão não é o único que tem aliados pouco confiáveis. — Depois voltou a referir-se aos catalães dizendo: — Foram mantidos totalmente isolados, o que é fácil em uma ilha, afinal de contas, ah, ah, ah! Parece que a única coisa que sabem do que ocorre no mundo exterior é o que os franceses lhes dizem. E se um homem de sua inteligência, Maturin, por achar-se distante do palco da guerra, pôde formar uma idéia da situação que, permita-me dizer, é errônea, não me admira que eles acreditem que Napoleão está vencendo em todas as partes e que devolverá a independência de seu país. Tampouco me estranha que estejam decididos a fazer saltar pelos ares seus inimigos, nós, quando passemos entre Memel e Danzig com nossos barcos de guerra e transportes para desembarcar atrás das linhas inimigas, como pensamos em fazer.

— Formam um grupo político coerente, uma só organização? Pertencem a um dos principais movimentos de Catalunha? Quais são seus objetivos com relação a Madri?

— O senhor me pegou desprevenido — disse sir Joseph. — Poderia ter-lhe informado todos os detalhes há alguns dias, mas este novo triunfo — dava palmadinhas nos documentos de Johnson — fez esquecer-me dos detalhes. Minha memória já não é o que era.

Terei que consultar os relatórios que estão no escritório. Lembro perfeitamente que o Primeiro Lorde disse que, em situações como esta, cinco minutos de explicações, esclarecimentos e frases persuasivas, ou como o senhor queira chamá-las, poderia conseguir mais do que um ataque de uma poderosa esquadra contra semelhante fortificação e em águas tão perigosas, pois não teria garantia de êxito. Uma batalha nessas condições acarretaria a perda de muitas vidas, barcos e dinheiro, seria como a batalha de Copenhague, ainda que em menor escala e sem contar com o fator surpresa nem com a presença de Nelson. Com cinco minutos de simples explicações se conseguiria que abrissem os olhos e se evitaria uma batalha sangrenta, custosa e de resultado incerto. Evidentemente, muito poucos homens seriam capazes de conseguir isto, o emissário devia ser alguém em quem eles acreditassem e em quem confiassem, e imediatamente seu nome nos veio à mente. O senhor seria a pessoa perfeita. E, baseando-me em seus trabalhos anteriores, estou certo de que não só os convenceria como os induziria a voltar seus canhões contra os franceses.

— Num caso assim, as coisas dependeriam em grande parte dos líderes — disse Stephen.

No movimento autônomo catalão havia muitas tendências, muitas correntes e diferentes organizações, cujos chefes às vezes disputavam entre si. Stephen conhecia quase todos, e alguns inclusive desde a infância. Muitos eram amigos seus e haviam trabalhado com ele, e mesmo que achasse que alguns estavam equivocados, respeitava-os; contudo, havia vários em quem não confiava.

— Sim, sem dúvida — disse Blaine. — Queria... Bem, darei todos os detalhes amanhã tão logo leia os relatórios. Naturalmente,

terá todos os dados, mas espero e confio em que só terão valor histórico, e que a missão se resolverá com êxito dentro de uma semana aproximadamente, se já não tiver se resolvido, pois como não contávamos com o senhor e era fundamental agir com celeridade, confiamos ela a Ponsich.

— A Pompeu Ponsich?

Sir Joseph assentiu com a cabeça.

— Estudou a fundo o assunto, examinou toda a informação que tínhamos e, apesar de sua idade, decidiu ir. Disse que estava seguro de que teria êxito.

— Se Pompeu estava certo disso, estou tranqüilo — disse Stephen. — Não podiam haver escolhido melhor.

Pompeu Ponsich era um catalão erudito, poeta e filólogo e também um patriota. Era conhecido em toda Catalunha e respeitado por todos.

— É um alívio ouvir-lhe dizer isso — disse sir Joseph. — Às vezes duvidei que fosse acertado enviar um homem de letras e de certa idade, ainda que fosse um homem de grande valor. Porém, para a pessoa adequada, este assunto é simples, não requer grandes façanhas como as que o senhor realizou a bordo do *Leopard* e, mais recentemente, em Boston, senão palavras sinceras e argumentos convincentes ditos com certeza e, se for preciso, acompanhados de documentos fornecidos por nós. E Deus sabe que não são poucos os documentos que temos para demonstrar que Bonaparte não deseja nada de bom para Catalunha... Nem para nenhum país.

— Alegro-me que o caso esteja em tão boas mãos — disse Stephen. — Ainda que eu teria gostado de ir, estou satisfeito de que tenha encontrado alguém melhor. Além disso, fui convidado para dar uma conferência no Instituto da França no dia dezessete e, a menos que minha presença aqui seja necessária, eu gostaria de dá-la.

— Vai dar uma conferência no Instituto da França? Felicito-lhe sinceramente. E sobre que tema?

— Sobre as espécies extintas da avifauna de Rodríguez. Mas talvez me desvie um pouco do tema e fale dos ratites<sup>{12}</sup> de Nova Holanda.<sup>{13}</sup>

— Deve ir, Maturin. Não pensávamos em pedir que fosse para o Mediterrâneo antes da volta de Fanshaw. Deve ir, ainda que só seja porque ali encontrará muitos homens importantes. Dê recordações de minha parte a Cuvier e a Saint-Hilaire. Além disso, isto chega como caído do céu, pois terá a oportunidade de ter contato direto com...

O olhar penetrante de Stephen o fez dar-se conta de que o vinho do porto, o entusiasmo e o zelo profissional estiveram a ponto de fazê-lo dizer uma grave indiscrição, de cometer um terrível erro, e rapidamente tratou de encontrar a forma de sair da situação com dignidade e por fim, vacilante, terminou a frase:

—... Antigos conhecidos.

— Sim, com cientistas que conhecemos há muito tempo — disse Stephen, mantendo ainda aquela olhar. — Sobretudo queria voltar a ver Dupuytren, pois lhe aprecio ainda que aceite Bonaparte como paciente, e tenho desejo de ouvir Covisart falar do ânus artificial e do estetoscópio, esse aparelho tão interessante, e também de adquirir novos conhecimentos científicos.

Apesar de terem mútua estima e confiança, houve um silêncio embaraçoso durante alguns momentos, e por fim Blaine rompeu o silêncio falando num tom completamente diferente.

— Ainda que faça esta viagem por motivos que não levantam suspeitas, não acha que há perigo de que o reconheçam? O senhor lhes fez muito dano, e não seria sensato confiar muito num salvo-conduto. Não há muitos espíões como o senhor, que têm escrúpulos.

— Levei isso em conta isso, mas me parece que na atualidade o perigo é insignificante. Os únicos franceses que realmente conheciam meu nome e meu aspecto físico eram Dubreuil e Pontet-Canet, e, como o senhor sabe, os dois estão mortos. Seus subordinados, que poderiam ter alguns dados sobre minha identidade, ainda se encontram nos Estados Unidos, e mesmo no improvável caso de que lhes tenham ordenado voltar imediatamente, o bergantim em que regressamos fez uma viagem tão rápida que provavelmente eles não chegarão à França até várias semanas depois de que eu regresse para a Inglaterra.

— Isso é certo — disse Blaine.

— Além disso — disse Stephen, — considero que esta viagem é também uma espécie de seguro, porque se alguém suspeita de mim, suas suspeitas se desvanecerão quando eu demonstrar publicamente que sou um cientista (acho que posso gabar-me de que ninguém na Europa conhece melhor a anatomia do *Pezophaps solitarius*) e que não tenho má intenção, pois fui ao encontro do inimigo, e me meti voluntariamente na boca do leão.

— Isso também é certo — disse sir Joseph. — Não há dúvida de que seu estudo sobre o solitário dará muito o que falar e deixará claro que o senhor é uma autoridade nesse tema. Mas queria que regressasse assim que fosse possível, antes de que algum agente dos Serviços Secretos voltasse dos Estados Unidos. Suponho que quererá viajar sem demora. Faz falta agir com rapidez. Quer que eu lhe consiga uma licença oficial e um meio de transporte? No dia doze zarpa um barco com prisioneiros para trocar que poderia servir-lhe.

— Sim, por favor — respondeu Stephen. — E já que o senhor é tão amável, permita-me fazer-lhe outros dois pedidos.

— Escuto-lhe com agrado — disse sir Joseph. — Nos deixou fazer muito poucas coisas pelo senhor e, contudo, nós lhe devemos muito pelo que conseguiu no *Leopard* e em Boston.

Stephen fez uma inclinação de cabeça, hesitou por um momento e disse:

— A primeira concerne à senhora Villiers. Como o senhor saberá por meu relatório, graças a ela consegui estes documentos, mas ela ignora minha conexão com o departamento. Por razões óbvias, acompanhava-me no bergantim, mas devido a teoricamente ser uma inimiga, foi detida quando chegamos.

— Ah, sim? — disse sir Joseph.

— Da última vez que falamos dela, como recordará, o senhor suspeitava que tinha relação com a senhora Wogan — disse Stephen intencionalmente.

— Lembro — disse sir Joseph. — E também recordo da dama. Tive o prazer de conhecê-la na casa de lady Jersey, e voltei a vê-la no Pavilion. Mas se não me equivoco, o senhor teve a mesma suspeita que eu quando ela partiu de improviso para os Estados Unidos.

— Foi, mas estou muito contente de poder dizer que estava completamente equivocado. Manteve sua lealdade a este país apesar de sua relação passageira com o senhor Johnson e de ter assinado uma série de documentos. Dou fé disso e peço que seja liberada.

— Muito bem — disse sir Joseph, escrevendo em um pedaço de papel. — Ocuparei-me pessoalmente do caso. Não haverá nenhum problema. A dama pode ficar tranqüila.

Fez uma pausa, porém, ao perceber que Stephen não tinha intenção de acrescentar nada mais, continuou:

— O senhor falou de um segundo pedido, né?

— Sim. É algo estritamente pessoal, não tem nada a ver com o departamento. Um amigo meu, um oficial naval que se encontrava em terra ao término de uma missão e em espera da seguinte, por dizê-lo assim, entrou num terreno pantanoso. Depois ficou ausente durante muito tempo e, ao voltar, se enterrou quase até a cabeça, e ficará totalmente sepultado a menos que um perito legal lhe indique como sair dali. Peço que me diga o nome de algum advogado eminente que exerça sua profissão atualmente.

— Poderia dizer-me que tipo de problema tem seu amigo? Isso me permitirá saber que tipo de conselheiro legal devo recomendar-lhe. No caso de uma disputa por um butim, o mais adequado seria Harding, certamente, a menos que já houvesse aceitado a representação da parte contrária. No caso de uma causa criminal ou matrimonial, não há dúvida de que deveria consultar Hicks.

— Explicarei o melhor que possa qual é o problema. Meu amigo caiu nas mãos de um projetista, um homem menos ambicioso que os típicos fraudadores, porque lhe assegurou que poderia converter em prata e não em ouro o chumbo das minas abandonadas que há em suas terras. Meu amigo simpatizou com esse homem e seu projeto lhe encantou, e foi tão ingênuo que assinou uma série de documentos sem lê-los.

— Assinou documentos sem lê-los? — inquiriu sir Joseph.

— Isso mesmo. Haviam lhe dado o comando de um barco e parece que não queria desperdiçar a maré.

— Meu Deus! Mas isso não deveria surpreender-me, porque a estupidez dos marinheiros quando estão em terra risca no incrível, e

hei visto inumeráveis exemplos disso. O hei notado em marinheiros de todas as classes e inclusive em homens de grande valor que são capazes de estar ao comando de uma grande frota e de fazer negociações com grande habilidade. Precisamente na semana passada um destacado oficial que conheço recebeu seu meio pagamento anual e, com essa soma em forma de letras negociáveis metida nos bolsos, entrou num café. Ali manteve conversa com um estranho, e este lhe propôs um sistema infalível para multiplicar seu capital por 7,25 sem correr nenhum risco. Então o oficial lhe entregou as letras e, até algum tempo depois do estranho ter partido, não percebeu que não sabia onde ele vivia e nem sequer conhecia seu nome. Porém, voltando ao seu amigo, ele sabe que tipo de documentos assinou?

— Teme que um dos documentos seja uma procuração. Contudo, ele já havia dado uma para sua esposa. Ao regressar se encontrou com que o projetista, o taumaturgo, havia realizado enormes gastos e havia feito obras, fazendo inclusive o tradicional canal.

— Ah, sim, o canal, é claro! — exclamou sir Joseph com um olhar expressivo.

— Seria inútil fingir que não estou falando de Jack Aubrey — disse Stephen. — E suponho que viu a monstruosa vala que foi escavada em Hampshire.

— Sim, vi, sem dúvida — disse sir Joseph. — Com certeza causou muitos comentários.

— E isso não é tudo. Esse réptil, Kimber, porque Kimber é o nome do projetista, agora se esconde atrás de uma nuvem de sócios, isto é, de cúmplices para os quais transferiu seus ambíguos poderes. Alguns são advogados sem escrúpulos que ameaçaram processar meu amigo. Estou muito preocupado por Aubrey. Gosto muito dele, e também de sua esposa, e, como o senhor sabe, eu lhe sou muito agradecido.

— Se não me recordo mal, o senhor tem navegado quase sempre com ele.

— Desde que me fiz ao mar pela primeira vez. Mas há algo mais: ele me resgatou das garras dos franceses quando fui

aprisionado em Mahón. Levou a cabo uma brilhante operação correndo um grande risco.

— Não há dúvida de que se merece toda sua gratidão — disse sir Joseph. — Não conheço ao cavalheiro, ainda que o senhor o tenha mencionado amiúde, mas sei que tem boa reputação, que é um capitão hábil, determinado e combativo. Lorde Keith tem um grande conceito dele. Além disso, tem tanta sorte no mar que na Armada lhe chamam de Jack Aubrey *o Afortunado*. Deve de haver conseguido muitíssimo dinheiro na Ilha da França e Reunião. Como é possível que um homem cuja inteligência lhe permite levar a cabo com êxito uma longa e difícil operação esbanje o dinheiro que ganhou com tanto esforço, embarque sem pensar em projetos quiméricos, firme documentos sem lê-los e confie cegamente em seus concidadãos? Isso é algo que escapa de minha compreensão.

Sir Joseph moveu a cabeça de um lado para o outro tratando de entender como uma pessoa podia confiar em seus concidadãos sem ter provas de sua integridade, e ainda sem entender, continuou:

— Talvez seja mais afortunado no mar do que em terra. E, naturalmente, não é afortunado por ter o pai que tem. O senhor conhece o general Aubrey, Maturin?

— Sim, por desgraça — disse Stephen.

— Agora que abraçou a causa radical, está pior do que nunca. Ele e esses homens de má reputação que tem por amigos são um incômodo para todos no ministério, e depois de seu discurso em Spitalfields, todos duvidam que seja acertado dar o comando de um barco a seu filho. Por certo que a *Acasta*, que havia sido designada ao capitão Aubrey, foi posta sob o comando de outro oficial. E é que, como disse senhor Wray, há muitos oficiais de mérito desempregados cuja nomeação reforçaria a posição do Governo. E o mesmo ocorre com as honras que vão conferir-lhe. Iam propor que lhe concedesse o título de cavalheiro, ou inclusive o de barão, por ter afundado o *Waakzaamheid* quando estava ao comando do *Leopard*, mas temo que não lhe concederão nada. Se o senhor aprecia a Aubrey, por favor, diga-lhe que mantenha o seu pai calado o maior tempo possível, se puder. Mas isso não vem ao caso. Agora nosso objetivo é escolher um advogado que evite que o capitão

Aubrey sofra as consequências de sua insensatez. Deve ser um homem perspicaz, acostumado a tratar com pilantras e muito duro...

Sir Joseph foi trazendo para sua mente um atrás de outro os nomes dos melhores advogados da cidade e enquanto isso, com voz pastosa e grave, cantarolava: *Coll'astuzia, coll'arguzia, col giudizio, col criterio... con un equivoco, con un sinónimo, qualche garbuglio si troverà.*

— Sim — disse por fim. — Acho que encontrei o nosso Bartolo londrino, o advogado mais hábil de todos. Se chama Wilbraham Skinner e vive no Lincoln's Inn.

— Agradeço muito, sir Joseph — disse Stephen, levantando-se.

— Gostaria de jantar comigo amanhã? Convidarei a Craddock e a Erskine. Depois poderíamos ir ao Covent Garden para ver *Cherubino*. Atua uma jovem de excelente beleza e uma voz angelical.

Stephen disse que, infelizmente, devia declinar do convite, pois tinha que pegar a carruagem de Holyhead porque ia à Irlanda para ocupar-se de alguns negócios. E sir Joseph, ao comprovar a firmeza de sua decisão, disse:

— Mandarei buscar esses documentos antes que parta. Onde se hospeda?

— No Grapes, no distrito de Savoy.

— Em sua antiga guarida — disse sir Joseph, sorrindo. — Antes das onze receberá a licença para viajar para Calais e o certificado de aduana firmado pelo Comissionado de transportes. Quer que lhe acompanhem um par de serventes?

— Sim, por favor — disse Stephen, encaminhando-se para a porta. Ao chegar a ela se deteve e acrescentou: — talvez leve a senhora Villiers a Paris. É conveniente que o faça por determinadas razões. Acha que haverá algum impedimento para que viaje?

— Absolutamente nenhum — disse sir Joseph. — Absolutamente nenhum por nossa parte e provavelmente nenhum pela outra, pois uma dama com nacionalidade norte-americana sempre será bem recebida em Paris. Deixarei um espaço em branco no certificado de aduana para que inclua os serventes e a sua possível acompanhante e para que escreva o que queira.

— Muiíssimo obrigado, meu estimado Blaine.

— Não há de que, não há de que. Desejo-lhe uma boa viagem, querido Maturin, e lhe rogo encarecidamente que cumprimente por mim os Cuvier.

## CAPÍTULO 5

---

— Oh, Maturin, como estou contente de que tenha voltado! — exclamou Diana, atravessando o salão da casa da senhora Fortescue e pegando-lhe as mãos. — Teve uma boa viagem? Venha para o jardim e conte-me como foi... A senhora Fortescue descerá de um momento para outro com sua odiosa prole. Não, como está muito cansado. É melhor que nos sentemos.

Então, indicando um sofá, perguntou:

— Bem, querido, como foi a viagem?

— Como costumam ser as viagens deste tipo — respondeu Stephen. — Às vezes com muita pressa, às vezes com muito atraso, e no final se descobre que todas as coisas poderiam ter sido resolvidas da mesma forma ou até melhor pelo correio. Deixei minha escova de dentes em Tuam ou Athenry e um estupendo par de sapatilhas de riscas em Dublin, e na viagem de regresso, um barco corsário norte-americano nos perseguiu até Holyhead, e todos trememos dos pés à cabeça.

Acostumara-se com a Diana atual e só lamentava que não fosse como antes quando estava sozinhos. Estavam compenetrados e ele se encontrava a gosto sentado ali do seu lado. Diana lhe demonstrara afeto que eram como boas-vindas ao lar e ele teve de novo a sensação de que aquela situação se parecia com o matrimônio. Tinha bom aspecto e parecia estar bem fisicamente. Sua pele, como costumava ocorrer durante a gravidez, estava brilhante, e era evidente que não tinha prisão de ventre, um sofrimento freqüente nesse estado. Mas uma pessoa observadora podia perceber também que atrás da satisfação e da alegria de Diana havia algo que a incomodava, e muito. Não era possível

determinar o motivo de seu desgosto, mas os sinais de que algo lhe incomodava e, sobretudo, de que era recente, eram inequívocos.

Se notou claramente qual era o motivo alguns momentos depois, quando a senhora Fortescue apareceu com as crianças. Eram cinco, e para Stephen não lhe pareceram mais odiosas que outras criaturas senão crianças comuns, crianças gorduchas e ignorantes com resfriado e com o hábito de olhar fixamente para os outros e de meter os dedos na boca, mas não de todo más. Por outro lado, sua mãe era uma dessas esposas de oficiais navais que amiúde o fizeram refletir sobre a profissão de marinheiro. Era uma mulher corpulenta e de pele rugosa, uma mulher sem atrativos e de aparência varonil, e ainda que se enfeitasse com muitas de fitas, grampos e broches, suas maneiras eram rudes e faziam seus adornos parecerem incongruentes. Além disso, empregava muitas expressões marinheiras, inclusive mais que a maioria dos marinheiros. Depois de um tempo Stephen notou que sua atitude para com Diana era hostil, ainda que ocultasse, e que lhe temia. A senhora Fortescue não lhe convidou para tomar parte na conversa, pois, como dava muita importância à hierarquia naval e a sua condição de esposa de um capitão de navio com antiguidade, quando soube que ele era um cirurgião, pensara que tinha muito pouco ou talvez nada para dizer-lhe. Por outro lado, ele quase nunca cuidava sua aparência e agora que chegara de uma longa viagem estava pior vestido do que nunca e, além disso, sujo, despenteado e sem se barbear.

Passou a pensar em Paris e no *Pezophaps solitarius* e prestou atenção à silenciosa batalha que dois pequenos Fortescue mantinham num canto junto a um jarro colocado num pedestal. Lutavam por um objeto que não podia distinguir, possivelmente um lenço, e suas irmãs lhes animavam. Ao mesmo tempo, a senhora Fortescue e Diana discutiam civilizadamente sobre algo que não havia podido ouvir. Pensou então que incluiria alguns comentários sobre os ratites de Nova Holanda... Viu que a disputa chegara ao seu fim, que Diana parecia haver ganhado e que a senhora Fortescue não desejava seguir enfrentando-se diretamente com ela e planejara molestá-la atacando a ele.

— E diga-me, senhor, é certo que na Armada prussiana os cirurgiões têm que barbear os oficiais? — perguntou, olhando-lhe compassivamente.

— Absolutamente certo, senhora — respondeu Stephen. — E na nossa as coisas são ainda piores. Meu Deus, quantas vezes tive que limpar-lhe os sapatos do capitão Aubrey!

A senhora Fortescue avermelhou de raiva, mas antes de que pudesse responder, o capitão Fortescue entrou no salão, e Stephen observou como ela o olhou com carinho e depois olhou para Diana com uma mistura de angústia e desprezo. Apenas alguns segundos depois voltou a sentir raiva (e seu avermelhamento se prolongou) porque o vaso caiu e quebrou. É que um dos meninos havia ficado petrificado ao ver seu pai entrar e havia soltado o objeto, e o outro se caíra para um lado. O salão se encheu de ruído, acusações, negações e descaradas delações, e quando tiraram dali os meninos gritando para dar-lhes alguns açoites, Stephen e Diana foram para o jardim.

— Como você está, querida? — inquiriu ele enquanto passeavam entre os lírios do capitão, que eram seu orgulho e sua alegria.

— Muito bem, Stephen, obrigada — respondeu ela. — Eu lhe obedeci em tudo. Fui muito boa. Só tomei um copo de vinho na hora de comer, apesar de que aqui sempre há muita gente e isso anima a beber, e não voltei a provar o tabaco, nem sequer o rapé. Stephen, por favor, poderia acender um charuto e me deixar fumar um pouco agora que não nos vêem da casa?

— Poderia — respondeu Stephen, e depois de fazer mais algumas perguntas sobre seu estado físico, perguntou: — Hás visto a Jack?

— Oh, sim! Vinha com Sophie todos os dias, exceto quando estava na cidade, até que teve que ir embora para Dorset porque seu pai adoeceu. Desde então Sophie tem vindo sempre que pode... É uma criatura encantadora, sabe, Stephen? E como as duas tínhamos longe nossos pares, nos sentávamos a falar como duas cotorras. A propósito, por que teve que viajar? Você não me disse.

Era estranho que Stephen pudesse responder uma pergunta como essa com absoluta sinceridade, mas agora podia fazê-lo e sentiu uma grande satisfação ao responder.

— Fui determinar formalmente os limites de uma propriedade na região de Joyce. A propriedade era de meu primo Kevin e foi confiscada na rebelião de 1798, mas devido a ele ter morrido lutando contra Bonaparte nas filas do exército austríaco, será restituída. Darei a boa notícia ao seu pai quando o vir na França. Também tenho uma boa notícia para você, Villiers.

Procurou em seus bolsos e por fim acrescentou:

— Aqui está a ordem de liberdade. É condicional, pois só pode viver em Londres e nos condados adjacentes, mas não acho que gostaria de viver em outros lugares. Não se alegra, Villiers?

— Oh, sim, alegra-me muito, Stephen! Agradeço que tenhas se preocupado tanto. Agradeço-lhe infinitamente, querido. A idéia de sair desta repugnante casa cheia de crianças repelentes... Por Deus, Stephen, acenda um charuto.

Aspirou lentamente a fumaça e, ao expeli-la, ficou pálida e se recostou em seu ombro.

— Já não estou acostumada com isto — disse, virando para ele seu rosto macilento, e depois acrescentou: — Não posso viver na Inglaterra, Stephen. Já é duro ter que suportar as fofocas sobre o que ocorreu na Índia, assim como será a situação quando começarem a chegar os comentários de Halifax? Conheço muitas pessoas. Conheço a vintenas aqui e a centenas na cidade. Já é bastante difícil poder manter a cabeça erguida em Hampshire, portanto imagine como será em Londres dentro de poucas semanas. Dirão: “olha a Diana Villiers, com a tripa grande e sem marido”. Você sabe como o mundo é pequeno... Tenho ótimos, amigos e conhecidos em cada canto e não poderia ir ao teatro nem à ópera nem a nenhuma loja decente sem encontrar alguém conhecido. Por outro lado, acredita que poderia ficar encerrada em uma fazenda isolada para não encontrar-me com nenhum ser civilizado, nem sequer com o pastor, por medo de que me reconhecessem? Ou talvez em uma ruela do condado de Surrey? A melancolia terminaria deixando-me louca.

— Realmente, uma pessoa tão sociável como você precisa de companhia.

Isso era verdade. Diana languideceria se carecesse de companhia.

— Apesar disso — continuou, — deve levar em conta que uma cerimônia estritamente nominal acabaria com esses inconvenientes. Como a senhora Maturin poderia viver em uma zona decente da cidade e receber a visita de seus amigos.

— Stephen, prefiro ir para o inferno antes de casar-me com um homem quando espero um filho de outro — disse em tom mais enérgico. — Não me ajudou a desfazer-me da criatura quando lhe pedi, e eu prometi não fazer nada por minha conta. Eu respeitei seus desejos, respeite você os meus, querido Stephen. Por favor, querido Stephen, leve-me para Paris.

— Não acha que poderia dar no mesmo viver na França? Poderia viver tranquilamente num país inimigo?

— Oh, nunca ninguém considerou Paris um território inimigo! Estamos em guerra com Napoleão, não com Paris. Fixa-te quanta gente foi ali tão logo começou o período de paz. Eu mesma estive ali com meu pobre primo Lowndes, aquele que se acreditava ser uma chaleira, lembra?, porque pensávamos que um hipnotizador poderia fazer algo por ele, e Paris estava então cheia de ingleses. Isso foi justamente antes de que nos conhecêssemos. Além disso, tenho muitos conhecidos na cidade, sobretudo *émigrés* que regressaram, e também tenho dúzias de amigos que conheci antes da guerra, quando vivia ali com meu pai. Não teria inconveniente em viver em Paris porque é um lugar no qual ninguém sabe exatamente o que se passou e nem se importam. Sou viúva, e em Paris não teria importância o fato de que tivesse uma aventura. Ali o ambiente é muito diferente. Além disso, a guerra terminará dentro de pouco e a França voltará a ser como antes porque o Rei regressará... D'Avaray me o apresentou em Hartwell, sabia? Peço que me leve contigo, Stephen.

— Muito bem — disse Stephen. — Virei pegá-la às dez e meia de amanhã. Aí vem o capitão Fortescue. Como está, senhor?

— Sinto muito que tenha havido essa tremendo confusão faz um momento, mas me parece que isto é inseparável da vida familiar — disse o capitão Fortescue. — E posto que é nosso dever multiplicar-nos, acho que temos que suportá-lo. Vejo que estão contemplando meus lírios. Não são esplêndidos? Esta espécie deve lhe interessar, doutor. É muito rara. Foi trazida de Cantão por um sobrinho meu que é tripulante da frota da Companhia das Índias.

Então, semicerrando os olhos, inclinou-se para o lírio, no qual havia vários insetos vermelhos copulando para multiplicar-se, e disse:

— Oh, Meu Deus, já estão aqui outra vez! Malditos vermes franceses! Também me parece que isto é inseparável da jardinagem. Desculpem-me, tenho que ir pegar o pulverizador.

Paris conservava todo o seu encanto e seu esplendor. Sob o luminoso céu se erguiam árvores cheias de folhas, o Sena estava azul e as ruas tinham um grande colorido. Boa parte desse colorido se devia à presença de inumeráveis uniformes, os uniformes do inimigo. Mas havia uma grande diferença entre o que realmente usavam as tropas napoleônicas e seus aliados nos úmidos e lodosos campos de batalha e esses vistosos uniformes que deleitavam a vista dos parisienses e que pareciam ter tão pouca relação com a guerra que não provocavam uma atitude hostil. Na verdade, a cidade parecia um imenso palco muito bem iluminado cheio de excelentes atores com uniformes de gala, alguns deles montados em magníficos cavalos. Diana contribuía para o grande colorido com seu vestido azul como a flor da vincapervinca — que havia comprado na loja de madame Delaunay, — seu chamativo chapéu — que havia comprado à pouca distância da Place Vendôme — e um xale de casimira preto, e sua roupa recebia muitos olhares de admiração de cavalheiros que usavam capacetes de latão adornados com crinas de cavalo ou gorros de pele de urso ou curiosos chapéus de copa quadrada ou redonda com fitas de cor escarlata, carmesim ou vermelho cereja, peitorais de prata, sabres e esporas brilhantes, mochilas e casacas curtas com fitas douradas num ombro. Aquelas esplêndidas figuras de botas reluzentes e bigode estirado para os lados lhe sorriam ou

cravavam seus olhos nela retorcendo o bigode quando Stephen e ela passavam ao seu lado em seu percurso pela cidade para mostrar-se mutuamente os lugares onde haviam se hospedado, haviam vivido e haviam jogado.

— Aqui aprendi a jogar *amarelinha* com as meninas de Penfao — disse Diana ao chegar a Île des Cygnes. — Costumávamos traçar as linhas desde a balaustrada até este arbusto. Meu Deus, quanto há crescido! Quase oculta por completo a última praça, a que chamávamos de céu. Stephen, como se chama o jogo da *amarelinha* em inglês?

— Não sei — respondeu depois de pensaro por um momento.

Para não levantar suspeitas, falavam em francês desde que haviam descido do barco que ia de um lado para outro do Canal, com discrição, a intervalos freqüentes e que deliberadamente era ignorado pelas autoridades e pelas Armadas de ambas partes, um barco que não estava destinado oficialmente a transportar prisioneiros para ser trocados (Bonaparte não trocava prisioneiros) e tampouco era neutro, mas que amiúde levava informes sobre os prisioneiros de guerra e transportava negociadores semi-oficiais e destacados homens de letras e naturalistas. E quando o barco navegava em direção a Dover, levava bonecas com formosos vestidos sem os quais as mulheres inglesas não saberiam o que estava na moda. Falavam em francês desde que haviam desembarcado, e às vezes lhes escapavam algumas palavras inglesas, mas eram palavras muito pouco usadas.

Cruzaram a ponte e contemplaram um edifício alto e estreito da rua Gît-le-Coeur em cujo sótão Stephen havia vivido quando era estudante.

— Dupuytren vivia justamente debaixo — disse. — Costumávamos compartilhar os cadáveres... E agora, minha querida, se não está muito cansada, gostaria levá-la ao *faubourg* Saint — Germain. Ali vive um amigo meu, Adhémard da Mothe, em um palacete vazio, e acredito que você gostaria de viver com ele. Ele ficará encantado e lhe convidará para ficar em um dos pisos superiores. Além disso, suas tias poderão recomendar criadas de confiança.

— A madame da Mothe é amável?

— Não existe nenhuma madame da Mothe, e isso é o importante, Villiers. Adhémar não pode casar. Tentou há muito tempo, mas se saiu mal. A pobre senhora obteve a anulação do matrimônio em Roma, porém, por desgraça, teve trabalho para consegui-la inutilmente, pois foi levada à guilhotina cinco minutos depois de lhe entregarem. Sempre pinta as virgens mártires com uma palma na mão, sabia? Ele é um homem muito educado e vive para a música e a pintura. Gosta das mulheres, das mulheres bonitas que sabem se vestir com elegância, mas só como amigas. Acho que simpatizará com ele.

— Se você o acha simpático, eu também acharei — disse Diana com pouca convicção.

— Ele a manterá muito entretida, pois conhece pessoas de todo o tipo e de todos os gostos em Paris. Ainda é muito rico, e mesmo que não tenha nenhum cargo oficial e nem se ocupe de assuntos políticos, forma uma espécie de sociedade secreta muito parecida à franco-maçonaria junto com uma série de homens de gostos afins, uma sociedade cujos membros se conhecem e às vezes podem encontrar ajuda onde outros a buscaram em vão. Devido a isso pôde salvar a vida em 1794, quando a maior parte de sua família foi levada ao cadafalso. Por certo que essa é uma das razões pelas quais sua casa está vazia. No improvável caso de que tenha dificuldade ou alguém lhe moleste, sua proteção será inestimável. Digo isto, Villiers, porque sei que posso contar com sua discrição. Não seria conveniente que ele note que você sabe. Ele é muito perspicaz e pensa que ninguém pode descobri-lo. Além disso, tem muito medo do escândalo, e para enganar o mundo confessa amar apaixonadamente a madame Duroc, a casta esposa do banqueiro. O que foi, Villiers? Por que parou?

— Queria mostrar a casa onde vivi quando era menina.

— Mas é o hotel d'Arpajon! — exclamou Stephen, olhando atentamente o edifício que delimitava um grande pátio por três lados. — Sabia que falava muito bem o francês, mas ignorava que o havia aprendido quando vivia no hotel d'Arpajon... No hotel d'Arpajon!

— Talvez nunca tive a ocasião... Talvez nunca tenha me perguntado... Você não faz muitas perguntas, Stephen.

— Nunca acreditei que perguntar e responder fossem uma boa forma de conversar — disse ele.

— Então contarei tudo sem que me pergunte. Vivemos aqui durante vários anos. Meu pai saído da Inglaterra por causa de suas dívidas, sabe? Para mim pareceu uma eternidade, ainda que, só foram três anos. Tinha oito anos quando vim e onze quando fomos. Ele gostava muito de Paris, e eu também. Essa era minha janela, a terceira a partir da esquina — a assinalou. — Ocupávamos toda a ala esquerda. Mas Stephen, o que tem de raro que tenha aprendido francês quando vivia no hotel d'Arpajon?

— É que meu primo Fitzgerald, o coronel Fitzgerald, o pai de Kevin, também vivia aqui. É o cavalheiro que vamos ver amanhã. Porém, pensando bem, não é tão raro. Seu pai era um militar e meu primo também, e os militares tendem a juntar-se e é normal que alguns ocupem as casas que outros deixam.

— Talvez o tenha visto alguma vez, pois o meu pai era visitado por muitos oficiais ingleses. Em geral, usavam uniforme, e cheguei a conhecer a todos.

— É provável que o tenha visto. É um homem alto, com um só braço e com mais cicatrizes no rosto que Jack Aubrey. Tem o rosto tão longo que poderia confundir-se com um cavalo se não fosse pela falta de um braço. Mas não usava uniforme inglês porque pertencia à Brigada Irlandesa, que estava ao serviço do rei da França. Pertencia ao regimento de Dillon.

— Lembro de ter visto a alguns e recorro de seu uniforme, mas todos tinham os dois braços. O que lhe ocorreu?

— Estava muito velho e enfermo para ir a Coblenza com os outros quando a brigada foi dissolvida, pois, como recordará, os irlandeses não lutaram contra o Rei. Então se retirou para a Normandia, e desde então vive ali dedicado à criação de cavalos. Acredito que se simpatizará com ele.

Nesse momento vários carroças e carros com peças de artilharia desceram pela rua Grenelle.

— Espero que esses não sejam seus cavalos — sussurrou ao ouvido de Diana entre o ruído ensurdecedor das rodas e continuaram andando. — Odeia tanto ao sangrento tirano como eu. Estou certo de que simpatizará com ele. Como vê, dividi os dias de sua permanência aqui sem lhe dizer nada. Na cidade ficarás no hotel *da Mothe*, e além de ver seus antigos amigos, sempre terá algo para fazer, e, por outro lado, Adhémar dá um concerto a cada semana. Quando se cansar da cidade, poderá ir à casa de campo do coronel, que está rodeada de vários acres de bosque com ninfas e pastores. E para o parto pedi a colaboração de Baudelocque, que, indubitavelmente, é o melhor *accoucheur* da Europa. Somos velhos amigos, e lhe fará uma visita assim que tenha se instalado. Não poderia estar em melhores mãos. Sei muito pouco de obstetrícia e amiúde me preocupo sem nenhum motivo.

Aquele não era um tema agradável, e o brilho dos olhos de Diana, que aparecera por causa da alegria de recuperar a liberdade, a emoção de voltar a Paris e a satisfação de usar vestidos novos, apagou-se.

— É uma curiosa coincidência que ambos tenhamos vivido no hotel d'Arpajon, né? — disse ela.

— Sim, muito curiosa — disse Stephen. — Na verdade, poderia dizer que a vida está cheia de curiosas coincidências, como, por exemplo, que justo no momento em que vamos cruzar a rua passe esse carro acompanhado de outros seis (algo que era muito pouco provável mas que ocorreu) e que esse rosto lampinho seja o de monsieur de Talleyrand-Périgord.

Stephen tirou o chapéu e o homem respondeu ao seu cumprimento com uma inclinação de cabeça.

— E poderia dar-se a rara coincidência de que ao entrar no pátio da casa de Mothe, que está justamente aqui, na nossa direita, um comerciante entre em seu escritório em Estocolmo ou Jack Aubrey monte em seu cavalo para seguir a pista da raposa. Bem, pensando bem, é improvável que Jack possa seguir a pista da inocente raposa nesta época do ano, mas a idéia é o que conta. Poderia objetar que a maioria das coincidências passam despercebidas, o que é absolutamente certo, mas elas existem. Por

exemplo, agora que levanto este batente, um homem exala o último suspiro na China.

Jack não estava seguindo a pista da raposa, mas estava montado numa égua, a robusta égua cinza de seu pai, na qual iria a Blandford para pegar a carruagem que o levaria até sua casa. O geral Aubrey apareceu flanqueado por dois homens barrigudos e com o rosto avermelhado, enquanto outros os olhavam distraídos da sala de bilhar.

— Ainda não se foi, Jack? — perguntou. — Deve se apressar. Adeus. E procure não rachar a boca da égua.

O general disse isso porque nunca tivera uma boa opinião da habilidade de seu filho como jóquei.

— Jones, Brown, vamos, temos que voltar ao trabalho! — disse em tom urgente, e um momento depois, sem voltar-se de todo, acrescentou: — Dê um abraço de meu... Dê um abraço de meu em sua mulher e em seus filhos.

A senhora Aubrey, a madrastra de Jack, não apareceu ali. O general a havia tirado de uma vacaria ao casar-se com ela, e a vivaz jovem jurara que depois de converter-se em uma dama não se levantaria nunca antes do meio-dia, e pelo menos esse juramento havia cumprido religiosamente.

Jack cavalgou sem olhar para trás. Sentia uma profunda tristeza, mas a causa não era a doença de seu pai, pois o cavaleiro se recuperara tão rapidamente como adoecera e ainda conservava todo seu vigor; a causa era o estranho olhar de seu pai, um olhar que refletia uma mistura de astúcia e malícia, e seus companheiros. Tinham relação com a Cidade ou eram políticos ou ambas as coisas, e apesar de não saber exatamente do que tramavam, era óbvio que o assunto estava relacionado com o dinheiro, pois falavam de bônus do Estado, interesses e ações da Companhia das Índias, e ainda que ele não houvesse tido contato com investidores recentemente, desconfiara deles. A vila Woolcombe nunca destacara-se muito por sua elegância, e ainda menos depois da morte da primeira senhora Aubrey, a mãe de Jack. Os amigos do general eram libertinos, bebedores e jogadores — as mais precavidas senhoras do povoado

não mandavam suas filhas para servir na casa, — mas Jack nunca vira ali a ninguém como Jones nem como Brown. Não somente lhe pareciam odiosas suas idéias políticas, como também eles mesmos por serem presunçosos, escandalosos e incômodos. Desconheciam o país e se comportavam com excessiva familiaridade, como ele nunca vira ninguém comportar-se em sua casa. Alguns dos políticos pareciam amar a humanidade, mas não apreciavam nem tratavam bem seus cavalos, eram cruéis com seus cachorros e grosseiros com seus serventes, e havia algo em sua voz e em sua roupa que o desagradava, ainda que não podia definir. Não duvidava que o general se beneficiara de sua associação com eles, pois fazia anos que não lhe pedia dinheiro emprestado e, além disso, havia iniciado uma ampla reforma na casa. Talvez fosse isso o que molestava mais a Jack. A casa onde nascera, que fora construída duzentos anos atrás, era tosca e às vezes chamativa porque tinha a fachada de tijolo vermelho e adornada com um grande número de empenas e coroas de louro e tinha altas chaminés em espiral, mas nenhum Aubrey desde o tempo de James tentara dar-lhe um estilo palaciano nem sequer mudar seu estilo arquitetônico por outro, e a casa se conservara perfeitamente. Mas agora chamava de novo a atenção, pois lhe haviam acrescentado falsos torreões e incongruentes janelas de guilhotina, o que fazia pensar que o general se contagiara da vulgaridade de seus novos amigos. Dentro era ainda pior, já que o velho e escuro revestimento de madeira, que, indubitavelmente, não era conveniente, mas que sempre estivera ali, fora substituído por papel pintado e espelhos dourados. Inclusive o seu quarto desaparecera e só se salvara a biblioteca — que não era utilizada — com suas solenes filas de livros sem abrir e seu elegante teto de gesso talhado. Jack havia passado várias horas ali folheando, entre outros livros, a primeira edição de uma obra de Shakespeare, um livro em folha que um Jack Aubrey anterior a ele pedira emprestado em 1623 e que nunca fora lido nem devolvido. Mas provavelmente a biblioteca também estava condenada, pois parecia que a intenção era fazer uma casa falsa, antiga por fora e ultramoderna por dentro. Ao chegar ao alto da colina, de onde sempre se virava para olhar

pela última vez sua casa (Woolcombe estava situada em um úmido vale), dirigiu o olhar para o outro lado, para Woolhampton.

Mas ali também encontrou tristeza. Desceu até o povoado e passou em frente à escola aonde estudara quando era criança, a escola na qual aprendera a amar, além de poucas coisas mais, pois naquele tempo a mestra proprietária da escola tinha como ajudante uma sobrinha, uma jovem muito bonita mas com tantas sardas como um tordo, e Jack menino se apaixonara perdidamente por ela e a seguia como um cachorro e lhe levava fruta roubada. Ela ficara ali como sucessora de sua tia e nesse momento estava na porta rodeada de seus alunos. Agora era uma sorridente e ingênua solteirona, mas ainda estava cheia de sardas, e tinha o cabelo mal pintado e um vestido curto. Murchara com os anos, mas continuava jovial. Perguntou a Jack pelo general e lhe recriminou por não ir tomar o chá com ela e que isso lhe parecia monstruoso, mas que perdoaria dessa vez, e acrescentou que perdoaria qualquer coisa dos simpáticos marinheiros.

Jack sentiu uma profunda tristeza. Dobrou para a direita e conduziu o cavalo por um caminho pouco freqüentado que passava ao lado do celeiro de Bulwer e depois atravessou campos e caminhos até chegar a Blandford, um lugar no coração da campina rodeado de campos com cultivos idênticos e de plantações de feno cortados nas quais só se viam lebres e perdizes, uma terra que ele conhecera criança. Não tinha tendência à introspecção e, além disso, seu modo de vida não deixava muito tempo para o exame de consciência, mas nesta ocasião, uma infinidade de tristes pensamentos, relacionados com as mudanças, a decadência e a deterioração do homem e com a velhice, a decrepitude e a morte, perseguiram-no até que subiu à carruagem e persistiram durante boa parte do caminho. “Devo estar envelhecendo”, pensou enquanto estirava as pernas e as colocava obliquamente na carruagem. “Deve ser isso, porque me senti muito jovem quando estive com aquela mulher em Halifax e essa é a excessão que confirma a regra”. Não havia pensado nela há muito tempo e demorou alguns momentos para recordar seu nome, mas recordou imediatamente a paixão de ambos em seus encontros, que se repetiram cinco vezes. E ainda

que ao analisar racionalmente sua conduta, ele a desaprovasse e pensasse que fizera uma loucura e, provavelmente, um ato imoral com uma mulher solteira, adormeceu com um gesto comprazido e um alegre sorriso que lhe pareceriam desprezíveis em outro homem.

O alegre sorriso e inclusive a impressão de sua remota presença haviam desaparecido quando chegou a Ashgrove Cottage. Muitas cartas lhe esperavam, e, como era seu dever, abriu as do Almirantado primeiro.

— Acho que têm boas intenções e são muito corteses, mas isto não é muito — disse a Sophie, que estava do outro lado da mesa. — Tendo em conta minha ferida, que para mim não parece tão importante, propõem o comando do *Orion* temporariamente e perguntam se quero.

— Que tipo de barco é?

— Um velho barco recrutador de Plymouth de setenta e quatro canhões. Faria um percurso fixo, sem dúvida, e poderia dormir em terra e desfrutar de licenças. E, naturalmente, teria um pagamento completo.

— Nada podia ser melhor — murmurou Sophie.

Mas seu esposo, seguindo o curso de seus pensamentos, acrescentou:

— Não gosto de recusar nenhum trabalho em tempo de guerra. Nunca o fiz e, certamente, não deveria fazê-lo agora se consistisse em participar ativamente nela... Apressaria-me a subir a bordo de uma fragata na base naval da América do Norte, por exemplo. Mas acho que desta vez o recusarei, ainda que agradecerei encarecidamente a Suas Senhorias sua amabilidade e lhes assegurarei que poderão contar comigo assim que disponham de um barco de guerra, que com toda probabilidade será um barco de linha, sabe? O *Orion* não me convém porque iria e voltaria constantemente de Plymouth para Londres para falar com Skinner desse assunto legal. Não. É melhor me livrar desse problema o quanto antes e depois trate de conseguir um posto decente. Acredito que não podem me negar...

Fez uma pausa, ficou pensando alguns momentos e acrescentou:

— Não gosto de queixar-me, Sophie, mas me parece que poderiam haver sido um pouco mais generosos porque, afinal de contas, não são todos os dias que um homem ao comando de um desconjuntado barco de quarta classe afunda um navio como o *Waakzaamheid*. Poderá dizer que só se deveu a um disparo certo e que o enfurecido mar fez o resto, mas mesmo assim...

— Não vou dizer nada disso — protestou Sophie. — Deveriam ter-lhe dado o título de barão ou inclusive o de par e haver-lhe concedido imediatamente a medalha de mérito naval, como a sir Michael Seymour. Provavelmente vão dá-la, mas são muito lentos com estas coisas.

— Quanto a isso, querida, já sabe o que penso dos títulos, que não são mais que um cargo na maioria dos casos, sobretudo os hereditários. Um homem tem que ser duas vezes melhor que qualquer outro, e a menos que um seja um Nelson ou um Hood ou um Saint-Vincent ou inclusive um Keith, não pode ser duas vezes melhor que os outros durante as vinte e quatro horas do dia, só pode sê-lo quando tem sorte, quando tem tudo a seu favor. Contudo, pensava que me dariam um posto na Infantaria da marinha porque havia uma vaga.

— Na Infantaria da marinha, capitão Aubrey?

— Sim, e se o houvessem feito, seria o coronel Aubrey. Nunca lhe falei da Infantaria da marinha, querida? A entrada nela é a recompensa que dão a alguém por fazer as coisas muito bem quando não podem promovê-lo, já que entre os capitães de navio não pode haver promoção sem que lhe chegue a vez... Nem sequer o Rei pode nomear um almirante passando por em cima dos outros capitães da lista, e se o fizesse, metade dos oficiais de maior antiguidade se demitiriam... E como não podem dar-lhe uma promoção e não se pode comer o título de barão ou a medalha ao mérito naval, nomeiam-lhe coronel da Brigada real de Infantaria da marinha e ele recebe um pagamento de coronel sem haver feito nada para consegui-la.

— Porém, isso não é corrupção, Jack? Você era contra a corrupção quando era jovem, quero dizer, quando era mais jovem.

— E também sou contra agora: a corrupção dos outros me parece condenável. Mas não imagina o baixo que posso chegar a cair por mil libras ao ano, e o pagamento de coronel é maior que isso... Deixe-me ver... São oitenta libras, cinco xelins e quatro peniques multiplicados por treze, porque se regem por meses lunares, sabe? No total são mil e quarenta e três libras, três xelins e quatro peniques, que é melhor que um deslumbrante título. Não, querida, isso não é corrupção, isso é algo subentendido, um reconhecimento ao mérito conhecido por todos os marinheiros. Mas acho que não tenho méritos suficientes nem antiguidade suficiente para receber essa nomeação, ainda estou mais ou menos no meio da lista de capitães. A autêntica corrupção — acrescentou em tom grave enquanto pegava as outras cartas — está nos estaleiros, entre os contratistas sem escrúpulos e os armadores privados. Essa é a maldita praga da Armada... Esta carta é do amigo de Stephen, o senhor Skinner.

Passou a lê-la, fazendo um gesto de aprovação com a cabeça ao terminar cada parágrafo, e ao final, comentou:

— Estou muito contente com ele. É um excelente negociador, tem a mente clara e é trabalhador como uma abelha. Levou a guerra ao terreno desses malditos porcos, e é disso que eu gosto. Diz que um mandato judicial de *duces tecum* os obrigaria a mostrar-lhe o documento que firmei e que isso poria fim à incerteza. Também diz que processou um deles e assim conseguiu eliminar-lhe. *Duces tecum...* Isso mesmo!

— O que isso significa? — perguntou Sophie.

— Nunca me dei muito bem com o latim, pelo menos não tão bem como Philip Broke — respondeu Jack. — Mas lembro que *dux* significa “líder” e que o plural é *duces*, portanto, *duces tecum* se interpretaria como *os almirantes que lhe apoiam*. E não poderia pedir nada melhor que isso. O senhor Skinner é extraordinário.

Entregou as folhas para Sophie e concentrou sua atenção nas cartas restantes.

— Esta é de Grant — disse, franzindo o cenho.

— Eu o odeio — disse Sophie.

Era estranho, quase inconcebível, ouvi-la dizer isso, mas o senhor Grant, um tenente velho e amargo, abandonara Jack no *Leopard* quando o desafortunado barco parecia estar a ponto de afundar, depois de chocar-se contra um iceberg em um lugar de alta latitude sul. Havia chegado ao Cabo em uma lancha e depois à Inglaterra num barco de guerra e escrevera para Sophie para dizer o mesmo que dissera a seus superiores, que não havia esperanças que o capitão Aubrey sobrevivesse, que o fato de se obstinar a permanecer a bordo de um barco que afundava teria consequências fatais para ele.

— Este homem ficou louco — disse Jack. — Diz que fiz correr o rumor de que se comportou mal, e isso é totalmente falso, Sophie. Asseguro-lhe que disse ao almirante Drury que Grant se foi com minha permissão e que eu estava satisfeito de sua conduta até então. Tive o incômodo de dizer. Este homem nunca gostou mim, apesar de ser um bom marinheiro, mas tive o incômodo de fazer essa observação porque pensei que ele merecia. Agora está desempregado, o que não me surpreende, porque o caso causou muitos comentários na Armada, e diz que eu sou o culpado. Pede que eu me retrate imediatamente para que se faça justiça e também que diga que o ordenei ir embora, o que não é verdade, já que apenas lhe dei permissão. E me ameaça que se não fizer, contará a verdade sobre o caso ao público e ao Almirantado, porque considera seu dever, e também falará de outras coisas, por exemplo, de minha incapacidade para o combate e de falsifiquei a lista. Pobre homem! Acho que está um pouco trastornado. Não vou responder porque não se pode responder com correção uma carta como esta. Não acredito que a escreveria se estivesse em seu juízo perfeito. Ou talvez estivesse bêbado nesse momento.

Então largou a carta de um lado.

— Esta é de Tom Pullings — disse. — Conheço sua letra. Sim, é sua. Ele, Mowett, Babbington e o jovem Henry James estiveram jantando juntos em Plymouth. Alegram-se de que tenha regressado e expressam seus mais sinceros desejos de que eu esteja. Pedem para que cumprimente você e Stephen e dizem que brindaram por nós dando três hurras por três vezes. Desejam que tenhamos mais...

Dizem com boa intenção, estou certo, mas com o trigo a cento vinte e seis xelins o quarto de libra, três são suficientes — dizia enquanto virava a página. — Não, equivoquei-me. Desejam que tenhamos mais saúde, dinheiro e felicidade. Isso é melhor. São excelentes pessoas.

Esses jovens serviram sob as ordens de Jack como guardas-marinhas e oficiais e o seguiram de um barco para outro sempre que foi possível. Jack estava pensando neles e sorria quando passou para a carta seguinte. Não reconhecia a letra nem o selo, e mesmo depois de abri-la tardou vários segundos em dar-se conta de que realmente estava dirigida para ele, de que não era uma brincadeira nem um erro. A senhorita Smith aproveitava a oportunidade de que um transporte zarpava para Inglaterra para escrever para seu herói e dizia que um oficial ferido do 43º regimento de Infantaria mandaria a carta pelo correio quando desembarcasse... Acreditava que seu herói se alegraria em saber que seu amor ia dar fruto... Se fosse uma menina, a chamaria de Joanna... Estava segura de que seria uma menina... Correria para seus braços tão logo pudesse encontrar um lugar em um barco correio, ou se ele o preferisse, iria em um barco de guerra... Bastaria uma simples nota dirigida a algum de seus amigos da base naval da América do Norte... Esperava que a senhora Aubrey fosse mais compreensiva que lady Nelson... Ele devia dizer-lhe imediatamente se preferia o barco correio ou o barco de guerra... Achava de que ele tinha muita vontade de apertá-la contra seu peito e de que não o fazia porque o dever lhe impedia, mas o entendia perfeitamente e não lhe faria censuras porque a Armada estava primeiro lugar, mesmo até que o amor... Queria que seu herói depositasse umas quinhentas libras no banco de Drummond porque não podia ir embora até que não pagasse suas dívidas em Halifax, que haviam alcançado uma assombrosa quantia, talvez porque nunca dera importância para as contas... Não queria pedir dinheiro para seu irmão, mas não tinha receio em pedir para seu herói, e o fazia sem falsa vergonha e como prova de que era integralmente sua... Se os papéis se invertessem, ela ficaria encantada que ele lhe desse uma prova de confiança como essa...

Ele deveria escrever-lhe imediatamente... Ela se sentaria no cais a cada manhã e olharia o horizonte como Ariadna.

A débil luz do entardecer iluminava Stephen Maturin, que estava se barbeando e inclinava o rosto para que os raios do Sol chegassem perpendicularmente para ela. Estava mais pálido que o habitual e tinha uma expressão grave, pois dentro de uma hora ia dar uma conferência no Instituto da França, onde estariam alguns dos cientistas mais destacados da Europa. Seu paletó negro e seus calções de cetim recém arrumados e escovados estavam junto de sua imaculada camisa nova, sua gravata e suas meias de seda, e debaixo de tudo isso estavam seus reluzentes sapatos com fivelas de prata. Essa noite tinha que vestir-se com etiqueta, e ainda que havia ido à Royal Society<sup>{14}</sup> em calças, não era apropriado que um convidado estrangeiro fosse vestido dessa maneira ao Instituto da França numa ocasião assim.

— Entre! — disse em resposta a quem batia na porta.

— O senhor Fauvet pergunta se o doutor Maturin pode recebê-lo — disse o servente.

— O doutor Maturin lamenta infinitamente não poder receber-lhe neste momento, mas espera ter o prazer de ver-lhe na recepção — disse Stephen sem parar de barbear-se.

Fauvet não era um dos mais destacados intelectuais de Paris, mas era um dos mais elegantes, insistentes e indiscretos. Se havia aproveitado de que Dupuytren o apresentara a Stephen e essa era a quarta vez que o visitava para pedir que levasse uma carta para a Inglaterra, uma carta dirigida ao conde de Blacas. E posto que Blacas era o principal conselheiro do rei francês deposto, não precisava ser muito esperto para imaginar que Fauvet expressaria na carta sua lealdade para Luis XVIII, seu total apoio aos Borbones e sua recusa à atual tirania. Na verdade, praticamente chegara a dizê-lo em sua segunda visita. Mas Fauvet não era o único. Durante as últimas semanas aproximaram-se de Stephen outros intelectuais que também desejavam assegurar sua posição no caso de Napoleão ser derrubado e o Rei voltar. A maioria deles foram mais cautelosos e menos diretos que Fauvet, e alguns enviaram suas esposas porque

estavam melhor dotadas para tratar desse tipo de assunto, mas ele não cedera nem aos pedidos das mulheres nem aos dos homens, nem os indiretos nem os diretos. Havia muita probabilidade de que algum deles fosse um agente que tratasse de provocar-lhe, e, por outro lado, esse não era um dos assuntos dos quais ia ocupar-se em Paris, já que no cais de Dover abandonara, no estrito sentido da palavra, todo o relacionado com a espionagem. Escutara-os cortesmente, dissera-lhes que lamentava não saber nada de política e que não conhecia a nenhum dos emigrantes franceses na Inglaterra e havia concretizado que, como convidado, era obrigado a comportar-se corretamente. E, em verdade, sua atitude foi a adequada, pois ainda que por vezes pensara em como estaria Ponsich no Báltico e lera o *Moniteur* com grande interesse em busca de notícias que se referiam àquela zona, controlara todos seus atos e se comportara simplesmente como um naturalista que estava ali de visita. Junto com Dupuytren realizara dissecações em três casos de calcificação da aponeuroses palmar, havia sido informado detalhadamente por Covisart de seu novo método de auscultação e assistira a três magníficos concertos no hotel *de Mothe*; fez tudo o que tinha pensado em fazer. Mas de vez em quando sentia curiosidade para saber que parte da população aquelas pessoas representavam. Talvez não representassem uma grande parte, mas entre elas havia algumas de excepcional inteligência e bem informadas. Apesar daqueles esperançosos sinais de que havia medo precisamente ali, havia chegado à conclusão de que Blaine tinha razão ao dizer que o império ainda não estava desmoronando — ainda que recebera alguns golpes muito duros, — que uma esmagadora vitória de Bonaparte ou as divergências entre os aliados poderiam fazer-lhe recuperar toda sua força, que seria necessário lutar duramente para derrubá-lo e que, devido ao tirano ter uma grande habilidade para dividir seus inimigos e a estar recrutando novas tropas com grande rapidez, qualquer atraso, por menor que fosse, poderia ser nefasto. E que era natural que aqueles que de repente haviam se dado conta de que queriam os Borbones, depois de ter suportado tão drásticos trocas de regime, tratassem de agarrar-se a uma corda de salvamento ao menor indício de que

poderia haver mais outro. “Eu me informarei de mais coisas esta tarde”, pensou enquanto amarrava cuidadosamente a gravata. Haviam corrido rumores de que em Moravia tinha lugar uma importante batalha que já durava três dias, e sabia que à conferência iria um variado grupo de pessoas, já que era um acontecimento tanto social como científico, ou talvez mais social, que congregava tanto a políticos, artistas e esnobes como a intelectuais; um tipo de acontecimento especialmente indicado para tomar o pulso da capital.

Pôs a jaqueta, apalpou o bolso para assegurar-se de que tinha as notas guardadas nele, meteu seus óculos verdes em seu estojo e, esforçando-se para reprimir sua emoção, dirigiu-se para a porta. “Devo começar com determinação e falar com convicção e em voz tão alta que possam me ouvir nos últimos lugares”, pensou. Disse ao porteiro que chamasse uma carruagem.

— Chame uma carruagem, meu amigo — repetiu ao notar seu olhar inquisitivo. — E, por favor, diga-lhe que quero que me leve ao hotel *de Mothe*.

— Imediatamente, senhor — respondeu o porteiro, recuperando sua habitual serenidade.

Enquanto o carro chegava, Stephen observou o relógio da alta torre, que tinha um pêndulo ornamentado e um engenhoso sistema formado por barras cuja expansão compensava as variações de temperatura, o que garantia uma grande aproximação ao tempo real. Dispunha de muito tempo, mas como sabia que Diana nunca estava pronta na hora marcada, pensava chegar cedo para apressá-la mandando-lhe repetidas mensagens.

E chegou cedo, porém, para seu assombro, a encontrou pronta no salão. Era digna de se ver, pois usava um vestido de cor azul cinzento que lhe assentava muito bem, conforme a nova moda francesa, e os reluzentes diamantes, alguns dos quais colocados no cabelo, o que a fazia parecer mais alta e delgada do que nunca.

— Dou-lhe minha palavra de honra de que tem um aspecto magnífico, Villiers.

— Você também, meu querido— disse Diana, rindo com uma alegria tão grande que era estranho encontrá-la nela, com uma

alegria que fez aparecer em seu rosto uma expressão mais doce que a habitual. — Você também... sua jaqueta é muito bonita e seus calções impecáveis, mas... — aproximou-lhe de um espelho — olhe-se aqui.

Stephen se olhou no espelho e viu refletida uma horrível imagem, viu sua pequena e redonda cabeça com seus escassos cabelos de ponta, que pareciam as cerdas de uma escova gasta.

— Jesus, Maria e José! — exclamou em voz muito baixa. — Esqueci minha peruca, que vou fazer?

— Não se preocupe, não se preocupe — disse ela. — Estará aqui dentro de um momento. Sente-se. Ainda falta muito tempo.

Então fez soar a campainha.

— Corra ao hotel Beauvillier tão rápido como possa e traga a peruca do senhor, que esqueceu ali — ordenou ao servente e se voltou para Stephen e disse: — Não se preocupe, meu amor. Chegará meia hora antes que comece. Sente e elogie meu vestido.

Ela o beijou com o carinho de uma irmã, e ele, sentado ali no divã egípcio, em meio à sua agitação, pensou: "Minha irmã... Minha esposa... Oh, meu Deus!".

— Tinha muito medo de que não ficasse pronto — continuou ela caminhando de um lado a outro para mostrar o vestido de todos os ângulos, — mas chegou há apenas uma hora. Adhémar de Mothe gostou muito. Tem muito bom gosto para roupa feminina. Disse que encurtasse o colar para que o diamante grande caísse justo aqui.

Ao dizer isto assinalou o centro de seu peito quase nu, de onde o diamante lançava lampejos formando uma fonte de luz que contrastava com a escuridão do salão.

— Pus os outros no cabelo, porque podem se soltar, sabe? E ele me deu sua aprovação. Confio muito em de Mothe. Nunca conheci ninguém que tenha melhor gosto. Além disso, ficou encantado com o vestido.

— Eu também gostei, Villiers. Está com um aspecto soberbo. Parece etérea... É como uma voluta de fumaça azul.

— Pensei que devia pôr toda a carne no forno, *lhe porc inentamé*, porque hoje era seu grande dia. Além disso, é provável

que esta seja a última vez que possa parecer etérea ou quase etérea em muito tempo.

Uma vez mais aquele desagradável pensamento voltou à sua mente, e em seu rosto apareceu uma expressão sombria. Mas depois de contemplar a grande pedra preciosa por alguns momentos, voltou a ficar radiante de alegria e a ter um ar tão satisfeito que era comovente vê-la.

— Você tem muito carinho por esses diamantes, Villiers — disse em tom afetuosamente.

— Sim, tenho muito carinho por eles, sobretudo o maior — disse e desprendeu a pesada pedra preciosa e a pôs na mão de Stephen, e a pedra, ao menor movimento, lançava inumeráveis lampejos que pareciam sair de um prisma. — Não me importa de onde vêm — disse, alçando o queixo. — Gosto muito, e não me separaria deles por nada do mundo. Queria que me enterrassem com eles. Você se lembrará disso Stephen? Se as coisas não correrem bem neste outono, devem enterrar-me com eles. Posso confiar em você?

— Claro que sim.

— Eu gostava de minhas pérolas... — continuou ela depois de uma pausa. — Recorda-se das pérolas que o nababo me presenteou? Mas sentia algo muito diferente por elas. Eu as vendi para pagar ao modista quase sem remorso. De Mothe me levou para a casa Charon e me pagaram um valor justo... Irá com os Clermont e depois todos viremos aqui para jantar. Ah! Além disso avaliaram aqueles rubis desmontados que eu lhe mostrara, os que nunca gostei, os que pareciam grandes gotas de sangue, e me deixavam realmente assombrada...

Stephen deixou de prestar atenção e cravou os olhos no relógio, e muito antes que o servente chegasse, ouviu seus passos apressados. Imediatamente pôs a peruca e os óculos, metendo os ganchos por debaixo dos cachos dos lados.

— Devemos ir — disse.

— Ainda falta muito tempo — acrescentou Diana. — Este relógio está meia hora adiantado. Não serviria de nada chegar cedo. Sente-se outra vez, Stephen. Oh, meu Deus, como seu rosto fica

mudado com esses óculos azuis! Nunca teria lhe reconhecido com eles.

— São verdes.

— Bem, quer sejam azuis ou verdes, tire-os, por favor. Deixam-me nervosa porque eu acho estranho.

— Não — disse Stephen. — Depois de prendê-los sob a peruca, não posso tirá-los sem alterar sua simetria.

— Por que os usa? Fazem com que pareça muito mais velho, querido, e lhe dão um aspecto vulgar. Pode ver perfeitamente sem eles.

— Nem sempre vejo bem quando tenho que ler notas sob a forte luz de uma lâmpada. Mas a principal razão para usá-los é que estou nervoso e eles me dão segurança.

— Está nervoso, Stephen? — perguntou ela. — Nunca achei que isso fosse possível. Ainda que, pensando bem, esteve todo o tempo sentado na borda da cadeira e olhando o relógio como um homem que vão enforcar. Por favor, não seja ridículo... Você é um homem destacado e todos dizem que tem uma prodigiosa inteligência, e eu sempre soube disso. Venha, tome um copo de conhaque para tranquilizar-se. Bebamos os dois um copo de conhaque.

— Você é muito boa, Diana, mas a verdade é que não estou acostumado a dirigir-me a um público numeroso... E que público! Estarão ali os Cuvier, Argenson, Saint-Hilaire... Ou pelo menos é isso que espero.

— Estou certa de que estarão ali. Sei que o cardeal também irá, Mothe me disse.

— Oh! — exclamou Stephen.

— Pensei que gostaria, querido. É católico, e um cardeal está muito próximo ao Papa.

— Há cardeais e cardeais, e inclusive alguns papas não foram exatamente como era desejável. Não obstante, obrigado por me dizer, Villiers, porque devo começar dirigindo-me a Sua Eminência. Está relacionado com os desprezíveis Bonaparte, ainda que pelo que sei esteja mal com o chefe desses malfeitores, porém, de qualquer maneira, é um príncipe da Igreja. Vamos, Villiers, temos que ir.

A grande sala estava cheia, inclusive mais cheia do que esperava. Estava cheia de pessoas e de animada conversa sobre a batalha de Moravia ou, conforme alguns, de Boêmia. Diziam que atacaram o exército russo pelo flanco direito e que haviam aniquilado as tropas desse flanco... Os prussianos foram derrotados em Polobsk... As tropas de Vandamme sofreram um duro golpe...; pelo contrário, faltava ainda um dia para Vandamme chegar e os prussianos mantinham o controle de seu território... O Imperador não havia estado presente... O Imperador havia dirigido todas as operações. O ruído cessou quando o secretário vitalício conduziu Stephen à tribuna. Stephen colocou suas notas do lado da jarra de água, aspirou profundamente, olhou para o silencioso e expectante público e começou a falar.

— Sua Eminência... — disse em tom seguro e com uma voz tão potente que seu próprio eco lhe produziu uma forte impressão, uma impressão quase de consequências fatais.

Sem embargo, deu a maior parte da conferência em tom muito baixo. Os que estavam muito interessados no Pezophaps *solitarius* puseram as mãos ao redor das orelhas e inclinaram a cabeça para a frente, e as restantes pessoas, aproximadamente quinhentas, pouco a pouco reiniciaram a conversa, que a princípio era somente um burburinho e depois chegou a ser perfeitamente audível. Seus amigos estavam muito envergonhados, pois havia começado mal e havia continuado pior. Era evidente que Stephen não via nem ouvia o público. Desde o desafortunado princípio, seguiu estritamente suas notas com a cabeça baixa e os olhos fixos nas folhas de 1/4 de papel. De vez em quando fazia um gesto mecânico com a mão direita e Diana temia que fizesse cair a jarra ao solo; e em uma ocasião passou duas páginas juntas, de maneira que pareceu que as observações sobre o dodo se referiam ao uombat da Nova Holanda.

Apenas havia começado a falar dos ratites quando um oficial entrou de na ponta dos pés e sussurrou algo ao ministro do Interior, e este se foi imediatamente, também na ponta dos pés e fazendo reverências, e todos notaram que sorria maliciosamente. A conversa subiu de tom e Stephen continuou lendo uma depois de outra as páginas de uma bem razoada exposição. Havia acabado de falar da

anastomose da carótida no *Didus ineptas* e agora começava a falar do acasalamento do solitário.

— Com objeto de fazer uma comparação, consideremos o órgão introdutor do corvo — disse, tirando os óculos e olhando para o público pela primeira vez.

Seu olhar se cruzou com a de madame d'Uzès, que estava sentada na primeira fila, e ela se inclinou para frente e perguntou em voz baixa:

— Que é um órgão introdutor?

A pessoa que estava sentada ao seu lado lhe respondeu, e ela, rindo alegremente, disse:

— Ah, como o de um semental! Não tinha idéia de... tanto melhor...

Então Stephen, pregando seus olhos nela, repetiu:

— Consideremos o órgão introdutor do corvo.

Ela baixou a vista e juntou as mãos no colo, e ele, voltando para suas notas, fez uma descrição detalhada do órgão com voz mais forte e em tom mais grave que antes enquanto movia ritmicamente no ar um exemplar dissecado. Os ajudantes do ministro, que estavam sentados na fila detrás da sua, inclinaram-se sobre o lugar vazio e se puseram a conversar em voz baixa.

— Se esse homem tem algo a ver com a espionagem, eu sou o Papa — disse um.

— Não, além do mais era um vago rumor — disse outro.

— O Exército vê espiões por todas as partes. Tratei de comprová-lo, é claro, mas nem Fauvet nem madame Dangeau puderam fazer-lhe mover-se de sua posição sequer uma polegada. Ele lhes disse que era um simples naturalista, que não sabia nada de política e tampouco se importava e que devia respeitar as regras. Madame Dangeau pensa que é um pederasta, e acho que tem razão. É amigo de Adhémar de Mothe.

— Que relação tem com a mulher que está sentada junto a de Mothe, a que usa esses esplêndidos diamantes? Cruzaram juntos, porém, indubtavelmente, não pode haver nenhuma relação entre semelhante indivíduo e essa maravilhosa criatura.

— É seu médico, e sua criada conta que, quando ele a examina, é muito respeitoso e não parece sentir nenhuma emoção. Não sentir emoção ante uma mulher assim!

— Pobre imbecil... Finalmente está chegando ao final.

— Que conferência horrível!

Havia sido horrível, porém, no que se referia aos convidados estrangeiros, amiúde o nível da exposição era inversamente proporcional aos conhecimentos científicos do orador, e era normal que quem não estava acostumado com as conferências de nível universitário falassem em voz baixa. O secretário vitalício havia assistido a conferências piores, e também os cientistas que haviam ido ali para escutar ao doutor Maturin e não os fofoqueiros da cidade. Stephen não havia deixado cair ao solo suas notas nem seus desenhos nem seus espécimes; não parou no meio da conferência, angustiado, como o distinto Schmidt de Gottingen; tampouco desmaiara, como Izibicki. Por outro lado, os que estavam sentados nas filas dianteiras aprenderam muito das espécies de aves extintas das Ilhas Mascarenhas, e suas sinceras felicitações, um café forte e saber que o mau momento já passara conseguiram reanimá-lo. Diana, de Mothe e seus amigos lhe disseram que falara muito bem e asseguraram que haviam ouvido absolutamente tudo. Além disso, mencionaram o *Pezophaps solitarius* uma ou duas vezes e o dodo muitas mais.

— Não foi brilhante, nem muito menos — disse ele, sorrindo timidamente. — Não sou nenhum Demóstenes... Mas acho que fiz o pouco que podia e que agora todos conhecemos melhor o sistema digestivo e reprodutor do solitário.

Os esnobes se foram e os intelectuais ficaram. Muitos deles se aproximaram de Stephen para o conhecer ou saudar, e ele, por sua vez, transmitiu a alguns as saldações de seus amigos comuns da Inglaterra e lhes prometeu transmitir os seus, no seu regresso, pois não tinha inconveniente em se fazer de mensageiro. Georges Cuvier lhe entregou uma cópia de sua obra *Ossements fossiles* para o distinto sir Blaine e Latreille lhe deu, para o mesmo cavalheiro, um presente mais apropriado, uma abelha fossilizada em um pedaço de âmbar. Larrey, o cirurgião do Imperador, foi muito amável com ele;

Gay-Lussac pediu que ele levasse algumas piritas muito curiosas para sir Humphry Davy; outro químico lhe deu um frasco com uma substância cuja exata composição desconhecia... Muito rapidamente os bolsos de seu elegante paletó se encheram de presentes para os membros da Royal Society.

Também havia alguns intelectuais estrangeiros presentes, e Stephen se alegrou ao ver a Beckendorff, a Pobst e a Cerutti. A maioria desses intelectuais eram eminentes naturalistas, porém, além disso, havia entre eles matemáticos, historiadores e filólogos. Stephen distinguiu claramente a Schlendrian, o erudito alemão que era uma autoridade em línguas modernas derivadas do latim, por sua longa barba negra. Schlendrian estava afastado do grupo com um copo da típica limonada do Instituto na mão e uma expressão pouco habitual, uma expressão triste.

Seus olhares se encontraram e ambos se cumprimentaram com a cabeça. Stephen se fastou de um grupo que mantinha uma insípida conversa sobre o cloro e ambos se cumprimentaram cordialmente. Schlendrian se alegrou, felicitou-lhe efusivamente e fez muitas perguntas, mas depois voltou a entristecer-se. Então fez uma pausa e dirigiu para Stephen um olhar inquisitivo e depois perguntou:

— Não ouviu a notícia?

— Da batalha que tem lugar neste momento?

— Não, do que aconteceu a Ponsich.

— O que aconteceu a Ponsich?

— Não desejaria dizer-lhe hoje, no dia de seu triunfo.

— Não me atormente, Schlendrian. O senhor já sabe o quanto gosto dele.

— Eu também gostava — disse Schlendrian com lágrimas nos olhos. — Ele morreu.

Stephen o levou até um lugar afastado junto à porta.

— Como o sabe? Quando ocorreu? — perguntou em voz baixa.

— Grauf me escreveu de Leyden. Parece que Ponsich se encontrava perto da Suécia ou em algum outro lugar do Báltico quando ocorreu uma desgraça com o barco em que navegava. Muitos cadáveres foram arrastados até as costas de Pomerânia e um

antigo aluno seu reconheceu o dele. Oh, Maturin, que perda para as letras catalãs!

— Escute, querida — disse Stephen para Diana, tirando-a da sala de concertos do hotel *de Mothe*. — Tenho que ir. Vou dormir e amanhã tenho que viajar até Calais. Apresente minhas desculpas para Adhémar.

— Já vai, Stephen? — perguntou e de imediato perdeu a alegria. — Já vai regressar? Pensei que ficaria pelo menos até o fim do mês.

— Já fiz o que tinha que fazer e devo ir. Mas antes tenho que dizer-lhe algumas coisas.

Ela o olhou com preocupação, e seu gesto grave contrastava com a alegria da sala que acabavam de abandonar.

— Escute — disse ele. — Poderei saber de você por meus amigos e virei de vez em quando para este tipo de atos. Com relação à atenção médica, está nas melhores mãos. Deve escutar a Baudelocque com muita atenção e seguir suas instruções ao pé da letra, pois uma gravidez pode ser um assunto delicado. E se tiver algum problema, ainda que seja improvável já que seus documentos estão em ordem e legalmente pertence a um país amigo, repito, se tiver algum problema, tanto em Paris como na Normandia, aqui tem o endereço de um amigo meu de toda confiança. Aprenda-o de memória, Villiers, entendeu? Aprenda-o de memória e queime o papel. E agora escute: se alguma vez lhe perguntarem algo sobre mim, tem que dizer que somos simplesmente velhos amigos, que lhe aconselho como médico e que não existe nada entre nós, absolutamente nada.

Então notou que no rosto de Diana se refletia a raiva porque se sentia ferida em seu amor próprio e, pegando-lhe a mão, disse:

— Tem que mentir, querida. Tem que dizer uma mentira.

A expressão dos olhos de Diana voltou a ser doce.

— Eu direi, Stephen, mas será difícil ser convincente — disse, tentando sorrir.

Diana estava ereta e tinha o queixo erguido, e Stephen, ao contemplá-la, emocionou-se como há tempos não ocorria.

— Deus lhe abençoe, minha querida. Tenho que ir.

— Deus abençoe a você também, Stephen — disse ela. — Dê saldações de minha parte para Jack e Sophie e, por favor, cuide-se muito.

## *CAPÍTULO 6*

---

Jack Aubrey recolhia pessoalmente o correio de Ashgrove Cottage já fazia algum tempo, que para ele parecia muito longo. Temia ser descoberto e sempre estava intranquilo porque de Halifax não só chegavam cartas nos barcos que levavam o correio com regularidade, com assombrosa regularidade, senão que um surpreendente número delas eram trazidas por amáveis oficiais de barcos de guerra, transportes e mercantes, e todas falavam de um iminente retorno.

Nunca havia sido um modelo de continência, mas todas suas relações amorosas ocasionais haviam sido apaixonadas e felizes, carentes de promessas e protestos, quase exclusivamente carnis e sem importância, e, além disso, as havia mantido com mulheres que pensavam como ele, que não pretendiam seduzir nem se deixavam arrastar pelo romantismo. Havia sido relações sem complicações e passageiras, quase tão efêmeras como os sonhos e com resultados tão pouco perceptíveis como os deles, mas esta era completamente diferente.

Os necessários subterfúgios e enganos lhe desagradavam, e a idéia da possível e inclusive provável aparição de uma senhorita Smith histérica, eufórica e escandalosa se convertera em um pesadelo, mas o que mais lhe penalizava era a mudança que produzira em sua relação com Sophie. Não podia falar com ela com a sinceridade costumeira, já que sua traição e suas pequenas mas desprezíveis mentiras se interpunham entre ambos, e tinha a sensação de estar sozinho e às vezes se sentia muito triste. Além disso, mentir não lhe fazia bem e lhe produzia muita raiva.

Mais de uma vez pensara em Stephen Maturin. Sabia que as atividades de Stephen o obrigavam a levar uma vida solitária e a controlar seus atos constantemente e não lhe permitiam ser totalmente sincero com ninguém, mas pensava que seus segredos tinham uma causa digna, que eram um ardil muito conhecido e admissível que não pioraria a opinião que tinha de si mesmo.

Estava em uma das construções de tijolo vazias situadas junto de sua inativa mina de chumbo, no meio do bosque profanado e quase deserto, e lia as últimas cartas efusivas da senhorita Smith (chegaram três de uma vez) quando apareceu uma sombra na entrada. Guardou rapidamente as cartas no bolso e se voltou para ali com uma expressão grave, que de imediato se transformou em outra, de alegre.

— Ah, está aqui, Stephen! — exclamou. — Estava pensando em você faz apenas cinco minutos. Como chegou até aqui? Como está? Fazia mais de duas semanas que não tínhamos notícias suas.

— Sophie me disse que lhe acharia aqui — respondeu Stephen. — Dirigia-me para Londres e parei para visitá-los. Estive falando com ela e me disse que está preocupada com seu estado de saúde. Indubtavelmente, está com uma cor ruim. Posso ver o braço?

— Ela sabia que eu estava aqui? — perguntou Jack, já sem alegria.

— Meu amigo, a julgar pela mistura de consternação e culpabilidade que se reflete em seu semblante, qualquer um pensaria que recebe a visita das ninfas locais nesta construção abandonada — disse Stephen com inoportuna ironia.

— Nada disso! — exclamou Jack. — Oh, não!

Então perguntou para Stephen de sua viagem, por Diana, pela sua acolhida em Paris e pela situação atual da França e acrescentou:

— Quere vir para casa? Ia agora mesmo para lá com o correio. Espero que fique conosco. Será estupendo que se some ao nosso *tête a tête*, e, além disso, poderemos tocar música.

— Infelizmente, tenho que ir voando. Quero chegar à cidade esta noite e a carruagem está me esperando na porta. Interrompido minha viagem para ver-lhe e com esse propósito decidi passar por Portsmouth. Queria saber qual era sua situação.

— Estou com a água no pescoço, Stephen. De um lado estão esses assuntos legais, apesar de ser um grande alívio para mim contar com o senhor Skinner, a quem estou muito agradecido; de outro, o problema com o Almirantado, que é resistente a pagar-me pelo *Waakzaamheid*. E também há outras coisas...

— Sinto muito. Porém, na realidade, referia-me à sua situação com relação à designação de um barco. A última vez que lhe vi não tinha planos.

— Não tenho nenhum. Tiveram a amabilidade de oferecer-me o *Orion*, que era como oferecer-me uma licença com pagamento completo, mas recuzei, e por isso não posso pedir outro imediatamente, ainda que as coisas se hão posto de tal maneira que daria um olho do rosto para que me ordenassem ir para longe do país, para que me dessem uma missão no estrangeiro.

— Isso é o que queria saber, e me parece que nossos objetivos são similares. É possível que me encomendem uma missão nos mares do norte. Não é mais que uma possibilidade, porém, se vou, prefiro ir contigo que com outro. Nós dois nos conhecemos muito bem, e contigo não tenho que representar uma chata farsa. Além disso, sei que é muito discreto. Vim por isso, porque queria investigar o terreno e saber o que devia sugerir em Londres. Posso considerar que não teria inconveniente em me acompanhar se me encomendassem a missão?

— Gostaria muito de o acompanhar. Gostaria muito, de verdade, Stephen.

— Mas devo advertir que provavelmente, além do perigo de estar expostos aos elementos, teremos que afrontar alguns mais. Está ciente do que sucedeu a *Daphne*?

— Naturalmente que sim. Todo mundo fala disso. Ainda não foi publicado nos jornais, ao menos que eu saiba, quem vem do Báltico é que conta.

— O que dizem? Não conheço os detalhes.

— Os detalhes variam, mas todos concordam em assinalar que se aproximou muito da ilha Groper.

— Não se chama Grimsholm?

— A chamamos Groper pela mesma razão que dizemos Hogland, Belt, Sleeve, Passages e Groyne.<sup>{15}</sup> Parece que se aproximou muito, talvez porque havia pouca calmaria e a corrente ia em direção da terra, como costuma ocorrer naquelas águas, e que ninguém se deu conta de que estava ao alcance dos canhões, pois, do contrário, como era tão ligeira, a teriam levado para o alto mar remando ou rebocando. O certo é que lhe dispararam e a afundaram. Têm canhões de quarenta e duas libras colocados no alto do rochedo e forjas muito próximas deles... Lembro que víamos seu resplendor de muito longe... É provável que uma bala vermelha<sup>{16}</sup> tenha alcançado o paiol, fazendo saltar em pedaços a embarcação instantaneamente, já que não há restos dela nem sobreviventes, ao menos que eu saiba. Só temos o testemunho dos pescadores.

— Sim, acho que foi isso o que aconteceu. A propósito, provavelmente Grimsholm seja o nosso destino.

Jack deu um assobio e disse:

— Um destino espantoso: águas pouco profundas, fortes marejadas, e quando um chega ali, tem essas baterias. É como um pequeno Gibraltar, mas não muito mais pequeno, e eles se hão situado no alto e dali dominam uma vasta zona do mar. Se manejassem bem os canhões, poderiam desafiar uma frota. As baterias de um barco não servem muito frente a peças de artilharia situadas no alto de uma montanha, bem manejas e com a possibilidade de lançar balas vermelhas. Já sabe o que fez a torre Mortella.

— Não o sei.

— É claro que sim, Stephen. A torre Mortella, da Córsega, ou a torre Martello, como dizem alguns. É essa torre redonda da qual fizemos montes de cópias em toda a costa. Deram ordem de tomá-la em 1794, e ainda que só tivesse dois canhões de dezoito libras e um de seis e estar a cargo de vinte e dois homens e um jovem oficial somente, lorde Hood ordenou que a *Juno* e a *Fortitude* enfrentassem ela enquanto mil quatrocentos soldados desembarcavam. As fragatas dispararam por mais de duas horas, e depois de transcorrido esse tempo, na *Fortitude* haviam morrido ou sofrido

feridas sessenta e dois homens, havia três canhões desmontados, o mastro maior estava cheio de buracos de bala, os outros mastros estavam rachados e havia começado um fogo por causa de uma bala vermelha, assim que teve que afastar-se, e por sorte não encalhou. Portanto, se a torre Martello pode fazer isso a dois barcos de guerra enquanto mantém mil quatrocentos soldados afastados, imagine o que Grimsholm poderia fazer, já que além de ser mais alta e cinqüenta vezes mais potente, não tem que enfrentar nenhum grupo de soldados. Não será um passeio.

— Acho que o plano não é reduzir os homens dessa praça pela força bruta senão por meios mais delicados e, como espero, sem derramamento de sangue — disse Stephen. — Esses meios devem ser utilizados pelo menos a princípio. Mas agora que penso, tem uma família, tem muitas responsabilidades, e esta missão é mais apropriada para um jovem solteiro e sem compromisso. Compreendo perfeitamente que seja resistente a...

— Se insinua que não tenho coragem para... — começou a dizer Jack. — Tenho certeza que fala brincando. Perdoe-me, Stephen. Em geral, capto uma brincadeira tão rápido como qualquer um, mas não me encontro muito bem ultimamente.

Seguiram caminhando sob as árvores em silêncio e após um tempo acrescentou:

— Você se dirige para a cidade e eu tenho que ir para Whitehall depois de amanhã pelo assunto do *Waakzaamheid*, assim que o acompanharei, se não se importa. Gostaria de falar contigo depois de tanto tempo sem nos comunicar. Além disso, pagaremos a carruagem pela metade e ficaremos os dois no Grapes. Assim matarei três pássaros com um só tiro.

Stephen tivera sorte, pois alugara uma carruagem silenciosa e com boas molas, e enquanto esta passava suavemente por cima do largo, rodeada pela escuridão, ele e Jack falavam sem parar. Aquele espaço fechado e, por assim dizer seguro, fora do tempo, que atravessava um mundo exterior que não se via e estava completamente separado dele, era ideal para fazer confissões, e imediatamente Jack disse:

— Espero que tenhamos que levar a cabo esse plano, Stephen. Tenho muitos motivos para desejar ir embora para o estrangeiro, isto é, para desejar que me *ordenem* ir embora para o estrangeiro.

Stephen pensou nessas palavras. Quando Jack era mais jovem e mais pobre, havia desejado amiúde sair do país para escapar de seus credores e de ir para a prisão por não pagar as dívidas, mas era quase impossível que estivesse nessa situação agora. Ainda que teria dificuldade para converter boa parte de seus bens em dinheiro, ainda lhe restava muito de sua fortuna, e no improvável caso de que se comprovasse que suas dívidas eram superiores, só um tribunal poderia tomar uma decisão com relação a essa questão, e ao final de um longo, longo processo. Além disso, agora administrava seus interesses um hábil homem de negócios que nunca permitiria que seu cliente fosse encarado, nem que o prendessem na casa de um oficial de justiça.<sup>{17}</sup>

— Mas Sophie me disse que a primeira audiência, a primeira parte, não ocorreria até meados do próximo período de sessões — disse Stephen.

— Não é por esse maldito caso legal — disse Jack. — Eu lhe asseguro que às vezes quase me alegra ter que me ocupar da interminável papelada, porque é como um... A verdade é que..., bem..., a verdade é que...

Então fez um breve relato do que havia ocorrido e ao final disse:

— Acho que, se me ordenam ir embora para o estrangeiro, ela não regressará para a Inglaterra, sabe?, e que se o fizer, pelo menos não se instalará muito perto. Em sua última carta falava de Winchester. Não necessita dizer que sou um homem desprezível.

— Não me preocupa o aspecto moral do assunto senão o que pode fazer para solucioná-lo — disse Stephen.

Estava surpreendido de ver que um homem cuja coragem era indiscutível em situações que requeriam força física pudesse ter uma conduta abjeta e ser tão covarde quando devia afrontar questões morais, mas pensou que ele não era casado e que não conhecia de primeira mão as lutas domésticas nem o que estava em jogo nelas, ainda que soubesse que podiam provocar sentimentos muito

intensos e que tanto a vitória como a derrota eram prejudiciais. Gostava muito de Sophie, mas sabia que era muito ciumenta, e esse era um traço de seu caráter que ele desgostava. A carruagem seguiu avançando e ele começou a refletir sobre o matrimônio. Pensou em suas vantagens e desvantagens em comparação com outros sistemas, no provável equilíbrio entre felicidade e infelicidade que havia neles e em que conhecia muito poucas uniões que tiveram êxito.

“Acho que a monogamia é a única solução, por desgracia, ainda que seja tão absurda como a monarquia”, pensou. “Queira Deus que não caiamos nos mesmos erros dos judeus e dos muçulmanos”.

— Só quero dizer uma coisa, ainda que não acho que importe muito — disse Jack, interrompendo o fio de seus pensamentos. — Eu lhe mandei tudo o que pude, de forma que ao menos não lhe faltará dinheiro.

E depois de uma pausa, acrescentou:

— Por isso me incomoda tanto que se adie o pagamento do dinheiro do *Waakzaamheid*, porque precisamente agora tudo o que tenho está imobilizado. Isso afeta a você também, Stephen. Você tem direito a uma parte da recompensa pelos tripulantes e os canhões que tinha o navio, e posto que, além de você, quase não há oficiais sobreviventes, deve de ser uma grande soma.

— Tenho que fazer algumas observações com relação a esse assunto — disse Stephen, deixando de lado a questão do *Waakzaamheid*. — Acho que vale a pena fazê-las porque são adequadas para este caso e poderiam melhorar seu ânimo. Em primeiro lugar, deve saber que entre as mulheres com tendência ao histerismo, como a jovem em questão... É que seria inútil e pouco ético fingir que não sei quem é...

— Eu não disse seu nome — disse Jack. — Que Deus me amaldiçoe se sequer insinuei algo que tenha permitido descobrir sua nome, Stephen.

— Bobeira! — exclamou Stephen, agitando a mão — Como dizia, entre as mulheres com tendência ao histerismo, não são raros as falsas gravidezes. Têm os mais claros sintomas que realmente aparecem durante os nove meses de gravidez, como o ventre

inchado, a supressão da menstruação e inclusive a produção de leite; tudo é igual, exceto o resultado. Em segundo lugar, devo dizer o mesmo que disse a outro amigo não faz muito tempo, que inclusive em uma gravidez real, mais de doze de cada cem mulheres abortam. E em terceiro lugar, deve ter em conta a possibilidade de que não haja gravidez, nem real nem falsa. Pode ser que a dama engane a si mesma ou queira enganar a você. Não seria o primeiro homem a quem enganam dessa forma. Na minha opinião, ela não fez um grande esforço para regressar, apesar dos vários barcos correio que foram e voltaram dali. E não se pode negar que um pedido de dinheiro não sugere nada de bom.

— Oh, vamos, Stephen! Como pode dizer algo tão mau? Eu a conheço. Talvez seja bastante... Talvez não seja muito astuta, mas é incapaz de fazer isso. Além disso, pedi para que não viesse... Ainda. Eu lhe asseguro que a *conheço*, Stephen.

— Com relação a conhecer uma mulher... Se nos dizem *entre e conheça a mulher*, isso é muito bom. É possível que nos entendamos e que haja comunicação entre nós enquanto estejamos juntos, porém, o que acontece depois? Admito que disse algo muito mau, mas há muita maldade no mundo. Além disso, nunca o diria se não tivesse motivos para achar que pudesse ser verdade. Não afirmo nada, Jack, mas a reputação dessa dama está muito longe de ser boa, conforme a informação que obtive de outra fonte, e aconselho que não tome nenhuma decisão até que não consiga por outros meios a prova irrefutável de seu estado e tenha analisado realmente o caso.

— Sei que sua intenção é boa, Stephen, mas peço que não diga coisas como essa, porque me fazem sentir ainda mais desprezível — disse Jack. — Não posso me comportar como um policial com uma pessoa que... Já estamos na ponte de Londres! — exclamou olhando pela janela.

Poucos minutos depois chegavam ao Grapes, onde se hospedaram juntos há muitos anos, quando Jack fugia de seus credores, porque o Grapes está situado no distrito de Savoy, o distrito mais liberal que era um paraíso para os devedores fugitivos. Stephen era um homem pobre e, além disso abstêmio, mas se

permitia alguns excessos, e um deles era ter alugado durante todo o ano um quarto naquela pequena e confortável hospedaria. Quem trabalhava ali estava acostumado ao seu modo de ser e lhe dispensavam uma boa acolhida desde que chegava. Havia curado a dona, a senhora Broad, uma excelente cozinheira, de adinamia e de outra doença menos digna. Podia fazer o que quizesse no Grapes, e mais de uma vez havia levado para ali um órfão (um órfão morto) para fazer a dissecação e o havia guardado em seu armário sem que ninguém comentasse nada a respeito. E ninguém fez nenhum comentário tampouco agora, quando terminou de comer os pequenos bacalhaus e o pastel de vísceras de veado da tardia janta e fez o inoportuno pedido de que chamassem um carro.

— Não se levante, Jack. Nos veremos no café da manhã, se Deus quiser. Boa noite.

Enquanto punha o abrigo, observou com satisfação que, apesar de Jack haver defendido a senhorita Smith e ter assegurado que ela era inocente, pelo menos estava digerindo algumas de suas palavras junto com três quartos do pastel. Agora parecia mais animado e muito menos envergonhado e passou a comer vorazmente o queijo Stilton.

Outra vez foi sir Joseph quem abriu a porta.

— Finalmente chegou! — exclamou. —entre, entre. — Então, indicando-lhe a escada, perguntou: — Está ciente do que aconteceu com Ponsich?

— Foi por isso que regressei — disse Stephen.

— Eu lhe esperava. Estive esperando desde que recebi sua mensagem através do telégrafo. Venha, sente-se junto ao fogo. Tirarei estes papéis... Perdoe a desordem... Há muito trabalho que fazer. Os norte-americanos estão causando muitos problemas, apesar de seu esplêndido trabalho; a metade dos espanhóis que estão na retaguarda das tropas de Wellington são partidários dos franceses; as coisas não vão bem. E agora essa horrível notícia que chegou do Báltico. Se deixarmos o Imperador respirar, saltará como um boneco de uma caixa surpresa e teríamos que fazer tudo de novo. Desde que chegou a notícia desejávamos que o senhor viesse.

— Sabe o que ocorreu?

— Sim. Temo que foi por falta de precaução. Recordo muito bem que Ponsich dizia que ia pegar o touro pelos cornos... A corveta se aproximou da costa, ou porque seu capitão calculou mal o alcance daqueles enormes canhões, ou porque confiava muito por levar içada uma bandeira dinamarquesa, e antes que os homens pudessem jogar na água um bote com uma bandeira branca, começaram os disparos, muito precisos e com balas vermelhas. Uma acertou na santa-bárbara e a corveta se fez pedaços. Deveríamos ter mandado um capitão com mais experiência.

— Era um homem jovem?

— Sim. Acabava de ser nomeado capitão para tomar o comando da *Daphne*. Era um oficial muito valente, mas só tinha vinte e dois anos. Contudo, antes de que a notícia do desastre fosse confirmada e inclusive antes de que chegassem os primeiros rumores, já estávamos intranqüilos. No momento em que a Prússia decidiu entrar na guerra, a ilha adquiriu grande importância, mas agora que a situação política mundial muda tão rapidamente, sua importância é muito maior: poderia ser o preço da deserção da Saxônia. Se conseguíssemos que o Rei passasse para o nosso lado, desferiríamos um duro golpe nos franceses, talvez um golpe mortal, mas uma das principais condições que impõe é que desembarquemos na costa de Pomerânia para proteger ele e a Prússia, já que assim poderíamos cortar a passagem das tropas francesas que estão em Danzig e atacar seu flanco esquerdo por trás. Mas não podemos fazer isso sem Grimsholm. O senhor conhece os países bálticos, Maturin?

— Não, mas faz muito tempo que desejo conhecê-los — respondeu Stephen.

— Então observe este mapa, por favor. Inumeráveis dunas ao longo das costas. Vê? — perguntou assinalando a parte leste. — O mar é pouco profundo. Sempre sopra o vento do oeste, pelo que a costa está a sotavento, e isso não é bom. Há poucos lugares bons para desembarcar, além dos estuários, e os melhores são dominados pela maldita ilha. Em uma reunião que os almirantes celebraram, todos concordaram que mesmo sem a proteção dos bancos de areia, sem maus lugares para desembarcar e sem o vento fixo do oeste,

não haveria possibilidade de tomar Grimsholm pelo oeste, pelo lado mais próximo do alto mar. O oficial de Infantaria de marinha de maior antiguidade propôs um plano para atacá-la pelo leste, um plano que requeria a participação de uma grande esquadra integrada por barcos de linha que apoiassem o ataque com seus canhões, além de incontáveis transportes e balas. Calculou o número de prováveis baixas e era exageradamente alto. Porém, mesmo que o número de baixas fosse aceitável e as probabilidades de ganhar fossem maiores do que ele pensava, seríamos obrigados a recusar o plano porque não temos nem barcos de guerra nem transportes para levá-lo a cabo. A verdade é que não sabemos de onde tirar mais barcos. A maldita guerra com os Estados Unidos está fazendo diminuir nossos recursos, e a cada dia recebemos queixas de lorde Wellington. Reclama de que não cooperamos com ele na costa norte da Espanha, de que a Armada apenas aparece por ali, e de que as esquadras francesas que estão no porto de Burdeos e mais ao norte podem cortar suas extensas e vulneráveis linhas de comunicação a qualquer momento. Estamos com escassez de barcos, Maturin, e nesta guerra tudo depende deles.

— Disso se deduz que nossos novos aliados não nos ajudam muito.

— Não no mar. Os suecos e os russos são muito bons soldados, mas é no mar onde se decide esta questão. Por outro lado, neste momento é quase impossível considerar Bernadotte um aliado. Como o senhor sabe, é um tipo muito variável, um tipo que poderia ensinar a Judas uma ou duas coisas, e agora seu principal objetivo é apoderar-se da inofensiva Noruega aproveitando-se de nossa ajuda. De todas maneiras, os suecos não têm uma armada eficiente, e tampouco os russos; quer dizer, possuem alguns barcos, mas não sabem como governá-los. Desde que seus países se converteram em nossos inimigos e os oficiais ingleses se foram dali, são incapazes de governá-los. Além disso, são muito desajeitados e estúpidos. Um almirante russo que participou da reunião sugeriu que matássemos de fome a esses homens. Dissemos que tinham provisões para seis meses, mas ele repetiu, em um francês execrável, que deveríamos manter o bloqueio durante esse tempo para matá-los de fome.

Manter o bloqueio por seis meses para matá-los de fome quando carecemos de barcos para fazê-lo e cada dia que passa tem grande importância! Em uma semana poderia mudar o aspecto da guerra nos mares do norte! Contudo, nem todos os estrangeiros são estúpidos. Encontra-se entre nós um jovem oficial da cavalaria lituana que enviado pelo exército sueco que nos proporcionou muita informação sobre os fatos mais recentes, que espero que sirvam para, se me permite usar essa expressão comum, fazer outra tentativa com uma idéia mais clara da situação.

— Por favor, diga-me a idéia que tem da situação.

— É uma situação muito curiosa. Nas últimas semanas houve profundas mudanças por causa das diferenças entre os distintos grupos que há na ilha. Parece que nessa pasta amarela que está ao seu lado estão todos os detalhes. Tenha a bondade... — Então pôs os óculos e disse: — Sim, estão aqui. Lembro que a última vez que me perguntou por esses grupos ou organizações não pude dar detalhes, mas agora estão aqui, agora os tenho. As forças catalãs que se encontram na ilha são integradas por três grandes organizações: a Liga, a Confederação e a Germandat.

Stephen assentiu com a cabeça. Ele as conhecia muito bem.

— Sim, a Liga, a Confederação e a Germandat — continuou. — Desculpe minha pronúncia, Maturin. Cada uma está sob o comando de um chefe diferente, que, por sua vez, está sob o comando de um coronel de artilharia francês. O coronel foi chamado para tomar parte no sítio de Riga, e havia tanta confusão nesse momento que não foi substituído imediatamente. Então surgiram divergências entre as organizações, e o chefe da mais forte, aproveitando a ausência do coronel, tomou o comando e enviou os oficiais que estavam em desacordo com ele para terra firme, onde foram recrutados para a Legião espanhola. Agora nega-se a pôr-se sob as ordens do coronel substituto, um tal Lesueur, alegando que Lesueur tem uma categoria inferior e que Macdonald desobedeceu as regras ao dar-lhe essa nomeação. Escreveu uma carta para o general Oudinot na qual dizia que era tenente coronel, pois parece que promoveu a si mesmo, e que preferiria morrer a suportar essa afronta. Temos a carta.

— Por favor, sir Joseph, diga-me o nome da organização dominante agora e de seu chefe.

— A organização se chama Germandat — disse sir Joseph dando-lhe a carta. — E o nome do chefe poderá saber mais facilmente vendo a assinatura do que se eu pronunciar. Além disso, tem má letra.

Ramón d'Ullastret i Casademont. Stephen tinha motivos para esperar que esse fosse o nome. A palavra Germandat lhe dera esperanças, e talvez o fato de ver a letra — ainda que não houvesse prestado muita atenção — havia lhe preparado para encontrar-se com ele. Apesar de tudo, ficou olhando fixamente aquela firma tão rara e ao mesmo tempo tão familiar, a firma de seu padrinho, durante um longo momento, até que se converteu em algo real, até que a idéia coincidiu com a realidade.

— O senhor conhece esse cavalheiro? — perguntou Blaine.

Seria estranho que Stephen não o conhecesse. Esse tipo de relação era tomada muito a sério na Catalunha de sua infância, e ele havia passado muitos dias na casa de seu padrinho. Naquela época Ramón lhe parecia um herói. Descendia pela linha materna de Wifredo *o Lanoso* e era um fervoroso patriota e se negava a falar castelhano exceto quando estava, como dizia ele, no estrangeiro, quer dizer, em Aragão ou Castelo. Era um excelente jóquei e adorava caçar, e tanto nas montanhas como nos bosques se sentia como em casa, como qualquer outro predador, e graças a ele o Stephen criança havia tido seu primeiro lobo, seu primeiro urso, seu primeiro ninho de águia imperial e, além disso, um rato almiscarado e uma gineta. Também era um orador incansável. Mas sua auréola de herói foi esfumando-se à medida que Stephen crescia. Stephen notou que o orgulho de Ramón tinha uma grande parte de vaidade; julgou menos subjetivamente e percebeu que seu enorme desejo de destacar-se, de guiar em vez de ser guiado, era um obstáculo para o movimento autônomo catalão; observou mais detalhadamente e detectou nele bastante obstinação e estupidez. Apesar disso, ainda sentia um grande afeto pelo seu padrinho, e pensava que seu gosto pelo espetáculo, seu afã por ter supremacia e inclusive seus mais graves defeitos não tinham muita importância se comparados com

sua coragem, seu sentido do honra, sua generosidade, e a amabilidade com que sempre tratava o seu afilhado. Stephen podia vê-lo agora caminhando de uma ponta a outra da fria casa solarenga de Ullastret, com uma comprida capa como a que usavam os cavalheiros de Malta, movendo-se de um lado a outro, enquanto recitava um poema sobre o sítio de Barcelona no tempo de seu avô, quando os espanhóis foram derrotados pelos catalães e ingleses sob o comando de lorde Peterborough e fugiram em debandada; um poema que causaria maior impressão, ainda que não seria mais comovente, se o sobrenome Peterborough, que se repetia com frequência, não rimasse quase sempre com a mesma palavra.

— Eu o conheço — respondeu sorridente. — Como as provisões chegam à guarnição?

— Em barcos dinamarqueses procedentes de Danzig ou mais longe. Aprisionamos um há pouco, no dia em que enviaram os despachos, mas o único carregamento que levava era vinho e tabaco. Não necessitam de munições nem de alimentos básicos porque têm os armazéns cheios de bolachas e carne salgada e toda a água que possam desejar. Em caso de necessidade, com isso poderiam resistir mais de seis meses.

— Pode ser que o vinho e o tabaco não sejam essenciais, mas são um grande consolo para os homens mediterrâneos — disse Stephen. — Suponho que este é o plano da fortificação.

— Exatamente. E nestes lugares estão localizadas as baterias. Esse jovem lituano que acabo de mencionar nos proporcionou o mapa. É uma das pessoas com mais facilidade para os idiomas que já conheci. Fala todas as línguas do Báltico, ainda que diz que seu estoniano e seu finlandês deixam muito a desejar; seu inglês é perfeito, e, pelo que pude apreciar, seu francês também. Tem brio e é muito simpático, e estou certo de que lhe será útil, caso o senhor concorde de ir ali apesar do desafortunado início da operação. Verdadeiramente, a tarefa não é tão simples como suponha.

— Naturalmente que vou — disse Stephen. — Não há dúvida disso. Inclusive tomei a liberdade de dizer ao meu amigo Aubrey que havia essa possibilidade. Por isso me atrasei, porque fui à sua casa para dizer-lhe. Preferiria navegar com ele, preferiria ter seu apoio

em vez do de um estranho. Tem muita experiência, o que, como o senhor muito acertadamente assinalou, é fundamental para levar a cabo uma operação deste tipo; seja o que for em terra, é um Ulisses na mar. Além disso, pode e quer acompanhar-me.

— Estamos muito agradecidos, estimado Maturin — disse sir Joseph apertando-lhe a mão. — Muito agradecidos. E quanto a Aubrey, será o companheiro ideal, se não surgirem dificuldades pela questão da classe. O senhor já sabe que os oficiais navais se aferram de suas prerrogativas, e o barco que pensamos enviar é uma simples corveta... Mas esse é um pequeno detalhe, e estou certo de que poderemos contorná-lo.

— Diga-me, Ponsich pôs algumas condições quando concordou em ir para Grimsholm? — perguntou Stephen depois de uma pausa.

— Sim.

— Talvez sejam as mesmas que as minhas. Quero que todos saibam que, em caso de que tenha êxito nas negociações, os soldados catalãos não deverão ser considerados prisioneiros de guerra senão ser tratados com grande respeito e enviados para a Espanha como homens livres, com suas armas e sua bagagem. É necessário que possa prometer isso, e desejaria que não se negassem a me dar autoridade para fazê-lo. Além do mais, insisto em que me dêem uma garantia de que assim será.

— Eu lhe compreendo perfeitamente. Certamente, eu não posso dar essa garantia, porque a confirmação vem de cima, mas não há dúvida de que lhe darão, já que para Ponsich fizeram uma promessa quase idêntica.

— Bem. Muito bem. Tem mais documentos que eu deveria ver?

— Planos e mais planos e observações sobre a distribuição das tropas: nada de verdadeiro interesse para o senhor nem para mim. Talvez devêssemos estudá-los amanhã, para que o jovem de quem lhe falei nos esclareça as notas, porque tem muitas habilidades, mas entre elas não está escrever com letra clara. Agora bebamos um café. Estou desejoso de saber o que ocorreu em Paris e a acolhida que lhe dispensaram.

Quando sir Joseph saiu do quarto, Stephen olhou ao seu redor. O quarto havia mudado um pouco, e depois de alguns momentos se

deu conta de que as esculturas de bronze e os quadros eróticos haviam desaparecido e que havia jarros com flores por todos os lados. Abaixo, na rua, o vigia gritou: “Três da madrugada, faz uma noite horrível e parece que haverá tormenta!”. E nesse momento, Blaine regressou.

Tomaram o café, quase uma garrafa de conhaque e falaram de Paris. Stephen transmitiu os cumprimentos de seus amigos e entregou seus presentes. Sir Joseph perguntou cortesmente pelo andamento dos assuntos legais do capitão Aubrey e se alegrou muito ao saber que sua recomendação havia servido de algo. E no momento que Stephen ia se levantar, inquiriu:

— Poderia pedir sua opinião como médico?

Stephen assentiu com a cabeça, voltou a acomodar-se na poltrona e disse que a daria com muito gosto.

— Já faz algum tempo... já faz algum tempo estou pensando em me casar — disse sir Joseph com o olhar fixo na cafeteira.

— Matrimônio? — perguntou Stephen com indiferença, pois parecia que seu paciente não podia seguir adiante e supunha que isso era suficiente para descrever sua dolência.

— Sim, matrimônio — disse Blaine por fim. — É bom ter namoricos, e às vezes são muito prazerosos, mas são relações, por assim dizer, estéreis. Além disso, a dama em questão é virtuosa. Mas talvez haja esperado muito tempo. Nos últimos meses hei notado com grande pena certa... Como direi...?, certa falta de vigor, certa fraqueza, e me parece que eu também deveria cantar *vixi puellis nuper idoneus*. A medicina pode fazer algo em um caso como este, ou é inevitável que isto ocorra na minha idade? Passei do que Horácio chama *lustra decem; contudo*, ouvi falar de elixires e gotas...

— Não é inevitável — respondeu Stephen. — Pense nesse homem tão velho, o velho Parr. Se casou outra vez aos cento e vinte e dois anos e sua união, conforme acredito, foi frutífera, e, se não me equivoco, inclusive foi processado por estupro posteriormente. Meu colega Beauprin, a quem tive o gosto de conhecer na França, tinha apenas oitenta anos quando voltou a casar-se, e sua mulher teve dezesseis filhos. Mas antes de falar como médico, quero

preguntar como amigo se pensou detalhadamente na conveniência de reavivar esse fogo. Quando um homem olha ao seu redor, no geral encontra mais dor do que prazer. Inclusive Horácio rogava a Vênus que lhe deixasse livre... *parce, precor, precor*. Não é a paz o bem mais apreciado? Não é melhor a calma do que a tormenta? Uma vez naveguei com um jovem que sabia chinês e lembro que citou uma passagem do *Analectus* de Confúcio no qual o sábio se congratulava de haver chegado à idade das orelhas obedientes, à idade em que podia seguir o ditado de seu coração sem faltar à moral. E Orígenes, como o senhor recordará, cortou o membro pecador e voltou para suas meditações mais sereno, e a partir de então se manteve imperturbável.

— Entendo suas ponderações, e me parece muito lógico, mas o senhor esquece que não estou falando de uma relação amorosa ocasional senão que é em matrimônio no que estou pensando. Porém, mesmo que não fosse assim, também lhe pediria ajuda. Não me considero um homem feroso, não sou particularmente propenso a sentir apetite sexual e, para dizer a verdade, quando tiro os sapatos e as meias, as pernas que vejo não são as de um sátiro, mas quando notei essa debilidade, percebi que sempre me fixara nas mais bonitas representantes do outro sexo, havia valorizado suas qualidades e as havia olhado com uma mistura de lascívia e esperança. Mas agora que já não tenho esse olhar, parece que a fonte da vida se secou. Não sabia que isso tivesse tanta importância. O senhor além de mais jovem que eu, Maturin, e provavelmente não saiba por experiência que a ausência de tormento pode ser um tormento ainda maior. Qualquer homem poderia desejar desfazer-se de um cilício, mas provavelmente ninguém perceberia que o cilício é que mantém seu corpo quente.

“Talvez a túnica de Neso seja mais apropriada”, pensou Stephen.

— Além disso — prosseguiu, — devo recordar-lhe que o ato irrefletido de Orígenes, foi condenado pelo segundo concílio de Constantinopla, junto com muitas de suas perniciosas doutrinas, e que apesar de que são Agustín rogou que lhe concedesse o presente da castidade, acrescentou: “Mas ainda não, Meu Deus!”, provavelmente porque pensava que onde não há tentação não há

virtude. A paz da qual o senhor me fala se parece muito com a morte. Na tumba todos somos estóicos.

— Farei o que deseja — disse Stephen. — Mas antes de que comece a consulta propriamente dita, peço que me permita dizer uma coisa: se o filósofo ao qual me referi visse que um homem que atravessou a nado o Maelstrom,<sup>{18}</sup> que conseguiu cruzar suas turbulentas águas e chegar à margem, jogue-se outra vez voluntariamente nesse turbilhão, ele se surpreenderia muito.

— Mesmo supondo que esse filósofo conhecesse o Maelstrom, o que é improvável, não podemos ser tão ingênuos como para pensar que conheceu a alguém como a senhorita Blenkinsop, pois do contrário nunca haveríamos ouvido falar tanto dessas orelhas.

Jack e Stephen não se reuniram na hora do café da manhã. A essa hora o doutor Maturin ainda não havia dado sinais de vida, e Jack, depois de assomar-se duas vezes pela porta e ouvir a cada vez a respiração cadenciada de um homem que dorme placidamente, pôs seu melhor uniforme e foi ao Almirantado para ver se era possível adiantar a hora de seu encontro. Era possível; contudo, foi um civil quem o recebeu, e como a maioria deles, tratava os oficiais navais não exatamente como a inimigos, mas sim como a pessoas que sempre pediam mais do que mereciam (mais emprego, mais ascensões, mais subsídios, mais compensações e dinheiro como recompensa pelos barcos, os canhões e os homens capturados), pessoas com as quais havia que guardar as distâncias. Amíúde suas petições se enviavam ao ministério da Marinha, à Junta de Transportes ou ao Comitê de ajuda aos enfermos e feridos, solicitando comentários e esclarecimentos a respeito delas, de modo que um homem sem conexões provavelmente teria que esperar muitíssimo tempo antes de obter uma resposta satisfatória ou pelo menos uma entrevista, e isso era o que ocorria à maioria dos tenentes e capitães. Não obstante, um capitão de navio com bastante antiguidade estava acostumado a que lhe tratassem com deferência e que a expressassem com muitos sinais externos, por isso o senhor Solmes não só se pôs de pé para cumprimentar a Jack Aubrey como lhe aproximou uma cadeira.

Depois de um cortês preâmbulo, pegou uma pasta, a abriu, e disse:

— Tenho que falar-lhe de seu combate com o *Waakzaamheid*. Em primeiro lugar, queria saber como pode estar certo de sua identidade.

— Bem, o capitão Fielding, ao comando da *Nymph*, informou-me que o havia visto em frente ao cabo Branco, assim que ao encontrar-me quase imediatamente depois com um navio de linha com bandeira holandesa, dei por certo que era o mesmo.

— Porém, posto que não há prisioneiros nem documentos de nenhum tipo que o provem, não temos a absoluta certeza de que o navio em questão seja o *Waakzaamheid*, como o senhor o chama.

Jack começou a sentir raiva e tardou vários segundos em responder.

— O *Leopard*, estando sob meu comando, afundou um navio holandês de setenta e quatro canhões na latitude 42° sul — disse por fim. — As condições naquela zona, onde sopram ventos de grande intensidade e há forte marejada, são tão bem conhecidas que não é necessário explicar por que não há prisioneiros nem documentos. Virou a barlavento quando o mastro traquete caiu pela borda e imediatamente depois desapareceu, senhor. Em águas como essas não se pode ficar à capa nem se podem capturar prisioneiros nem documentos porque um barco tem que navegar rápido ou naufragar.

— Estou convencido disso, senhor — disse o senhor Solmes, para quem não havia passado despercebido o tom amargo do capitão Aubrey nem o fato de que se havia crescido. — E o senhor compreenderá que quando tento obter mais informação sobre o assunto, atuo seguindo ordens; há que respeitar as regras do departamento. Por outro lado, este é um caso excepcional.

— Não vejo por que é uma excessão — disse Jack. — Hão sido destruídos muitos barcos inimigos de cuja presença nos mares não se tem nem uma mínima prova material. Poderia citar dúzias deles. Sempre se aceitaram o rol e os testemunhos dos oficiais. Esse é um antigo costume da Armada.

— É verdade — disse Solmes, — mas tem que me perdoar, capitão Aubrey..., neste caso o testemunho dos oficiais não é unânime e isso é o que o converte em excepcional. Recebemos um escrito de seu antigo primeiro oficial no qual, entre outras coisas, nos diz que o barco era um cargueiro, uma *flûte*.

— Um cargueiro? — inquiriu Jack. — Esse homem está louco. Pode ser que eu não tenha visto o nome de *Waakzaamheid na popa*, mas juro por Deus que vi seus canhões, e os provei também. Que um capitão de navio com uma folha de serviços como a minha e com minha antiguidade não reconheça um navio de linha! Que não reconheça um navio de setenta e quatro canhões quando combate com ele! Isso é uma monstruosidade, senhor! Esse homem está louco!

— Sem dúvida, senhor, sem dúvida. Mas até que os médicos certifiquem que perdeu a razão, as regras nos obrigam a levar em conta o que diz. Sugiro que consiga uma declaração jurada dos suboficiais e oficiais sobreviventes. Vejo que estavam com o senhor o tenente Babbington, o tenente Byron e o cirurgião Maturin... entre.

Um mensageiro entrou e disse que o almirante Dommet tinha ficado ciente de que o capitão Aubrey estava com o senhor Solmes e que desejava vê-lo quando estivesse livre.

— Aubrey, como estou contente de vê-lo! — exclamou o almirante. — Estávamos a ponto de mandar-lhe buscar quando nos informamos de que já estava aqui, precisamente aqui, em Whitehall. Isso é o que eu chamo de casualidade. Um pensa em uma pessoa e a vê um minuto depois, e isso quase o faz acreditar na mágica. Bem, o assunto é o seguinte: há que levar a cabo uma missão urgente e para fazê-lo se requer um homem equânime e com experiência. Alguém comentou que talvez o senhor não gostaria que lhe oferecessem uma corveta, mas eu disse: "Bah! Aubrey não dá muita importância para a classe, Aubrey não se acha o Grande Mogol, Aubrey aceitará inclusive um vagão-plataforma para enfrentar-se com o inimigo, contanto que tenha ao menos um canhão". Não é certo, Aubrey?

— É certo, senhor — respondeu Jack. — E agradeço que tenha tão boa opinião de mim.

Sabia muito bem que o almirante pretendia manipulá-lo, porém, dadas às circunstâncias, não se importava em absoluto.

— Posso perguntar-lhe que corveta é, senhor?

— A *Ariel* — disse o almirante. — Está ancorada em Nore. Pode ir até ali em uma carruagem e fazer-se ao mar pela manhã com a mudança da maré. Queira Deus que sopra o vento do sudoeste.

— Não posso ir recolher minha bagagem e falar com minha esposa?

— Oh, não, Aubrey! — exclamou Jack. — Este é um assunto urgente, como lhe disse. Vou telegrafar para Portsmouth para que digam a sua esposa que regressará no próximo mês, depois de um pequeno sinal em seu nome. O tempo e a maré não esperam ninguém, sabe?

— Assim é, senhor — disse Jack, e para não ser menos, acrescentou: — E dizem que mais vale pássaro na mão do que dois voando.

— Sim, dizem isso. Bem, vamos, não há nem um minuto a perder. O Primeiro Lorde quer vê-lo.

Com mais seriedade e com termos muito mais precisos, o Primeiro Lorde disse ao capitão Aubrey tudo o que lhe haviam dito Stephen Maturin e o almirante Dommet; felicitou-lhe por haver escapado dos Estados Unidos, para ser testemunha da grande vitória e por ter a capacidade de deixar de lado a formalidade e seus próprios interesses pelo bem da Armada. Também disse que era óbvio que dar o comando da *Ariel* ao capitão Aubrey não era nem muito menos o que a junta considerava que lhe correspondia pelos seus méritos e terminou acrescentando que, apesar de não poder prometer nada nesse momento, era possível que à sua volta lhe oferecessem uma das potentes fragatas novas que agora estavam preparando para ir para a base da América do Norte. Depois comentou que as ordens do capitão Aubrey seriam enviadas tão logo fossem escritas e que se quisesse poupar o dinheiro de alugar um carro, podia ir com o mensageiro do Rei, que partiria pouco depois da janta.

“Tinha que ter perguntado quando jantam os mensageiros do Rei”, pensou Jack, caminhando com rapidez pela famosa rua Strand.

“São desses esnobes que jantam às oito ou não?”

O que não era um esnobe, e tampouco o era seu estômago. Os longos anos passados na mar haviam habituado o seu estômago a receber a janta cedo, hora em que usualmente a serviam na Armada (um costume passado de moda) e protestava se passava a hora e não lhe haviam dado. E a hora já havia passado a algum tempo, e quando Jack entrou, gritou:

— Senhora Broad! Senhora Broad! Sirva a janta imediatamente, por favor! Estou desmaiando, caindo, senhora! Onde está o doutor?

— Está servida no refeitório privado, capitão, esperando que o doutor venha. Está lá em cima com um jovem cavalheiro estrangeiro e não para de falar em língua estrangeira.

— Um cavalheiro muito charmoso — disse Lucy, que estava atrás do balcão.

— Já o chamei uma vez... dez vezes — disse a senhora Broad. — Nenhuma perna de porco e nenhum frango resiste a um tratamento assim. Eu o chamarei outra vez.

— Deixe que eu vou, tia Broad! — disse Lucy, saindo rapidamente detrás do balcão.

Jack entrou no refeitório privado, pegou um pedaço de pão e comeu. Alguns momentos depois entrou Stephen seguido do charmoso cavalheiro, um esbelto oficial com uma jaqueta lilás com galões prateados. Tinha o cabelo dourado, grandes e brilhantes olhos azuis, muito separados entre si, e uma pele que qualquer mulher invejaria. Suas maneiras eram delicadas sem ser afeminadas. Lucy o olhava fixamente com a boca aberta, preparada para afastar sua cadeira. Então Stephen disse:

— Permita-me que lhe apresente ao monsieur Jagiello, oficial do exército sueco. O capitão Aubrey, da Armada real.

Jagiello inclinou a cabeça, ruborizou-se e disse que era uma grande honra para ele conhecê-lo, que aquele era um momento muito importante.

A janta começou. Jack indicou ao jovem que se sentasse a sua direita e lhe falou com cortesia mas de temas intrascendentes, e Jagiello lhe respondia em um inglês fluente, quase perfeito, confundindo somente, e em poucas ocasiões, a pronúncia de duas

letras, algo que fazia qualquer inglês reconhecer com satisfação sua superioridade. Stephen não falou até que houve uma pausa. Agora Jagiello cortava o frango, e podia ouvir a Lucy e a Deborah discutindo sobre quem ia servir o prato seguinte. Então Jack lhe disse em voz baixa que já lhes haviam dado ordem de fazer-se ao mar.

— Já o sei — disse Stephen. — Monsieur Jagiello nos acompanhará.

— Alegro-me muito — disse Jack, que simpatizara com o jovem. — O senhor é um bom marinheiro, não é, senhor?

Antes de que Jagiello pudesse responder, entrou um mensageiro do Almirantado, guiado por Lucy e Deborah, e entregou a Jack em suas próprias mãos um envelope oficial; contudo, o mensageiro teve que encontrar a saída por si mesmo, porque as duas jovens ficaram ali contemplando boquiabertas a Jagiello até que se ouviu a voz da senhora Broad pedindo-lhes que se ocupassem de seu trabalho. Apesar disso, entravam constantemente com qualquer pretexto, para trazer mais sal, mais pimenta, mais molho ou perguntar se os cavalheiros queriam mais pão, e ao final da janta encontraram uma desculpa realmente válida, pois Jack gostava de acolher os estrangeiros que visitavam seu país, e sua forma preferida de fazê-lo era dar-lhes tanto vinho do porto como pudessem beber sem embebedar-se, assim que enquanto esperavam o mensageiro do Rei, trouxeram uma a uma as inumeráveis garrafas.

Jagiello tardava em embebedar-se, mas depois de um tempo sua pele ficou mais rosada, seus olhos mais brilhantes e lhe deu vontade de cantar. Havia falado com uma admiração póxima ao entusiasmo das canções populares inglesas, e agora, depois de fazer-se de rogado, presenteou aos seus acompanhantes com *The lady and Death* com voz de tenor melodiosa e com perfeita entonação. Depois todos se puseram a cantar *Chevy Chase* e *All in the Downs*, e a voz grave de Jack fazia vibrar o cristal dos copos e a voz escandalosa e desagradável de Stephen fazia as duas criadas, que estavam do outro lado da porta, contorcer-se de riso.

Naquele ninho de pássaros cantores entrou um cavalheiro delgado que usava uma jaqueta de um cor apagada com botões forrados e uma camisa branca almidonada e seu gesto de repugnância, como se houvesse jantado vinagre, apagou imediatamente a alegria dos comensais, e todos o seguiram até a carruagem com uma expressão envergonhada como se houvessem sido surpreendidos cometendo um delito. Stephen voltou a entrar para buscar um lenço que havia esquecido e viu Lucy colar os lábios na borda do copo vazio do charmoso cavalheiro.

O charmoso cavalheiro perdeu sua cor rosada ao ar livre e permaneceu pálido durante algum tempo, e inclusive parecia que os solavancos e as sacudidas do carro iam acabar com ele, mas se recuperou quando passaram por Blackheath. Tinha vontade de falar, mas ao olhar ao redor não encontrou nada que o animasse a fazê-lo, já que o mensageiro do Rei estava encolhido em um canto com as costas voltada para seus companheiros e sustentava um livro de maneira que a luz desse na página que lia; o doutor Maturin estava abstraído e com o olhar fixo na ponta dos pés; e o capitão Aubrey estava dormindo e dava roncos fortes e muito graves. De vez em quando, o mensageiro fazia movimentos raros com as pernas tentando despertar o capitão de maneira que não parecesse que o havia feito de propósito, mas sem êxito. Além desses movimentos, não havia nenhum outro no carro.

A maré subia, aumentando a corrente do Thames, e a carruagem descia pelo caminho para sua desembocadura. Pool estava abarrotado de barcos, que se elevaram com a subida da maré, mas já começara a baixa-mar e os mastros começavam um movimento descendente quase imperceptível, e junto aos costados apareceu o preto lodo. Mas em Nore ainda faltava quase uma hora para que a maré baixasse e, com o pôr do sol, Jack se dirigia para a *Ariel* em uma lancha, fazendo um percurso em ziguezague entre os barcos de guerra. E quando estava a uma milha dela, observou que o capitão dava uma festa, pois saía muita luz pelas janelas do mirador de popa e também a música de uma banda e, além disso, se viam damas bailando no pequeno castelo de popa, um espetáculo que, indubitavelmente, atraía os olhares de todos os marinheiros, já

que ninguém pediu para que a lancha se identificasse até que já estava quase junto da corveta e a cerimônia com que o receberam quando subiu pelo costado foi um desastre. Não havia ordenado que a lancha se mantivesse ao paio para dar tempo de que se preparassem para dispensar-lhe a recepção adequada, em parte porque tinha muita pressa (perdera valiosos minutos comprando as coisas mais necessárias em Chatham), e em parte porque para alguém que tinha dor de cabeça por causa do vinho do porto do Grapes, aquele relaxamento da disciplina parecia imperdoável.

— Não o esperava até amanhã pela manhã — disse com tristeza o capitão Draper. — O almirante disse que zarparia pela manhã com a mudança da maré.

— Sinto muito, capitão Draper, mas é na próxima mudança da maré que tenho a intenção de zarpar — disse Jack. — Por favor, diga aos marinheiros que se reúnam na proa.

Se ouviu o agudo e entrecortado som dos apitos do contramestre e a ordem “tirem os chapéus!”. Jack se situou junto ao mastro maior e, enquanto Draper o iluminava com uma lanterna, leu com expressão grave e voz potente o seguinte:

Aos comissionados encarregados para que se cumpram as ordens do Primeiro Lorde, almirante da Grande Bretanha e da Irlanda... e sobre todas as possessões de Sua Majestade... Para John Aubrey, nomeado no presente documento capitão da *Ariel*, corveta de Sua Majestade. Em virtude do poder e da autoridade que nos concederam, pelo presente documento o nomeamos capitão da *Ariel*, corveta de Sua Majestade e requeremos que suba a bordo e assuma o comando da mesma e a governe na qualidade de capitão, como corresponde, e ordene e mande todos os oficiais e marinheiros da citada corveta a realizar corretamente, juntos ou separadamente, suas respectivas tarefas e a tratar com o devido respeito e prestar obediência ao senhor, seu capitão, e o senhor também deverá respeitar e obedecer as Instruções Gerais impressas e todas as ordens e instruções que receberá de vez em quando de nós ou de seus oficiais superiores para servir a Sua Majestade. Como anterior nem o senhor nem nenhum outro faltará, do contrário deverá ater-

se às consequências. E para que assim o faça, esta será sua garantia...

Havia tomado posse da *Ariel*, e no momento em que havia terminado de ler, a corveta se havia convertido em um navio sob o comando do capitão John Aubrey, que tinha autoridade legal, e o desacato a essa autoridade era pago com a morte.

— Sinto muito por expulsar o senhor e seus convidados — disse ao pobre Draper, e depois, muito mais alto, ordenou: — Todos a levantar âncoras!

— Todos os homens a desatracar! — gritaram o contramestre e seus ajudantes com todas suas forças, ainda que a ordem se havia ouvido de proa a popa e inclusive no *Indomitable*, que se encontrava a barlavento a dois cabos de distância.

— Jack Aubrey zarpuu — disse o primeiro oficial ao oficial de derrota. — Aposto contigo uma garrafa de vinho do porto que veremos fogos artificiais antes que passe o banco Mouse.

— Jack Aubrey *o Afortunado...* — disse o oficial de derrota. — Sempre gostou muito dos canhões.

Enquanto os marinheiros corriam para seus postos e os carpinteiros seguravam as barras do cabrestante, Jack disse para Draper:

— Por favor, apresente-me aos oficiais.

Todos estavam muito perto: Hyde, o primeiro oficial; Fenton, o segundo; Grimmond, o oficial de derrota; e os outros. Draper disse seus nomes rapidamente porque estava desejoso de tirar seus pertences de sua cabine e de levar seus silenciosos convidados. Jack disse que estava encantado de conhecê-los, pediu a Draper que, em seu nome, pedisse desculpas às damas, e ordenou:

— Siga senhor, senhor Hyde.

Então se colocou em seu posto, junto ao leme, e permaneceu ali muito atento, apesar da confusão que se armou quando os convidados se prepararam para descer.

Os tripulantes da *Ariel* notaram que ele os olhava com atenção e corriam para fazer suas tarefas como nunca haviam corrido quando estavam sob o comando do jovem senhor Draper. Estavam

ciente de que viria desde que o ajudante do almirante havia levado a bordo um piloto perito na navegação pelo Báltico e novas ordens para o capitão Draper, pois a notícia, através do despenseiro do capitão, demorara menos de dois minutos para espalhar-se por toda a corveta. Ainda que entre eles havia muitos grumetes e camponeses, também havia muitos marinheiros de barcos de guerra, que podiam contar-lhes que Jack Aubrey *o Afortunado* tinha fama de ser um capitão combativo, e três ou quatro desses marinheiros, que haviam navegado com ele, exageravam suas ações, dizendo, por exemplo, que comia fogo no café da manhã, no almoço, no lanche e na janta, que metia os que cometiam faltas em um barril e os atirava pela borda, para o que não necessitava de permissão nem encontrava nenhum obstáculo porque havia conseguido um butim de cem mil... duzentas mil... um milhão de libras e viajava em um carro de seis cavalos. Além disso, diziam que os pobres desgraçados que ele castigava assim eram aqueles que demoravam mais de quarenta segundos em disparar um canhão ou erravam o alvo, e todos os tripulantes que temiam que pudesse fazer isso, olhavam assustados para Jack enquanto moviam as barras do cabrestante ao ritmo das agudas notas do pífano e lhes parecia que sua imóvel figura, envolta na penumbra ali junto ao nervoso senhor Hyde, era de extraordinário tamanho, era irreal, uma figura cujo gesto indicava o hábito de mandar, uma figura da qual emanava autoridade, e também uma figura mal-humorada.

A amarra da âncora entrava pelo escovém enquanto a guarda de popa, os infantes de marinha e a maioria dos gavieiros empurravam as barras do cabrestante; os outros gavieiros começaram a passar a amarra de bombordo pelo escovém; no convés, os suboficiais e os marinheiros do castelo aduchavam a amarra, que fedia a lodo do Thames; e outros marinheiros revisavam o aparelho da gata.

— Preparados acima e abaixo! — gritou o segundo oficial desde o castelo.

— Preparados para velar a âncora! — ordenou o senhor Hyde muito nervoso, e depois, olhando para Jack, gritou: — Quer dizer, preparados para recolher a âncora!

A âncora principal da *Ariel* apareceu na superfície e seus tripulantes engataram o aparelho da gata à argola e, com grande habilidade, a subiram até a serviola a colocaram sobre ela e a amarraram. Quase imediatamente, enquanto o cabrestante girava sem parar, a corveta virou para a âncora menor e depois se ouviu o grito: “Preparados acima e abaixo!”.

Nesse momento, pela primeira vez, interveio o novo capitão, que se havia dado conta de que Draper já estava pronto e desejava que o descessem pelo costado como era devido.

— Parar! — gritou com um tom de voz que parecia calculado para um barco maior. — Parar o cabrestante! Grumetes para popa!

Draper desceu como era devido, entre os incessantes apitos, com lágrimas nos olhos, enquanto seus convidados, tristes e silenciosos, esperavam na lancha. E quando esta soltou as amarras e começou a avançar para a costa, Jack gritou:

— Subir para as vergas!

Os gavieiros subiram correndo para os amantilhos, colocaram-se nas vergas, soltaram os tomadores e permaneceram ali segurando as velas.

— Soltar! Caçar as escotas! Caçar as escotas! Colher as adriças! Puxar, puxar! Acostar!

As vergas subiram, as escotas foram retesadas e as ondulantes velas se esticaram, e imediatamente a *Ariel* fez um brusco movimento para frente e a âncora se despreendeu do fundo. Os marinheiros recolheram com o cabrestante o pedaço de amarra que faltava tão rapidamente como os que estavam no convés podiam aduchá-lo, e a âncora pequena foi erguida para o serviola e amarrada quando a *Ariel* passou roçando o costado de barlavento do *Indomitable*. Depois passou entre este e o navio que estava adiante e dirigiu a proa para o alto mar justo quando a maré mudava.

— Vira com facilidade — comentou o oficial de derrota do *Indomitable*.

— Foi uma imprudência passar perto do costado de barlavento — disse o primeiro oficial. — Poderia ter estragado a pintura se tivesse havido algum contratempo ao levar a âncora para o serviola.

Alguns minutos depois a *Ariel* largou as joanetes e imediatamente Jack ordenou:

— Iremos ao banco Mouse, senhor Grimmond. Sempre há um pouco de lixo ali quando a maré está baixa.

Até esse momento, Stephen, Jagiello e o mensageiro do Rei haviam ficado junto à haste da bandeira tranqüilamente, como fardos. Então Jack chamou ao primeiro oficial, apresentou os três, e disse:

— Senhor Hyde, devemos alojar estes cavalheiros assim que for possível. O doutor Maturin pode ficar em minha cabine, mas o senhor terá que encontrar lugar lá embaixo para pendurar mais duas macas.

Hyde ficou mais nervoso ainda e com um triste sorriso disse que faria tudo o que pudesse, mas que a *Ariel* era uma embarcação de coberta corrida.

Se Jack já não tivesse notado que a *Ariel* não tinha o castelo de popa e o castelo conforme mandavam os cânones (que a coberta se estendia de proa a popa sem variar de nível, pelo que, apesar de ser muito bonita, a corveta tinha pouco espaço) o teria notado imediatamente depois, ao levar seus acompanhantes abaixo. Depois de muitos anos de experiência aprendera que devia agacha-se quando estava sob coberta, e, sem pensá-lo, inclinou a cabeça ao entrar na cabine. Mas Jagiello não teve a mesma sorte e bateu a cabeça em um vau. O golpe foi tão forte que, apesar de dizer que não havia sido nada e que não sentia nada, ficou pálido como um cadáver, e por isso o sangue que escorria pelo rosto se destacava mais. Colocaram-no em cima de um escaninho, e até o mensageiro do Rei mostrou uma pitada de humanidade, e enquanto Stephen lhe secava o sangue, Jack mandou buscar grogue e disse que isso podia acontecer com qualquer um e que devia ter muito cuidado nas corvetas e nos bergantins porque tinham vaus baixos, sobretudo os franceses. Mas o capitão Aubrey não ficou com eles muito tempo, aliás regressou para coberta assim que teve a certeza de que Jagiello poderia sobreviver.

A esquadra ancorada em Nore já estava muito longe da popa e Sheerness não era mais que uma silhueta borrada. A *Ariel* deslizava

suavemente pelas águas tranqüilas e pouco profundas a uma velocidade de cinco nós, empurrada por uma suave brisa, e deixava atrás de si uma esteira tão reta como um sulco perfeitamente traçado.

Passeou pelo pequeno castelo de popa meia dúzia de vezes, olhando alternativamente para cima e por cima da borda, para poder formar uma idéia da corveta. Era muito parecida com o que ele esperava: era bem construída, tinha uma exércia adequada, era rápida, fácil de governar e navegava bem de bolina. A recordava bem, já que a perseguira em duas ocasiões quando ainda era uma corveta francesa, ainda que sem êxito, e a vira muitas vezes depois de ter sido capturada. Era uma das poucas corvetas francesas que o Almirantado não estragara acrescentando uma superestrutura, ainda que, como era usual, colocaram mais canhões e poseram um portaló extra em cada costado, o que provavelmente impedia que alcançasse grande velocidade e afundava um pouco a popa. Era uma embarcação pequena e muito bonita, como uma fragata em miniatura mas com um aspecto mais sóbrio; e também tinha grande potência, pois levava dezesseis caronadas de trinta e duas libras e dois canhões longos de nove libras, mas só podia usar essa potência se o alvo estivesse perto. Podia combater com qualquer embarcação de sua classe, desde que conseguisse aproximar-se suficientemente.

Desde o momento em que haviam mencionado a *Ariel* em Whitehall, confiava em que a corveta, se estava bem tripulada, faria qualquer coisa que fosse razoável no mar desde que lhe pedisse. O que não sabia era se os marinheiros de sua dotação eram hábeis para tripulá-la. Era óbvio que havia entre eles alguns marinheiros de primeira, porque o modo com que haviam desatracado era digno de elogio e na coberta tudo estava em ordem e arrumado ao estilo de Bristol, com excessão de um palanquim solto na proa; contudo, também era óbvio que faltavam tripulantes na *Ariel*, provavelmente uns vinte, para chegar aos cento doze da dotação que lhe correspondia, e havia entre eles mais grumetes do que devia. Mas a questão mais importante não era se poderiam tripular bem a corveta, mas se poderiam disparar bem os canhões. Não conhecia os jovens que estiveram ao comando dela nos dois últimos anos nem

sabia a importância que davam à artilharia, e posto que no dia seguinte possivelmente teria que enfrentar barcos holandeses em frente à desembocadura do Escalda e inclusive com barcos corsários franceses e norte-americanos um pouco mais adiante e com canhoneiras dinamarquesas no Belt, queria saber o quanto podia esperar deles e, em vista disso, decidir a estratégia a seguir.

— Suba as escotas meia braça, senhor Grimmond — disse ao oficial de derrota, que estava encarregado da guarda. — Não temos que chegar ali logo. E talvez deveríamos ordenar que amarrassem esse palanquim.

Depois de passear algumas vezes mais, notou que a *Ariel* diminuía a velocidade, igual que uma égua quando o jóquei solta suavemente as rédeas. O banco Mouse ainda estava bastante longe.

— Diga ao condestável que venha — ordenou.

E quando o jovem condestável chegou, de olhos brilhantes e cabeça redonda, ele disse:

— Condestável qual a quantidade de provisões tem?

Ainda que a *Ariel* não tivesse muitas provisões, tampouco carecia delas, e Jack podia permitir-se disparar duas ou três descargas usando dois barris da pior pólvora que já estavam pelo meio. Com isso consumiria a quantidade que o Almirantado atribuía para fazer práticas em oito meses, mas quando fizesse escala em Karlsrona, onde devia reunir-se com o Chefe da frota do Báltico, encheria a santa-bárbara e os paióis com pólvora e balas, compradas com seu próprio dinheiro, como a maioria dos capitães que tinham recursos suficientes para isso e que estavam convencidos de que a melhor maneira de vencer o inimigo no mar era disparar os canhões com rapidez e precisão.

— Muito bem — disse no momento em que soaram as três badaladas da guarda de segundo quartilho. — Senhor Hyde, que redobre o tambor para chamar todos a seus postos, por favor.

— Redobre de tambor! Chamar todos para seus postos! — gritou o primeiro oficial.

Mas então houve uma horrível pausa. Ninguém esperava esse tipo de coisa tão tarde; o marinheiro que tocava o tambor estava na proa com os calções baixos; o tambor não aparecia em nenhuma

parte, e muito menos soava. Apesar disso, os tripulantes obedeceram a chamada do contramestre e de seus ajudantes e foram correndo para seus postos, e alguns momentos depois, Jack viu um espetáculo ridículo que lhe fez muita graça: o marinheiro, com a parte de trás da camisa pendurada para fora dos calções, tocava o tambor como um louco enquanto a tripulação permanecia imóvel.

— Pare de tocar! — gritou o senhor Hyde, agitando o punho no ar, e se voltou para Jack e, em tom sereno e respeitoso, disse: — Todos em seus postos e sóbrios, senhor.

— Obrigado, senhor Hyde — disse Jack, e avançou até a linha imaginária que separava o imaginário castelo de popa do imaginário convés.

O banco Mouse estava perto, e ainda que quase já não houvesse luz, Jack podia distinguir a lixo que flutuava na água formando uma comprida linha, que costumava acumular-se ali entre as mudanças da maré.

— Silêncio de proa a popa! — ordenou.

A ordem não era necessária, já que todos os tripulantes estavam silenciosos e só se ouvia o assobio do vento na exércia, o rangido das polias e o rumor da água ao passar pelos costados da corveta; contudo, era interpretada como a única introdução adequada da ladainha marcial: “Destriocar os canhões! Nivelar os canhões! Sacar os tapa-bocas! Sacar as bocas das portas!”.

Nenhum deles se assombrou ao ouvir isto, mas todos se surpreenderam quando o capitão interrompeu a ordem ritual dizendo:

— Nós nos aproximaremos desse barril que está a sotavento até que esteja ao alcance de um mosquete, senhor Grimmond.

E depois, em voz mais alta, ordenou:

— Carregar os canhões! O alvo é a caixa que está pela amura de estibordo! De proa a popa, disparem quando a tenham na mira!

Silêncio absoluto... O clarão do canhão de nove libras de proa iluminou o céu e quase imediatamente se ouviram os estrondosos disparos das caronadas de estibordo.

— O que eu havia dito? — perguntou o primeiro oficial do *Indomitable* ao oficial de derrota.

Ambos olharam para o norte, e o enorme estrondo chegou até eles. Um momento depois, o grupo de nuvens baixas que havia ao norte foram iluminadas de novo por um resplendor vermelho.

— Está virando — disse o oficial de derrota.

Voltaram a ouvir um estrondo distante e a seguir houve uma pausa, na qual o oficial de derrota passou a contar em voz alta. E quando chegou a setenta, os clarões iluminaram o céu outra vez.

— Agora disparará a quarta descarga — disse o primeiro oficial, mas desta vez se equivocou.

— Guardar os canhões! — ordenou Jack e depois disse: — Uma prática digna de elogio, senhor Hyde.

E então, já sem dor de cabeça nem mal-humor, foi para baixo sorrindo.

## CAPÍTULO 7

---

Nenhum navio holandês havia saído da desembocadura do Escalda nem de Texel para atacar a *Ariel*, e tampouco a corveta se encontrara com barcos corsários, porém, posto que os dinamarqueses não tinham simpatia pela Armada real desde que havia atacado sua capital e apresara sua frota, outros perigos a espreitavam mais adiante, e todos a bordo se preparavam cada dia mais para enfrentá-los.

Para sua satisfação, Jack descobriu que herdara uma tripulação melhor do que esperava. O condestável havia servido sob as ordens de Broke e aprendera seu ofício no velho *Druid*, e além disso, dois de seus ajudantes haviam sido tripulantes da *Surprise* quando Jack estava comandando ela, e, afortunadamente, ainda que Draper, seu predecessor, não quisera ou não pudera gastar muito em pólvora e balas, pusera chaves e miras nos canhões de nove libras. Além disso, os oficiais eram jovens que conheciam bastante bem sua profissão e estavam dispostos a aceitar a opinião de seu novo capitão sobre a destreza que os tripulantes de um barco do Rei deviam ter no manejo dos canhões.

Assim, a *Ariel* navegava rumo norte, envolta em uma nuvem de fumaça constantemente renovada, disparando de dia e de noite em diferentes intervalos, em momentos inesperados, porque essa era a melhor forma de preparar os tripulantes para uma emergência. Ainda que Jack não podia esperar que disparassem com a rapidez com que seus tripulantes em outras missões chegaram a fazer, nem muito menos com sua precisão (entre outras razões, porque as curtas caronadas não podiam lançar uma bala com a precisão de um canhão longo), estava satisfeito com o resultado obtido até então e

confiava que a *Ariel* se sairia bem se travasse um combate com um oponente da mesma categoria. Na verdade, ansiava que chegasse o momento de entrar em combate, não só porque gostava das ações de guerra (pela grande emoção que provocavam e pelo fato de dignificarem a vida), mas também porque a tripulação da *Ariel*, ainda que fosse muito boa, era composta por homens recrutados em três levas recentes e que ainda não formavam um grupo homogêneo. Durante sua carreira naval, observara que entre os companheiros de tripulação surgia a simpatia e inclusive o afeto quando lutavam juntos em uma batalha e que na relação entre os marinheiros e os oficiais se produzia uma importante mudança que afetava ambas as partes. Por exemplo, ele estava unido por laços de amizade a Raikes e Harris, os ajudantes do condestável, porque os três haviam repelido juntos o duro ataque de um barco de linha francês no oceano Índico. O protocolo naval não permitia que mantivessem conversações, mas era indubitável que entre eles havia uma relação especial, uma grande estima.

— Esta é uma vida mais apropriada para um homem — disse Jack a Stephen depois de uma das práticas que novamente encheram de ruído o golfo de Helgoland.

— Certamente, inclusive tripular um barco com tantos mastros como este, onde há que puxar de tantos cabos para ajustar as velas, não é nada comparado com as dificuldades da vida na terra — disse Stephen abotoando o pescoço.

Sempre havia notado que no mar Jack era outro homem, um homem mais maduro, capaz de enfrentar tanto as situações comuns da vida diária como as situações estranhas, e também mais feliz; contudo, raramente a mudança fora tão grande e tão clara como desta vez. Um triste chuvisco chegava das Ilhas Frísias setentrionais e a marejada fazia saltar água por cima da borda de barlavento do castelo de popa a intervalos irregulares, e o rosto de Jack, sobressaindo de seu jaquetão inadequado e comprado depressa, estava radiante, parecia o Sol nascente atrás de uma cortina de chuva.

— Talvez isso se deva — prosseguiu, — em parte, à grande simplicidade de nossa comida, uma comida que nos servem a

intervalos regulares e sem que façamos nenhum esforço para consegui-la, enquanto que em terra se pensa amiúde em comer e os sucos gástricos se segregam constantemente. Porém, sem dúvida, o fator mais importante é a presença em terra de outro sexo, que desperta outro apetite, e a aparição de um conjunto de regras sociais e inclusive de valores morais diferentes.

— Bem, com relação a isso... — disse Jack enquanto estirava o pescoço para ver melhor a cruzeta, com o pensamento em outra parte, e depois, voltando-se para um guarda-marinha que estava no lado de sotavento, ordenou: — Senhor Rowbotham, suba na cruzeta do mastaréu de proa e transmita meus cumprimentos ao senhor Jagiello e diga-lhe que eu gostaria de falar com ele quando o considere oportuno. E escute-me bem, senhor Rowbotham, deve descer pela boca de lobo, ouviu? Não quero que faça travessuras na exércia nem que se deslize pelas bordas.

— Não, senhor. Sim, senhor — disse Rowbotham e subiu na exércia com a mesma rapidez, ainda que não com a mesma graça, que seu primo o lêmure de calda anelada.

— Sinto muito, Stephen, mas não posso permitir de nenhuma maneira que se passeie pela exércia, sobretudo com a mão ferida. É um homem desafortunado e poderia matar-se.

Era certo. Jagiello já caíra no mar através de um espaço livre que temporariamente ficara no parapeito, e o pegaram com o barbante do hodômetro enquanto ele ria alegremente; caíra pela bodega na única vez que uma escotilha ficara destampada, e salvou-se porque caiu em cima de um monte de sacos vazios; estivera a ponto de ser destroçado quando Moisés *o Lerdo* deixara cair a cunha do mastaréu diante de seus pés de uma grande altura, e a enorme peça de ferro havia ficado cravada na coberta como uma bala de corrente; e apenas no dia anterior, quando observava como funcionava a chave do canhão de nove libras, o trinco havia deslizado, machucara seus dedos e estivera a ponto de perder um deles. Era um homem muito popular entre a tripulação. Os marinheiros lhe tinham simpatia não só porque havia pedido que não açoitassem Moisés *o Lerdo*, senão também porque sempre estava alegre e, aparentemente, não tinha medo; os oficiais lhe

tinham simpatia porque escutava atentamente suas anedotas e apreciava seu engenho. Ainda que os oficiais mais estúpidos, como o senhor Hyde, ainda lhe falavam em voz alta, muito devagar e no tom que se fala com crianças tontas e com os estrangeiros, Graham, o cirurgião, um homem de grande agudeza quando estava sóbrio, e Fenton, o segundo oficial, diziam que era um disparate dizer: “Isto se chama cachorro morto. É purê de ervilhas, na realidade, mas o chamamos de cachorro morto. Gosta do cachorro morto?” a um homem que sabia jogar muito bem o *whist* e ganhava de todos no xadrez. E era indubitável que sua extraordinária beleza e suas maneiras delicadas influíam em ambas atitudes.

— Ah, senhor Jagiello! — exclamou Jack. — Obrigado por vir. Queria perguntar, em primeiro lugar, se teria a bondade de nos acompanhar na janta. Também vou a convidar o senhor Hyde. E, em segundo lugar, se conhece algum militar em Gotemburgo, porque a pólvora dos barris que estão no nível mais baixo do convés ficou úmida e eu gostaria de substituí-la por outra.

— Com muito gosto, senhor — disse Jagiello —. Muito obrigado. E com relação a Gotemburgo, conheço o comandante. Estou seguro de que ficará encantado de dar-lhe pólvora, sobretudo porque sua mãe é escocesa.

Stephen havia falado da simplicidade da refeição, e a janta foi um bom exemplo. O banquete começou com papas ao estilo marinheiro, condimentadas com xerez e engrossadas com pedaços de bolacha; seguiu com um frango raquítico com a pele enrugada e sabor de breu, que Stephen pôde dividir em quatro pedaços perfeitos, e com um pouco de purê de ervilhas do dia anterior, que haviam sido preparados fervendo-os dentro de um trapo até que se desfizeram e se converteram em uma massa homogênea; e continuou com a mesma carne de cavalo salgada e as mesmas bolachas que haviam servido de alimento dos oficiais, dos guardas-marinhas e dos marinheiros um pouco antes. É que a *Ariel* havia tido que zarpar tão rápido, e em um momento tão inoportuno, que os tripulantes não haviam tido tempo de levar para bordo suas próprias provisões, e as poucas que lhes restavam já as haviam devorado antes que a corveta alcançasse os 54°N e agora todos tinham que

contentar-se com o que o Ministério de Aprovisionamento lhes havia designado, pelo menos até que chegassem em águas suecas.

— Teria a amabilidade de cortar a carne para senhor Jagiello?  
— perguntou Jack ao senhor Hyde, assinalando com a cabeça a mão vendada de seu convidado.

— Claro, senhor — respondeu o oficial e começou sua laboriosa tarefa.

A carne havia feito uma viagem de ida e volta às Índias Orientais e agora se podia talhar e converter em um monte de adornos duradouros, e mesmo depois de passar várias horas no molho cozinhando nas panelas, ficava com sabor de carvalho. Stephen notou que Hyde era canhoto e que isso o fazia parecer mais desajeitado; contudo, era óbvio que tinha muita força na mão esquerda e que estava acostumado a cortar carne de cavalo salgada. E enquanto Hyde, fazendo uma grande pressão, estava partindo a carne em pedaços de tamanho razoável, murmurou:

— Espero que não esteja doendo muito, senhor Jagiello.

— O senhor é muito amável, senhor — respondeu Jagiello. — Não é nada. Mas confesso que esta manhã tive dificuldades para barbear-me, ainda que o doutor Maturin — assinalou com a cabeça para Stephen — e o doutor Graham...

Nesse momento um pedaço de carne chocou contra o peito de Jack com assombrosa força, e ainda que todos tenham rido e Jack dissesse que provavelmente o enforcariam por lançar uma arma letal em um oficial superior, tudo foi em vão, o pobre homem apenas pôde sorrir. Quando a refeição se reiniciou, Hyde passou o purê de ervilhas para Jagiello enquanto, em voz baixa e em tom melancólico, dizia:— Um pouco de cachorro torto, senhor, digo... Cachorro morto.

Essa não era a primeira vez que Stephen havia notado que Hyde tinha a costume de trocar as letras e se perguntou se isso teria algo a ver com o fato de ser canhoto, se a confusão entre a direita e a esquerda (havia visto que Hyde passava o vinho pelo lado contrário) estaria relacionada com a mudança dos sons, sobretudo num momento em que a mente estava turbada. Mas não seguiu refletindo sobre essa questão, senão que disse:

— Faz pouco estávamos falando de sexo. E agora que penso, talvez esse não seja um tema adequado para tratar na mesa de um capitão, de onde se hão excluído a política e a religião. Acaso é um tema bem acolhido na coberta e proibido debaixo dela?

— Acho que ouvi falar dele em alguma ocasião — respondeu Jack.

— A idéia da liberdade e a da simplicidade são as que me impulsionaram a fazer essa observação. Nesta arca, nesta comunidade flutuante, todos somos do mesmo sexo, porém, o que ocorreria se houvesse pessoas dos dois sexos, como em terra?

Ao dizer isto último olhara para Jagiello, que se ruborizou e respondeu que não sabia.

— Conheço pouco às mulheres, senhor — disse. — Um não pode ter amizade com elas: são como os judeus.

— Como os judeus, senhor Jagiello? — inquiriu Jack.

E depois, sorrindo, pensou: “Admira-me que alguém pudesse demonstrar que é cordeiro, sabe?”.

— Sim, judeus — disse Jagiello. — Um não pode ser amigo dos judeus. Foram perseguidos e maldito durante tanto tempo que são inimigos de todos, como os cativos. As mulheres foram cativas domésticas durante muito tempo. Não é possível que chegue a haver amizade entre os inimigos, nem sequer durante uma trégua, porque sempre estão vigilantes. E se um não é amigo de alguém, como vai conhecê-lo realmente?

— Alguns falam do amor... — disse Stephen.

— O amor? — inquiriu o jovem. — Mas o amor é fruto do tempo e, em troca, a amizade não. Como Shakespeare dizia...

Os marinheiros nunca se informaram do que Shakespeare dizia, pois nesse momento entrou um guarda-marinha que fora enviado pelo oficial de guarda para informar que a chuva havia cessado a sotavento e que puderam avistar vinte e oito exércias de mercantes e, além disso, uma fragata e um bergantim que pareciam ser a *Melampus* e o *Dryad*.

— É um comboio do Báltico, sem dúvida — disse Jack. — Ninguém poderia confundir a *Melampus*. Não obstante, acho que seria melhor darmos uma espiada. Doutor, pode contar algo a

Jagiello para entretê-lo enquanto voltamos? Tenho muita esperança de terminar a janta com algo melhor que o condenado queijo de Essex.

— Senhor Jagiello — disse Stephen quando os outros se foram, — queria que me falasse dos antigos deuses da Lituânia, que, conforme acredito, habitam ainda como fantasmas entre os camponeses, e também do culto ao carvalho, e da águia marinha, o castor e o bison europeu e dessa doença denominada documento reservado. Mas antes que esqueça, queria dar-lhe uma mensagem que me encarregaram de transmitir com muito tato, diplomaticamente, para que não pareça uma ordem, porque é impróprio dar uma ordem a um convidado, mas de maneira que tenha a mesma força e o mesmo efeito. A agilidade com que se move pela exércia desperta admiração, estimado amigo, porém, ao mesmo tempo, grande intranqüilidade e uma preocupação proporcional à estima que lhe temos, e o capitão se alegraria muito de que não passasse das plataformas mais baixas, conhecidas tecnicamente como cestos das gáveas.

— Acha que vou cair?

— Acha que a gravidade atrai com mais força os soldados que os marinheiros e, como o senhor é um hussardo, está convencido de que cairá.

— Farei o que deseja, certamente. Mas se equivoca, sabe?, porque os heróis nunca se caem, ou, pelo, não morrem ao cair.

— Não sabia que o senhor era um herói, senhor Jagiello.

A *Ariel* se inclinou bruscamente para colocar-se com o vento pela alheta, desdobrou as joanetes e as alas de barlavento e avançou para a *Melampus* com rapidez, a dez nós, com a borda de sotavento enterrada na espuma. Jagiello se agarrou fortemente na mesa, mas aquele solavanco para barlavento o fez escorregar do assento e cair no solo, e durante alguns momentos permaneceu ali sem poder mover-se, pois suas esporas se cravaram na esteira que o cobria.

— É claro que sou um herói — disse, levantando-se e rindo alegremente. — Cada homem é o herói de seu próprio conto, doutor Maturin. Sem dúvida, cada homem considera a si mesmo mais

inteligente, mais astuto e mais virtuoso que os outros, portanto, como seria possível que se achasse o mau da obra ou tão sequer um personagem secundário? E o senhor deve ter notado que os heróis nunca são derrotados. Podem ser derrubados, mas sempre conseguem se levantar de novo, e se casam com a jovem virtuosa.

— De fato, notei. Há algumas excessões notáveis, naturalmente, mas concordo com o senhor que é assim na maioria dos casos. Talvez por isso o conto ou o romance de cada homem seja um pouco chato.

— Ah, doutor Maturin, se pudesse encontrar uma amazona, uma das integrantes dessa tribo de mulheres que nunca foram oprimidas, uma mulher com a qual pudesse ter amizade e tratar como um igual, quanto a amaria!

— Desgraçadamente, meu amigo, os homens mataram a última amazona faz dois mil anos. Temo que seu coração terá que ir virgem para a tumba.

— Que ruído é esse? Parece que há ursos caminhado pelo teto — disse Jagiello, interrompendo-o.

— Estão jogando um bote na água, e, a julgar pelos gritos dos marinheiros, tardaremos em comer a sobremesa. Gostaria de jogar uma partida de xadrez enquanto esperamos? Talvez não sirva para demonstrar nossa inteligência, nossa astúcia e nossas virtudes, mas não me ocorre nada melhor.

— Encantado — disse Jagiello. — Mas se perco, não creia que vou mudar de opinião.

Talvez o jogo não demonstrou a inteligência dos jogadores, mas pôs de manifesto que Jagiello tinha mais virtudes ou, pelo menos, mais bondade que Stephen. O doutor jogava para ganhar e havia lançado um ataque contra a rainha, mas o havia feito na jogada anterior à adequada (um peão ainda obstava a passagem de sua artilharia pesada) e Jagiello se perguntava como poderia jogar para perder, como poderia cometer um erro que não fosse tão claro que ferisse a sensibilidade de seu oponente. Jagiello jogava muito melhor que Stephen, mas ocultava seus sentimentos muito pior. Stephen observava com regozijo sua fingida expressão estúpida quando ouviu que o bote regressava. Um momento depois entrou Jack

seguido de seu despenseiro, que trazia um pudim de passas do tamanho de uma roda de carro, e de dois fortes marinheiros com uma enorme cesta, da qual saiu um ruído de cristais ao ser depositada no solo. E na cobertura se ouviu um ruído de cascos e um melancólico balido que revelaram a presença de pelo menos um manso cordeiro. Jagiello, com um gesto de alívio, afastou imediatamente o tabuleiro para dar espaço ao pudim, derrubando deliberadamente todas as peças para resolver seu problema.

— Sinto ter demorado tanto, mas estou certo de que pensarão que valeu a pena — disse Jack. — Na *Melampus* nunca se privaram de nada. É como uma mansão. Pode servir-se de mais um pedaço, senhor Jagiello. Só tem que durar até Gotemburgo.

Gotemburgo. Uma cidade melancólica, que havia sido queimada quase por completo recentemente. Seus habitantes, homens e mulheres taciturnos, vestidos com roupa de lã cinzenta, tinham tendência a embebedar-se e a suicidar-se (durante o curto tempo que a *Ariel* permaneceu ali passaram junto dela os cadáveres de três suicidas que o rio havia arrastado) e ainda que não fossem amáveis com eles mesmos, eram com os estrangeiros. Imediatamente o comandante forneceu a Jack a pólvora, da melhor qualidade, e, além disso, presenteou-lhe com uma caixa de língua de rena defumada e um pequeno barril de falcões apicultores salgados. O barril ele entregou a Stephen dizendo:

— Por favor, aceite este barril de falcões.

— Falcões? — inquiriu Stephen tão surpreendido como poucas vezes lhe haviam visto.

— Oh, não são falcões comuns! — exclamou o comandante. — E tampouco falcões, falcões, não tema. Todos são falcões apicultores, dou minha palavra.

— Estou certo, senhor, muito obrigado — disse Stephen e, olhando atentamente o barril, acrescentou: — O senhor se importaria de dizer como chegaram aqui?

— Os pus eu mesmo, os pus com minhas próprias mãos, escolhendo um por um. Escolhi os melhores, ainda que não corresponde a mim dizê-lo.

— Os matou com uma escopeta?

— Oh, não! — exclamou o comandante muito assombrado. — Não se devem matar os falcões apicultores com escopeta; isso arruina seu sabor. Nós os estrangulamos.

— Não se incomodam com isso?

— Acho que não — respondeu o comandante. — O fazemos pela noite. Tenho uma casinha em Falsterbo, uma península com alguns bosques situada no extremo do Oresund. As aves, miríades de aves, passam por ali no outono em sua viagem migratória para o sul, e um grande número delas pernoitam nos galhos das árvores para dormir. São tantas que apenas deixam ver as árvores. Escolhemos os melhores falcões, os derrubamos e os estrangulamos. Isso se há feito sempre; todos em Falsterbo estão acostumados com isso. Os melhores falcões apicultores salgados são de Falsterbo.

— Também vão águias, senhor? — perguntou Stephen.

— Oh, sim, é claro!

— As salgam também?

— Oh, não! — respondeu o comandante. — Uma águia salgada não seria um prato saboroso. Sempre as conservamos em vinagre, sabe?, porque se não secariam muito.

Enquanto subiam a pólvora a bordo, Stephen exclamou:

— Gostaria muito de conhecer Falsterbo!

— Talvez possa — disse Jack. — O comandante me disse que os dinamarqueses têm potentes canhões na costa do Belt e o capitão da *Melampus* me disse o mesmo. Além disso, quero passar pelo Oresund. Falemos com o piloto.

Quando chegou o piloto experto na navegação pelo Báltico, um velho que Jack conhecia há muito tempo e que respeitava muito, disse:

— Senhor Pellworm, quero passar pelo Oresund. Sei que os dinamarqueses mudaram as balizas, porém, o senhor acha que pode fazer a corveta passar pelo estreito durante a noite, ao final da noite?

— Hei atravessado o Oresund muitas vezes desde que era menino e o conheço como a palma de minha mão, como a palma de minha mão, senhor — respondeu o senhor Pellworm. — Não

necessito das velhas balizas para fazer passar uma embarcação do calado da *Ariel* pelo estreito durante a noite, e inclusive poderia levá-la até Falsterbo, com a ajuda dos faróis suecos.

— E, o que pensa relação ao vento, senhor Pellworm?

— Bem, senhor, nós, nesta época do ano, dizemos: “Entrar pelo Oresund e sair pelo Belt”, porque o vento do oeste se mantém na parte norte do primeiro e na parte sul do último. Não tema pelo vento, senhor. Ou o vento segue sendo favorável para atravessar o Oresund durante três ou quatro dias ou deixo de me chamar como me chamo.

— Então faremos assim, senhor Pellworm. Levantaremos âncoras assim que zarpe o bote que trouxe a pólvora e atravessaremos o estreito na escuridão.

O piloto não se equivocou com relação à direção do vento, que também havia feito a *Ariel* passar pelo Kattegat a considerável velocidade, mas se equivocou com respeito a sua intensidade. Na guarda de meia Jack despertou, escutou atentamente o rumor da água ao passar pelos costados do barco, pôs um jaquetão em cima da camisa de dormir e subiu para a coberta. A luz da lua era tênue, as águas estavam negras e tranqüilas, e a *Ariel* avançava apenas a cinco nós de velocidade. Pela amura de bombordo viu uma luz na costa sueca e pensou que aquele não podia ser o cabo Kullen, que o cabo Kullen devia estar agora muito para trás. Aproximou-se da bitácula, pegou a tabela onde estavam apontadas com giz a intensidade e a direção do vento, a velocidade e o rumo e rapidamente calculou a posição da corveta. O piloto se aproximou dele e tratou de desculpar-se com uma tosse forçada.

— Seria possível que o grupo de marinheiros que está abaixo subisse para desdobrar mais velas?

— Não, não vale a pena — respondeu Jack. — Esperaremos até as oito badaladas.

Estavam muito atrasados, mas não valia a pena chamar todos os marinheiros agora porque, mesmo desdobrando as sobrejoanetes, as monteirinhas e as alas de cima a baixo, teriam que atravessar o estreito de dia.

— Senhor... Senhor Jevons, né? — disse a um guarda-marinha que estava ali na escuridão abrigado com um cachecol. — Por favor, desça e traga minha capa de água. Está pendurada junto ao barômetro. Tenha cuidado de não despertar o doutor.

Envolto em sua capa, permaneceu junto ao farol de popa observando o céu e a corveta e pensando no que devia fazer. Parecia que devia seguir adiante em vez de mudar de bordo e passar pelo Belt. O risco não era muito grande, e, em troca, era muito o tempo que poderiam poupar. O que realmente lhe preocupava no fato de atravessar o estreito mais tarde era que as canhoneiras de Copenhague e Saltholm estariam esperando-lhes, já que a notícia de sua presença ali chegaria com suficiente antecedência, e, nesse caso, se o vento se acalmasse, poderiam ter dificuldades porque as canhoneiras eram muito hábeis e já haviam capturado numerosas corvetas e bergantins; contudo, pensava que devia seguir adiante. Apesar de que isto continuou dando-lhe voltas na cabeça, também pensou em alguns aspectos da vida no mar e, sobretudo, na invariável rotina que vira em todos os barcos em que navegara, uma rotina amiúde tediosa, desagradável e com exigências, mas que, pelo menos, punha ordem no caos. Era uma estrutura admitida, com preceitos que vinham de cima, preceitos às vezes arbitrários e outros arcaicos, porém, em geral, fáceis de seguir e mais tangíveis e mais fáceis de fazer cumprir que o Decálogo. Nessa estrutura surgiam uma infinidade de problemas, mas a ordem proporcionava soluções para a maioria deles, ou evitava que se formassem.

Sete badaladas. Por todo o barco se ouviu o grito: “Tudo bem!”.

Oito badaladas. Chamaram todos os marinheiros para seus postos, e quando estes começaram a sair de suas macas, despenteados e com os rostos rosados e suados, o ajudante do oficial de guarda lançou a barquilha.

— Girar! — gritou o ajudante.

E, vinte e oito segundos depois, o segundo oficial disse:

— Parar!

— Quanto? — perguntou Jack.

— Quatro nós e três braças, senhor, com sua licença — respondeu o senhor Fenton.

Era o que se temia: uma sensível redução. Poderia seguir adiante e procurar estar sempre sob a proteção das baterias suecas ou mesmo entrar em Helsingborg. Quando todos os marinheiros estavam na coberta deu a ordem para desdobrar mais vela e voltou para suas reflexões.

Ao leste apareceu a luz no céu. Já estava a ponto de começar o ritual da limpeza da quase impoluta coberta; as bombas chiavam e tudo estava molhado. Jack foi abaixo para trocar de roupa e para não atrapalhar os gavieiros, que já se aproximavam da popa com baldes, areia, pedra arenito e esfregões.

Jack gostava da *Ariel*, ainda que fosse uma corveta muito pequena, e também de sua cabine, que, apesar de não ser grande, comunicava-se com outros dois compartimentos: a cabine de dormir e o refeitório. Havia alojado Stephen neste e havia mandado mover a mesa para pendurar sua maca; e nessa mesa esteve sentado comodamente até que os rítmicos golpes dos esfregões indicaram que os marinheiros, que limpavam a coberta desnecessariamente, agora a estavam secando desnecessariamente também.

Voltou ao seu posto e permaneceu ali observando todas as ações e movimentos da ordenada vida do barco, tratando de distinguir as mudanças que o dia anunciava, olhando as nuvens para predizer como sopraria o vento e contemplando de vez em quando a costa, que se movia lentamente, muito lentamente.

Ainda estava ali quando Stephen apareceu, muito cedo em comparação com a hora em que habitualmente subia, com um telescópio emprestado.

— Bom dia, Jack — disse e imediatamente olhou ao seu redor e exclamou: — Mãe de Deus, é mais estreito do que eu imaginava!

Realmente, era muito estreito. Agora, à luz do Sol, podia ver-se os suecos caminhando pela margem de bombordo e os dinamarqueses pela de estibordo. Apenas três milhas separavam uma margem da outra, e a *Ariel* estava mais ou menos no meio, mais perto da Suécia, avançando para o sul muito devagar, apenas com velocidade suficiente para manobrar.

— E aí, você viu? — perguntou Stephen.

— Vi o que?

— Então, os patos de flojel, certamente. Não se recorda que Jagiello disse que poderíamos ver patos de flojel no Oresund? Pensei que era isso o que olhava com tanta atenção.

— Sim, disse, mas a verdade é que não prestei atenção. Mas posso mostrar algo que você gostará muito mais. Vê esses telhados verdes e esses terraços? Esse é Helsingór.

— Helsingór? O verdadeiro Helsingór? Obrigado, meu Deus! Que Deus o abençoe, Jack! É um castelo impressionante, é digno de admiração. Acreditava que era irreal... Silêncio! Não se mova! Aí vêm, aí vêm!

Uma revoada de patos passou voando sobre suas cabeças. Eram patos grandes e gordos que voavam como andorinhas, formando longas filas, e um pouco mais adiante mergulharam nas águas que separavam a corveta do castelo.

— São patos de flojel, não há dúvida — disse Stephen, observando-lhes com o telescópio. — Em sua maioria são filhotes, mas ali à direita há um pato adulto com toda a plumagem. Agora mergulha... Posso ver seu ventre preto... este dia será inesquecível para mim.

Nesse momento uma fonte brotou da superfície do mar. Os patos de flojel desapareceram.

— Meu Deus! — exclamou Stephen assombrado. — Que é isso?

— Dispararam em nós com seus morteiros — respondeu Jack. — Eram os morteiros o que estava buscando antes com a vista.

Uma voluta de fumaça apareceu no terraço mais próximo e meio minuto depois brotou outra fonte a duzentas jardas da *Ariel*.

— Godos! — gritou Stephen, olhando aborrecido para Helsingór. — Poderiam ter acertado nas aves. Estes dinamarqueses sempre foram muito ariscos. Sabe o que fizeram a Clonmacnois<sup>{19}</sup>, Jack? A queimaram, os canalhas, e sua rainha se sentou no altar mor como Deus a trouxe ao mundo, recitando oráculos em uma língua pagã. Ota era o nome dessa fulana. Todas são iguais; olhe a mãe de Hamlet... O que me estranha é que seu comportamento tenha suscitado comentários.

A bomba seguinte passou por cima da *Ariel* e fez brotar um penacho de água a um cabo de distância a bombordo. Jack pegou o

telescópio e o dirigiu para a bateria. Cinco volutas de fumaça avançavam lentamente pelo Oresund; cinco fontes brotaram do mar, três próximas a um costado da fragata, duas próximas ao outro, e depois se ouviu um terrível estrondo.

— São muito hábeis — pensou. — Estão aumentando a carga.

O piloto foi para popa e perguntou:

— Quer que entremos em Helsingór, senhor?

— Não — respondeu Jack, olhando para o porto sueco, que estava pelo través de bombordo. — Siga avançando pelo Oresund, senhor Pellworm, e aproime-se da costa sueca tanto como queira.

Então se voltou para Stephen e disse:

— Quando se lançam bombas de duzentas libras em um objeto que se move, a esta distância, o resultado é incerto, sabe? Tanto pode acertar como errar. Não tem nem comparação com lançá-las contra uma fortificação ou uma frota fundeada. Por outro lado, se retrocedermos, as possibilidades de que nos acertarem são as mesmas que se seguirmos adiante, ou maior, porque ao avançar nos afastamos em linha direta dos morteiros. Bom dia, senhor Jagiello. Os dinamarqueses estão ocupados, como vê.

— Oxalá explodam — disse Jagiello. — Bom dia, senhor. Bom dia, doutor.

Três bombas caíram justamente diante da *Ariel*, provocando três colunas de água que, instantaneamente, quando as cargas explodiram sob a superfície, transformaram-se em uma confusa massa de jorros de água que saltavam em todas as direções.

— Mudar de bordo o leme! — gritou Jack.

Então a *Ariel* começou a fazer uma série de movimentos suaves como os da giga, dava viradas e, conforme seus tripulantes soltavam as escotas ou as puxavam para popa, sua velocidade diminuía ou aumentava, se não muito, ao menos o suficiente para que os dinamarqueses tivessem que fazer novos cálculos cada vez que disparassem uma descarga.

— Senhor Hyde, jogue uma rede pelo costado — disse ao primeiro oficial, assinalando um grupo de grandes peixes que flutuavam com o ventre sobressaindo da superfície no lugar onde haviam explodido as bombas. — Podemos tirar proveito da situação.

O mar se movia devagar, muito devagar; a costa parecia imóvel. Às vezes as maiores e as gáveas golpeavam por falta de vento, e podia ouvir-se os marinheiros do castelo assobiando para atrai-lo. Mas não tinham muito tempo para ocupar-se disso, já que, quando soassem as sete badaladas, teriam que subir as macas, e quando soassem as oito, teriam que ir desjejuar. E o agradável odor do pescado frito já se espalhava pela coberta.

— Esteve alguma vez em Helsingór, senhor Jagiello? — inquiriu Jack.

— Oh, muitas vezes, senhor! — respondeu Jagiello. — Eu o conheço bem. Acho que posso mostrar-lhe a tumba de Hamlet daqui.

— O que eu queria saber era se os morteiros do terraço superior eram de dez ou de treze polegadas — disse Jack. — Mas também gostaria de ver a tumba de Hamlet.

— São de dez e de treze, senhor. Olhe, a direita do último torreão há um grupo de árvores, e entre essas árvores está a tumba. Dá para distinguir as pedras.

— Então está enterrado aí — disse Jack, enfocando o telescópio. — Bem, bem, todos teremos que chegar a isso. A obra é estupenda, estupenda. Nunca ri tanto em minha vida.

— Em efeito, é uma obra estupenda — disse Stephen. — duvido que eu pudesse escrevê-la melhor. Mas nunca a considereei uma comédia, sabe? Você a leu recentemente?

— Nunca a li, quer dizer, não a li completa — disse Jack. — Fiz algo melhor que isso: eu a representei. Agora disparam desde o terraço superior... Era um guarda-marinha então.

— Que papel fazia?

Jack não respondeu imediatamente. Estava esperando que as bombas caíssem, contando os segundos. E quando contou vinte e oito, caíram, mas muito longe, por estibordo.

— Leme a bombordo! — gritou e depois continuou: — Era um dos ajudantes do coveiro. No total éramos dezessete e tínhamos terra de verdade para cavar, que havíamos levado da costa. A terra sujou a coberta, mas Deus sabe que valeu a pena. O carpinteiro era o coveiro e, em vez de seguir falando, dessa maneira tão chata, de

quem ia ocupar a tumba, fez comentários sobre a tripulação. Também fiz o papel de Ofelia, quer dizer, de uma das Ofelias.

Outra descarga rasgou o mar. Desta vez as bombas estavam melhor dirigidas, mas não chegaram a alcançar a corveta, e quando Jack observava como caíam, viu um clarão. Essa bomba também estava bem dirigida, e Jack a viu elevar-se a grande altura até converter-se em uma pequena bola negra que se destacava no céu claro, depois a viu descer com rapidez, cada vez com mais rapidez, descrevendo uma curva, e finalmente explodir longe, pela popa.

— A julgar pela altura, devem haver chegado ao seu ponto de elevação máximo e a disparar com carga máxima — disse.

A seguinte descarga confirmou sua suposição. As últimas cem jardas percorridas lhes puseram fora do alcance da bateria, de forma que Jack disse que eles também deviam ir desjejuar e logo, aproximando-se de Stephen, em voz muito baixa, confessou:

— Não posso suportar o odor desse pescado.

Quando desjejuavam na cabine, de onde viam perfeitamente as margens do estreito e Helsingór, agora silencioso, Stephen disse:

— Então representou a Ofelia quando era jovem, capitão Aubrey.

— Uma parte de Ofelia. Porém, neste caso, a parte era a mais importante. Fizem-me sair três vezes para cumprimentar quando acabei, enquanto que não fizeram os outros dois saírem de novo, nem sequer o que se afogou vestido com um traje verde e com um raminho na mão. Três vezes, dou minha palavra!

— Por que dividiram a pobre jovem?

— Bem, o que ocorreu foi que no navio insígnia só havia um guarda-marinha o bastante bonito para fazer o papel de uma mulher, mas estava afônico e, além disso, destoava, assim que na parte onde tinha que cantar, eu punha o vestido e cantava de costas para o público. Mas nenhum de nós dois queríamos nos afogar nem ser enterrados de verdade na terra, quer o almirante estivesse ali ou não, de modo que essa parte foi representada por um dos cadetes mais jovens, que não podia se defender. Por isso éramos três, compreende?

Jack sorriu enquanto recordava daquela representação, que havia tido lugar nas Índias Orientais, e, depois de um momento, cantou:

*Fazem todos os jovens o mesmo  
se surge a ocasião.  
Viva Deus, que merecem censura!*

Depois disse:

— Sim, lamentavelmente. E pelo que recordo, a obra teve um desenlace fatal.

— Sim, de fato — disse Stephen. — É uma lástima... voltarei a subir, se não resta mais café. Não quero perder as maravilhas do Báltico porque são, por assim dizer, uma compensação para as tristezas que sentimos em terra.

Pudera ver mais patos de flojel e, um pouco mais tarde, nas imediações da ilha Saltholm, alguns patos muito curiosos que não pôde identificar, isto é, que não havia tido tempo de identificar, já que o vento aumentou de intensidade e a *Ariel* navegava a uma velocidade de oito nós. Isso lhe incomodara, porém, por outro lado, se a corveta não navegasse com tanta velocidade, não haveria chegado a Falsterbo quando ainda havia luz suficiente para ver perfeitamente uma águia marinha, uma ave de enorme tamanho, com a plumagem própria das aves adultas, que pegou um peixe do mar a menos de vinte jardas da popa da *Ariel*. Além disso, navegar naquela velocidade tinha a vantagem de que as flotilhas de canhoneiras, perigosas mas lentas, não podiam atacar a corveta.

— Alegro-me em saber — disse quando Jack assegurou que as canhoneiras já não poderiam alcançar a corveta, que agora virava para passar entre Bornholm e o continente e que se o vento soprasse com mais força ainda, o que parecia provável, eles se reuniriam com o almirante pontualmente. — Fico alegre em saber porque, depois das emoções de hoje, gostaria de passar uma noite tranqüila e dormir muito para estar sereno amanhã. Quem sabe o que o dia de amanhã trará! Talvez cisnes cantores ou mesmo a própria fênix. Vou a deitar-me imediatamente.

Não viu cisnes de nenhum tipo e tampouco a fênix no dia seguinte. O céu estava escuro e as nuvens passavam por ele com rapidez; o mar estava agitado e cinzento; e a *Ariel* avançava com as gáveas com todos os rizos. O vento havia aumentado de intensidade e primeiro rolou para oeste e depois para noroeste, provocando uma forte marejada que imprimia na corveta um movimento em espiral e, ao mesmo tempo, fazia com que ela cabeceasse com tanta força que a estopa das juntas das colunas do gurupés das bitas<sup>4</sup> saíssem. O estômago de Stephen havia suportado o movimento do oceano Atlântico, do Pacífico e do Índico, mas esteve a ponto de ser vencido pelo do mar Báltico. Stephen não estava enjoado, mas tinha frio e secretava muita saliva, incomodava-se com a companhia dos outros, sobretudo se faziam piadas ou brincadeiras, e não suportava nem sequer a idéia de comida. Pensava que talvez a causa fosse o asqueroso pescado que comera no dia anterior, porque um pescado com o ventre arrebetado poderia acarretar danos de todo tipo e só um imbecil o comeria. E também pensava que só um imbecil podia fazer-se ao mar expondo seu corpo à umidade. Permaneceu na coberta a maior parte da manhã. Agora a umidade não era por causa da chuva, mas por causa da água que chegava horizontalmente, pois cada vez que a *Ariel* afundava a proa no mar, a água e a espuma a cobriam de proa a popa como um manto e penetravam pelas juntas de sua protetora armadura, de modo que, além de ter frio, estava empapado.

“Talvez devesse ir ver meu colega e pedir-lhe dez gotas de éter etílico ou de ácido sulfúrico diluído”, pensou. “O pobre homem é um bêbado, mas pelo menos tem um estojo de remédios”. E como a *Ariel* se movia caprichosamente, pediu a um dos mensageiros do castelo de popa, um garoto rosado que tinha um gorro com orelheiras, para que o guiasse. Enquanto desciam, ouviram gritar: “Barco à vista! Uma gata a 25° pela amura de estibordo!”, mas Stephen não parou. Haviam divisado antes outro barco, um barco dinamarquês que, conforme os oficiais, navegara com frequência pelo Báltico durante o verão, porém, lamentando muito, Jack o deixara escapar, pois sua missão era muito mais importante para ele que capturar presas, e provavelmente faria o mesmo neste caso.

Além disso, Stephen não se interessava nem um pouco com as presas, o que queria era éter etílico.

Por desgraça, achou o bêbado em um estado parecido ao seu, ou mesmo pior: estava indiferente ao mundo que lhe rodeava, apenas podia falar, tinha o rosto verdoso, estava sem se barbear e cheirava mal. Contudo, mais lamentável que tudo isso era que bebera todo o éter etílico da corveta e derramara o ácido sulfúrico, que agora corroía a cobertura de sua mão. Mas ele sussurrou que não se importava e que quanto mais rápido corresse o fundo do barco, melhor.

Stephen saiu dali indignado e, virando-se para o garoto que o guiara até a cabine do senhor Graham, disse:

— Olhe o que conseguem com esse costume pagão de assobiar. Seu próprio cirurgião está enjoado. Que vergonha! Diga ao capitão que vou retirar-me para meditar e que peço que me desculpe por não jantar com ele.

Não havia tomado o café-da-manhã e não comeu nem tomou o chá com o capitão; e quando por fim a *Ariel* chegou às tranquilas águas de Karlskrona e cumprimentou com canhões ao almirante, sentiu frio, tristeza e fraqueza. Se sentia tão mal que, quando a falua da *Ariel* abordou o navio insígnia, apenas começou a subir torpemente pelo costado, soltou a escada e caiu como um fardo. Mas Jack estava preparado para isso. Seu velho amigo não era um marinheiro, nunca o fora e nunca seria. Desde o começo de sua amizade, já havia caído das vergas e de botes e barcos parados, e mais de uma vez caíra no espaço que separava um bote de um barco quando ia subir a bordo deste. O capitão Aubrey ordenara que a falua engatasse o croque no navio insígnia de maneira que ficasse presa como uma lapa e que dois robustos marinheiros permanecessem ao pé da escada. E os marinheiros, que sabiam muito bem que isso era muito provável, pegaram entre seus braços o frágil corpo do doutor Maturin com a mesma facilidade com que pegavam uma maca (esta pesava um pouco mais) e o impulsionaram para cima dizendo: “segure-se com as duas mãos! Não há que dar-se por vencido! Um passo mais e chegaremos a bordo secos e salvos!”.

O capitão da Frota do Báltico os recebeu, mas os recebeu com frieza. Ele disse que o almirante não podia atendê-los e que se a *Ariel* queria se juntar à esquadra, agradeceria ao capitão Aubrey se içasse uma flâmula da cor apropriada, já que sir James fora ascendido recentemente a vice-almirante da Divisão Vermelha, algo que qualquer um poderia saber se houvesse tido o trabalho de informar-se. A recepção foi como Jack imaginara desde que ouvira que Manby era o capitão da frota. Durante sua carreira, e especialmente durante os anos em que fora mais rebelde e indisciplinado, fizera alguns amigos para toda a vida, mas também alguns inimigos para toda a vida.

Esta desagradável impressão não durou muito. Poucos minutos mais tarde, um grupo de oficiais suecos saíram do navio e o secretário do almirante, um pastor jovem e muito sério, fez Jack e Stephen entrarem na grande cabine, um lugar elegante que, por seu aspecto atual, mais parecia tomar parte de um escritório que de um barco de guerra. Havia nela processos por toda parte e uma mesa coberta de papéis, e detrás da mesa um pálido almirante com expressão de cansaço que mais parecia um ministro que um oficial naval.

Era óbvio que estava esgotado, mas os cumprimentou cordialmente.

— Faz séculos que não nos vemos, capitão Aubrey — disse depois de felicitar-lhe por haver atravessado o estreito tão rapidamente.

— A última vez foi em Gibraltar, senhor, justo depois de sua grande vitória no golfo de Algeciras — disse Jack.

— Sim, sim — disse sir James. — Deus foi muito bondoso conosco nesse dia.

Stephen havia sido espectador daquela sangrenta batalha e lhe parecia que a morte violenta de dois mil franceses e espanhóis era uma estranha prova da bondade de Deus, mas havia conhecido outros homens de grande valor que tinham a mesma opinião da Providência que o almirante. Enquanto esperava para ser apresentado e Jack entregava seus informes, observou a sir James. Tinha feições pronunciadas, grossas pálpebras, um olhar franco e

semblante grave, e não parecia muito alegre. Sabia que sir James tinha fama de puritano e que gostava cantar espaços e salmos a bordo, mas conhecia a homens devotos que demonstraram que também sabiam empunhar uma espada. E quando o almirante voltou a cabeça para lhe saudar e ele viu que tinha um olhar atento, inteligente e sagaz, sentiu uma grande satisfação e pensou: “este homem não é um tonto”.

— Permita-me que lhe apresente ao doutor Maturin, senhor, que também lhe traz uma carta do Almirantado — disse Jack. — Sir James Saumarez.

— Encantado de conhecer-lhe, doutor Maturin — disse o almirante. — Eu o esperava, senhor, e acho que sei qual é o conteúdo da carta. Com sua permissão, vou a lê-la imediatamente. Desejam tomar algo? Sempre bebo uma ou duas taças de vinho a esta hora e como uma bolacha. Meu irmão Richard o recomenda. Provavelmente o senhor o conheça, senhor — assinalou a Stephen com a cabeça.

Tocou a campainha e trouxeram uma garrafa em um instante, e depois de servir-lhes, sir James se foi para sua mesa com seu copo, os informes e a carta. Dick Saumarez... Sim, por suposto, Stephen o conhecia, ainda que não sabia que tivessem conexão. Era cirurgião e também um fisiólogo bastante bom, ainda que obstinado e equivocado sobre o uso da ligadura da artéria ilíaca exterior em caso de aneurisma da femoral; contudo, Stephen estava de acordo com sua recomendação. A garrafa não era de vinho senão de champanhe, um champanhe de excelente sabor que formava uma perfeita combinação com a bolacha. Notou que sua fraqueza e sua tristeza haviam desaparecido e que sua mente estava mais clara. Refletiu sobre o uso medicinal do álcool e, posto que a leitura dos informes tardava, também observou a Jack. Tinha uma expressão de respeito, e isso era natural, mas não era somente respeito a um vice-almirante, um homem de categoria muito superior à de capitão de navio, senão também respeito a sir James como homem e como oficial hábil e decidido. Aquela expressão era um pouco parecida à que punha o capitão Aubrey quando ia para a igreja, ainda que com um toque de melindre ou talvez puritanismo, era inadequada para

aquele rosto corado e curtido pelos elementos que geralmente tinha uma expressão franca e sorridente. Parecia que Jack estava decidido a seguir o conselho que lhe havia dado antes de cruzar de um lado a outro do porto: “Não se embbede nem diga obscenidades nem blasfeme quando estiver a bordo do navio insígnia, Stephen, porque o almirante é muito especial e terá que pagar um guinéu cada vez que use o nome de Deus em vão”. Jack, por sua parte, observava ao almirante. Parecia que ele havia envelhecido muito, mas isso não era estranho, pois se ele, quando foi o comodoro de uma pequena esquadra, ficou agoniado com a papelada, pela grande responsabilidade de decidir sobre os planos que outros deviam executar, pelo problema da cooperação com o Exército e as autoridades civis e por mil questões mais que não tinham nada que ver com governar um barco ou disparar canhões, o Chefe da Frota do Báltico devia sentir-se muito, muito pior.

— É o que supunha — disse o almirante, pondo a carta sobre os informes. — Então o senhor é o sucessor do pobre senhor Ponsich, senhor. Quanto desejo que tenha mais êxito! O capitão Aubrey sabe o propósito de sua missão?

— Sim, senhor.

— Então provavelmente quererão falar com o senhor Thornton, meu conselheiro político. Conforme entendi, a situação em Grimsholm não mudou, mas ele tem relatórios mais recentes.

Stephen conhecia bem a Thornton, um funcionário do Ministério do Interior com aptidão para ser espião e uma grande facilidade para perceber os detalhes. Cumprimentaram-se com a ambígua cortesia que correspondia ao novo caráter que ambos haviam adquirido, demonstrando, apesar daquelas circunstâncias, que não havia mais que uma relação superficial entre eles.

— O doutor Maturin veio substituir ao senhor Ponsich — disse o almirante. — Eu lhe disse que, conforme a informação que tenho, a situação de Grimsholm não mudou, mas falei sem ter os dados na mão. Provavelmente o senhor poderá dar-lhe mais detalhes.

— Na ilha não tem havido nenhuma mudança material — disse Thornton. — Dois informes que recebemos faz pouco dizem que estava descontente pela falta de vinho e tabaco, mas parece que o

coronel d'Ullastret domina a situação. É popular entre os soldados e reforçou a sua autoridade enviando para Danzig outros três oficiais. Contudo, no continente, os franceses levaram muito a sério o caso. Sabemos de fonte fidedigna que, apesar de suas dificuldades, Oudinot pensa substituir aos catalães por uma brigada mista de polacos, saxões e franceses e que enviará para ali o general Mercier junto com o antigo comandante, o coronel Ligier, para que se encarreguem da situação até que termine de reunir esses homens na costa. Vão fazer de d'Ullastret membro da Legião de Honra e vão lhe oferecer o comando de um batalhão na Itália. Na terça-feira chegaram a Hollenstein e dali irão até Gobau; é possível que já tenham zarpado. Além disso, suspenderam o envio de provisões para Grimsholm tanto de Pomerânia como da Dinamarca. Além desses informes, o só recebi ultimamente uma descrição detalhada da posição das tropas de d'Ullastret e a disposição de seus canhões.

Entregou para Stephen a lista de unidades, que correspondiam a unidades territoriais cujos nomes eram tão familiares para Stephen como o seu próprio: Sant Feliu de Guixols, Lloret de Mar, Palafrugell, Tossa de Mar e Sant Pere Pescador da zona costeira, Empordá da planície, e Vich, Moeu, Ripoll e outras mais da montanha. Além disso, incluía os nomes dos oficiais, muitos dos quais lhe eram familiares também. Ficou pensativo um tempo, enquanto Jack e o almirante falavam com Thornton das tropas, as provisões, e as fontes de suprimento ou estudavam a carta marinha onde aparecia a ilha de Grimsholm e as águas que a rodeavam, as quais tinham a profundidade marcada conforme uma recente medição feita por um piloto dinamarquês experto na navegação por essa zona.

Depois, durante uma expectante pausa, disse:

— Acredito que esta é uma situação na qual devemos apostar tudo em uma carta, e imediatamente. Não há tempo para deliberar. Sugiro que me levem até a ilha o mais rápido possível, antes que o general Mercier chegue, se ainda não chegou. Se puder desembarcar antes que ele chegue, é bastante provável que tenha êxito. Mas não acredito que um barco de guerra seja o melhor meio de transporte, já que as tropas da ilha são integradas por um bom número de marinheiros catalães que o reconheceriam

imediatamente, fosse qual fosse a bandeira que levasse ou a forma em que tratasse de ocultá-lo; além disso, conforme entendi, a *Ariel* há navegado amiúde pelo Báltico, assim que provavelmente afundariam a corveta ou qualquer um de seus botes. Queria ir em uma embarcação de Danzig ou da Dinamarca que fingisse levar provisões, isto é, que realmente levasse provisões, pois com um carregamento de vinho e tabaco, que os soldados sentem falta há tanto tempo, minha missão seria muito mais fácil. Provavelmente o senhor tem alguma presa adequada para isso, senhor.

— Temo que não — disse o almirante. — São tantos os barcos estrangeiros aos quais se concede a licença para comerciar ou levar suprimentos navais para a Inglaterra que capturamos muito poucas presas, e me parece que as poucas que aprisionamos este mês já foram enviadas para nosso país. Contudo, eu me assegurarei disso.

Tocou a campainha e pediu um relatório imediato. E enquanto o informe chegava Thornton falou em voz baixa com Stephen sobre os documentos que Ponsich havia levado consigo para apoiar suas afirmações: proclamas, editos, exemplares do *Moniteur*, panfletos em catalão e espanhol e inclusive publicações neutras que deixavam claro que o comportamento de Bonaparte estava em total contradição com suas promessas. Na cabine havia agora uma atmosfera tensa, pois nos últimos minutos o que era só uma intenção passara a ser algo concreto e próximo, passaram do terreno da discussão e da consideração de possibilidades para o da ação imediata, e todos os presentes sabiam que quando o doutor Maturin dissera que deviam jogar “tudo em uma carta”, esse “tudo” incluía sua própria vida, e o olhavam com o respeito com que se olha um cadáver ou um homem sentenciado à morte, e Jack, além disso, olhava-o com preocupação.

— Tenho outras cópias de quase todos os documentos de Ponsich — disse Stephen. — Também tenho uma cópia legitimada do decreto de excomunhão promulgado pelo Santo Padre contra Bonaparte. Três dos oficiais que se encontram em Grimsholm são cavaleiros da Ordem de Malta, e acho que este documento terá uma grande influência sobre eles.

O informe chegou: não havia possibilidade de capturar uma embarcação de Danzig nem da Dinamarca antes de uma semana.

— Eu temia que fosse assim — disse o almirante. — Prefere esperar, doutor Maturin?

— Oh, não, senhor! Nestas circunstâncias um dia equivale a um ano.

— Com sua permissão, senhor, acho que sei como saltar este obstáculo. Esta manhã avistamos duas embarcações dinamarquesas, mas não as persegui porque achava que o mais importante era chegar aqui o quanto antes. Notei que uma delas, uma gata que navegava na direção de Riga com as maiores desdobradas, nem sequer tentou escapar, e pensei que provavelmente tinha autorização sua para passar por esta zona. Pois bem, senhor, como o vento é favorável, o tempo está melhorando e a *Ariel*, como o senhor sabe, navega com facilidade e é muito veloz, se o senhor me permite que tome posse da gata, dá para alcançá-la. Confio em poder fazê-lo porque estava muito carregada, navegava lentamente e me pareceu que tinha poucos tripulantes.

O almirante ficou pensando um momento enquanto assobiava muito baixo.

— Essa pode ser uma solução — disse. — Não é muito ética, mas a necessidade não conhece regras. Por outro lado, há a possibilidade de que não a alcance e que, em consequência, percam-se dois dias. A alternativa é esperar que um dos navios sob meu comando que patrulham a zona capture um barco dinamarquês, tendo licença ou não. Isto é mais seguro, mas os navios se encontram muito separados alguns dos outros entre as ilhas Åland e a ilha Rügen e teria que mandar-lhes a ordem, assim que, com certeza, pagaríamos com tempo. O que o senhor acha, doutor Maturin?

— Estou convencido de que o capitão Aubrey é capaz de apresar qualquer coisa que flutue — disse Maturin. — E esta é uma situação na qual não há nem um minuto a perder.

Desde que se havia feito ao mar pela primeira vez, haviam lhe atormentado com a frase “Não há nem um minuto a perder”, e lhe causava satisfação poder usá-la ele mesmo por fim.

— Não há nem um minuto a perder — repetiu, saboreando as palavras, e depois continuou: — quanto à moralidade dessa ação, devemos comparar o hipotético incômodo que os tripulantes da gata sofreriam com a morte certa de vários milhares de homens, pois entendi que se as tropas de Grimsholm não se renderem, a ilha terá que ser tomada por assalto.

Agora que a operação estava em marcha, agora que haviam aceso a mecha longa, sentia vontade de brincar apesar de que pensava em coisas tão sérias e teve a tentação de repetir a piada que Jack Aubrey sempre fazia com respeito a escolher entre dois gorgulhos o que pesava menos. Em outras circunstâncias o houvesse feito, mas havia algo no almirante Saumarez, algo difícil de definir, entre a insensibilidade e a indiferença, que lhe fez guardar para si sua jocosidade.

Contudo, a dignidade de sir James não o impediu que, momentos mais tarde, interrompesse a discussão que os marinheiros tinham sobre questões técnicas.

— Queria falar sobre a questão do vinho e do tabaco mais uma vez— disse, abandonando sua atitude pensativa. — Seria possível carregar a *Ariel* com certa quantidade de ambos para que a embarcação que usemos como mercante leve realmente mercadorias?

— Com tabaco sim — disse o almirante. — Mas o vinho é mais difícil de conseguir, ainda que provavelmente encontrássemos uma quantidade considerável nas câmaras dos oficiais dos barcos da esquadra. Também poderíamos encher garrafas com rum, se lhe parece bem.

— O rum me parece bem, ainda que o vinho seria melhor — disse Stephen. — E agora, senhor, queria assinalar algumas questões importantes. Obviamente, esta expedição só pode ser um redondo êxito ou um redondo fracasso. Não serve de muito falar sobre o fracasso, portanto, se me permite, só falarei considerando-a um êxito. Como o senhor provavelmente saberá, para encarregar-me desta missão pus como condição que os soldados catalães de Grimsholm não fossem tratados como prisioneiros de guerra e fossem transportados para a Espanha com suas armas e sua

bagagem às custas de Sua Majestade. Acredito que isso é pagar um preço muito baixo pela entrega de uma fortaleza dessas características sem derramamento de sangue. Além disso, estou convencido de que quando chegarem à Península, lutarão junto a lorde Wellington.

— Realmente, é um preço muito baixo — disse o almirante. — Afortunadamente, tenho os transportes aqui, a mão. O senhor Ponsich pôs a mesma condição.

— Muito bem, muito bem — disse Stephen. — Agora quero assinalar outra questão. Os capitães dos transportes devem compreender a necessidade de receber aos oficiais catalães com os canhões de cumprimento e as bandeiras correspondentes a sua classe e os mesmos atos solenes ou mais dos que se celebram usualmente, pois se encontram em uma posição pouco comum, são muito susceptíveis e seu orgulho pode ser ferido com facilidade. Um fiasco poderia produzir um efeito desastroso. — Fez uma pausa e prosseguiu: — Mas estou me adiantando demais. Agora resumirei as linhas gerais da operação, senhor. O emissário vai até a ilha a bordo do mercante enquanto a *Ariel* e os transportes permanecem onde não possam ser vistos; o emissário transmite sua mensagem; depois de um determinado intervalo a *Ariel* se aproxima para ver o sinal deste e, por sua vez, chama os transportes, que irão com um número de artilheiros suficientes para manejar os canhões; o traslado se leva a cabo imediatamente, no momento em que os homens estão mais contentes porque só pensam em regressar ao seu país, e mais indignados por causa do comportamento dos franceses, pois acho que quanto mais rápido saiam dali, haverá menos possibilidade de que haja rivalidade ou desacordo entre eles.

— Com relação aos transportes, acho que não haverá nenhuma dificuldade, se o vento for favorável, porque, como o senhor sabe, doutor Maturin, dependemos totalmente dos ventos. Se o capitão Aubrey pode fazer sua parte e conseguir a embarcação dinamarquesa necessária, acredito que poderemos fazer a nossa com os transportes e os artilheiros e, certamente, com o vinho e o tabaco de que falou antes. E estou de acordo com o senhor da necessidade de fazer um traslado muito rápido. Acho que o

Almirantado não se equivocou ao falar-me da sagacidade do doutor Maturin e aconselhar-me que confiasse nele.

— O Almirantado é muito benevolente, muito amável — disse Stephen. — Se lhe sou sincero, senhor, esta é uma situação na qual é preferível ter um pouco de sorte do que toda a sagacidade do mundo.

## CAPÍTULO 8

---

Era meia-noite quando a *Ariel* desatracou e saiu do porto em meio da copiosa chuva, e essa noite foi horrível para a esquadra porque a corveta levou quase todo o vinho dos oficiais, boa parte do rum e o tabaco dos marinheiros e, além disso, vinte marinheiros de primeira escolhidos entre os numerosos holandeses, polacos, finlandeses e letões que faziam parte da tripulação. Deixou atrás de si homens esgotados e com muito pouco para repor suas forças ou animar-se de novo. Durante seus longos anos de serviço na Armada, Stephen Maturin nunca havia visto carregar um barco tão rápido como haviam carregado a *Ariel*. Os botes se amontoaram ao seu redor, e deles chegaram a bordo as provisões em um fluxo contínuo e sob a supervisão direta de sir James. O almirante contribuiu para aumentar seu carregamento com cento vinte e cinco galões de um excelente clarete, dizendo que preferia beber chá verde durante o resto de sua missão que diminuir as possibilidades de êxito da *Ariel*; e depois disso, nenhum oficial podia fazer menos, assim que a *Ariel* saiu do porto mais afundada na água que quando entrara, com mais homens do que nunca, ainda com barris atados provisoriamente na coberta e o contador e o encarregado da bodega desesperados, e com mais da metade dos tripulantes com uma alegria suspeita ou completamente bêbados.

— Amanhã haverá uma longa lista de transgressores! — gritou Jack em um tom que diminuiu sensivelmente essa alegria.

Acabava de sair de uma demorada reunião com o senhor Pellworm e com o oficial de derrota, na qual cada um, independentemente, havia proposto uma rota para interceptar a embarcação dinamarquesa com a qual se encontraram não fazia

muito, a gata que navegava lentamente e tinha poucos tripulantes. As três rotas coincidiam em quase tudo e estavam estabelecidas com o objetivo de encontrar-se com a gata nas primeiras horas do dia.

— Senhor Fenton, devemos pôr ao leme os melhores homens e devemos fazer rumo norte 16° leste exatamente. Wittgenstein, um suboficial do navio insígnia, pode ser um deles; naveguei com ele e sei que é um experto marinheiro. O senhor deve fazer uma medição com a barquilha a cada meia hora e manter a velocidade aproximadamente em seis nós; sobretudo, não a supere, pois não devemos alcançá-la na escuridão. Ainda que não acredito que a avistemos até o amanhecer, quero que no tope sempre haja um serviola de vista aguda e sóbrio e que seja substituído por outro a cada meia hora; o primeiro que avistar a gata receberá dez guinéus e se lhe perdoarão todas suas faltas, exceto a participação num motim, a sodomia e estragar a pintura. Deve me chamar se ocorrer algo ou se o vento mudar.

Se houvesse estado num dos barcos em que havia navegado anteriormente, haveria acrescentado que ia a jantar com o doutor um prato muito estranho, um falcão salgado que lhe havia presenteado o comandante de Gotemburgo, e talvez haveria falado durante um tempo do que iam fazer no dia seguinte, mas seu comando era temporário, apenas conhecia os oficiais e, além disso, eram tão jovens que em ocasiões lhe pareciam de outra espécie. A deferência com que o tratavam o constrangia, e teria que fazer um grande esforço, inclusive estando em uma reunião social, para saltar a distância que os separava, se é que se podia saltar. Mas aquela posição distante, própria de uma divindade, na qual o comando o colocava, parecia-lhe natural agora, e depois de pedir que Fenton repetisse suas ordens e que guardasse a cópia na gaveta da bitácula, foi para baixo.

Encontrou o falcão já partido em pedaços, ainda que não tenha sido cortado com a faca de trinchar e o garfo que o despenseiro havia trazido, como era o correto, mas com um instrumento que Stephen escondeu sob seu guardanapo quando disse:

— Desculpa-me, Jack. Na realidade, ainda não comecei, mas tinha muita vontade de ver o esterno da ave. Aprendi muitas coisas

sobre o esterno em Paris.

— Alegro-me com isso — disse Jack, — e me alegro de que tenha se recuperado.

— Só foi uma indisposição passageira, talvez por ter comido muito pescado. Mas com a emoção de pôr em marcha o plano, desapareceu.

Jack pensava que também poderia ter contribuído para isso o fato da *Ariel* se mover mais suavemente, pois o vento havia diminuído de intensidade e agora a corveta deslizava com vento frouxo pela alheta e tinha um cabeceio e um balanço muito leves; contudo, guardou sua opinião.

— Você se importaria dar uma espiada neste esterno e nos pontos que tem? — inquiriu Stephen, sustentando no alto a quilha do falcão. — Diria que são nestes pontos onde se unem os músculos do esterno, né?

— Eu juraria, asseguro.

— Eu também teria jurado até há alguns dias. Contudo, parece que realmente são os pontos de união dos ossos que compõem o esterno da ave nas primeiras etapas de sua vida. Foi um destacado acadêmico quem me disse isto, um homem que tenho orgulho de conhecer. Acha que há que fazer uma classificação completamente nova...

Jack deixou de prestar atenção e pensou nos mastaréus de joanete da *Ariel*, que haviam sido colocados sobre a cobertura durante a tormenta, até que Stephen, num tom enfático que não era habitual nele, disse:

—... e quem considera que as patas de uma ave são um traço genérico talvez se vejam obrigados a considerar parentes o bacurau e o quebra-ossos.

— Isso nunca será possível, estou certo — disse Jack. — Tem um sabor parecido ao porco, né?

— Sim, muito parecido ao porco. Mas não é estranho, se se pensa que o falcão apicultor se alimenta principalmente de vespas e de suas crias. Permite-me — pegou os ossos que havia no prato de Jack e os envolveu em seu lenço. — O almirante me causou muito boa impressão. É um admirável almirante, tem uma grande

capacidade de decisão. Temia que vacilasse durante um período interminável e que fosse resistente ao chegar o difícil momento de assumir a responsabilidade.

— Sir James não é assim — disse Jack. — recorda-se quando estava em Gibraltar, quando se lançou ao ataque da esquadra combinada? Não houve vacilo então, eu acho. Porém, não notou o quanto envelheceu? Acho que ainda não tem sessenta anos, e, contudo, parece muito mais velho.

— A apreciação da idade é relativa. Acho que você se parece um patriarca para os jovens oficiais. Um dos guardas-marinhas me ajudou a cruzar a rua em Gotemburgo e me tratou como se eu fosse um antepassado seu.

— Acho que sim — disse Jack, rindo. — Para mim eles parecem muito jovens, exageradamente jovens. Espero que hajam tido tempo de aprender sua profissão. Já terminou, Stephen?

— Sim, e vou deitar-me imediatamente. Quero digerir o falcão em minha maca e dormir como um tronco o tempo que resta. Boa noite.

Stephen estava tranqüilo e muito mais animado que de costume. Jack não tinha dúvida de que dormiria até o dia seguinte e o invejava, pois sabia que aquela noite descansaria pouco, ainda que por força do costume, geralmente podia dormir em qualquer momento. Estava muito ansioso, em parte com razão e em parte sem ela. Pediu que lhe trouxessem café, e enquanto o bebia examinou a rota de novo. Chegou à mesma conclusão que antes; contudo, pensava que havia muitas, muitas coisas que podiam falhar, muitas variáveis.

Uma dessas variáveis não existiria se ele houvesse tido tempo de trazer seus próprios oficiais, por exemplo, a Pullings, Babbington e Mowett — homens com os quais havia navegado muitos anos e aos quais conhecia perfeitamente — ou a alguns dos melhores guardas-marinhas que formara, que atualmente eram tenentes. Mas estava certo de que os jovens oficiais da *Ariel*, apesar de sua juventude, conheciam muito bem sua profissão, pois todos haviam estado navegando em barcos da Armada desde a infância, e na corveta tudo estava em perfeita ordem. O próprio Saumarez se havia fixado

nisso e comentara que raras vezes vira na Armada real uma corveta com tanta ordem. Hyde não era um homem excepcional nem um grande marinheiro, mas era apto para o cargo de primeiro oficial porque sabia manter a disciplina atuando com firmeza e sem violência; o oficial de derrota era um excelente navegador, disso não cabia nenhuma dúvida; e Fenton parecia mais amável e competente que a maioria dos tenentes, um homem que poderia destacar-se se tivesse sorte e fosse promovido. Jack eliminou essa parte de sua ansiedade por considerá-la absurda e dez minutos mais tarde subiu para a coberta para comprovar se eles sabiam o que faziam.

A chuva havia cessado e o céu estava quase limpo. Não havia lua; a noite estava escura como boca de lobo. A corveta seguia no rumo adequado, e Jack, ao olhar a tabela de navegação, comprovou que havia mantido a velocidade de seis nós. Não havia dúvida de que Fenton sabia como governá-la. Ainda que estavam a ponto de soar as três badaladas da guarda de meia e ainda que não havia que realizar nenhuma tarefa imediata, na coberta reinava uma inusual atividade. Não se viam as estranhas figuras dos marinheiros dormindo com a cabeça envolta na jaqueta em lugares abrigados da proa ou perto dos botes, aliás todos os tripulantes que não se encontravam no alto da exércia estavam junto da borda contemplando a noite. Um deles era Wittgenstein, um marinheiro originário de Helgoland que desde muito menino acudia a Leith nos barcos carvoeiros, a quem Jack, sendo guarda-marinha, havia recrutado à força para a Armada, obrigando-lhe a sair de seu barco. Haviam navegado juntos em três ou quatro missões e simpatizaram. Na segunda delas, quando Jack ainda não sabia de náutica o quanto devia, Wittgenstein era um dos tripulantes com quem Jack devia levar uma presa — um mercante com um valioso carregamento — para Port-of-Spain, e graças a ele não só haviam sobrevivido depois de seu barco ser açoitado por duas horríveis tormentas que o desviaram muito de seu rumo, como também conseguiram recuperar seu rumo e chegar, três semanas depois do previsto, a Trindade. Wittgenstein havia ido para a popa para acender um farol e Jack disse:

— Alegro-me de vê-lo outra vez, Wittgenstein. Deve de fazer sete ou oito anos que não navegamos juntos. Como vai?

— Muito bem, senhor, graças a Deus, ainda que nenhum de nós é tão jovem como antes — respondeu, olhando-lhe fixamente sob a luz amarelada do farol. — Vejo que o senhor também está muito bem, senhor... bom... bastante bem, afinal de contas.

Jack ficou na coberta até que deram a volta duas vezes no relógio de areia; depois só subia de vez em quando para comprovar se a corveta ia bem e olhar o céu estrelado. Agora Marte se punha, juntando-se com Virgem, sobre a Lituânia, e Júpiter, glorioso, brilhava intensamente pela popa. Parecia que a noite era interminável e que continuariam deslizando através da escuridão para sempre. Contudo, estava adormecido, sentado na engenhosa cadeira de balanço que Draper havia pendurado na cabine, quando um guarda-marinha veio para dizer que avistaram um barco. A guarda havia mudado enquanto estava adormecido, e agora, ao voltar à coberta, viu as primeiras luzes da alvorada, mesmo que a luz da bitácua ainda brilhava. A princípio não pôde distinguir nada mais que a linha do horizonte.

— Justo diante dessa borda, senhor — disse o oficial de derrota, que estava encarregado da guarda da alvorada.

Então viu uma pequena mancha branca, dirigiu seu telescópio de noite para ali e ficou observando por um longo tempo. Não, não sairia bem. Essa não era a gata que perseguia. Era muito cedo para encontrá-la, e, além disso, essa embarcação que estava a sotavento navegava rumo sul. Porém, por outro lado... Uma série de possibilidades cruzaram por sua mente enquanto mecanicamente pendurava no ombro o telescópio e subia ao cesto da gávea do pau maior com uma expressão grave. Sabia pelo almirante que, com excessão do *Rattler*, não havia navios britânicos patrulhando aquela zona, e essa era uma embarcação de três mastros; além disso, era pouco provável que fosse um mercante britânico que navegava sozinho, pois quase todos viajavam em comboio para proteger-se dos corsários dinamarqueses. O oficial de derrota o seguiu.

A luz aumentava com rapidez. A distante embarcação (ainda que pequena) apareceu em seu telescópio de noite, era uma

imagem invertida que parecia irreal.

— Não é uma gata — disse, dando o telescópio. — O que o senhor acha, senhor Grimmond?

— Estou de acordo, senhor, não é uma gata — disse Grimmond depois de uma longa pausa. — Posso ver perfeitamente suas vergas joanetes... Não me atrevo a jurar, senhor, mas me parece que é o *Minnie*, um barco dinamarquês procedente de Arhus. O vimos amiúde no ano passado e o perseguimos duas vezes. Navega muito rápido de bolina e chega a pôr-se quase justamente contra o vento.

— Subamos ao tope, senhor Grimmond — disse Jack e ordenou ao serviola que deslizasse pelo brandal até ali.

Na cruzeta do mastro maior de uma embarcação tão pequena como a *Ariel* havia lugar apenas para um capitão de navio de duzentas e vinte e cinco libras de peso e um robusto oficial de derrota, e as frágeis tábuas rangiam de tal forma que era um mau presságio. Grimmond estava tão assustado como incômodo, pois o normal era que duas pessoas nessas circunstâncias se agarrassem uma à outra, mas ele não podia tomar liberdades com o capitão Aubrey, assim que teve que segurar-se em um brandal e em uma brandal, em uma posição em que parecia estar crucificado.

Primeiro Jack tentou localizar a sua presa, a gata que se dirigia para Riga. Dessa altura podia ver uma zona de vinte e cinco milhas de diâmetro, e ali não havia nenhuma gata. Conforme seus cálculos, devia estar a sudeste, mais além do horizonte, aproximando-se do ponto em que a *Ariel* interceptaria sua rota no início da guarda da manhã.

— Sim, senhor — disse o oficial de derrota. — Agora estou quase certo de que é o *Minnie*. Tem a parte superior dos costados pintada de preto e um bote no pescante de popa.

— E que tipo de embarcação é?

— Bem, senhor, às vezes é um mercante e viaja com nossa licença ou comercia por sua conta com os franceses, mas às vezes, a maioria, é um barco corsário. E, se surge a oportunidade, é ambas as coisas. Obviamente, não tinha licença quando fugiu de nós e se refugiou em Danzig.

— E ele é rápido?

— Muito quando navega contra o vento; contudo, a *Ariel* é mais navegando pela quadra. Devíamos tê-lo aprisionado da segunda vez, mas se pôs sob a proteção dos canhões de Bornholm. Nós a perseguíamos a grande velocidade.

— Que tipo de canhões leva?

— Leva catorze canhões dinamarqueses de seis libras, senhor.

Jack ficou pensativo ali, entre o claro céu e a cobertura. Pensava que seu armamento era de considerável potência para um mercante, mas não equiparável ao da *Ariel*. A gata era uma presa hipotética, provável, mas ainda hipotética, e, além disso, navegava com uma lentidão desesperadora, e se a levasse ou rebocasse pelo Báltico se demoraria muito; em troca, a *Minnie* não era uma hipótese pois estava ali, perfeitamente visível, navegava velozmente e na direção adequada, de modo que se o perseguia avançaria pela rota que ele devia seguir, e, além disso, estava a sotavento.

— Muito bem, senhor Grimmond, veremos se podemos aprisioná-lo desta vez — disse e se agarrou a um brandal e deslizou por ela rapidamente até a cobertura.

Estava quase seguro de que o serviola do *Minnie*, como os da maioria dos mercantes, demoraria um tempo em avistar a *Ariel*, o que era uma vantagem, e também que depois passaria alguns momentos olhando-o com a mesma curiosidade e a mesma avidez de presas que um corsário, mas essas eram suas únicas vantagens, porque sabia que não haveria tempo para empregar ardis naquela perseguição. Seria uma perseguição direta na qual o fator importante seria a velocidade, e talvez também a destreza na navegação, e tinham todo o dia para realizá-la, o vento era favorável e o mar estava deserto. Lamentava ainda não ter colocado os mastaréis de joanete, que estavam sobre a cobertura desde que desatara a tormenta do dia anterior; esperara para que todos os marinheiros estivessem na cobertura.

Não haveria tempo de empregar ardis, mas seria um absurdo não tirar vantagem de qualquer circunstância. Agora se podia ver a parte superior do casco do barco desde a cobertura, mas entre as embarcações ainda havia cinco milhas de separação, e se tardaria muito tempo em encurtar essa distância, sobretudo porque no

*Minnie* já haviam colocado as vergas dos joanetes e a *Ariel* estava muito carregada. Mudou o rumo com o fim de cruzar a esteira do *Minnie* e avançou para ele somente com as gáveas desdobradas. Suspendeu o ritual da limpeza da coberta, disse que as macas não subiriam até novo aviso, ordenou tapar com lona alcatroada os portalós e que preparassem os mastaréis de joanete e as vergas para serem colocadas pouco depois e também as sobrejoanetes. Pediu aos oficiais que seguissem seu exemplo e trocassem suas elegantes jaquetas azuis por jaquetões. Havia embarcado com só um uniforme, seu melhor uniforme, e os oficiais da *Ariel*, que supunham que o usava porque queria, porque essa era sua forma habitual de vestir, tinham desde então uma aparência que haveria causado admiração em um navio insígnia. Usavam jaquetas com dragonas e brilhantes botões dourados e chapéus muito adornados que se viam a grande distância, claros sinais de que pertenciam a um barco do Rei. Depois mandou a maioria dos marinheiros abaixo, deixando na coberta somente uma dúzia mais ou menos.

O serviola do *Minnie* os avistou antes do que Jack esperava. Desde o cesto da gávea do pau maior, Jack viu seus tripulantes correrem de um lado para o outro. Notou que havia um grande número de tripulantes, e isso parecia uma prova quase definitiva de que o *Minnie* era um barco corsário, já que eram suficientes para disparar os sete canhões de cada costado ou abordar e capturar qualquer dos mercantes que costumavam navegar pelo Báltico. O barco virou para ver-lhes melhor e Jack ordenou:

— Ice a bandeira dinamarquesa, senhor Grimmond!

O *Minnie* parecia comprazido e imediatamente içou a mesma bandeira e se aproximou um pouco mais.

— Vire para aproximar-nos dele, senhor Grimmond! — disse Jack em meio do expectante silêncio.

Mas no momento em que falava, no *Minnie* perceberam que havia algo errado, e o barco virou em redondo, largou as joanetes e fugiu em direção sudeste.

Antes que a *Ariel* desdobrasse as suas, a presa já havia largado as sobrejoanetes, e a distância entre as duas aumentava. A demora incomodou muito a Jack, ainda que não podia culpar a ninguém

senão a si mesmo por ela, e instou os marinheiros para que subissem com rapidez os mastaréis de joanete e as vergas, o que fizeram com uma expressão preocupada.

Mas em pouco tempo os mastros, as vergas e um monte de estáis, formando uma tela de aranha, estavam onde deviam; todas as velas que a corveta podia usar abertas já estavam extendidas e muito esticadas; todas as velas estavam aduchadas no convés; e a *Ariel*, agora com sua própria bandeira içada e com seu galhardete ondeando na proa, seguia a esteira do *Minnie*, navegando com o vento pela alheta de estibordo e ganhando tanta velocidade como este lhe permitia. Era muito cedo para dizer qual das duas embarcações navegava mais rápida nessas condições, mas Jack tinha razões para achar que alcançaria a presa antes do dia terminar, pois havia muito poucas corvetas mais rápidas que a *Ariel* na Armada e já a conhecia muito bem.

— Bem, senhor Hyde, acho que podemos tirar a lona alcatroada e limpar a coberta.

A rotina diária do barco, que havia sido interrompida, voltou a seguir seu curso. Os marinheiros esfregaram com areia e pedra arenito a madeira gastada e esbranquiçada; as macas foram subidas e guardadas; a fumaça começou a sair pela chaminé da cozinha; os marinheiros foram chamados para desjejuar, e durante todo esse tempo, os dois barcos continuaram deslizando com rapidez pelo mar.

Quando Stephen subiu para a coberta, desejoso de tomar café, surpreendido e um pouco incômodo por não ter cheirado ainda, um guarda-marinha o guiou até a proa, onde o capitão e o oficial de derrota estavam fazendo coincidir um ponto do sextante com a presa.

— Bom dia, doutor — disse Jack. — Espero que tenha dormido bem.

— Admiravelmente bem, obrigado. Estou tão descansado que me parece que sou um gigante. Tenho a vista e todos os outros sentidos muito agudos e um apetite voraz. Inclusive posso ver esse barco que está a grande distância... Ali... justamente diante da proa. Mas talvez você já tenha visto também.

— O senhor Grimmond teve a amabilidade de indicar-me na guarda da alvorada. Esse é o mercante que busca, Stephen, ainda que seja um pouco estranho, e me alegro de dizer que estamos nos aproximando dele por fim. No princípio fugia a grande velocidade.

— Ah, então é por isso que navegamos tão rápido e com tantas velas desdobradas!

— Bem, um remendo a tempo poupa cento — disse Jack. — Mas duvido que possamos manter as joanetes desdobradas muito mais tempo.

— A velocidade produz emoção — disse Stephen. — Não acha que a velocidade levanta o ânimo, senhor Grimmond? Olhe como sobe essa onda cinza! Agora a partimos e a branca espuma salta pelos lados! Esta corveta é magnífica! Seria capaz de cortar uma palha navegando desta forma! Ficaria aqui olhando como navega toda a vida, mas o café da manhã esfria na cabine, e sobretudo meu café, capitão Aubrey.

— Já me reunirei contigo — disse Jack.

E se reuniu com ele e comeram juntos um pouco de papa de aveia e meia dúzia de ovos fritos com uma quantidade de bacon na proporção deviada, torradas e geléia, tudo isso graças às atenções que lhes haviam dispensado em Gotemburgo e Karlskrona, mas a última xícara de café ele levou para a coberta.

Havia perseguido presas com o desejo de obter uma fortuna, mas nunca sentindo realmente a necessidade de pegá-las. Achava necessário, desde um ponto de vista pessoal, porque se comprometera a realizar uma difícil tarefa e devia levá-la a cabo, mas sobretudo porque compreendia perfeitamente a importância dessa tarefa, a extraordinária importância de Grimsholm. Nada poderia nem deveria impedir Stephen de tentar chegar até ali. Jack confiava na capacidade de Stephen para enfrentar a situação, mas correria menos perigo se chegasse à ilha antes dos oficiais franceses e talvez conseguisse inclusive mudar completamente a situação. Os franceses chegaram a Hollenstein na terça-feira, e se tivessem embarcado num barco tão veloz como o *Minnie* poderiam chegar muito, muito rápido a Grimsholm. Na verdade, não era impossível que se encontrassem a bordo do mercante agora mesmo, e, além

disso, a rota que o mercante seguia seria muito adequada para essa viagem.

Seus oficiais, ou a maioria deles, eram competentes, mas não tinham tanta experiência como ele em governar um barco, em aproveitar ao máximo o impulso do vento. Além disso, o vento era muito variável e, a medida que avançava o dia, mudava com mais frequência de intensidade, e às vezes soprava tão forte que as joanetes perigavam e inclusive os próprios mastaréis de joanete. Seu oponente, o *Minnie*, também era variável, pois mudava incessantemente de rumo para comprovar como a *Ariel* navegava com mais velocidade e, além disso, a combinação de velas abertas. Jack respondia a todas essas variações e a todas as mudanças do vento, de modo que na corveta apareciam de repente as alas, inclusive por cima e abaixo e em ambos lados se a ocasião o requeria, e também as varredoras, e às vezes eram arriadas apenas haviam sido desdobradas. Na *Ariel* se vivia uma mistura de emoção e tensão e os marinheiros realizavam com rapidez seu trabalho. Subiam as mangueiras até os cestos das gáveas e, deali, com jorros de água que chegavam até as vergas, molhavam as velas para que pudessem tomar mais vento; subiam uma e outra vez baldes de água até as vaus e jogavam água nas joanetes até que ficavam empapadas; e amiúde estavam preparados para puxar as escotas ou as adriças antes que lhes dessem a ordem. A distância diminuía pouco a pouco, às vezes só um cabo em uma hora, mas diminuía. Desde a metade da guarda da manhã já se via completamente o casco da presa.

Quando fizeram as medições de meio-dia no *Minnie*, comprovaram com satisfação que a distância se reduzia menos se este navegava com o vento em popa, de modo que o mercante continuou navegando assim, com uma enorme pirâmide de velas. Pouco depois jogaram os barris de água pela borda e depois os canhões, com catorze impactos que fizeram saltar a água e a espuma, e o peso do mercante se aliviou muitas toneladas.

— Vais comer? — inquiriu Stephen. — O despenseiro está muito preocupado e diz que o porquinho se estropeará.

— Não — respondeu Jack. — Vê o arrastraculo<sup>{20}</sup> desdobraram? O pior de se perseguir um barco do Báltico é que todos têm quase sempre melhores aparelhos, velas de tela estupenda de Riga e cabos de excelente cânhamo, assim que podem navegar a toda vela, e em troca, nós não. Tenho que vigiar esse dinamarquês. Comerei algo aqui na coberta. É um extraordinário marinheiro.

— Acha que conseguirá escapar?

— Acho e espero que não. Na velocidade que navegamos agora, se não desprender nada, provavelmente o alcançaremos pouco depois do crepúsculo. Mas o vento é variável e quanto mais diminua de intensidade, menos encurtaremos a distância. O *Minnie* navega sem dificuldade, e me parece que navegará melhor com vento frouxo. Não está muito afundado na água, como pode ver, e estou certo de que o revestimento de cobre é novo. Todos os oficiais concordam em afirmar que nunca o viram navegar tão velozmente. Ele será muito útil ao almirante, pois necessita avisos.

— Vejo que está seguro de que o aprisionará.

— Oh, não, nunca diria isso! Traz má sorte. Não se deve vender a pele do urso antes de o haver matado. O que queria dizer era que se a capturamos, a Armada poderia comprá-la. Há muitas probabilidades, muitíssimas probabilidades... Espero que possa alcançá-lo antes do anoitecer, já que hoje não há lua e as estrelas brilharão muito pouco.

Uma longa, longa tarde, e os barcos ainda seguiam navegando a grande velocidade. Apesar de que agora a *Ariel* tinha mais tripulantes, todos estavam começando a se cansar devido a terem que trocar incessantemente as velas superiores e bombear; contudo, Jack pensava que os tripulantes da presa provavelmente se sentiam igual ou pior. Mas agora os marinheiros poderiam descansar, pois Jack havia ordenado pôr o conjunto de velas mais adequado (nenhuma no pau mezena, as escotas da maior desviadas para trás, o velacho desdobrado, mas com a superfície exposta ao vento reduzida, a traquete carregada, as alas da traquete e todas as bujarronas). O que realmente temia era que o barômetro estava subindo e o vento amainando, e isto último favoreceria ao *Minnie*

por ser menos pesado; contudo, seguia tendo a inconfessável convicção de que cedo ou tarde o alcançaria, inclusive depois que uma rajada de vento soltou a vela maior da relinga. Mas era sumamente importante que o conseguisse *cedo*, pensava Jack, olhando aborrecido para as velas de tela resistente do *Minnie*, enquanto os tripulantes subiam pela exércia com a tela de número oito do Almirantado, exageradamente fina e passada, para substituir a vela desprendida.

O medo espantoso, o medo de um fracasso total, não o assaltou até muito mais tarde, quando o Sol poente diminuiu a força do vento e o *Minnie* avançou perceptivelmente. Já fazia uma hora que o mercante estava ao alcance de suas caronadas e ele ordenara preparar os canhões de proa há muito tempo, mas não queria causar danos a um barco que depois teria que usar, e, além disso, era provável que ao disparar desperdiçassem o pouco vento que ainda soprava. Mas talvez fosse a melhor solução, já que se a velocidade do *Minnie* seguisse aumentando nesse ritmo e o vento seguisse soprando com pouca força e na mesma direção, o mercante poderia chegar a Grimsholm antes que ele porque estava em sua rota; e a ilha já estava a pouca distância, talvez a uma noite de navegação.

Depois de dar a perigosa ordem de largar uma monterilla<sup>{21}</sup> no pau maior (perigosa porque o mastaréu do joanete da *Ariel* havia se rachado quando a vela se desprendeu) seguiu remoendo o assunto na cabeça. O pequeno castelo de popa estava abarrotado. Todos os oficiais e guardas-marinhas haviam permanecido ali desde o começo da perseguição, ainda que falavam muito pouco e sempre em voz baixa. Agora estavam silenciosos e olhavam atentamente para a monterilla para ver o que ocorreria quando pegassem suas escotas. Do seu posto, na zona sagrada da coberta, junto ao costado de estibordo, Jack só ouvia a conversa entre o doutor Maturin e Jagiello, que não sabiam a importância que tinha a monterilla e falavam com a liberdade que dá a absoluta ignorância.

— Diga-me, por favor, senhor Jagiello, que costa é esta que vemos? — perguntou Stephen. — É a costa de Curlândia ou de Pomerânia ou me desviei muito?

— Estou perdido, senhor — respondeu Jagiello, sorrindo. — Poderia ser qualquer uma delas. Esta parte da costa do Báltico é toda igual: plana, com dunas de areia ao longo de milhas e milhas e bancos de areia. É estéril, erma, não é boa para ninguém, e, contudo, os polacos e os suecos e os russos e os alemães se hão peleado por ela durante centenas de anos. Vejo um castelo em ruínas, mas não posso dizer-lhe qual é — disse, dando seu telescópio. — A única coisa que produz é âmbar.

— Âmbar? — inquiriu Stephen.

Ao mesmo tempo, se ouviu um suspiro coletivo no setor profissional do castelo de popa, já que a monterilla, aquele pequeno pedaço de tela (não era mais que isso) deu um pouco mais de impulso à *Ariel*, o suficiente para evitar que a presa se afastasse mais dela. Mas isso não resolveu o problema de Jack, que, aborrecido como poucas vezes esteve, teve desejos, muitos desejos de que cessasse a conversa sobre o âmbar, sua origem, suas propriedades elétricas, seu uso na antiguidade clássica, e o que dizia dele Tales de Mileto.

— Senhor Hyde, a água... — começou a dizer, olhando fixamente o *Minnie*, mas se interrompeu ao ver com assombro que o mercante virava a bombordo e se situava com o vento pela alheta, a 40 ° do través.

Imediatamente deu uma série de ordens: largar a carangueja, a sobremesana, a perico<sup>{22}</sup>, a sobreperico, a traquete e, além disso, todas as alas e as velas de estai que não se podiam utilizar com o vento em popa. E então se notou a superioridade da *Ariel* por ter em sua tripulação um grande número de marinheiros de barcos de guerra: a nuvem de velas apareceu com assombrosa rapidez e as escotas foram caçadas e amarradas antes de que o *Minnie* houvesse desdobrado a metade das velas.

Mas antes que isto terminasse, inclusive antes que Stephen e Jagiello fossem derrubados duas ou três vezes pelos apressados marinheiros, Jack mandara um guarda-marinha ao tope. A mudança de rumo do *Minnie* era um suicídio, não só porque o capitão já comprovara que a *Ariel* era mais rápida que o mercante navegando assim, de quadra (o comprovara muito antes), senão que este, nos

últimos minutos, perdera um cabo da vantagem que tinha. E se seguisse esse rumo, perderia quase uma milha a cada hora, ainda que desdobrasse todas as velas, e o Sol ainda estava a um quarto do horizonte. A única explicação que achava para essa mudança era que o mercante vira um aliado na costa ou um inimigo no alto mar.

— Coberta! — gritou o guarda-marinha. — Um barco, senhor! Um barco a 25° pela amura de estibordo!

— Tem um galhardete? — perguntou Jack.

Essa era uma pergunta tonta, pois se a *Minnie não* houvesse visto o galhardete, o indicativo de um barco de guerra, não se haveria desviado de seu rumo, mas queria a confirmação do que lhe causava grande alegria.

— Oh, sim, senhor! E acho que sei qual é. É um bergantim-escuna e tem as velas amuradas a estibordo... Está virando... Sim, senhor, eu o reconheço.

— Qual é?

— *Humbug*,<sup>{23}</sup> senhor — disse o guarda-marinha em tom vacilante.

Jack não podia acreditar que tivesse ouvido bem.

— O que disse? — perguntou.

— *Humbug*, senhor.

Então se ouviram risos na proa; três cadetes que estavam perto do capitão começaram a contorcer-se esforçando-se para conter-se e todos os oficiais sorriram. Aquele nome gracioso era muito conhecido no Báltico, mas os recém chegados o ignoravam. Logo antes que os russos se unissem aos aliados, um capitão da Armada real muito divertido capturara um de seus barcos, um bergantim-escuna construído em Tyne que navegava muito bem de bolina, e lhe mudara o nome russo, impossível de pronunciar, por *Humbug*, e esse era o único farsante que havia ou era provável que houvesse na Armada.

Farsante... O garoto lhe havia dito aquela palavra diante de todos, em seu próprio castelo de popa... Jack pensou que devia estar bêbado e pôs expressão de enfado, e os sorrisos pararam. Mas em pouco tempo aquela horrível expressão e sua justificada indignação desapareceram e disse:

— Muito bem, senhor Jevons. Fique aí até que lhe chame.

Olhou para o *Minnie* e pensou que havia caído em uma armadilha.

— Vamos arriar a monterilla, senhor Hyde — disse. — É inútil pôr o mastro em perigo.

Estava convencido de que usando as sobrejoanetes desdobradas, ou mesmo simplesmente a joanete de proa, alcançaria o *Minnie* dentro de uma hora. Não teria que usar os canhões de proa.

— Sim, senhor — disse o senhor Hyde. — Sim, senhor, é inútil. A propósito, senhor, o nome do bergantim—escuna é realmente *Humbug*. Jevons não pretendia faltar-lhe com o respeito.

— Ah, sim? Bem, bem. Então pode descer. Onde está o guarda-marinha encarregado dos sinais? Para *Humbug*, posto que esse é seu nome, diga-lhe: *Inimigo a vista. Perseguição por este-sudeste*, e dispare um canhão. Senhor Jagiello, sinto que o tenham derrubado. O senhor está bem, né?

— Oh, perfeitamente bem, senhor! — disse Jagiello, rindo. — Não me aconteceu nada, mas as esporas se me engancharam nos cabos. Talvez eu devesse tirá-las.

— Desculpe-me, senhor — disse o senhor Pellworm. — O mercante se dirige para o banco Forten. De fato, encontra-se no final do banco Kraken, se não me equivoco.

— Ah, sim? — inquiriu Jack.

O banco Forten, situado a poucas milhas da árida costa, era formado por uma série de bancos de areia e um sinuoso canal que era muito pouco transitado. O *Minnie*, que era mais leve que a *Ariel*, afundava dois pés menos na água, e a esperança de seu capitão, sua última esperança, era atrair a corveta até um banco sobre o qual o *Minnie* pudesse passar e a *Ariel* ficasse encalhada. Essa era uma das razões para ter virado de repente.

— Muito esperto! Coloquem a sonda. Senhor Pellworm, pode fazer a corveta cruzar pelo canal?

— Acho que sim, senhor — respondeu Pellworm, olhando para a enorme quantidade de velame desdobrado que tinham acima de suas cabeças.

— Então é sua. Diminua todo o velame que quiser.

O Sol se ocultou. As rosadas velas foram arriadas uma por uma. A *Ariel* alcançou a esteira do *Minnie* e o seguiu devagar com uma sonda colocada em cada costado. O piloto, com grande atenção e uma expressão grave, governava a *Ariel*, já determinando com um compasso as marcações com relação a uma torre da margem e uma distante bússula, observando o mercante para poder apreciar qualquer movimento do leme, por menor que fosse.

O mercante movia amiúde o leme enquanto avançava pelo sinuoso canal, que parecia conhecer muito bem, e a *Ariel*, deslizando na penumbra pelas águas aparentemente inofensivas, repetia cada um de seus movimentos depois de um intervalo de quinze minutos. Aquela era uma estranha procissão. Posto que já não se moviam com grande velocidade, a emoção havia desaparecido, e agora só havia tensão, mas uma tensão muito diferente. As âncoras de proa estavam preparadas, penduradas da serviola, e havia uma âncora pequena colocada no pescante de popa, e os marinheiros estavam prontos para jogá-las quando dessem a ordem. Havia silêncio de proa a popa, e só se ouviam as ordens do piloto e a ladainha do marinheiro que sondava: “Profundidade seis, profundidade seis...! Marca cinco, e cinco e meio!”.

O marinheiro continuou no mesmo tom até que, de repente, em um tom mais agudo e enfático, disse:

— Três e meio, e três e meio!

Todos na *Ariel* franziram os lábios, pois sabiam que agora havia muito pouca água debaixo deles.

— Pôr em paio o velacho! — gritou o piloto, pegando o leme.

— E três e meio! Marca três! Falta um quarto para cinco! Profundidade seis, e seis e meio!

Estavam de novo na parte profunda do canal. Jack expirou por fim e deu graças a Deus porque havia água sob a quilha outra vez. Mas o *Minnie* voltou a mudar de bordo, virou 40° para estibordo. Jack estava certo de que algo mau ia acontecer. Não queria molestar o piloto, mas desejava com todas suas forças...

— Ele se chocou! — vociferou um suboficial na proa. — O maldito estúpido encalhou, sem-vergonha... uf, uf!

O suboficial esteve a ponto de afogar-se e um guarda-marinha lhe golpeou a cabeça com uma buzina. Era certo o que havia dito. O *Minnie* foi perdendo velocidade pouco a pouco até que por fim parou no meio do mar e seus mastros se inclinaram um pouco para frente. Depois se inclinaram de novo, mas muito mais, quando seu capitão ordenou largar e caçar as escotas de todas as velas que estavam carregadas, em um intento de fazê-lo passar por cima do banco, mas o intento foi em vão. Tampouco o capitão pôde fazê-lo retroceder. O mercante estava encaixado na areia, completamente horizontal, e com tão pouco movimento como se estivesse amarrado pela proa e pela popa, ou inclusive menos, porque nem sequer balançava.

— Rápido com essa sonda! — gritou Jack. — Pode abordar a corveta com ele, senhor Pellworm?

— Quase, quase, senhor — respondeu o piloto, rindo.

— Marca sete! — gritou o marinheiro que sondava. — E sete e meio!

— Este é o canal Kraken — disse o senhor Pellworm. — Preparem a âncora pequena!

O *Minnie* estava cada vez mais perto, cada vez mais perto. Podiam ver os rostos de seus tripulantes, que pareciam manchas brancas na escuridão, e podiam ouvir seus gritos. Pela popa estavam baixando um bote, um pequeno esquife. Jack viu figuras uniformizadas na cobertura, e pensou que, sem dúvida, seriam oficiais franceses.

— Assim está bom, senhor Pellworm — disse quando já estavam a um cabo de distância da imóvel presa, pois não queria que o barco o impedisse ver o bote nem por um minuto nem queria se aproximar a uma distância inapropriada para disparar. — jogar a âncora pequena! Jogar a âncora de leva4! Abater as velas!

Então pegou uma buzina e gritou:

— Minnie, suba esse bote ou o farei em pedaços!

Não houve resposta. Na presa se ouviu uma furiosa discussão e depois um disparo de pistola.

— Senhor Jagiello, por favor, chame-lhes e repita-lhes em dinamarquês o que eu disse. Senhor Hyde, ponha um cabo de

tração na amarra da âncora.

Jagiello deu a mensagem com voz clara, em diferentes línguas e tão alto que pôde ser ouvido no outro lado das duzentas jardas que os separavam. O bote caiu nas tranqüilas águas e os oficiais franceses saltaram para ele, e imediatamente, como se o capitão houvesse mudado de opinião, foi arriada a bandeira do mercante. O bote desapareceu atrás do costado de estibordo.

— Para seus postos! — gritou Jack, e um momento depois todos os marinheiros estavam em seus postos. — Senhor Hyde, três quartos de giro.

A *Ariel* deu tracionou a âncora e ficou quase sem movimento, quase tão firme como o *Minnie*. O bote reapareceu pela proa do *Minnie* e seguiu avançando com pouca cautela em direção à costa; as balas do canhão de proa de estibordo podiam alcançá-lo. Outra volta do cabrestante e todas as caronadas de um costado ficariam de frente para ele, e a uma distância em que podiam alcançar-lhe perfeitamente. Desde uma plataforma fixa, desde um barco imóvel, inclusive uma tripulação muito menos adestrada do que a da *Ariel* dificilmente erraria o alvo.

— Senhor Nuttall, dispare balas sozinhas e aponte além do bote — disse ao condestável.

O condestável apontou sua caronada e disparou. A bala caiu além do bote, a cinqüenta jardas do costado, e seguiu quicando no mar descrevendo uma série de enormes curvas; o bote seguiu remando.

— Outra vez — ordenou Jack.

Desta vez a fumaça impediu ver onde havia caído a bala, mas quando se dissipou, pôde ver-se que o bote ainda seguia remando em direção à margem.

— Girar adiante, senhor Hyde — disse Jack com voz áspera.

Seria algo desagradável, mas as caronadas já não podiam disparar muito mais longe e não podia confiar na eficácia de um canhão sozinho. Tinha que terminar agora mesmo. A corveta tinha o costado de frente para o bote, os artilheiros estavam preparados junto às caronadas.

— De proa a popa, disparem no alvo! Esperem para que a fumaça se dissipe! Primeiro disparo!

A primeira bala caiu um pouco longe. A segunda fez balançar o bote, e, no meio da espiral de fumaça, Jack viu um homem ficar de pé e se perguntou: “Está agitando um lenço?”. Mas na fração de segundo em que pensava isso, o terceiro canhão disparou, e a bala acertou em cheio o bote, fazendo saltar pelo ar barras de madeira e algo parecido com um braço. Por toda a coberta se ouviram estrondosos gritos de alegria e os artilheiros, com o rosto radiante, abraçavam-se uns aos outros.

— Guardar os canhões! — ordenou Jack. — descer os cúteres! Senhor Fenton vá ver se há sobreviventes. Senhor Hyde, vá tomar posse da presa e diga-lhe ao capitão que acenda os faróis imediatamente. Anderson servirá de intérprete. Senhor Grimmond, ponha um farol aceso na cesto da gávea do maior para guiar o *Humbug* e traga um cabo grosso de oito polegadas. Imediatamente temos que puxar a presa para desencalhá-la; não há nem um minuto a perder.

Cada minuto era realmente imprescindível, e, contudo, perdiam-se montes e inclusive centenas. O *Minnie* não se movia. Os canais eram tão estreitos e intrincados que um barco do calado da *Ariel* não podia navegar bem por eles nem podia pôr-se no lugar que lhe convinha. Com muito trabalho haviam apanhado duas âncoras, levando-as para longe com a lancha e arrastando suas pesadas correntes, mas cada vez que o cabrestante lograva esticá-las de maneira que transmitissem a máxima força ao *Minnie*, as âncoras se desprendiam.

A situação já era muito difícil quando Fenton voltou com o único sobrevivente, um jovem de uns dezessete anos que estava inconsciente e com feridas na cabeça e numa perna. E era ainda pior um pouco depois, quando Stephen saiu da enfermaria e subiu para a coberta: havia cabos estendidos em todas as direções, penetrando na escuridão e à luz das lanternas se viam os rostos dos homens do cabrestante, nos quais já não havia sinais de alegria senão de profundo cansaço. Apenas Jack acabara de dar aos gritos uma série de ordens a um bote distante, Stephen apareceu.

— Como ele está? — inquiriu com voz rouca.

— Acho que poderemos salvá-lo — disse Stephen. — Parece que a ligadura se mantém e o jovem tem uma grande foça. Está triste, meu amigo?

— Bastante, bastante. As bitas<sup>{24}</sup> da popa cederam e perdemos nossa âncora de leva<sup>{25}</sup> pequena: quebrou a argola. Mas poderia ser pior... Além disso, acho que o *Humbug* não tardará em chegar. É quando pequeno calado.

Agora parecia animado, e, de fato, a constante atividade evitava que a parte superficial de sua mente se preocupasse com o que ocorreria nas próximas horas. Contudo, a parte um pouco mais profunda prestava atenção aos nimbos que se acumulavam ao norte e também ao *Humbug*, que avançava devagar entre os bancos de areia e se desviara do canal e encalhara duas vezes e ainda se encontrava a umas cinco milhas de distância; e remoía a idéia de que se houvesse marejada, teria que cortar os cabos e ir embora, abandonando o *Minnie*, o que significaria o fracasso da missão que pouco antes prometia ser um êxito.

— Conseguiu alguma informação dele?

— Não. Está em coma. Mas seu uniforme não tem a magnificência do de um assessor e suas cartas são comuns, como as de qualquer subalterno. Além disso, um ato temerário como esse é mais próprio dos jovens que dos sensatos oficiais com antiguidade.

— Não estou certo — disse Jack. — Se me houvessem posto ao comando de uma lugar como Grimsholm, acredito que teria tentado chegar. Haveria tratado de encontrar um cavalo na costa, pois não está a muitas horas de caminho. Mas tenho certeza de que me haveria afastado no bote uma ou duas milhas pelo lado que não podia ser visto. O que foi, senhor Rowbotham?

— Com sua licença, senhor, a âncora de reserva já está preparada.

— Muito bem, muito bem. Agora engate-a e jogue-a estirando a amarra até o final. Até o final, senhor Rowbotham.

— Oh, sim, senhor! Até o final.

O segundo oficial se aproximou para receber novas instruções, e enquanto Stephen ouvia falar de questões técnicas e urgentes,

observava as luzes do outro lado do banco, as luzes de todos os botes da *Ariel* e do *Minnie*, que puxam os cabos que saíam radialmente deste para desencalhá-lo, quer dizer, de todos os botes exceto o esquife, no qual Pellworm se dirigia para o distante *Humbug* para ajudá-lo a atravessar o sinuoso canal.

Uma fina chuva começou a cair, ocultando as luzes. Fenton se foi para a popa e então Stephen disse:

— Se pudesse falar com o capitão do *Minnie*, talvez obteríamos toda a informação de que necessitamos. De qualquer forma, tenho que falar com ele para averiguar o que sabe sobre Grimsholm, pois acredito que o *Minnie* vai muito ali.

— Quando tivermos um bote livre, mandarei pegá-lo — disse Jack e depois gritou: — Senhor Hyde, diga ao capitão do *Minnie* que se prepare para embarcar no próximo bote que venha e que traga a documentação do barco!

— Senhor, os franceses lhe deram um tiro! — chegou a resposta de Hyde através da úmida escuridão. — Quer que mande o segundo em comando?

Duas figuras escuras vieram então para lhe dar uma informação, e de um bote que não podiam ser vistos gritaram que a espia se prendera nos restos de um barco afundado.

— Não se desanime agora, meu amigo — disse Stephen. — Neste momento não serviria de nada saber se o general Mercier está vivo ou morto, podemos esperar até amanhã.

Ouviu-se um forte rangido e um rumor de vozes na escuridão, e Jack se foi. Stephen esteve esperando-lhe, mas como a chuva aumentava, desceu e se deitou em sua maca com as mãos debaixo da cabeça e fixou a vista na chama da lanterna. Para eliminar o cansaço, relaxou todo o corpo, e sua mente se limpou por completo, como quando tomava sua bebida favorita, o láudano. Não tinha ansiedade. A tentativa podia resultar em êxito ou em fracasso, e desejava de todo coração que fosse um êxito, mas “de todo coração” não significava muito agora que uma parte essencial de seu coração parecia estar morta. Por outro lado, sentia-se mais preparado para obter o êxito, sentia-se impulsionado para isso por uma força que não provinha de sua indiferença pelo seu próprio destino mas sim de

algo parecido e que não podia definir, algo semelhante ao desespero, mas um desespero sentido muito tempo atrás e desprovido de horror.

O *Humbug*, abatendo para barlavento e trocando de bordo muitas vezes, terminou de atravessar o canal no final da guarda de meia e trouxe consigo o forte vento e a ameaça de que a noite terminaria mal.

Os homens do bergantim-escuna demoraram mais de uma hora para jogar âncoras e colocar balizas; os melhores marinheiros dos três barcos estenderam cabos de um lado a outro. Os cabos foram saindo uns atrás dos outros pelo escovém (saíram todos os que havia no convés) e gradualmente foram tomando forma todos os aparelhos pensados para levantar o *Minnie* de seu leito de areia ou sacá-lo dali arrastando-o.

Stephen foi despertado por uma voz familiar, tão alta que atravessava a coberta, já que agora estavam pondo a prova todo o sistema. Cegara o momento de fazer força, uma força compartilhada entre quatro âncoras e quase uma milha de amarras e cabos grossos e concentrada no cabrestante da *Ariel*.

— Pisar forte e adiante! — gritava Jack para os marinheiros que empurravam as varas. — Pisar forte e adiante! Girar, girar! Girar com força!

A maioria dos homens eram tripulantes do *Minnie* que haviam sido obrigados a fazer essa tarefa e, apesar de que não entendiam as palavras, compreendiam perfeitamente o que queriam dizer. Conseguiram apenas avançar uma polegada de cada vez e não se ouviam freqüentes estalidos, apenas um clique a cada minuto; pouco depois já não se ouviu nenhum. Agora haviam conseguido alcançar a força máxima e o cabo que unia ambos barcos não tinha nem uma minúscula ondulação quando desapareceu na luz tênue que agora começava a ficar mais intensa.

— Empurrar com força! Com muita força! Contramestre, açoite esse homem! Empurrar! Que não retroceda! Muito bem, companheiros! Empurrar com vontade!

Então se ouviu o distante grito: "Ele se move!".

As barras se moveram; os ofegantes marinheiros avançaram meio passo; o cabrestante girou, e seguiu girando cada vez mais rápido.

— Muito bem! Seguir empurrando! — gritou Jack.

O *Minnie* deslizou para trás, saiu do banco de areia, voltou a flutuar onde as águas eram mais profundas e começou a balançar com suavidade, e meia dúzia de marinheiros desmaiaram no cabrestante. Stephen ficou meio acordado durante um tempo, enquanto eram recolhidos e aduchados inumeráveis cabos de diferentes grossuras. E depois de ouvir o grito: “Grogue para todos!”, voltou a adormecer profundamente.

Era pleno dia quando despertou. A chuva havia cessado e o *Minnie* estava abordado com a *Ariel*, e os marinheiros o estavam carregando com o vinho e o tabaco da corveta. Muito longe, pela popa, podia ver o *Humbug* tentando encontrar a âncora perdida. Todos pareciam muito cansados, exceto Jagiello, que estava alegre e animado como sempre, mas nenhum tão cansado como um homem de meia idade que levava um gorro de pele de cordeiro e um monte de livros sob o braço e que, conforme disseram para Stephen, era o segundo no comando do *Minnie*.

— Senhor Jagiello, vou fazer uma visita ao meu paciente e quando regresso, que penso que será logo, queria fazer algumas perguntas a esse homem com sua ajuda, assim que lhe rogo que tenha a amabilidade de dizer-lhe que desça para sua cabine.

A visita foi realmente breve. O paciente parecia um menino apesar de seu bigode incipiente e bem arrumado. Ainda estava em coma, mas respirava tranqüila e profundamente, e até agora parecia que a operação havia sido um êxito: a ligadura se havia mantido bem e parecia que seguiria assim. Contudo, Stephen pressentia que a morte estava perto, e houve um momento em que pareceu que já estava ali. Não podia fazer nada agora, de modo que foi aonde estavam Jagiello e o velho marinheiro.

Perguntou-lhe quem eram os oficiais franceses que estavam no bote, que sinais se usavam para se aproximar de Grimsholm, quais as formalidades deviam ser cumpridas para poder desembarcar...

Mas obtive muito poucas respostas, pois o segundo em comando do mercante se refugiou na ignorância e no esquecimento. Disse que esse era a primeira viagem que fazia no *Minnie*... Não sabia nada de Grimsholm... Não vira os franceses... Não sabia nada a respeito deles...

— Acho que terei que deixar este tipo esquivo sozinho durante um tempo — disse Stephen enquanto folheava o rol do *Minnie*. — Pode ser que fique mais dócil depois de passar alguns momentos recordando. Está mentindo, mentindo descaradamente. Conforme o rol, pertence à tripulação do mercante há um ano e quatro meses. Além disso, estou desejando tomar esse café que cheira a não muita distância, você me acompanha?

— Obrigado, mas já tomei minha poção da manhã na câmara dos oficiais.

Stephen se surpreendeu ao ver que Jack, rosado e recém barbeado, já estava sentado à mesa e comia vorazmente.

— Meu Deus! Ainda não se deitou?

— Oh, dei um cochilo na cadeira de Draper! — respondeu Jack. — Isso repõe as forças de uma maneira assombrosa. Quer um bife?

— Obrigado, Jack, mas por enquanto me bastam uma xícara de café e uma torrada. Vou a voltar para falar com o prisioneiro imediatamente; já me ocorreu um meio de desconcertar esse estúpido. Mas antes quero felicitar-lhe por ter conseguido fazer o *Minnie* flutuar outra vez. Acho que fez uma grande façanha, dou-lhe minha palavra.

— Foi a maré a que mudou a situação — disse Jack. — É quase impossível acreditar que algumas polegadas de água tenham esse efeito, pois no Báltico a maré não sobe mais, sabe? Elevou um pouco o mercante no momento em que necessitávamos; meia hora mais e teria tido que cortar os cabos e ir embora. Foi uma luta difícil, eu lhe asseguro. Porém, diga-me, que notícias tem dos oficiais franceses? E que notícias tem do jovem? Como está?

— Ainda está em coma profundo — disse Stephen movendo a cabeça de um lado para outro, com pesar. — Temo que ontem à noite fui muito otimista. Os processos mecânicos seguem realizando-

se bastante bem e a ligadura se mantém, mas tem pouco espírito. Espero saber algo de seus companheiros imediatamente.

Voltou aonde Jagiello estava com o café na mão, e ali voltou a surpreender-se. Algo havia passado durante sua ausência. O jovem tinha uma expressão satisfeita e triunfante, parecia um Apolo que acabava de vencer a Mársias (ainda que um Apolo primitivo), enquanto que o prisioneiro estava exageradamente pálido e seus lábios estavam amarelados.

— Ele me contou muitas coisas — disse Jagiello, aproximando uma cadeira para Stephen e pondo em cima uma almofada. — Agora diz a verdade. É certo que não sabe quem eram os oficiais franceses, porque eles permaneceram na cabine todo o tempo. O barco se dirigia para Bornholm, porém, seguindo essa rota, seria fácil rumar para Grimsholm. Só o capitão do *Minnie* poderia ter sabido aonde se dirigiam exatamente. Viu os oficiais quando passaram para o bote na água e diz que não eram velhos; contudo, isso não prova nada, porque um coronel francês ou inclusive um general poderiam ser muito jovens. Com relação a Grimsholm, sabe que tem que fazer um sinal secreto para poder chegar e diz que da última vez que o *Minnie* esteve ali era colocar a bandeira de Hamburgo ao revés no traquete, mas que pode ter mudado. Somente o capitão poderia saber. Além disso, diz que não é permitido a ninguém desembarcar na ilha, que todos devem parar em uma ilhota que há perto da costa e apresentar sua documentação no cais e descarregar em botes. Só se pode falar com os franceses, que são quem examinam a documentação. A ilhota está no fundo da baía e tem um cais. É o terceiro desse conjunto de ilhas. Desenhe-as, sem-vergonha! — disse ao dinamarquês.

Stephen pegou o desenho e o examinou.

— Vamos, comprovemos sua declaração com a dos membros mais prudentes e responsáveis da tripulação do *Minnie*. E permita-me dizer-lhe, senhor Jagiello, que uma moeda de ouro, se for oferecida de um modo correto, permite conseguir a melhor informação, e que a possibilidade de obter mais em caso de êxito pode provocar uma avalanche de informação não contaminada de engano nem de maldade. Isto que temos aqui é muito bom, é bom

em aparência, porém, creia-me, não me moverei nem uma polegada se não tiver a confirmação.

Jack ainda estava comendo, ainda que agora devagar, quando Stephen voltou para a cabine. Fora por um momento à coberta quando os homens terminaram de carregar a presa e observara que soprava o vento do oeste-noroeste. Dera ordens de que os marinheiros do *Minnie*, vigiados por um grupo de infantas de marinha, o tripulassem, mantendo-o a sotavento da *Ariel* e não muito longe de seus canhões, porque assim sua própria tripulação poderia descansar. Também havia determinado a posição da *Ariel*. Se os transportes fossem pontuais ao encontro, os avistariam pelo noroeste dentro de uma hora mais ou menos, e avistariam Grimsholm pelo sudeste duas horas depois.

— Comprovei estes dados — disse Stephen e os enumerou e mostrou o desenho. — Os têm corroborado o carpinteiro e o contramestre do *Minnie*, interrogados separadamente. Não levo em conta o que disse o terceiro em comando porque está bêbado, completamente bêbado, ainda que não se saiba por quais meios o conseguiu.

— Parece bom, mas o que me incomoda é a informação sobre o sinal secreto — disse Jack. — Faz meses que o *Minnie* não vai à ilha, e é muito provável que tenha mudado.

— Minha opinião é igual à sua, meu amigo — disse Stephen. — Estive pensando...Hei estado pensando em Artemisa.

— Ah, sim? — inquiriu Jack.

— Não ache que me refiro à esposa de Mausolo... — disse Stephen, levantando um dedo.

— Se se refere à fragata, está nas Índias Orientais.

—... porque estou pensando é na filha de Ligdamis, a rainha de Halicarnasso. Como recordará, acompanhou Xerxes com cinco barcos e tomou parte na batalha de Salamina. Quando se deu conta que estava perdida e viu que vários barcos atenienses a perseguiam, atacou um barco persa. Os atenienses supuseram que era uma aliada e deixaram de persegui-la, e ela conseguiu escapar. Acredito que isso tem certa analogia com este caso. Se o *Minnie* chegasse a Grimsholm com todas as velas desdobradas perseguido pela *Ariel* e

açoitado por suas caronadas, não acha que seria um bom arдил? Não acha que qualquer erro ao fazer o sinal secreto seria passado relevado em um caso assim, sobretudo se a bandeira de Hamburgo era o sinal válido na última visita do *Minnie*?

Jack esteve pensando um momento.

— Sim, acho que sim — respondeu. — Mas o ataque terá que ser convincente. Você me disse que boa parte dos homens que estão na ilha são marinheiros, teremos que fazê-lo tão bem que possamos convencê-los. Acho que podemos conseguir. Sim, acredito que podemos conseguir. Gosto de seu plano, Stephen.

— Me alegro de que o aproves. E já que é assim, queria fazer mais algumas sugestões. Seria uma pena que os marinheiros holandeses e do Báltico que sir James amavelmente nos proporcionou, por seu comportamento correto e sua roupa impecável, fossem a causa de que se descobrisse a estratagem. São homens muito limpos, de boas maneiras, acostumados à disciplina da Armada real e a maioria estão vestidos com as calças que se costumam usar em seus barcos. Sugiro que troquem de roupa com os tripulantes do *Minnie* e ocupem seus postos. O que poderia ser mais lógico do que pensar que sob roupa dinamarquesa há realmente dinamarqueses? Além disso, como deve haver algumas caras conhecidas no mercante, sugiro que o cozinheiro e o carpinteiro fiquem a bordo. Os dois aceitaram um *douceur* em troca de informação e esperam receber uma considerável soma se tudo sair bem.

— Faremos do seu jeito, Stephen — disse Jack, esvaziando a cafeteira. — Começarei imediatamente.

Subiu para a coberta, e pouco depois começaram a chegar os tripulantes do *Minnie* em pequenos grupos. Quando lhes disseram que tinham que tirar a roupa, puseram expressão de desconcerto e medo, e mesmo quando lhes fizeram compreender que era para fazer uma troca, mesmo quando já estavam vestidos com a roupa dos tripulantes da *Ariel*, mantiveram uma atitude apreensiva.

Voltou para a cabine com os livros do mercante e passou a examinar os dados sobre seus novos tripulantes, e então chegou Hyde.

— Peço que me desculpe, senhor, mas os homens dizem que os dinamarqueses estão piolhentos e suplicam que os exima de pôr sua roupa.

— E em seguida vão se queixar dos gorgulhos — disse Jack.

— Foi o que eu disse, senhor, mas Wittgenstein, que fala em nome de todos, diz que os gorgulhos são naturais, enquanto que os piolhos não, porque foram uma das pragas do Egito, portanto, irreligiosos. Têm medo de que infestem sua roupa e suas macas, mas sobretudo seu cabelo. Não querem cortar a trança por nada desse mundo, senhor, e ainda que tenham falado com respeito, acredito que falam sério.

— Chame os marinheiros para a popa, senhor Hyde — ordenou Jack.

Então Stephen disse:

— Eles não distinguem entre *pediculus vestimenti*, os piolhos do corpo, e *pediculus capitis*, os da cabeça. Seus rabichos não correrão perigo se não puserem os chapéus dos dinamarqueses.

Os marinheiros foram para popa, e os que se negavam a usar a roupa cheia de piolhos tinham uma expressão de desgosto e um olhar feroz enquanto que os outros estavam alegres e lhes olhavam zombadoramente.

— Marinheiros! Compreendo que não gostem dos piolhos, e a verdade é que eu também não gosto. Contudo, temos uma tarefa urgente que cumprir. Não há tempo de preparar as caldeiras e ferver tudo, e temos que chegar a Grimsholm com a aparência de tripulantes de um mercante, não de marinheiros de barcos de guerra. Sinto muito, mas não posso fazer nada. Isto é parte de seu dever. Mas não têm por que temer por seus cabelos se não puserem os chapéus dos dinamarqueses. Um cavalheiro muito instruído me disse que estes piolhos são inofensivos e que só infestam seu corpo, não seu cabelo. Há dois muito distintos: o *pedículo vestuário* e o *pedículo capito*, dos vestidos e da cabeça. Como hei dito, isto é parte de seu dever, mas como pode considerar-se uma tarefa exageradamente difícil, cada homem receberá uma libra e quatro peniques a mais que o pagamento do dia. Além disso, os prisioneiros hão recebido roupa nova e não se deitarão em suas macas,

dormirão em colchões de palha na bodega. Não podem pedir nada melhor do que isso.

Sabia que lhes havia comprazido e que o *pedículo capito* havia inclinado a balança antes de que se falasse de dinheiro.

— Diga aos marinheiros que podem se retirar, senhor Hyde — ordenou. — E sigamos adiante.

Quando já estava na cabine de novo, disse:

— Hei pensado em encarregar a Wittgenstein que leve a *Minnie* até a ilha, junto com Klopstock e Haase como ajudantes. Não penso em enviar nenhum oficial.

— Oh, senhor! — exclamou Hyde em tom decepcionado. — Esperava que...

— Eu sei — disse Jack, que compreendia perfeitamente seus sentimentos. — Mas este é um caso especial. Os tripulantes devem parecer marinheiros comuns do Báltico, e nossos homens poderão se vestir como queiram desde que não infrinjam as regras da guerra. Se forem capturados, serão tratados como prisioneiros comuns; se capturarem um oficial disfarçado, considerarão ele um espião e o matarão.

— Sim, senhor, mas poderia ir em mangas de camisa e guardar em algum lugar a jaqueta com minha nomeação no bolso. Senhor, o senhor sabe que é muito difícil conseguir uma promoção hoje em dia: um homem tem que se meter pela boca de um canhão e sair pelo ouvido, como dizem. E ainda que o faça, nem sempre o percebem.

Jack vacilou. O que Hyde dizia era totalmente certo, e além disso, um capitão tinha a obrigação moral de dar essa oportunidade aos seus oficiais, por ordem de antiguidade. Porém, além do válido argumento do categoria, havia outro que não se atrevia mencionar. Hyde era um jovem sério e consciencioso e desempenhava bem uma parte de sua tarefa, a de manter a ordem no barco, mas não era um grande marinheiro. Tinha a idéia de que aumentar a velocidade consistia em desdobrar mais velame, mesmo se afundasse mais o barco como se não; virava com vacilação, provocando sacudidas; numa ocasião seu defeito de confundir a direita com a esquerda fez com que a *Ariel* perdesse os estais. Se enviasse um oficial, Jack

preferiria mandar Fenton, que era um marinheiro nato, mas isso seria considerado uma ofensa. Contudo, sua indecisão não durou muito tempo. A questão estava clara: os bons sentimentos não poriam em perigo a missão e a vida de Stephen.

— Sinto muito, Hyde, mas deve considerar isto como parte de seu dever, como os piolhos — disse. — Estou certo de que muito em breve terá outra oportunidade de se distinguir.

Mas não tinha certeza e pensava que suas palavras não foram convincentes nem serviram de consolo. Então, ouviu com satisfação que avistaram quatro barcos pelo través de estibordo. Estavam tão longe que só eram vistos das gáveas, mas seguiam um rumo convergente com o da *Ariel*. Enquanto esperava para que pudessem identificá-los, mandou Wittgenstein e seus ajudantes descerem para a cabine, todos homens fortes e de meia idade cujos anos de serviço na Armada eram quase cem em conjunto. Explicou que deviam levar o *Minnie* para Grimsholm, desdobrando a maior quantidade de velame para fugir da *Ariel*, que iria perseguindo-o, e com a bandeira da Dinamarca e a de Hamburgo içadas. Acrescentou que tinham que fundear na ilhota do desenho que mostrava e levar o doutor Maturin até a costa. Sublinhou que o doutor Maturin seria o único que falaria, que tinham que obedecê-lo ao pé da letra e que não deveriam falar inglês onde pudessem ser ouvidos da ilha. Escutavam com atenção, e Jack estava muito satisfeito de ver que haviam entendido perfeitamente que deviam se comportar e manobrar como os marinheiros de um mercante.

Quando estava a ponto de repetir pela terceira vez todos os pontos, Wittgenstein, um pouco incômodo, disse:

— Sim, senhor, já compreendi. Não sou um marinheiro de água doce. E com sua permissão, acho que deveríamos subir todos a bordo agora, para ver como se governa.

Jack os viu se afastarem no bote junto com os tripulantes escolhidos, que usavam as jaquetas cheias de piolhos. Depois viu com que rapidez abandonavam os longos anos de disciplina, pois perambulavam pela cobertura, falavam, apoiavam-se na borda, mascavam tabaco e lançavam escarros, coçavam-se, largavam a roupa em qualquer lugar... O *Minnie* nunca havia sido o que na

Armada se consideraria um barco ordenado e agora tinha realmente um aspecto desastroso.

Já a *Ariel* e os quatro barcos que apareceram pelo noroeste se haviam identificado. Como Jack supunha, aqueles eram os transportes, escoltados pelo *Aeolus*. “Acho que posso cantar vitória antes do tempo, mas espero que isso não traga má sorte”, pensou olhando para os distantes transportes e depois para o sul, onde apareceria Grimsholm mais tarde.

Fazia um tempo que haviam soado as sete badaladas da guarda da manhã, e no relógio de areia de meia hora já havia saído quase toda a areia da ampulheta. Apesar da idéia de que era iminente uma brusca mudança da situação, pois todos os marinheiros sabiam o que a *Ariel* ia fazer, havia animação no barco porque se aproximava o momento da refeição, ainda que o fato de saber que levavam a bordo um cadáver, algo que dava má sorte, havia diminuído a alegria que habitualmente sentiam nessa hora. O jovem francês havia morrido, e haviam chamado o veleiro para que fechasse com uma costura a maca onde estava seu cadáver com duas balas de canhão aos pés.

Os oficiais fizeram as medições de meio-dia com cuidado especial, umas medições exatas que demonstraram que Grimsholm estava um pouco mais perto do que estimavam. Viraram o relógio de areia, o sino soou, e os marinheiros foram chamados para comer a tão esperada refeição. Quando terminassem, a ilha já se desenharia sobre o céu claro, e pouco depois Stephen subiria a bordo do *Minnie* e a aparente perseguição começaria.

— Seria inapropriado que comêssemos agora? — inquiriu.

— Não, em absoluto — respondeu Jack. — Darei a ordem agora mesmo. — Então se inclinou sobre a clarabóia e gritou para o assombrado despenseiro: — Que a comida esteja na mesa dentro de sete minutos! Caviar, pão sueco, fritadas, bifés, presunto, as sobras do pastel de ganso, uma garrafa de champanhe e duas garrafas do borgonha de selo amarelo!

Aos sete minutos se sentaram na mesa, depois que Jack deu ordem para que o avisassem se avistassem a ilha.

— Gosto de caviar — disse Stephen, servindo-se outra vez. — De onde saiu?

— O Czar mandou para sir James e ele nos deu um barril. Uma comida diferente. E acho que o almirante estranhou.

Esse foi a única tentativa de brincar que fez em toda a refeição, e praticamente só comeu um pouco de caviar. Sentia que tinha o estômago fechado e apenas encontrava prazer em beber.

Em troca, Stephen comera fritada, uma libra de carne e terminara o pastel de ganso e cortara um pedaço de presunto que, comparado com o que costumava comer, permitiria dar um festim. Mas era um festim sem festa. A atmosfera não era a adequada. Usavam fórmulas de cortesia e seu contato era quase inexistente; parecia que Stephen já havia ido, que se encontrava em outro plano.

Somente quando estavam tomando vinho do porto e Stephen disse que gostaria muito que pudessem tocar um pouco de música (em outras viagens que haviam feito juntos haviam tocado juntos composições para violoncelo e violino inumeráveis vezes, amiúde em circunstâncias difíceis) sua antiga relação ressurgiu.

— Poderíamos tocar uma peça alegre — disse Jack com um tímido sorriso.

Nesse momento entrou um guarda-marinha e disse, da parte do oficial de derrota, que haviam avistado Grimsholm do tope.

— Há chegado o momento — disse Jack. — Devemos começar a perseguição muito antes que eles nos vejam.

Pegou a garrafa e encheu os copos.

— Pelo afeto que lhe tenho, Stephen, e... — começou a dizer, mas o copo escorregou de sua mão e quebrou, e então, em voz baixa e tom entristecido, exclamou: — Saúde!

— Não tem importância, não tem importância — disse Stephen, secando os calções. — Agora escute-me, Jack, por favor. Só há três coisas que tenho que dizer antes de subir a bordo do *Minnie*. Se tiver êxito, içarei uma bandeira catalã. Sabe como é a bandeira catalã, né?

— Envergonha-me dizê-lo, mas não sei.

— É amarela com quatro faixas vermelhas verticais. Se a vir, quando a vir, deve avisar aos transportes, que, naturalmente,

estarão onde não possam ser vistos da ilha, e você deve ir imediatamente, com a mesma bandeira içada em um lugar de honra. Suponho que terá uma.

— Oh, o veleiro fará meia dúzia voando! Uma bandeira amarela com faixas tiradas de um galhardete de reserva.

— Exatamente. E lhe rogo, Jack, que faça tantos disparos de cumprimento como corresponda fazer ao chegar a uma fortaleza como essa, ou inclusive mais, e que receba ao oficial que ostenta o comando com a cerimônia com que se deve receber a um nobre.

— Se vier contigo, será recebido como um rei.

Stephen cruzou a faixa de água e subiu a bordo do *Minnie*. A *Ariel* fez um sinal para o distante *Aeolus* para que orçasse, pôs em paio as gáveas para deixar que o *Minnie* tivesse duas milhas de vantagem e por fim começou a longa perseguição.

Stephen se sentou em uma velha cadeira de cozinha junto ao mastro mezena para não atrapalhar. Tinha sobre as pernas um pacote de papéis e olhava fixamente para Grimsholm, que se via cada vez maior pela amura de bombordo. Era inútil preparar cuidadosamente o que ia dizer, porque tudo dependeria dos primeiros momentos e da presença ou ausência de oficiais franceses quando fosse recebido; e desde esse momento, tudo seria uma improvisação, uma *cadenza*<sup>{26}</sup>. Assobiou o *Salve Regina* de Montserrat para acompanhar o tema.

Da proa da *Ariel* Jack o via com clareza para lá do mar cinza, podia distinguir sua escura figura inclusive sem telescópio. Com demasiada clareza, porque a *Ariel*, com o vento pela alheta, aproximara-se do *Minnie* com mais rapidez que a devida durante a última meia hora.

— Largar a vela e dar uma guinada! — gritou.

Os homens amarraram os punhos de uma cevadeira e a deixaram cair no mar pela alheta do costado que não podia ser vista da ilha, e a vela atuou como uma âncora de capa. A velocidade se reduziu, mas de uma forma que não se notou muito, e a corveta continuou aproximando-se do mercante, mas muito pouco. Dez minutos depois, Jack disse ao condestável:

— Bem, senhor Nuttall, acho que podemos abrir fogo. O senhor sabe o que fazer. Tenha muito cuidado, senhor Nuttall.

— Não tema, senhor — disse o condestável. — Preparei todas as cargas com a pólvora branca que comessou a se perder. Não há perigo.

Então disparou. A bala desviou cinqüenta jardas para um lado e caiu a duzentas jardas da popa da *Ariel*. O *Minute* respondeu desdobrando uma ala da joanete de proa.

— Tem que parecer de verdade — disse Jack.

— Não tema, senhor — disse o condestável outra vez. — Já verá quando o canhão esquentar.

O canhão esquentou, isto é, os canhões, porque a *Ariel* dava pequenas guinadas para disparar umas vezes com um canhão de proa e outras com o outro, de maneira que sua potência aumentava mas sua velocidade diminuía. As balas, lançadas cuidadosamente, caíam tão perto do *Minnie* que uma ou duas vezes a espuma chegou até a coberta. Era um bom exercício, mas não dava aos marinheiros mais experimentados da *Ariel* tanta satisfação como realizar manobras: subir ligeiramente as escotas sem parar, exercer mais pressão sobre as velas que não estavam equilibradas, fazer todos os ardis que o capitão havia aprendido navegando pelos oceanos do mundo e todas as coisas que dessem a impressão de que desejavam navegar a toda velocidade, mas sem adiantar muito realmente. E o que mais gostaram foi a ordem de largar a sobrejoanete maior, uma vela que era perigoso usar desdobrada com um vento como aquele inclusive com paus em boas condições.

— O senhor esqueceu que o mastaréu do joanete está rachado, senhor — disse o senhor Hyde.

— Estou lembrado, senhor Hyde — disse Jack. — Acima!

O mastaréu do joanete, a vela e a verga se desprenderam um minuto depois, algo impressionante visto de terra. E Grimsholm estava cada vez mais perto, e também o extenso litoral que resguardava, um litoral de águas profundas e lugares perfeitos para que um exército desembarcasse, além do porto fluvial de Schweinau. Há algum tempo já se viam as baterias superiores e as volutas de fumaça das forjas onde preparavam as balas vermelhas e,

no transparente ar da tarde, quem tinha vista aguda podia distinguir as barras vermelhas da bandeira içada na haste.

E mais perto estava a indefinida linha que marcava o limite do alcance dos disparos das baterias. Evidentemente, Wittgenstein pensava que estava perto dela, porque já havia içado a bandeira de Hamburgo.

Se a estratagemma havia dera resultado, se os vigias haviam acreditado no engano, o *Minnie* poderia passar intacto pela invisível fronteira, se não, era provável que sofresse danos e era possível que fosse afundado. Com o telescópio Jack pôde ver os artilheiros movendo-se ao redor das baterias e observou que a fumaça das forjas havia aumentado.

“Não há dúvida de que suas balas podem chegar a grande distância”, pensou enquanto estava de pé no castelo com as mãos agarradas atrás das costas. “Canhões de quarenta e duas libras e situados nessa altura..”.

Mais perto, cada vez mais perto. E por fim os clarões largamente esperados e as colunas de fumaça, e depois o ruído ensurdecedor, mais forte que o dos canhões de qualquer barco.

— Arriar a cevadeira! Preparem os canhões de estibordo! — gritou, e, nesse momento, as balas caíram muito próximas formando uma linha atrás da *Ariel*, a um cabo de distância, só a um cabo de distância. — Leme a barlavento! — gritou. — Apontem e disparem!

A *Ariel* virou em redondo muito rápido e a bateria disparou como se fosse uma só caronada. Dessa distância, a descarga das caronadas era inofensiva, mas uma das balas que quicou acertou o alvo, perfurando a sobremesana. Mas Jack não teve tempo de dar-se conta de isso, porque estava concentrado em pôr a corveta fora do alcance dos inumeráveis canhões que disparavam. Eles o haviam atraído até ali, até um lugar bastante distante do limite. Agora de cada lado da corveta surgiam jorros de água e o mar ia cobrindo-se de espuma branca. Se não houvesse sido pelo forte vento e pelos experimentados marinheiros, a corveta teria sofrido importantes danos ou teria afundado, porque disparavam toneladas de ferro em vermelho vivo com grande precisão. Apesar disso, antes que conseguisse sair de seu alcance, as velas estavam feitas farrapos,

um fogo havia começado no lado de estibordo da proa, um cúter estava destroçado e o mastaréu do joanete de proa estava rachado. Quando ficou seguro de que as baterias superiores não poderiam realmente alcançar a *Ariel*, mandou orçar, disse a Hyde que ordenasse atar e envergar novas velas e depois correu o cesto da gávea do maior.

Dali podia ver perfeitamente bem toda a baía. Ao fundo estavam as ilhotas, um pouco mais longe, as casas dos oficiais e as barracas, e no meio, flanqueado pelas baterias, o *Minnie*, que se aproximava devagar do cais enquanto arriava as joanetes. Durante um longo, longo intervalo, enquanto os marinheiros trabalhavam ao redor dele, o *Minnie* seguiu avançando devagar. Por fim virou e jogou a âncora a certa distância da costa. Achou ver que seus homens jogavam um bote na água, mas o Sol já estava se pondo e havia pouca claridade, pelo que apenas podia distingui-lo.

— Coberta! — gritou. — Mandar um telescópio!

Hyde lhe trouxe pessoalmente.

— Posso vê-los, senhor — disse. — Justo à direita, digo, à esquerda daquela enorme casa vermelha que está na margem.

Jack não respondeu; apenas prestara atenção. Ali estava Stephen, via-se claramente na lente do telescópio. Estava pálido, mas não mais que o habitual, e se encontrava sentado na popa do bote no qual Wittgenstein o levava para um cais baixo onde havia um grupo de soldados ordenados em fila. Jack viu que os soldados rompiam a filas e isso lhe produziu uma grande preocupação, pois não sabia qual o motivo.

Stephen ia no bote sem falar. Os primeiros sinais foram favoráveis, porque não dispararam no *Minnie* e, além disso, quando uma voz, de uma das baterias que o flanqueavam, perguntou se havia trazido tabaco e o cozinheiro dinamarquês havia respondido, ouviram exclamações de satisfação; mas não passaram mais do que uma prova preliminar. A verdadeira prova ocorreria cem jardas mais adiante, onde todos os soldados esperavam com as armas preparadas. Havia tido a fraqueza de deixar-se influir pela infantil superstição de Jack e pela morte do jovem, e ainda que essa era, de

certa forma, a mais fácil de todas as missões que havia realizado, tinha o pressentimento de que seria um desastre. Pensou então em seu amor pela vida. Havia muitas coisas bonitas nela: o odor do mar, a dourada luz do Sol ao entardecer, o voo de uma águia... Não era tão forte como supunha.

Estas contradições, este conflito entre a teoria e a prática, ainda ocupavam sua mente quando viu os soldados formados em filas dispersar-se, converter-se em um grupo comum de pessoas, e isso o fez voltar à realidade. Haviam formado assim para render honras, mas se haviam dispersado ao ver que o homem que se aproximava da margem usava uma jaqueta negra, já que sua função era omenagear os oficiais de classe superior.

Wittgenstein virou o pequeno bote até que a se popa chocou contra o cais. Stephen ficou de pé, vacilou e depois saltou para o cais, tratando de agarrar-se de um poste junto ao qual se encontrava um sargento, mas não conseguiu e caiu entre o cais e o bote. Quando voltou à superfície começou a gritar em catalão: "Tirem-me daqui, maldito seja!".

— O senhor é catalão? — perguntou surpreendido o sargento.

— Mãe de Deus! — exclamou Stephen. — Claro que sou! Tire-me daqui!

— Estou surpreso — disse o sargento, olhando-o com assombro.

Mas dois cabos que estava perto dele soltaram os mosquetes, inclinaram-se sobre o cais, pegaram Stephen pelas mãos e o puxaram.

— Obrigado amigos — disse ele, intentando que sua voz sobressaísse entre as inumeráveis vozes que perguntavam de onde vinha, que notícias tinha de Barcelona, Lleida, Palamós e Ripoll, que havia trazido o barco e se havia trazido vinho. — Digam-me, onde está o coronel d'Ullastret?

— Quer ver o coronel — disseram alguns.

— Não o viu? — perguntaram outros.

Então o grupo se dividiu e todos assinalaram para uma figura erguida e de pouca altura que lhe era familiar.

— *Padrinho!* — gritou.

— Esteve! — gritou seu padrinho, levantando os braços.

Aproximaram-se correndo se abraçaram ao mesmo tempo que davam palmadas nas costas, como os catalãos acostumavam se abraçar.

Jack os viu, apesar do Sol ter se ocultado atrás da Suécia e ter pouca claridade, mas não podia distinguir bem o que grupo de homens fazia. Aquilo era um cumprimento? Um prisão? Uma briga? Tampouco soube por que razão todo o grupo foi para a enorme casa pintada de vermelho, ainda que ficou olhando para ali até que a luz avermelhada desapareceu e a baía ficou coberta pela escuridão, na qual se destacavam algumas luzes e o resplendor das forjas.

A *Ariel* ficou em paio por toda a noite. Jack dormiu, ou, pelo menos, deitou-se, até a guarda de meia, durante as primeiras horas da madrugada. Então subiu devagar para o cesto da gávea coberta de orvalho, sentou-se ali envolto em sua capa e olhou para as estrelas, para as luzes do *Aeolus* e para os transportes, que tinham ordem de que depois do pôr do Sol se mantivessem a uma distância da qual pudessem ver os sinais. Ainda estava ali quando mudou a guarda e subiu para a coberta o oficial de derrota, a quem Fenton disse:

— Fica a seu cargo. Gáveas e bujarrona, rumo noroeste quarta ao leste durante meia hora, sudoeste quarta ao oeste a seguinte meia hora. Chame o capitão se ocorrer algo, se vir luzes ou movimentos na costa. — E, em voz mais baixa, acrescentou: — Está no cesto da gávea do maior.

Ainda estava ali quando amanheceu, e quando a luz começou a ascender lentamente pelo céu, tirou o orvalho da lente do telescópio e o dirigiu primeiro para a haste de bandeira vazia e depois para fundo da baía. Já haviam descarregado toda a parte do carregamento do *Minnie* que estava no convés, mas isso não demonstrava nada. Depois ouviu um toque de trompete muito alto e claro, mas não sabia o que significava. A enorme casa voltou a tomar sua cor vermelho por fim e Jack viu homens se movendo ao seu redor, mas o lugar estava muito distante e escuro para distinguir o que faziam.

Duas badaladas. Os marinheiros começaram a limpar o convés debaixo de Jack e nesse momento ele dirigiu o telescópio para a haste da bandeira outra vez, pela enésima vez, e viu um grupo de homens ao redor. Depois viu uma bandeira enrolada, que parecia uma bola negra, subir por ela, chegar até o tope, vacilar e finalmente se desdobrar e começar a ondear com a ponta em voltada para o sul: era uma bandeira amarela com quatro faixas vermelhas. O coração começou a pular dentro do peito e Jack seguiu olhando a bandeira enquanto contava até dez para estar completamente seguro do que via, e enquanto a olhava, viu os homens que formavam o pequeno grupo lançar os chapéus para o alto, dar as mãos e bailar em uma roda, e lhe pareceu que chegavam gritos de alegria de terra. Então se inclinou sobre a borda do cesto da gávea e gritou:

— Senhor Grimmond, leve a corveta para a baía!

Tinha os membros tão rígidos que desceu pela boca de lobo e, rindo, pensou: “Meu Deus, como o meu traseiro chegou a pesar!”.

Quando chegou ao castelo de popa, ordenou que fizessem o sinal para os transportes para que se aproximassem, que içassem as bandeiras catalãs que deviam ondear nos topes da *Ariel* e que trouxessem café e pão sueco para calar o ruído de seu estômago vazio.

— Senhor Hyde, gostaria que o barco tivesse hoje uma aparência extraordinariamente boa, adequada para receber um nobre.

Permaneceu de pé em um pequeno espaço da coberta que estava seco, comendo e bebendo, enquanto a *Ariel* voltava a cruzar o perigoso limite do alcance dos disparos da bateria, e notou que os oficiais tinham uma expressão grave e olhavam com grande atenção para as baterias.

— Diga ao condestável que venha — disse depois de um tempo. — Senhor Nuttall, cumprimente a fortaleza com vinte e um canhões quando lhe dê a ordem.

Esperou e esperou até que a *Ariel* adentrasse bastante na baía e ficasse em meio das duas mortíferas baterias e então gritou:

— Disparem as salvas!

Alto e claro, a intervalos regulares, soaram os canhões, e no momento em que se ouviu o canhão vinte e um, dos dois lados saltaram para o ar os pedaços das grandes casamatas envoltas em uma nuvem de fumaça que escureceu o céu, e se ouviu um ruído estrondoso que chegou aos confins do mundo. A nuvem aumentava cada vez mais e novos clarões apareciam repetidamente, pois explodiam um depois do outro os canhões de Grimsholm, e desde os transportes a ilha parecia um vulcão em erupção. O ruído era tão grande que o ar, o mar e a *Ariel* se estremeciam, e os tripulantes da corveta, ensurdecidos e assombrados, permaneceram imóveis até que os últimos ecos silenciassem e então compreenderam que essa era a resposta para as salvas, que essa era a forma de dar-lhes uma cordial boas-vindas.

## CAPÍTULO 9

---

Haviam saído de Karlskrona numa noite horrível com uma grande angústia, deixando também uma grande angústia atrás de si, mas uma angústia que era mais difícil de suportar talvez, já que o almirante e seu conselheiro político não podiam fazer outra coisa além de esperar o resultado das importantíssimas negociações que teriam lugar na outra margem do Báltico.

Regressaram durante as primeiras horas da tarde de um bonito dia, junto com os transportes, a presa e o *Humbug*. Todos avançavam muito devagar pelas águas verde claro, onde apenas se viam ondas, com o quente vento do sul pela alheta, o que lhes permitia ter desdobradas todas as alas, e por isso, inclusive os estreitos e abarrotados transportes, eram dignos de se ver. A *Ariel* ia na frente e os outros formavam uma perfeita linha atrás dela, cada um a um cabo de distância do barco precedente, e o *Minnie* era o último. Encontraram um almirante diferente, de aspecto mais jovem, que já não tinha gesto grave senão muito alegre, pois a *Ariel* comunicara a notícia mediante as bandeiras de sinais desde que podiam ser distinguidas. No navio insígnia havia muita atividade e alegria desde então, e o próprio cozinheiro do almirante e seus ajudantes haviam se encarregado da cozinha.

— Eu sabia! — disse ao senhor Thornton enquanto olhava o bote da *Ariel* aproximar-se. — Eu sabia! Sabia que esse homem...! Sabia o que era capaz de fazer! Um magnífico resultado! Estava certo de que seria assim!

No bote reinava o silêncio. Jack estava exausto, não só devido aos esforços que havia feito quando o *Minnie* estava encalhado, quando foi traspassado o carregamento e quando escreveu o

relatório oficial, mas também, e sobretudo, devido à loquacidade do coronel d'Ullastret. O coronel não falava inglês, mas falava com soltura o francês, uma língua que Jack pelo menos entendia, e posto que este obedeceu a Stephen, que lhe avia advertido a tratar o convidado com suma delicadeza, escutara-o durante horas e horas, fazendo todo o possível para seguir-lhe e, nas escassas pausas, dizendo em francês algumas frases que lhe pareciam apropriadas, como por exemplo, "Meu Deus!" e "Que me diz!". Além disso, no princípio daquelas horas, Stephen lhe havia deixado para ir aos transportes para submergir em sua recém recuperada catalanidade. Mas agora o coronel estava silencioso. Não era um homem que gostava de vestir-se bem apenas em tempo de paz, senão que, como muitos militares, acreditava que havia uma direta relação entre a patente de um militar e seu uniforme, e o seu se deteriorara muito por causa da umidade do Báltico: as tiras de cor carmesim haviam tomado a cor da borra do vinho no fundo de um barril, os galões estavam manchados de alcatrão, a borla de uma de suas botas havia caído e, o que era ainda pior, sua jaqueta não tinha os galões que indicavam sua patente atual. E havia visto pelo telescópio o esplêndido conjunto de uniformes a bordo do navio insígnia: os infantes de marinha com suas jaquetas de cor escarlata e branco de Espanha, os oficiais com seus melhores chapéus de três bicos e o almirante com seu magnífico uniforme azul e dourado. Stephen se deu conta de que estava incomodado e descontente e de que nesses momentos era propenso a sentir-se ofendido, a interpretar qualquer coisa como uma afronta. Sua expressão mal-humorada se suavizou um pouco quando o navio insígnia começou a disparar a salva, que desta vez era um cumprimento estritamente pessoal, e Stephen notou que seu padrinho contava os canhões. Quando soou o décimo terceiro canhão, o coronel expressou satisfação; depois soou o décimo quarto, e finalmente, o décimo quinto, que era o que se disparava em honra de um nobre ou um almirante, e, com semblante grave, consentiu com a cabeça. Mas seu gesto revelava que ainda estava em tensão, e Stephen sabia que ele não relaxaria completamente até que fosse recebido da forma que considerava apropriada e até que não houvesse bastante comida e pelo menos

uma pinta de vinho debaixo do gasto cinturão que segurava seu sabre.

— Acha que devo abraçar o almirante? — perguntou.

— Acho que não — respondeu Stephen.

— Lorde *Peterbuggah* abraçou o meu avô — disse o coronel com um olhar penetrante.

Houve certa hesitação no momento de subir a escada, mas por fim se encontraram no meio de uma fastuosa cerimônia naval, entre os gritos do contramestre e as fortes pisadas dos infantes de marinha. Depois ouviram o estalido das armas quando as apresentaram e imediatamente viram aproximar-se do almirante estendendo-lhe a mão o capitão Aubrey

— Eu sabia! Sabia que seria assim! Sabia que o senhor era capaz de fazer!

— O senhor é muito amável, senhor, mas eu fiz pouco mais que ir e voltar — disse Jack, e então, com um olhar perspicaz e em tom mais baixo, acrescentou: — O mérito é de outra pessoa. Senhor, *permettez-moi de...* Como diria...?

— *Présenter?* — sugeriu o almirante.

— Obrigado, senhor... *présenter* dom d'Ullastret. O almirante Saumarez.

O almirante tirou o chapéu e por sua vez o coronel abriu os braços, e depois de uma minúscula pausa, e para regozijo dos oficiais, o almirante o beijou em sua faces e, com absoluta franqueza, assegurou que estava muito contente de tê-lo a bordo e o convidou para comer. Disse tudo isso em francês, falando com muito mais soltura do que Jack e, naturalmente, com melhor pronúncia que o coronel, porque nascera em Guernsey.

Ainda que dominasse a língua francesa, seu estômago tinha gosto inglês, e o coronel achou que a refeição não teria destoadado em nenhuma mansão inglesa e que muitos alimentos eram estranhos e outros um papista não podia comer, posto que era sexta-feira, mas estava sentado à direita do almirante, tinha a precedência com relação a um oficial sueco de igual categoria que também fora convidado, assim que enfrentou a situação com bom humor e saiu dela passando entre a condenação e as boas maneiras:

comia os tubérculos e as verduras e deixava de lado a carne, que tratava de esconder o melhor possível, e comia muito pão. Também bebia muito vinho, bebia tanto quanto o almirante apesar de que este pesava o dobro que ele.

No outro extremo da mesa, o senhor Thornton falava com Stephen da angústia que haviam sentido quando a *Ariel* zarpara, uma angústia que aumentou muito mais ao amanhecer, quando um cúter chegou com a notícia de que o general Mercier embarcara no *Minnie*.

— O senhor fala de angústia — disse Jack ao escutar a palavra durante uma pausa nas animadas conversações que se sustentavam do seu lado, — porém, que lhe pareceria ter que responder dia e noite, em qualquer época do ano, da resolução de questões delicadas e de uma propriedade do Rei que corre perigo constantemente? Isso sim provoca angústia. Nós, os oficiais navais, somos dignos de lástima.

— Tem razão, tem razão — disseram os homens que estavam sentados do seu lado.

— O senhor, jovem, fala de preocupações, porém, o que diria se tivesse uma esquadra sob seu comando? Não pode imaginar... Bem, Aubrey, esqueci que o senhor dirigiu a operação Mauricio, de modo que sabe o que é isso. Mesmo assim, não sabe a enorme preocupação que implica ter que levar para a Inglaterra um comboio do Báltico, uns quinhentos ou seiscentos mercantes, ou inclusive mil, antes de que o gelo impeça a navegação e quase sem ter barcos para escoltá-los. Está muito bom como está, sem muitas preocupações e cobrindo-se de glória e apoderando-se de muitos butins.

Todos respeitavam tanto ao almirante que, em qualquer outra ocasião, aquilo teria sido aceito, mas agora o ambiente era relaxado e festivo e haviam circulado muitas garrafas do bom vinho do almirante, assim que muitos expressaram sua divergência apaixonadamente. Disseram que no Báltico não se podiam conseguir butins e que a nova regulamentação era infame porque estabelecia uma divisão sumamente injusta, já que os capitães haviam perdido um oitavo e esse oitavo se dividia, de forma absurda, em ínfimas

porções que se entregavam a homens que não tiravam proveito delas por ser tão pequenas, enquanto que os capitães eram levados à extrema pobreza.

— Não importa, cavalheiros — disse o almirante. — Ainda é possível alcançar a glória no Báltico. Aí têm senhores a Aubrey, que acaba de conseguir uma coroa de louros. E de toda forma, a quem importa o desleal lucro?

Alguns capitães fizeram um gesto que parecia indicar que lhes importava muito, e um chegou inclusive a murmurar: "*Non olet*", mas quando o almirante disse ao primeiro oficial que cantasse *Heart of Oak*, se emocionaram ao ouvir que o jovem, com sua bonita voz de tenor, cantava: *Ânimo, companheiros, vamos alcançar a glória, e o acompanharam fazendo coro:*

*Valentes são nossos barcos,  
valentes são nossos homens.  
Preparados sempre,  
e firmes, companheiros, firmes...!*

E cantaram com voz tão potente que o último *firmes* agitou o vinho nas garrafas.

— Estamos cantando à glória, senhor — disse o almirante ao coronel d'Ullastret.

— Não há melhor tema para uma canção — disse o coronel. — É muito melhor que o lamento pelo desdém de uma mulher.

Gosto muito da glória e também de cantar. Com sua licença, cantarei uma canção que fala de lorde *Peterbuggah* e meu avô e do dia em que tomaram Barcelona juntos, a mais gloriosa façanha realizada pelo exército britânico e catalão unidos.

A canção foi muito bem acolhida, e a tarde foi muito agradável, não só no navio insígnia mas também nos transportes, já que os catalãos bailaram em grupo a sardana no castelo ao som da música tocada por um oboé e um pequeno tambor, e durante as pausas, os tripulantes mostraram como se bailava a dança típica dos marinheiros ingleses.

— Oh, Stephen, acho que nunca tive tanto sono em minha vida! — exclamou Jack quando voltaram para a *Ariel*. — *Vou me deitar assim que hajamos desatracarmos.*

— Deus santo! Não posso acreditar que vamos zarpar sem fazer uma pausa.

— Que?

— Vamos zarpar agora mesmo? Numa sexta-feira, além disso?

— Sim, certamente. Disseste que quanto antes fossem repatriados esses homens, melhor, e o almirante e seu conselheiro político estão de acordo contigo, é o que diz aqui, nas ordens que recebi. Deveria lê-la; também se referem a você. Quanto a ser sexta-feira, já não acredito em superstições, não depois de nossa última pirueta.

— Parecemos judeus errantes — disse Stephen em tom de desgosto e então pegou as ordens e acrescentou: — Acho que é um pouco petulante insistir em quem tem o comando e a autoridade por aqui. Depois de uma tarde agradável, na que todos se tratavam como camaradas, teria esperado um "*Meu estimado Aubrey*" em vez deste seco e peremptório "*Senhor*". Além disso, veja, o tom é arrogante, sem amabilidade, pensado para provocar a indignação e a rebelião:

Senhor, pela presente lhe é requerido que suba a bordo da corveta de Sua Majestade que tem sob seu comando e se dirija sem perder um momento, junto com os barcos listados na margem, para a baía de Hanö, onde se reunirá com um comboio sob a proteção de navios de Sua Majestade...

Gostaria que o *Humbug* estivesse entre eles; veja o tom pomposo e intimidatório, e que forma de escrever semi-literária e tautológica!

... deixará o comboio ao chegar a Broad Fourteens e se dirigirá com celeridade para as imediações de Burdeos, onde se comunicará com a fragata *Eurydice* para saber qual é a situação no golfo de Vizcaya, e se não se encontrar com ela, deverá seguir até Santander

ou Passagens com o mesmo fim... e em todo o referente ao desembarque das tropas espanholas, deverá seguir os conselhos do doutor Stephen Maturin, que será quem determinará... e deverá pedir sua opinião em caso de... marquês de Wellington... e submetê-lo à sua consideração...

Qualquer homem de temperamento preferiria jogar Stephen Maturin no mar antes de pedir-lhe um conselho depois disto...  
*Tropas espanholas, sem dúvida...!*

Fazia tempo que notara que Jack estava adormecido, mas seguiu divagando até que Hyde entrou e deu a notícia de que no navio insígnia já ondeavam as bandeiras de sinais que indicavam que a *Ariel* devia zarpar.

Durante toda a noite sopraram ventos frouxos, e a *Ariel* e os barcos a seu cargo iam deslocando-se para o sul enquanto o capitão dormia profundamente. Ao redor das cinco, Jack começou a roncar muito forte e cadenciadamente, e a cabine se encheu de ruído.

— Que o diabo te carregue! — gritou Stephen, empurrando sua maca em vão.

Os roncos continuaram e Stephen se introduziu um pouco mais os tampões de cera nos ouvidos, mas nenhuma abelha fabricava cera que pudesse impedir a passagem dos roncos do capitão Aubrey, assim que saiu de sua maca desesperado.

Pouco depois da mudança da guarda, o ruído cessou, e Jack, muito animado e totalmente desperto, sentou-se na maca. O que o despertara não foi o som do sino do barco, pois desde que haviam começado a atravessar a névoa, os homens haviam dado badaladas constantemente, acompanhadas com um tiro de mosquete a cada dois minutos; não foi o ruído dos esfregões e da pedra arenito, porque esse ruído era para ele como uma canção de berço; e tampouco foi a luz do dia, já que ainda era débil. Talvez tenha sido uma variação em uma espécie de máquina interior que podia detectar as trocas de intensidade e direção do vento, e agora, considerando-os junto com a variação de rumo da corveta e tendo em conta o abatimento e as correntes que se moviam pela terra, chegou à conclusão de que estavam na baía de Hanö.

Viu que a maca de Stephen estava vazia, abriu a portinhola da lanterna e olhou para a bússola, que estava sobre sua cabeça, e depois para o barômetro, que seguia descendo. Então se vestiu sem fazer ruído e saiu silenciosamente para não despertar ao coronel, que, devido à pequena corveta estar muito cheia, dormia na cabine-refeitório, pelo que era uma ameaça constante.

Ao chegar ao convés viu que a neblina não permitia ver nada além do gurupés, mas imediatamente pôde ouvir os ruídos que vinham do comboio: o som das volutas, as badaladas, os ocasionais disparos dos mosquetes. E logo ouviu ao longe o canhão de aviso de um dos navios que os escoltava, um sinal do capitão mais antigo para manter unido seu rebanho. Deu bom dia ao piloto e ao oficial de guarda e notou que as maiores e as gáveas penduravam flácidas das vergas, mas pensou que provavelmente as invisíveis joanetes estavam esticadas porque a corveta tinha uma velocidade superior à mínima necessária para manobrar. Depois olhou a tabela de navegação e disse:

— Senhor Pellworm, quanto tempo acha que durará?

— Bem, senhor, acho que se dissipará quando o Sol sair — respondeu o piloto. — Porém, para dizer verdade, não me gosta muito que o barômetro siga baixando e acho que dentro de pouco o vento virá do norte e depois rolará para oeste. Por outro lado, acho que o estreito de Langeland não é suficientemente largo para este comboio.

Uma rajada de vento trouxe o furioso grito de um capitão: “Se cortar meu cabo grosso, cortarei a amarra de sua âncora, maldito estúpido!”, e pôde ouvir tão claramente que parecia que o capitão estava a cem jardas dali em vez de no fundo da baía. Logo depois se ouviu a voz de Stephen do alto da exércia dizendo que, se o capitão Aubrey desejasse, podia ver algo digno de admiração, e que poderia subir sem correr perigo pelos cabos que ficavam à esquerda olhando-se para popa, quer dizer, os do lado de bombordo.

— Como demônios o deixaram subir até ali? — perguntou Jack para o senhor Fenton, franzindo o cenho. — Acho que está na cruzeta. — Então gritou: — Segure-se forte! Não se mova! Eu me reunirei contigo imediatamente!

— Sinto muito, senhor — disse Fenton. — Disseram que só iam até a cesto da gávea. O senhor Jagiello está com ele.

— Este fenômeno poderia se chamar hápax — comentou Stephen.

— Hápax — murmurou Jack enquanto subia com rapidez.

Não estavam na cruzeta mas na verga joanete, aonde haviam conseguido chegar por milagre. Estavam agarrados a diversos cabos, tinham os pés nas linhas de vida e pareciam estar muito à vontade inclinados sobre a verga. Os dois estavam muito cômodos, mas Stephen sentia um grande regozijo e, em troca, Jagiello tinha menos alegria que de costume.

— Ali! — gritou Stephen quando Jack apareceu nos frágeis amantelhos do joanete. — Não te surpreende?

Assinalou com o dedo para o sudoeste e Jack olhou para ali. Dessa altura estavam acima do manto de névoa que cobria o mar, e dali se via o céu limpo, mas não o mar e tampouco a cobertura, só uma branca capa de névoa da qual estavam separados pelo límpido ar, e mais adiante, entre a proa e o través de estibordo, a superfície daquela massa branca, opaca e suave estava perfurada pela infinidade de mastros, que, desde aquela base irreal, elevavam-se para o céu, um céu sem nuvens que parecia pertencer a outro mundo.

— Não te surpreende? — repetiu.

Jack era um homem bonachão por natureza, mas ainda não havia desjejuado, e, além disso, ver que seu amigo confiava sua vida a uma adriça para fazer sinais que não estava presa era mais do que podia suportar.

— Amarrem a adriça de sinais! — vociferou. — Amarrem todos os cabos da joanete maior! — Depois disse: — Estou surpreso e também agradecido. Stephen, solte esse cabo e agarre-se à verga e trate de chegar até o centro. Eu guiarei seu pés.

— Oh, não estou nervoso! — disse Stephen, soltando-se de repente e passando os braços para frente. — Como agora não vejo a cobertura, parece que a altura não existe. Não estou nervoso, lhe asseguro. Porém, diga-me, já viu isso alguma vez?

— Não mais que várias centenas de vezes — disse Jack. — O chamamos de o pisco do dia, e aparece sempre quando o vento sopra desta maneira ou se acalma. A névoa se dissipará enquanto o Sol sair. Não obstante, agradeço que me dissesse para subir até aqui antes do café da manhã para vê-lo outra vez. Ponha o pé aqui, neste cabo. Sujaram a linha da vida... Tem fio preso no sapato. Senhor Jagiello, solte essa vinhateira{27}. Stephen, dê-me a mão. Devagar, devagar.

Nesse momento, Stephen caiu da verga, mas não caiu perpendicularmente porque Jack o empurrou para o tamborete com seu forte braço; contudo, o sapato seguiu descendo até cair na cobertura.

— Obrigado, Jack — disse ofegante quando seu amigo o ajudava a sentar-se na cruzeta e punha um cabo ao redor de sua cintura. — eu lhe agradeço muito. Provavelmente fiz um movimento em falso.

— Talvez — disse Jack. — Mas que diabos faz aqui em cima? Jagiello, solte essa vinhateira. Eu pedi aos dois que não passassem do cesto da gávea.

— A verdade é que o senhor Jagiello está em uma situação embaraçosa.

— Estará no reino dos céus se não soltar essa vinhateira. Senhor Jagiello, solte essa vinhateira e agarre-se nesses cabos com ambas mãos. Aproxime-se desse grande bloco de madeira que está no meio.

— Não podíamos falar na cobertura porque todos nos diziam constantemente que saíssemos do caminho dos faxineiros. Aí subimos para o cesto da gávea, mas tiravam baldes de água desde ali, assim que subimos mais alto. Ele encontrou uma mulher em sua maca.

— Ah, claro, claro! — disse. — Senhor Fenton, recolha o sapato do doutor!

— Sim, senhor — disse Jagiello, que já havia descido um pouco mais e os olhava cheio de rubor. — A encontrei agora mesmo, quando cheguei à cabine.

— O que esteve fazendo a noite toda?

— Estive jogando cartas com os oficiais catalãos na câmara de oficiais.

— E me parece que não deseja que faça esta viagem com o senhor.

— Oh, não, não, senhor!

Jack pensou que aquele era um estranho lugar para falar de um tema dessa natureza, sobretudo porque ali, entre o céu e a terra, havia dois homens de terra adentro em uma postura rara e ele não podia desjejuar. Então gritou:

— Mande dois dos melhores gavieiros com um moitão e um cabo!

Enquanto esperavam, Stephen disse em voz baixa:

— Olhe! Quase se dissipou totalmente! Contudo, esta vista prosaica é também surpreendente.

A névoa se desvanecera com os primeiros raios do Sol, fazendo visíveis setecentos e oitenta e três barcos, todos barcos mercantes exceto uma fragata, a *Juno*, três corvetas e um cúter.

— Nunca havia podido apreciar tão claramente a enorme magnitude do comércio marítimo, da atividade mercantil, da interdependência entre as nações.

— Aí está Åhus — disse Jack, assinalando com a cabeça uma cidade situada na margem da baía, que agora se via com claridade.

— A dama desjejuará em terra. Senhor Fenton, desça o esquife!

Os gavieiros subiram com rapidez, e um deles trouxe o sapato de Stephen. Jack fez um laço com o cabo e o ajustou na sua cintura, disse que se segurasse ao nó e gritou:

— Desçam-no devagar!

Então Stephen começou uma ignominiosa descida, como havia feito tantas vezes.

Seguiu-lhe Jagiello, e depois, Jack, e todos no castelo de popa os olhavam sorridentes e expectantes.

— Senhor Jagiello, deve dizer a essa dama que tem que descer pelo costado dentro de dois minutos. Não há nem um momento a perder.

— Com sua permissão, senhor, preferiria não fazê-lo — disse Jagiello, ruborizando-se. — Pareceria uma descortesia e tardaria

muito tempo... Lágrimas, sensuras, o senhor já sabe... O senhor Pellworm talvez tenha a amabilidade de falar-lhe. Ele a conhece e fala sueco e, além disso, é um homem casado.

— Conhece essa dama, senhor Pellworm?

— Há tempos, senhor. Conheço essa jovem faz muito tempo. Que homem que tenha estado em Karlskrona e tenha ido ao teatro não a conhece? Hei falado com ela uma ou duas vezes, para passar o tempo, como quando subiu a bordo, mas só quando estava acompanhado de oficiais, porque todos, todos sem exceção, a conhecem como *a Delícia dos cavalheiros*, e acho que sei muito bem qual é minha situação. Além disso, disseram-me que agora é a rameira favorita do governador... uma rameira cantora de grande valor, como diria o poeta. Mas se o senhor quer que volte para a costa, senhor, falarei com ela agora, eu lhe falarei como se fosse seu tio.

— Sim, por favor, senhor Pellworm — disse Jack. — Um barco de guerra não é lugar para mulheres.

Pellworm consentiu com a cabeça e se foi dando fortes pisadas e tratando de pôr uma expressão austera, quase feroz.

Pode ser que a jovem fosse uma rameira cantora, mas agora, quando um grupo de marinheiros do castelo, homens de meia idade, confiáveis e de rosto imperturbável, levavam-na no bote para a costa, cantava com uma voz áspera e sem melodia.

— O que ela diz? — inquiriu Stephen.

— *Ilhargas quentes como as de um macho caprino, coração frio como uma pedra* — disse Pellworm. — Isso também é poesia.

— Isso não é certo — disse Jagiello do lugar onde estava oculto, perto do mastro mezena. — Ela não sabe nada de minhas ilhargas, nunca as viu. Não a convidara e lhe roguei que se fosse.

— Se todos os problemas pudessem resolver-se tão facilmente...! — murmurou Jack enquanto observava como *a Delícia dos cavalheiros* ia fazendo-se cada vez mais pequena. — Senhor Fenton, poderíamos aproximar-nos da *Juno* e recolher o esquife no caminho.

Stephen olhou para Jack e depois para Jagiello e pensou: “Covardes! Miseráveis!”. Depois olhou ao seu redor e notou que, com

excessão de alguns marinheiros e grumetes, que sorriam maliciosamente, a maioria dos marinheiros pareciam desgostosos e envergonhados.

— Que curioso! — disse Jack a Stephen no café da manhã. — Fiquei sabendo que Jagiello desceu a terra quando estávamos a bordo do navio insígnia e, apenas meia hora depois, que regressara, três jovens foram de bote até o navio. Duas delas eram as filhas do almirante sueco, duas jovens formosíssimas, conforme Hyde, e a outra era *a Delícia*, que não é menos. Mas o que não posso entender é o que vêem nele. É um tipo simpático, sem dúvida, mas é uma criança. Duvido que se barbeie mais de uma vez por semana, e, sem dúvida, mais parece uma mulher que outra coisa.

— Pelo visto, também Orfeu era assim, e isso não impediu que as mulheres lhe arrancassem os membros um a um. Sua cabeça, com seu formoso rosto sem barba, foi arrastada pelas águas do Hebrus junto com sua lira quebada, desgraçadamente.

— Oh, meu Deus, aí vem o coronel! — exclamou Jack e pegou sua xícara e uma torrada e foi correndo para o convés.

Ali passou a maior parte do dia, pois devido ao chuvisco que seguiu à névoa, o coronel permaneceu abaixo. O comboio não devia zarpar até a tarde, mas o capitão da *Juno* havia pedido a Jack que se colocasse na frente do grupo principal, assim que a *Ariel* e os transportes começaram a delocar-se, já que, devido aos ventos serem fracos e variáveis, tardariam muito tempo em passar por aquela enorme quantidade de barcos, sobre tudo porque muitos dos barcos estavam ancorados caprichosamente, sem seguir uma ordem, como se seus capitães não soubessem distinguir entre estibordo e bombordo, entre a direita e a esquerda. Mas o capitão e o coronel se encontraram na hora de jantar, já que os oficiais lhes haviam convidado para uma esplêndidas janta, e Jack teve que passar uma hora no purgatório, quer dizer, ouvindo falar em francês, principalmente, conforme pôde entender, sobre as bonitas mulheres que haviam perseguido a d'Ullastret, regimentos de mulheres, casadas e solteiras, e algumas das histórias eram patéticas.

Chegaram de Riga os últimos barcos que tinham que reunir-se com o comboio e trouxeram consigo o forte vento do noroeste. Os

homens da *Juno* contaram rapidamente os barcos que tinham a seu cargo e, sem pausa, começaram a fazer os sinais, obtendo algumas respostas que não se entendiam e outras contraditórias. Dispararam canhoneiros para reforçar os sinais e mandaram botes em todas as direções para que comunicassem de palavra os desejos de seu capitão. Mas inclusive a preparação de um comboio tão grande concluía, e o capitão da *Juno* finalmente deu a ordem de recolher âncoras. Milhares e milhares de velas apareceram, iluminando o ar cinzento que enchia a espaçosa baía, e os barcos zarparam em três grupos amorfos e começaram a deslizar através da noite suavemente, à velocidade do mais lento, um pingue da Cornualha mal equipado, com poucos tripulantes e muito cauteloso. Os grupos estavam dispersos ao amanhecer e, apesar do vento ser fraco, todos os barcos tinham arriadas as gáveas; contudo, o vento do noroeste lhes permitiu formar de novo um grupo mais ou menos ordenado e passar o perigoso estreito Fehrman ao anoitecer, e então rolou ao sul e os impulsionou de tal maneira que puderam passar sem dificuldade o Langeland, mais perigoso ainda. Atravessaram este último quase sem tocar num braço nem numa escota, e desde a margem pareciam uma gigantesca constelação, um enorme conjunto de estrelas errantes caídas sobre o mar. O vento obrigou às hostis canhoneiras permanecerem no porto, e o único acontecimento adverso foi que um barco dinamarquês fez o diabólico intento de introduzir-se no grupo com a esperança de pegar de surpresa algum barco atrasado e fugir com ele para Spodsbjerg navegando a toda vela. Mas foi detectado, e quando foi içado o sinal que indicava a presença de um estranho no comboio, a corveta que estava no final enfrentou-se com ele. Por fim o barco fugiu para Spodsbjerg, mas só e com as velas feitas farrapos e cinco enormes buracos entre o vento e a água, depois de ter feito pouco estrago, depois de provocar o choque de três mercantes que tiveram que ser rebocados.

Mas isto se passou à meia-noite e no final do comboio, tão longe da *Ariel* que na corveta apenas se informaram. Quando o cinza e úmido amanhecer começou a iluminar o cinzento mar, o grupo dianteiro do comboio entrava no Grande Belt, com Fionia a

bombordo, a considerável distância, e Zelândia a estibordo, tão próxima que se avistava sua silhueta, ainda que borradamente.

— Bem, senhor Pellworm, temo que o vento do norte o tenha decepcionado — disse Jack, sacudindo as gotas de água do jaquetão e olhando para as nuvens que vinham do sul e passavam velozes pelo céu.

— Não me queixo, senhor — disse Pellworm. — O vento sopra com tanta força e atravessamos os estreitos tão rápido como se pode desejar. Esta parece a resposta à oração de uma jovem virgem, como diz o poeta. E me parece que este mesmo vento nos levará até o Kattegat, porém, recorde o que lhe digo, senhor, recorde o que lhe digo, teremos que enfrentar uma tormenta, e espero que hajamos dobrado o cabo Skagen antes de que comece. Um barco não pode zarpar numa sexta-feira, o dia treze do mês e, além disso, com uma mulher a bordo, sem ser açoitado por uma tormenta. Não sou supersticioso, nem um pouco, e, em verdade, deixo os corvos, as gralhas, as cartas e as folhas de chá para a senhora Pellworm, mas é lógico pensar que o que os marinheiros constataram que sempre ocorreu, desde tempos imemoriais, sem haver visto nunca o contrário, tem alguma justificativa. Onde há fumaça há fogo. Além disso, o barômetro segue baixando, e ainda que não fosse assim, uma sexta-feira sempre é uma sexta-feira.

— É possível, mas muitas dessas superstições são muito ruído e pouco reses.

— Não são nozes, senhor?

— Vamos, vamos, senhor Pellworm — disse Jack, gargalhando. — Quem quererá receber nozes? Que sentido teria pedir nozes? As nozes não servem para nada. Essas superstições anunciam horríveis desastres, como fizeram antes de ir para Grimsholm, e já vê o que passou, foi tudo ruído e poucas reses. Já não acredito nas superstições — afirmou enquanto agarrava uma estaca de madeira. — Mas a descida do barômetro é farinha de outro saco, é um dado científico.

— É o que o senhor diz, senhor — disse Pellworm com semblante grave, — porém, pense, capitão Aubrey, que há mais coisas entre o céu e a terra do que os filósofos acreditam.

— Filósofos, senhor Pellworm? — perguntou Jack.

— Oh, senhor, isso era poesia! Não tinha intenção de faltar-lhe ao respeito.

— Os filósofos, senhor Pellworm... — começou a dizer Jack, mas se interrompeu ao ver o oficial de derrota da *Ariel*, que, com uma expressão triste, com as mãos agarradas e diante do corpo, aproximava-se devagar do primeiro oficial, que estava no lado de sotavento do castelo de popa. — O foi, senhor Grimmond?

— Senhor, sinto muito ter que comunicar-lhe que o cronômetro quebrou — disse o senhor Grimmond com uma estranha voz.

Então abriu as mãos, e ali dentro de seu lenço, estavam os restos do cronômetro da *Ariel*. Caíra e batera numa junta com um parafuso e agora seus pedaços estavam espalhados por toda o convés.

Não serviria de muito perguntar-lhe ao oficial de derrota por que estava olhando o cronômetro a essa hora do dia, que não era a hora de lhe dar corda, nem como havia caído. E ainda que estas perguntas vieram à mente de Jack imediatamente, junto com a advertência de que um devia ter muito cuidado quando pegava algo tão delicado, limitou-se a dizer:

— Bem, bem, meu relógio é bastante exato. Mas agora que o penso, o do doutor é muito melhor. — Então se voltou para o doutor e disse: — Stephen, ocorreu algo terrível: o cronômetro se quebrou. Pode emprestar-me seu relógio?

— Sem dúvida, com muito gosto — respondeu Stephen, dando-lhe seu formoso Bréguet. — Porém, o que há aconteceu com os outros cronômetros?

— Não há mais cronômetros.

— Vamos, meu amigo, recorde haver visto vários nos barcos em que navegamos e também lembro que mandava que os cadetes achassem a média de todos enquanto você os intimidava, olhando alternativamente para o cronômetro que tinha na mão e os astros.

— É que, desde o momento em que pude permitir-me, comprei um, e, além disso, o Almirantado dá dois para cada capitão que possua um. Ao capitão que não tenha, dão um relógio comum, e, na maioria dos casos, somente quando vai para outros países.

— Acho que se usa para determinar a latitude, não é certo?

— Para dizer verdade, Stephen, a maioria confia no sextante para determinar a latitude. O relógio é para outras coisas, para o leste e o oeste, sabe?

— O leste e oeste de que?

— Então, de Greenwich, naturalmente.

— Não sou um grande navegante... — disse Stephen.

— É muito modesto — disse Jack.

—... mas amiúde pensei como é possível que os marinheiros encontrem a rota no oceano deserto. Pelo que diz, para teus companheiros o umbigo do mundo é Greenwich, não Jerusalém. Oh, Greenwich, onde há tantas musaranhos! Ah, ah! Mas também penso em que um capitão pobre só pode determinar sua posição com relação ao norte e ao sul, acima e abaixo, enquanto que seu companheiro rico a determina também com relação à direita e à esquerda. Estou certo de que isto tem uma explicação lógica, mas não compreendo, e tampouco compreendo o uso do cronômetro, com o qual se faz um obstinado intento de medir exatamente um conceito que, afinal de contas, é discutível e que, conforme nos dizem, não é conhecido no céu. Diga-me, é certo que pode indicar a um onde se encontra ou essa é outra..., não vou chamá-la de superstição..., costume naval como o de cumprimentar a um crucifixo puramente hipotético no castelo de popa?

— Se há a bordo um cronômetro com a hora conforme Greenwich, ou se um o tem, pode determinar exatamente a longitude observando o Sol ao meio-dia, e também as ocultações e outras coisas. Tenho um par de cronômetros Arnold em casa que só se adiantam vinte segundos desde Plymouth até as Bermudas. Quanto gostaria de tê-los trazido! Nestas águas, permitiriam situar-se com relação ao leste e ao oeste com uma diferença de três milhas. Os que se regem pelas medições lunares podem dizer o que queiram, mas um cronômetro de materiais bem temperados é o melhor que há. Suponhamos que está cavalgando e leva no bolso seu cronômetro com a hora conforme Greenwich, e suponhamos que observe o Sol ao meio-dia e que cinco minutos depois das doze vê que se há deslocado para o sul, então saberá que está quase

exatamente no meridiano de Winchester sem necessidade de buscar nenhum poste indicador. E o mesmo pode ser feito no mar, onde os postes indicadores são algo fora do comum.

— Meu Deus! — exclamou Stephen. — Quanta coisas você diz, Jack! E provavelmente serviria para determinar a posição entre, digamos, Dublin e Galway.

— Não me atreveria a afirmar nada com respeito à Irlanda, pois ali a gente tem uma noção do tempo muito estranha. Mas no mar, asseguro que pode ser usado com bom resultado. Por isso queria que me emprestasse seu relógio.

— Meu amigo, desgraçadamente tem a hora conforme Karlskrona e, além disso, se atrasa um minuto ao dia, e pelo que me disse, isso representaria uma diferença de umas vinte milhas. Acho que devemos imitar aos antigos e navegar sem atar-nos da costa e guiando-nos pelos promontórios.

— Duvido muito que os antigos fizessem isso. Acha que alguém que esteja em seu próprio julgamento se aproximaria de uma costa a sotavento? Não, não. Prefiro navegar pelas águas azuis. Além disso, os antigos encontraram a rota para ir ao Novo Mundo e para regressar somente com a latitude, uma sonda e vigias. Mas um relógio com a hora exata seria útil no caso de que houvesse mau tempo. Farei um sinal para a *Juno* e porei o relógio na mesma hora do seu.

Então aguçou o ouvido e ouviu ao coronel d'Ullastret cantando *Bon cop de falç* com uma voz escandalosa e desagradável, muito parecida com a de Stephen, enquanto se barbeava, o que era um passo prévio para sua aparição na coberta.

— Pensando bem — acrescentou, — irei até a fragata, pois Maudsley me deve umas costeletas de cordeiro.

— O coronel se decepcionará se não estiver na janta. Além disso, há muitas ondas, há mau tempo...

— Nelson disse uma vez que o amor à pátria servia de abrigo. É meu dever cruzar estas águas para saber a hora exata, seja qual seja o tempo. Apresente minhas desculpas. O coronel também é um oficial e entenderá. Além disso, pode convidar Jagiello... Com certeza

Jagiello o distrairá. Fala francês tão bem como eu. Sim, isso é o melhor: deve convidar Jagiello para jantar.

Foi difícil para o capitão Aubrey chegar à *Juno* e foi ainda mais difícil regressar. Ainda que a estupenda janta que Maudsley lhe oferecera o permitiria flutuar, em algumas ocasiões pensou que julgara mal o tempo, o que também pensaram seu timoneiro e os tripulantes da lancha, e que a forte marejada provocada pelo vento ao rolar faria a lancha afundar. Na verdade, a lancha esteve a ponto de partir quando se abordou com a corveta, e quando Jack subiu a bordo com a capa emprestada jorrando água, notou que o senhor Pellworm tinha uma expressão triunfante.

— Bem, senhor Pellworm, aí tem sua tormenta por fim, mas espero que nos alcance depois que dobrarmos o cabo Skagen.

— Eu também, senhor — disse Pellworm, obviamente convencido de que não seria assim. — Está rolando com extraordinária rapidez e, uma vez que comece a soprar desde o norte, adeus, *adieu*.

“Maldito Pellworm!”, pensou Jack enquanto trocava a roupa molhada pelas escassas roupas secas que tinha. “Não lhe importaria que estivéssemos uma semana indo de um lado para outro do estreito tentando sair e que tivéssemos que fundear em Kungsbacka para esperar que soprassem ventos favoráveis desde que sua profecia se cumprisse. Nos trará má sorte”. Depois chamou o despenseiro.

— Mingus, leve isto para a cozinha para que seque e, se estima sua vida, cuide para que não ocorra nada aos galões. Stephen, vou dormir até que comece a guarda. Acho que nos espera uma dura noite. Onde está o coronel?

— Já foi dormir. Estava indisposto por causa do movimento do barco. Disse que lhe cumprimentasse e lhe apresentasse suas desculpas.

Foi uma noite dura, mas Stephen e Jagiello pouco perceberam, só ouviram alguns golpes, gritos roucos que ordenavam manobras, o ruído dos apitos, o som amortecido das pisadas dos marinheiros que deviam sair de suas macas para içar ou arriar velas e o constante chiado do oscilante farol que iluminava a mesa com forro verde onde

jogavam cartas. Haviam abandonado tacitamente o xadrez e agora costumavam jogar a centena. Stephen sempre fora afortunado no jogo de cartas, enquanto que Jagiello sempre havia sido muito desafortunado. Quando soaram as três badaladas da guarda de meia, Jagiello perdera todo seu dinheiro, e ainda que tenham combinado utilizar apenas moedas, o jogo teve que chegar forçosamente a um fim. Olhava com tristeza toda sua fortuna apilada sobre a mesa: dezessete xelins e quatro peniques, a maioria em moedas muito pequenas. Não obstante, depois de alguns momentos recuperou sua alegria natural e disse que quando chegassem a terra, trocaria uma de suas letras e então se desferraria.

— Talvez o senhor esteja muito otimista — disse Stephen, cortando o baralho e pegando o ás de espadas e imediatamente o ás de corações. — Segundo o senhor Pellworm, um piloto perito na navegação pelo Báltico, o mais provável é que seja no ano que vem.

— Mas ouvi dizer que às vezes se atravessa o estreito em quatro dias. Passamos muito rápido quando viemos... Além disso, o vento sopra para Inglaterra. O senhor Pellworm tenta nos amedontrar; para mim ele disse o mesmo.

— Se bem que é verdade que o senhor Pellworm e muitos outros marinheiros gostam de aterrorizar os homens de terra adentro e que está soprando o vento do noroeste, mas devemos levar em conta que ainda não saímos do Kattegat, ainda não dobramos o cabo Skagen, e que o vento está rolando para o norte.

— Ah, sim? — inquiriu Jagiello atônito.

— Como o senhor é um oficial de cavalaria, talvez não tenha percebido a importância, a primordial importância do vento em todas as questões relacionadas com o mar. Eu mesmo só pecebi completamente essa importância depois de passar muitos anos navegando. Suponhamos que esta moeda de três xelins representa o cabo Skagen, esse enorme saliente da costa, inocente em aparência, mas capaz de causar a destruição dos barcos — disse enquanto colocava uma moeda na borda esquerda da mesa. — Suponhamos que esta é Gotemburgo, uma das cidades situadas na costa sueca — disse enquanto colocava outra à direita. — E aqui, com a ilha Lesso

detrás, ou *pela popa*, como dizemos, está o comboio, representado por estas moedas de um penique e de meio penique. Como o senhor deve saber, um barco tem uma boa posição para navegar quando sua proa forma um ângulo não inferior a  $67^\circ$  com a direção do vento, e ainda que pareça que o barco navega quase na direção do vento, na realidade, esse não é seu rumo, porque também tem um movimento lateral, odiado pelos marinheiros, que se chama abatimento. Este movimento depende da força das ondas e de muitos outros fatores; acho que nas atuais condições, por exemplo, é de uns  $25^\circ$ . Portanto, agora nos movemos em uma direção que forma um ângulo reto com o vento.

— Então as coisas vão bem, porque o vento sopra do noroeste, assim que poderemos dobrar o cabo — disse Jagiello.

— Isso mesmo — respondeu Stephen. — Mas se rolar para o norte, se se deslocar os  $45^\circ$  que vão do noroeste até o norte, o outro lado do ângulo se moverá inevitavelmente a mesma distância para o sul, e como o senhor poderá apreciar, o lado toca o cabo ao deslocar-se  $15^\circ$ , muitos menos que esses  $45^\circ$  de que falei antes. Além disso, senhor Jagiello, além disso, ainda que dobrássemos o cabo Skagen, diz o senhor Pellworm que é provável que o vento role para noroeste ou inclusive para oeste, onde poderia unir-se com o terrível vento do oeste e, como consequência disto, sua intensidade aumentaria muito; e se chegar a converter-se em um vendaval, o abatimento do qual lhe falei aumentará, e se tiver que arriar, ou *aferrar*, as gáveas, calculamos que esse aumento será de  $45^\circ$ , pelo que, quando dobrarmos o cabo Skagen teremos o golfo de Jammer a sotavento e o vento estará soprando justamente para ele. A direção em que estaremos navegando então já não formará um ângulo reto com o vento senão um ângulo próximo de  $120^\circ$ , e gradualmente nos desviaremos para a ameaçadora costa beirada de perigosas arrebentação. Poderemos jogar âncoras, mas um barco ancorado não está seguro no meio de um vendaval. As âncoras se soltarão e o barco derivará, e durante as horas seguintes, teremos muito tempo para lamentar-nos de nosso inevitável destino e, sem dúvida, das oportunidades de experimentar prazer, ou inclusive de mudar-nos, que perdemos. Esses, senhor Jagiello, são os perigos

que um antigo companheiro meu de tripulação chamava “os impenetráveis horrores da costa a sotavento”. Não é estranho que o capitão Aubrey considere a costa muito próxima quando se encontra a vinte milhas dela; não é estranho que o senhor Pellworm, que já viu numerosos comboios em pedaços e dois potentes navios de guerra nas arrebentação do golfo de Jammer, deseje mudar o rumo ou refugiar-se em Kungsbacka.

No que restava da noite, ouviu Jack descer duas vezes e mover-se silenciosamente por ali para servir-se de *negus*<sup>{28}</sup> da jarra ou buscar às apalpadelas um pedaço de pão sueco, mas dormiu profundamente com a alvorada e não o viu até o café da manhã.

O capitão Aubrey tinha o rosto rosado e recém barbeado, mas com sinais de haver passado uma longa noite ativo e ansioso; parecia mais magro e comia com voracidade o desjejum.

— Ah, está aí, Stephen! Bom dia. Não esperava ver-te tão cedo, e sinto dizer que comi todo o bacon. O prato ficou vazio antes que me desse conta.

— Sempre conta essa ridícula história — disse Stephen. — Espero que ao menos haja restado um pouco de café.

— Se tivesse vindo antes, teria salvado a pele — disse Jack. — Ah, ah, ah! O bacon é pele, não é? Acabou de me ocorrer.

— Não há nada como o engenho, sem dúvida — disse Stephen e, depois de uma pausa, acrescentou: — Diga-me, o que houve ontem à noite? Qual é nossa situação?

— Foi bastante má, porém, graças à perícia dos tripulantes, pudemos sair, e faz pouco, na guarda de meia, dobramos o cabo Skagen, ainda que a muito pouca distância da costa, a umas cinco milhas.

— Dobramos o cabo? — perguntou Stephen, passando a mão pela barba de três dias.

Ainda estava um pouco aturdido por ter dormido tão profundamente, e pela lembrança de um sonho erótico (era o primeiro que tinha desde que havia reiniciado sua relação com Diana) que ainda estava vivo em sua mente. Ainda não se lavara nem se arrumara e apenas podia raciocinar, enquanto que Jack já estava imerso na rotina diária.

— Sim, e navegamos com todas as velas desdobradas a uns sete nós, com vento do noroeste. Quando subir para o convés poderá ver o Holmes a seis ou sete léguas pelo través de bombordo. Mas o pobre Maudsley teve que voltar atrás devido ao abatimento dos mercantes para sotavento. O comboio foi para Kungsbacka.

— Não me diga que os transportes voltaram para trás, por Deus! Os transportes dobraram o cabo, né?

— Claro que sim. Como pode pensar isso, Stephen? Como ia deixar-lhes no Kattegat? Pode ser que sua aparência não seja muito boa, mas dobraram o cabo tão bem como a *Ariel*. Além disso, seus capitães são excelentes oficiais. Eu os convidarei para jantar tão logo o tempo melhore.

— Então o vento do oeste do qual Pellworm falava não apareceu.

— Ao menos até agora não.

— E eu falando a Jagiello dos perigos de uma costa a sotavento, e com tantos detalhes técnicos que você se surpreenderia! — exclamou Stephen e Jack sorriu. — A exatidão de minhas descrições lhe surpreenderia, garanto. E aposto que não encontraria nem um erro em minha descrição da lenta tortura de um barco situado nessa posição ou, melhor dizendo, pegado.

— Acredito que não — disse Jack. — Não poderia exagerar ainda que quisesse.

— Não sei por que o fiz — disse Stephen, muito mais humano agora que havia absorvido sua beberagem da manhã. — Talvez por algum estranha mudança de meus humores. Não há dúvida de que minha intenção era má: queria causar-lhe preocupação, tirar-lhe sua enorme alegria. E me parece que consegui; a verdade é que pus sinceridade e convicção em minhas palavras. Agora lamento.

— Não se preocupe. Se o assustou, o medo se foi durante a noite, porque esta manhã, antes de descer, o vi andando de um lado para outro da cobertura, rindo de boa vontade.

— Que dédalo! — exclamou Stephen referindo-se ao mecanismo de sua mente e pegou uma torrada. — Ainda que eu simpatize com Jagiello e admire sua inteligência, às vezes sua juventude, sua energia, sua alegria e sua beleza provocam em mim

maus sentimentos. Não há dúvida de que lhe tenho inveja, simples, desleal, rastreira inveja. Nenhuma *Delícia dos cavalheiros* nunca me seguiu em minha juventude... Nem em nenhuma outra época.

— É um jovem atraente, sem dúvida, mas dou minha palavra de que não sei o que as mulheres vêem nele.

— Esta é a última torrada, não?

— Temo que sim — respondeu Jack. — Acho que não teremos mais pão até chegarmos ao ancoradouro Downs.

— Quando acha que será isso?

— Se o vento se alinhar, dentro de um par de dias. Mas não me atrevo a assegurar nada sobre o vento, porque o tempo é instável, o barômetro sobe e desce a saltos, assim que ainda pode ser que desate a tormenta que o senhor Pellworm anunciou. Mesmo assim, se não chegar a rolar para o sudoeste, poderíamos chegar ao Broad Fourteens na quinta-feira e atravessar o Canal com rapidez.

O tempo era realmente instável, caótico, imprevisível, e houve muitas provas disso. O céu esteve nublado quase todo o tempo, sopram ventos do nordeste e do noroeste, algumas vezes frouxos e outras tão fortes que era necessário rizar as gáveas, amiúde acompanhados de chuva e forte agitação. Ainda que a marejada lograva ao menos que o coronel permanecesse abaixo, Jack não fez um viagem agradável. Por um lado, sentia-se frustrado porque não se havia podido cumprir seu desejo de convidar os capitães dos transportes, todos eles tenentes de meia idade que não tinham influência ou, desafortunadamente, não haviam realizado a meritória ação indispensável para obter uma ascensão, mas que eram experientados marinheiros e governavam seus barcos de uma forma que ele sinceramente admirava, sem fazer a *Ariel* se atrasar nem um pouco. Por outro lado, teve que calcular sua posição sem cronômetro e tendo em conta a curiosa corrente que se movia para terra no mar do Norte, a variação irregular da bússola e sem os dados de medições astronômicas, de maneira que o que teria sido uma viagem simples e rotineira converteu-se em longa e angustiante, na qual sua capacidade de navegar por instinto foi posta a prova constantemente, onde uma suposição errada podia custar-lhe muito

caro. Mas não navegou só por instinto, pois, apesar do céu estar impenetrável e das ondas lhe indicarem muito poucas coisas, o fundo pouco profundo daquele mar era um grande mosaico e a sonda estava metida na água permanentemente (segura por marinheiros empapados que se colocavam no pescante de barlavento e cantavam a conhecida ladainha dia e noite) e o senhor Pellworm, o oficial de derrota e ele examinavam as partículas que se aderiam ao sebo da sonda: areia cinza, areia fina e amarelada com conchas, lodo, terra grossa com pequenas pedras negras, seixos... Contudo, os pedaços daquela obra entalhada tinham às vezes várias milhas de extensão, e a idéia com respeito à sua natureza variava de um homem para outro, de modo que o oficial de derrota e o piloto às vezes estavam em total desacordo. Em algumas ocasiões, Jack teve a tentação de perguntar qual era a rota adequada para os numerosos pescadores ingleses e holandeses que costumavam navegar por aqueles perigosos bancos em *dogres*, *urcas*, *buzos*, *barcos longos* e outras embarcações de pouco calado e que entorpeciam o avance da corveta porque permaneciam em sua rota até o último momento ou saíam de repente da escuridão sem usar nem um farol aceso, forçando-a a pôr-se em paio. Como a maioria dos oficiais ingleses, Jack nunca interferia nas atividades dos pescadores, fosse qual fosse sua nacionalidade, e duas vezes foi premiado pelos holandeses, que da escuridão lhe chamaram de maldito estúpido por ter rompido suas linhas de pesca. Quanto ao relógio de Stephen, tinha um bonito aspecto e podia medir o pulso de forma admirável, mas determinara que a corveta distava dez milhas do Galloper quando todos viram aparecer ao oeste as luzes do barco que indicava onde estava o banco.

— Deus queira que não choquemos com o Goodwin! — disse Jack enquanto a corveta e os transportes orçavam e avançavam pelas águas profundas do canal.

— Oh, não, senhor! — disse Pellworm, que não esperava que aquele homem de figura imponente falasse em brincadeira. — Está muito mais ao sul.

Esquivaram-se do banco Goodwin, depois de esquivar o Haddock, o Leman, o Ower e o Outer Dowsing, e chegaram ao

Downs numa luminosa manhã dessa mesma semana, o que foi uma sorte, porque o ancoradouro estava cheio de barcos, boa parte deles de grandes comboios cujo destino eram as Índias Ocidentais e Orientais, o Mediterrâneo e Guinéu, e se o tempo houvesse sido tão mau como nos últimos dias, teria sido muito difícil atravessar por entre tantos barcos. Poucos mercantes se aventuravam a navegar sozinhos, porque muitos barcos franceses patrulhavam o Canal e corria o rumor de que duas fragatas norte-americanas estavam em paio frente a Land's End.

A *Ariel* ficou ali só o tempo suficiente para pedir ao bote do práctico do porto que levasse o senhor Pellworm para a margem. E quando o piloto estava para descer pelo costado, disse:

— Lembre de minhas palavras, senhor, recorde minhas palavras: a tormenta virá pelo oeste, diga o que diga o senhor Grimmond. E quando vier, será ainda mais forte e durará o mesmo tempo que demorou para chegar.

Depois de baixar três degraus da escada, parou, e seus olhos ficaram justo por cima da borda e brilharam com intensidade quando recitou:

*A Terra enferma estremece e ruge da costa  
e a Natureza treme ao ouvir seus horríveis rugidos.*

E depois desapareceu.

Os oficiais franziram o cenho. Ainda que Pellworm fosse um homem respeitado e um experto piloto, parecia que chegara muito longe, que havia tomado liberdades com o capitão.

— Desdobrem a gávea maior! — ordenou Jack com voz forte e em tom aborrecido, e depois se voltou para Stephen e, em voz baixa, disse: — Alegro-me que tenhamos nos livrado de Pellworm. É um excelente piloto, mas fala demais. Além disso, a poesia não é adequada para um barco de guerra, sobretudo se o poema tem um tema como esse, porque poderia inquietar os marinheiros.

E também poderia ser verdade. Havia alguns sinais inquietantes no diáfano céu, e ainda que o vento se havia fixado na direção noroeste, Jack estava decidido a atravessar o Canal sem

perder nem um minuto e a navegar com todas as velas aplicadas até que passasse a ilha d'Ouessant. Não permaneceu ali nem sequer o tempo suficiente para poder comprar víveres dos vendedores que rodearam a corveta porque disse, em tom firme, que não estavam ali para arrebentar comendo ensopados nem para encher-se de pudim de passas, senão para levar tropas catalãs para Santander sem perder um momento e que poderiam passar com ervilhas secas até que chegassem ali. Assim, com muita pressa se dirigiram para sudoeste quando a maré estava alta e o vento soprava com força.

Era bastante raro encontrar ventos favoráveis ao longo de todo o Canal, e muitas vezes Jack havia tido que ancorar para esperar que a maré mudasse ou avançar dando bordejadas pelas águas pouco profundas, e em ocasiões, depois de conseguir percorrer algumas milhas, seu barco havia sido arrastado para trás outra vez. Às vezes demorara semanas para chegar ao Atlântico, mas agora passavam em rápida sucessão as conhecidas marcas, os cabos South Foreland, Dungeness, Fairly, Beachy, e seus faróis brilhavam atrás de uma cortina de chuva que caía desde nimbo de cor azul escuro. E pela tarde puderam ver com claridade a ilha Wight pela amura de estibordo. Jack subiu ao cesto da gávea do pau mezena com um telescópio, olhou para o oeste e, antes de que a verde luz se desvanecesse, pareceu ter visto brilhar a cúpula do observatório que tinha em Ashgrove Cottage. Ficou olhando para ali perturbado por diversos sentimentos, como se o observatório estivesse em outro mundo, muito mais longe dele do que quando se encontrava nas antípodas.

O vento aumentou de intensidade quando o Sol se pôs, e eles tiveram a certeza de que ia desatar uma tormenta, assim que tiraram os mastaréis de joanete e aferraram as gáveas, dando-lhes voltas até convertê-las em rolos com aspecto de defesas ou aparelhos, pois desde que passaram por Jutlandia tinham muito pouca lona alcatroada, e passaram em frente à ponta Start tão velozmente que parecia que pretendiam sair do Canal, sem mudar de rumo para alcançar a costa espanhola ao cabo de uma semana, coroando assim uma extraordinária operação.

Uma vez mais chegou um esplêndido dia depois de uma noite chuvosa, ainda que vinham ondas cada vez mais fortes do sudoeste, contrárias ao vento e à corrente, que faziam as águas verdes saltarem por cima das amuras da *Ariel*. A corveta passou a grande velocidade frente ao arrecife Eddystone, depois do qual se viam a ponta Rame e a entrada de Plymouth, e depois a frente do cabo Dodman; contudo, entre os cabos Dodman e Lizard, a sorte lhes abandonou. Sem mais variação do que três rajadas sucessivas, o vento rolou para oeste, soprando justamente contra a corveta, e trouxe uma forte chuva.

— Estávamos quase no final! — exclamou Jack. — Uma hora mais e teríamos rumado para o sul! Teria sido um viagem extraordinária! Mas lamentar-se não serve de nada, e pelo menos faltam apenas umas duzentas milhas para percorrermos.

Então se fechou a gola da capa, aconselhou a Stephen que amarrasse tudo e subiu para o empapada convés.

— Que se passa? — inquiriu Jagiello.

— Passamos por outro desses malditos cabos — disse Stephen. — Este se chama Ouessant e temos que beirá-lo, temos que *doblá-lo*, para sair do Canal e alcançar a outra margem do golfo de Vizcaya.

— Há muitos cabos destes no mar — disse Jagiello. — Para mim não há nada como um cavalo...

Jack já conhecia a *Ariel*, conhecia perfeitamente. Era uma embarcação ágil e respondia bem, o tipo de embarcação que gostava de governar porque podia mantê-la horizontal em uma forte tempestade e porque com ela aproveitava qualquer mudança do vento e da maré, por pequena que fosse, para situar-se ou mudar de bordo mais para barlavento. Por outro lado, tinha oficiais competentes, uma boa tripulação, e bons instrumentos. E se alegrava de não ter tempo de pensar em outra coisa em uma situação como aquela porque o fato de recordar sua casa lhe havia perturbado, havia trazido para sua mente a recordação de Amanda Smith e dos problemas legais, das censuras a si mesmo, do medo de perder seu amor e sua fortuna e outros pensamentos tristes e confusos. Fazia a *Ariel* navegar com as gáveas aferradas, ainda que

pudesse levar mais velas desdobradas, para não ultrapassar os pobres transportes, que avançavam com torpeza devido à sua construção e a levarem um horrível carregamento: várias centenas de soldados enjoados. Ainda que os negros petréis volteavam de ambos os lados da corveta, o vento ainda não tinha a força de um vendaval, e ainda que as grandes ondas se chocassem contra a amura de bombordo, parecia que a corveta havia se deslocado uns cinco graus para barlavento. O único problema era que o céu era impenetrável e não seria possível fazer medições durante o dia nem durante a noite, e provavelmente não poderiam fazer-se até dentro de algum tempo.

Antes do anoitecer se encontraram com um navio de linha e duas fragatas que navegavam por outra rota, que iam fazer o bloqueio a Brest: o *Aquiles*, a *Euterpe* e a *Boadicea*. Identificaram-se, fizeram o sinal secreto e por último fizeram uma salva. Jack os seguiu com o olhar, especialmente a *Boadicea*, que estivera sob seu comando no oceano Índico. Sentia um grande carinho por aquela fragata confortável, de convés muito largo, um pouco lenta mas confiável quando se conhecia sua forma de navegar. Estava de pé junto a uma caronada, com os braços ao redor de um estai, e a chuva e a água do mar que saltava por em cima da borda o golpeavam as costas, e dali observava como navegava a fragata, que havia largado a maior quantidade de velas que podia usar abertas para alcançar o veloz *Aquiles*. Mitchell era agora seu capitão e havia posto pescantes de ferro na popa e uma caronada de cada lado do castelo de popa, mas não havia mudado apenas a pintura, com quadros brancos e negros conforme o estilo de Nelson. E a corveta ainda fazia um segundo movimento, estranho, vibrante e gracioso, antes de mudar de bordo para fazer frente às ondas com o costado. “Eu não a faria navegar a tanta velocidade”, pensou. “É melhor *festino lento*, como diria Stephen. Que Deus ajude a esquadra que está perto da costa numa noite como esta”. E recordou o tempo em que havia estado frente a Black Rocks e Camaret, a férrea costa da Britânia.

Foram açoitados por outra rajada de vento, mas desta vez veio do sul, e imediatamente caiu a noite, uma noite escura cheia de

chuva e gotas de água salgada desprendidas das ondas que brilhavam ao passar sobre a luz da bitácula e dos faróis de popa, as únicas luzes naquela escuridão, uma escuridão que envolvia o barco enquanto se aproximava do cabo Lizard navegando de bolina sobre umas águas que só eram visíveis quando saltavam para a proa mescladas com espuma branca.

A rotina da corveta continuou, certamente. Escuras figuras fizeram o relevo da guarda, o piloto e os vigias, caminharam agarradas à linha de vida até onde estava o sino e o fizeram soar, soltaram a barquilha e anotaram a leitura, e se encolheram junto à escada. Após uma hora, quando Jack calculou que devia de ter o cabo Lizard pela amura de estibordo, a umas cinco milhas de distância, utilizou um sinal noturno para indicar aos transportes que virassem em sucessão e virou em redondo e dirigiu a proa para onde vinha o vento. Observou como os transportes viravam ordenadamente, e quando viu que suas luzes, formando uma linha, deslocavam-se para o sul pela rota que os levaria até a ilha d'Ouessant, a qual bordejariam para entrar no golfo de Vizcaya, foi para a cabine. O jovem Fenton era o oficial de guarda, e ainda que não fosse um fênix, era um oficial em quem se podia confiar; e além disso, a situação não requeria habilidade nem esforço extraordinários, pois uma tormenta que vinha do oeste na saída do Canal não tinha nada de extraordinário, por mais chuva que trouxesse.

— Como está a noite? — inquiriu Stephen.

— Muito úmida — respondeu Jack sacodindo água em todas as direções. — Mas se esta é a tormenta de que Pellworm falava, não tem demasiada importância. Poderíamos levar as gáveas desdobradas, se quiséssemos, e a Terra não ruge de costa a costa quando se podem levar as gáveas abertas, sabe? Viramos em redondo faz pouco e agora navegamos de bolina com as velas amuradas para estibordo.

— Acha que navegando assim poderemos passar Ouessant?

— É possível, se o vento seguir soprando desde o oeste; contudo, acredito que rolará 10 ou 20°. Talvez tenhamos que

desviar-nos para as ilhas Scilly para poder mudar de bordo para o oeste. Bem, nos veremos pela manhã.

Tirou algumas roupas, ficando de roupa íntima, e se sentou na cadeira de balanço.

— Se sairmos desta — disse Stephen. — Aí fora se ouve um horrível estrondo e está entrando água.

— Isso é porque os pescantes se afundam entre as ondas. Acredito que a tempestade é muito forte nos Açores, mas aqui só provoca o enjôo dos passageiros e aumenta o abatimento da corveta uns 10°.

Então bocejou, constatou que o barômetro estava subindo, repetiu que se veriam no dia seguinte e dormiu.

Pela primeira vez o capitão Aubrey havia se precipitado. Não se viram no dia seguinte, já que não havia nada para ver além de uma chuva mais forte ainda, espirro do mar, espuma, o horizonte erigido de ondas e a borrada silhueta dos transportes que seguiam à corveta ainda formando uma perfeita linha. Não se via o Sol, não havia nem rastro do Sol, e entre os cálculos dos barcos havia uma diferença em torno de quarenta milhas.

Uma vez mais viraram em redondo e uma vez mais avançaram para o norte através de uma confusão de elementos. Esse dia e essa noite foram repetições dos anteriores. Para quem estava acostumado ao mar, aquilo não era mais que o efeito do mau tempo ao oeste do Canal; contudo, para os homens de terra adentro, era um presente interminável cheio de movimento e ruídos inexplicáveis e, para muitos, cheio de enjôos também. Ainda que lhes dissessem que entre a ilha d'Ouessant e as Scilly só havia trinta e cinco léguas, parecia que haviam atravessado cada uma daquelas milhas muitas vezes com pequenos intervalos para comer escassas e espantosas refeições. Mas a chateação terminava vencendo o terror em todas as ocasiões, exceto quando a corveta dava solavancos e os jogava de um lado para o outro da coberta. Inclusive Jagiello estava abatido e tinha uma espécie de torpor. Fazia tempo que haviam tapado as escotilha de proa e a maior, e ainda que entrasse muita água pelos costados da *Ariel*, devido às manobras que fazia, quase não entrava ar; fazia tempo que as macas foram levadas para cima e que os

laboriosos marinheiros não se lavavam mais que com água de chuva (não tinham nada com que fazê-lo, salvo com as tinas que se encontravam na agora impraticável coberta, nas quais só podiam lavar as mãos e o rosto); e agora eles e seus leitos enrolados e úmidos estavam amontoados na entrecoberta, um reduzido espaço sem ventilação que cheirava a feras enjauladas, um odor muito pior que o do conjunto de marsupiais que Stephen havia trazido de Nova Holanda numa viagem anterior.

Stephen viu Jack Aubrey muito pouco, mas sempre o viu alegre e, em geral, faminto. Uma vez Jack lhe informou que o vento havia mudado e que lhes havia levado até um ponto a oeste das ilhas Scilly, e outra lhe disse que havia podido ver brevemente algumas estrelas e havia podido confirmar sua idéia de que lograriam cruzar o Canal se voltassem a tentar; contudo, a maior parte do tempo que passou abaixo esteve sumido em um profundo sono.

E uma noite que havia jantado muito tarde e frugalmente, foi despertado desse sono pelo guarda-marinha encarregado dos sinais, um jovem alto, delgado, moreno e consciencioso, que, com a voz tremendo de emoção, disse:

— O senhor Grimmond, o oficial de guarda, me ordenou dizer-lhe que avistamos dois barcos a barlavento: um é o *Jason* e o outro é um navio francês de duas conveses.

— Muito bem, senhor Meares. Subirei ao convés imediatamente, mas entretanto faça o sinal secreto e dê nosso nome. Por favor, antes passe-me a capa.

Na coberta todos olhavam para barlavento através de uma chuva torrencial. Jack não pôde ver nada a princípio, mas a chuva passou sobre a corveta e se afastou, e por fim, já sem aquele véu, pôde distinguir dois barcos pela alheta de bombordo, que navegavam velozmente com rumo sudeste e com o vento pelo bombordo, deixando brancos redemoinhos à sua passagem.

A situação estava clara: indubtavelmente o barco francês se dirigia para Brest e indubtavelmente o *Jason* o perseguia. Outra questão era se o *Jason* poderia alcançá-lo. Estavam aproximadamente a duas milhas de distância um do outro, muito longe para que os canhões de proa do *Jason* pudessem reduzir a

velocidade do navio francês derrubando um de seus paus; por outra parte, o *Jason* navegava justamente pela esteira do navio e havia largado a maior quantidade de velas que podia usar abertas, ou talvez mais, enquanto que este ainda levava as gáveas com um rizes. A única esperança do capitão do *Jason* era encontrar por casualidade um cruzeiro inglês ou algum barco da esquadra que fazia o bloqueio de Brest dirigindo-se para a Inglaterra. A *Ariel* não estava patrulhando aquelas águas e tampouco era um cruzeiro, pois não tinha a mesma potência que os navios de linha do inimigo, mas virasse para o sudeste imediatamente e desdobrasse grande quantidade de velame, poderia interpor-se entre a presa e Brest no final da tarde, e poderia retê-la o tempo suficiente para que o *Jason* a alcançasse. Contudo, a presença dos transportes, suas ordens...

— O *Jason* está fazendo sinais, senhor — disse Meares, observando o navio com o telescópio. — *Inimigo à vista*. Também dá sua posição.

Jack havia visto muitos sinais absurdos em sua vida, mas nenhum tão inútil como este.

— Senhor, agora: *Mudar de bordo para estibordo*. E agora: *Perseguição para sudeste*.

— Entendido — disse Jack.

— Senhor, agora: *desdobre mais velame*.

Então, a cinco milhas de distância apareceram umas volutas de fumaça no costado de sotavento do *Jason*, pois havia reforçado sua ordem com um canhão. Middleton, que era quem estava ao comando do *Jason* agora, sempre havia sido um homem falador.

Jack voltou a sorrir. Middleton era um capitão de menos antiguidade que ele, mas não sabia que a *Ariel* estava ao comando de um capitão de navio e que, por isso, ele não tinha direito de dar-lhe ordens. Não obstante, esse não era momento de formalidades, era momento de decisões, de decisões imediatas. Se fosse agir, tinha que agir agora. Com essa marejada, a *Ariel* não podia navegar tão rápido como um navio de duas pontes, e para interceptar a rota do inimigo antes do anoitecer ou, ao menos, chegar a um ponto do qual suas caronadas pudessem alcançá-lo, teria que aproveitar até o último cabo a vantagem que tinha. Inclusive considerando sua

posição com relação a esse ponto, a esse ponto que o navio francês já havia alcançado, seria difícil.

Estes pensamentos passaram por sua mente com grande rapidez quando fez mecanicamente um cálculo da velocidade e a distância dos navios que se encontravam a barlavento, a intensidade do vento do sudoeste, o efeito das condições do mar e as possibilidades de êxito de uma intervenção. Antes de que se ouvisse o distante estrondo do canhão do *Jason*, já havia tomado a decisão. Só lamentava não ter tempo de mandar Stephen e o coronel d'Ullastret para os transportes.

— Todos a mudar de bordo! — ordenou, e observou que os oficiais sorriram satisfeitos e se fizeram sinais com a cabeça.

Lograr que se cumprissem as expectativas daqueles jovens não havia entrado em seus cálculos, mas se alegrava de que estivessem satisfeitos. Mandou buscar o compasso para determinar as marcações com relação aos dois barcos e deu ordens a Meares:

— Sinalize para o *Jason*: *Mudar de bordo ao sul vinte e sete leste*. E depois soletre: *Aubrey*. Também ize e mantenha desdobradas as bandeiras com a mensagem: *Inimigo à vista. Perseguição para o sudoeste*.

Isso cortaria em seco a *Middleton*, porém, o que era mais importante, permitiria-lhe encurtar a distância meia milha mais ou menos. Havia muita probabilidade de que os franceses conhecessem os sinais, e, além disso, que ao ver a *Ariel* mudassem de bordo de repente, provavelmente o navio continuaria navegando para o sul durante um tempo. A essa distância e com essa visibilidade, apesar de que se notasse claramente que a *Ariel* era um barco de uma só coberta, poderia ser considerada uma fragata, inclusive uma potente fragata capaz de fazer mais estrago do que parecia; além disso, era possível que o sinal aos barcos amigos que se encontravam mais lá do navio resultasse útil, era possível que ela se aproximasse da metade dos navios que faziam o bloqueio.

— Senhor Grimmond, abordaremos o *Mirza* por sotavento.

— O capitão do *Mirza* era o oficial de mais antiguidade dos que estavam ao comando dos transportes.

— Senhor Smithson, nos encontraremos em frente a Burdeos! Se não me encontre ali, continue e apresente-se ante o oficial de mais antiguidade de Santander! Vá devagar! Proe não perder paus! Não desdobre sobrejoanetes nem monteirinhas!

— Não tema por nós, senhor! — gritou Smithson agitando no ar a mão direita, a única que podia mover. — Boa sorte!

Os tripulantes dos transportes sabiam perfeitamente o que ocorria e deram entusiastas vivas para a *Ariel* quando passou pelo seu lado desdobrando velas.

— Rumo sudeste quarta ao leste — disse Jack, observando o navio francês com o telescópio. — Tirar os rizos do velacho.

Através da escuridão e da água que saltava para o ar, pôde ver que a presa virava e se colocava com o vento pela amura, como esperava, quer dizer, virava para o sul para fugir do perigo, um grande perigo possivelmente, que havia no noroeste. Porém, enquanto olhava suas brancas velas rodeadas pelo céu cinzento, pensou que isso não tinha muita importância, porque navegava a nove ou dez nós, e se ele não conseguisse passar em frente à sua proa, se, pelo contrário, cruzasse sua esteira, sua intervenção, necessariamente breve, serviria de pouco. Serviria de pouco, mas seria perigosa na mesma medida.

— Senhor Meares — disse, — tenha a amabilidade de perguntar a *Jason* qual é sua posição e depois repita a mensagem para os transportes.

Houve uma longa pausa, em parte porque era difícil ver bandeiras de sinais a cinco milhas de distância entre a névoa e a chuva, com uma luz mortiça e cinzenta, e em parte pela vacilação dos tripulantes do *Jason*.

— *Sem medições durante três dias* — disse Meares por fim. — *Estimada 49°27'N 7°10'0. Cronômetro cinco horas e vinte e oito minutos depois do meio-dia.*

Quando comprovava a diferença entre o relógio de Stephen e o do *Jason*, uma considerável diferença, voltou a sorrir. Middleton não era um marinheiro dado a empregar dados científicos (era dos que preferiam abordar ao inimigo entre a fumaça), mas nem ele nem seu oficial de derrota poderiam estar muito equivocados com relação à

longitude, e isso significava que o navio francês não tinha possibilidade de chegar à Rochelle com esse vento. Só poderia ir a Brest ou Lorient, a menos que se aventurasse a ir a Cherburgo, passando entre as inumeráveis esquadras inglesas que havia no Canal.

Enquanto o contemplava pensou que era um barco magnífico. Navegava com a quilha formando o menor ângulo possível com a direção do vento, mas formava ondas de proa muito grandes, que chegavam até a metade do casco. A *Ariel* teria que aplicar mais velame para chegar até sua rota com tempo e espaço suficientes para manobrar, e uma embarcação como a *Ariel* necessitava de grande quantidade de ambos para poder fazer algo a um navio de setenta e quatro canhões.

— Digam ao contramestre que venha — ordenou, e depois que o contramestre se deslocou desde o castelo para a popa, aonde chegou jorrando água, disse: — Senhor Graves, amarre guindalezas{29} finas aos topes assim que possa.

— Guindalezas finas aos topes, senhor? — perguntou o contramestre assombrado.

— Sim, senhor Graves — respondeu Jack amavelmente, coberto pela água que havia saltado por cima da borda de barlavento. — Quero que estejam todas colocadas antes da guarda do segundo quartilho. Acho que hoje não passaremos em revista.

O contramestre sorriu como se o fizesse só por obrigação.

— Sim, senhor. Amarrar guindalezas finas aos topes — disse em tom pouco convencido e começou a afastar-se.

— Senhor Graves — disse Jack, situado agora a suas costas, — assegure-se de que lhes tirem a água antes de esticá-las, pois não devemos torcer os mastros.

Era um sistema que havia usado muitas vezes com êxito. A força extra das guindalezas lhe permitiria desdobrar as joanetes sem o risco de que os mastaréis de joanete rachassem ou, o que era ainda pior, desprendessem. Esse sistema não podia ser usado em uma embarcação instável, porque aumentaria o peso da exércia, mas a *Ariel* não era uma embarcação instável senão muito estável. O grande impulso, o grande aumento de velocidade que

proporcionava, havia lhe salvado quando fugia de um perigoso navio holandês numa zona de alta latitude sul; contudo, era óbvio que o sistema podia ser utilizado para os inimigos, e, de fato, surpreendia-se de que seu uso não houvesse se generalizado.

As guindalezas não estavam colocadas antes da guarda do segundo quartilho. As rajadas de chuva açoitavam uma e outra vez a corveta, uma chuva tão copiosa que a água saía a jorros pelos embornais e os marinheiros apenas podiam saber o que faziam; e as rajadas de vento que as acompanhavam lhe davam terríveis sacudidas (havam detido seu avanço três vezes) e lhe impediam de manter o rumo. O navio francês e o *Jason* não puderam ser vistos por quase uma hora.

— Acha que me sentirei melhor se vomitar? — perguntou Jagiello.

— Duvido — respondeu Stephen. — Para o coronel não serviu de nada.

O perseguido e o perseguidor estavam ainda ali na posição esperada quando foram açoitados pela última rajada e a copiosa chuva se deslocou para o noroeste, ocultando o horizonte a sotavento, mas deixando ver com claridade o mar a estibordo. O navio francês seguia navegando para o sul, fugindo do imaginário perigo porque ainda não havia descoberto o engano, mas já havia desdobrado a estai do trinquete e nenhuma vela tinha rizes, pelo que cada vez mais se afastava do *Jason*. Por outro lado, sua rota e a da *Ariel* eram convergentes, ainda que a corveta se mantinha em uma posição na qual o vento lhe permitia alcançar uma grande velocidade. A presa estava agora meia milha mais perto e podia ser vista muito mais claramente.

— É o *Méduse* — disse Hyde.

— Espero que possamos dar-lhe uma surra, com a ajuda do *Jason* — disse Jack e começou a rir a gargalhadas.

Estava muito animado e se sentia estupendamente bem, e ainda que houvesse recordado algo do que havia deixado em terra, nada lhe pareceria importante. Mas atrás de sua exaltação, sua mente continuava ocupando-se do efeito de certos fatores, dos três vértices do triângulo e seu movimento e das variáveis que poderiam

influir neles; e atrás de sua sensação de bem-estar, estava o convencimento de que sua rota atual era muito perigosa. Ainda que só pretendesse sustentar uma breve luta com o navio francês com o propósito de retê-lo, isso significava que devia aproximar muito suas curtas caronadas dele, a uma distância na qual a corveta podia ser alcançada perfeitamente por suas baterias de canhões de longo alcance, cuja descarga era de 840 libras, enquanto que a descarga das baterias da *Ariel* era de apenas 265 libras. Era indubitável que em tempo sereno, com todas as portas inferiores abertas, o *Méduse* poderia arrasar a *Ariel* a uma milha de distância, poderia destruí-la antes de que fosse capaz de lançar contra ele disparos certos; mas inclusive nestas circunstâncias, havia bastante possibilidade de que nenhum dos jovens que agora o rodeavam vivesse até o dia seguinte. Tudo dependia da velocidade.

— Guindalezas amarradas aos topes, senhor — disse o contramestre.

— Muito bem, senhor Graves — disse Jack. — Muito bom trabalho.

Fez uma rápida inspeção e regressou ao castelo de popa.

— Todos a largar velas! — ordenou. — Subir para a exércia! Preparados nas vergas! Soltar! Adriças da joanete de proa! — disse com um vozeirão que se podia ouvir a meia milha de distância, com vento ou sem ele. — Devagar! Devagar! Uma braça! E uma braça! Acima! Puxar e acostar!

Uma atrás da outra subiram lentamente as velas com suas vergas e uma depois da outra inflaram, formando uma enorme bola em direção do sotavento que foi reduzindo-se gradualmente até converter-se em uma suave curva, e a grande pressão se repartiu uniformemente entre as fortes guindalezas. À medida que as velas se inflavam, a *Ariel* inclinava mais, e quando a terceira se inchou, a coberta tinha uma inclinação similar à de um telhado com uma ladeira moderadamente pronunciada e a serviola de bombordo e boa parte da borda de bombordo estavam cobertas de branca espuma.

Jack se agarrou a um brandal de barlavento e estendeu a mão para tocar a guindaleza que triplicava sua força. Estava tensa, mas não muito, não tão tensa que pudesse romper-se.

— Senhor Hyde, jogue a barquilha — disse sorridente para o primeiro oficial, que tinha uma expressão angustiada. — Provavelmente estaremos navegando a uns onze nós.

— Onze nós e duas braças, senhor — foi a resposta de um guarda-marinha com o rosto vermelho de satisfação, que, desde o costado de sotavento, começou a subir trabalhosamente a inclinada coberta.

Onze nós eram uma boa velocidade, mas o *Méduse* era um navio novo, com excelentes características para a navegação, como a maioria dos barcos franceses, e estava bem tripulado; e quando navegasse de bolina aumentaria ainda mais a velocidade. Navegando à velocidade atual, provavelmente a *Ariel* cruzaria sua rota quando o Sol se pusesse, mas ele desejava que fosse antes porque assim teria tempo para passar frente a sua proa e mudar de bordo e conseguir disparar-lhe duas descargas antes de fugir.

— Acho que podemos nos arriscar a largar a vela de estai maior — disse.

Quando os tripulantes caçaram as escotas da vela de estai (foram necessários trinta homens para retesá-la e levá-la até o lugar adequado), a *Ariel* inclinou mais sete graus.

— Como se inclina o solo! — exclamou Jagiello. — Quase não posso ficar sentado na cadeira. Que acha que estão fazendo?

— Não sei — respondeu Stephen. — É penoso dizer, porém, quando cai uma tempestade, os passageiros são seres inúteis, são uma pesada carga.

— O capitão não lhe pede conselho? — inquiriu Jagiello.

— Nem sempre — respondeu Stephen.

A chuva havia cessado. O capitão havia revisado as armas da corveta junto com o condestável e, quando voltou ao castelo de popa, disse:

— A chuva cessou temporariamente. Talvez o doutor goste de ver como a corveta navega. Senhor Rowbotham, por favor, desça e transmita minhas saldações ao doutor e diga-lhe que nos movemos a uma velocidade de doze nós e que se quiser ver como navega a corveta, este é o momento, pois dentro de pouco voltará a chover.

— O capitão lhe envia seus cumprimentos, senhor — disse Rowbotham, — e diz que navegamos a doze nós. A doze nós, senhor!

— Por que? — inquiriu Stephen.

— Para alcançar o *Méduse*, senhor — respondeu Rowbotham. — Está pelo través de estibordo. É um navio francês de setenta e quatro canhões — especificou ao notar que não compreendia. — Esperamos dar-lhe uma surra, com ajuda do *Jason*. O *Jason* o segue a duas milhas de distância e navega rápido como um raio.

— Então vai haver uma batalha? — perguntou Stephen. — Não sabia nada.

— Uma batalha? — inquiriu Jagiello, já sem torpor. — Eu também posso participar?

Depois de serem empurrados pela primeira lufada de vento, que os teria feito cair nos embornais de bombordo, ou mesmo no Atlântico, se não houvesse sido porque o suboficial que governava a corveta o havia impedido com seu forte braço, amarraram-nos a dois mordedores próximos da alheta de barlavento, onde não pudessem atrapalhar.

— Pensei que gostaria de ver qual é a situação — disse Jack, e com voz mais forte acrescentou: — e também pensei que gostaria de ver como a corveta navega quando se utilizam todos os recursos possíveis.

— Isto é velocidade! — exclamou Stephen enquanto a espuma roçava seu rosto. — Um sente a mesma emoção... — interrompeu-se porque pensava dizer “de Ícaro antes de cair”, mas preferiu acrescentar: — que descer com rapidez uma montanha, que ver-se ameaçado pelo perigo... Isto é como o voo de um falcão.

— É uma extraordinária embarcação — disse Jack. — Alegrome de que a hajás visto navegar da melhor forma que pode fazê-lo. Agora é o melhor momento, porque dentro de meia hora estaremos muito ocupados e esta noite haverá tormenta — acrescentou, assinalando com a cabeça para o oeste, para alguns negros nimbos dos quais saíam raios. — Acho que essa é a tormenta que Pellworm augurava. Astamos nos aproximando do navio, como pode ver, e temos a intenção de orçar e passar frente a sua proa disparando,

mudar de bordo e passar outra vez disparando e depois fugir antes que possa reagir. A corveta é o duas vezes mais ágil que o navio e as caronadas podem disparar duas vezes mais rápido que seus canhões.

Então se foi medir os ângulos com o sextante e Jagiello disse para Stephen:

— Esse barco parece o triplo do tamanho da *Ariel*.

— Acho que é quatro vezes maior — disse Stephen. — Mas a desproporção não é tão grande como o senhor poderia supor. Como pode ver, a fila de canhões mais baixa está afundada na água devido a sua inclinação ou *escora*, enquanto que nossas caronadas estão muito para cima da superfície. Já vi o capitão Aubrey obter êxito em ataques onde tinha menos possibilidades de ganhar.

— Quando começará a batalha?

— Dentro de meia hora mais ou menos, conforme acredito.

— Irei buscar meu sabre e minhas pistolas.

Na verdade, começou muito antes. O *Méduse* virou de repente, pelo que parecia que seu capitão se propunha a passar na frente da popa da *Ariel* e destruí-la. Imediatamente Jack orçou, e ambos barcos, navegando a uma extraordinária velocidade, convergiram sob o céu cinzento. Jack ainda teria a oportunidade de passar na frente da proa do navio se seus canhões não causassem muito danos à corveta. Mais perto, mais perto... Cada vez a corveta se aproximava mais do *Méduse* pela amura de bombordo. Aproximou-se ainda mais... Quase podia alcançá-lo com suas caronadas.

— Disparem quando der a ordem! — gritou enquanto passava atrás da fila de artilheiros tensos e expectantes. — Apontem para cima, para os cestos das gáveas!

Por fim o *Méduse* deu uma guinada para bombordo e fez fogo com os canhões da cobertura superior. As balas estavam muito juntas mas passaram muito acima da corveta, e todos ouviram o assobio que emitiam ao passar sobre suas cabeças, um assobio mais agudo que o do vento, e depois um terrível estrondo. A corveta se aproximou mais ainda.

— Fogo! — ordenou Jack.

As caronadas da *Ariel*, que já podiam alcançar o navio, dispararam. Uma vela de estai do navio francês se desprende e golpeou até romper-se em pedaços, e imediatamente os artilheiros da *Ariel* começaram a carregar as caronadas outra vez dando vivas. Mas as portas inferiores do *Méduse* se abriram e os longos canhões assomaram por elas, pois agora, devido à inclinação do navio, estavam muito acima da água. O navio se aproximava a toda velocidade da *Ariel* pelo través.

— Fogo! — gritou Jack de novo.

As baterias de ambos barcos dispararam ao mesmo tempo. O mastaréu de velacho da *Ariel* caiu pela borda e a verga do traquete se soltou dos estrosos<sup>{30}</sup>. A corveta girou bruscamente sobre a quilha e a proa ficou situada contra do vento.

— Caronadas de bombordo! — gritou Jack, sem prestar atenção à confusão de cabos, velas e paus.

Saltando sobre ela, chegou até a caronada mais próxima, e a apontou ele mesmo. Estavam junto a ele os artilheiros mais perspicazes, e entre todos, quando o *Méduse* terminava de passar pelo seu lado, destroçaram a verga da vela carangueja e arrancaram cinco pedaços da vela maior. Dois minutos depois, e a uma distância de quase uma milha, o navio respondeu, disparando com extrema precisão seus canhões de proa, e a água saltou por cima da cobertura da *Ariel* e os botes ficaram destroçados. O navio já não estava ao alcance das caronadas da corveta e seguia navegando muito rápido, ainda que não tanto como antes.

Apenas tiraram uma parte dos destroços e lograram situar a corveta com o vento em popa quando o *Jason* alcançou a esteira do *Méduse* e começou a disparar-lhe com seus canhões de proa. Também içou a sinal: *Necessita ajuda?*

— Resposta negativa — disse Jack.

E quando o navio inglês passava junto da corveta, ouviram-se vivas em ambas embarcações.

Tiveram muito trabalho para poder situar a *Ariel* com a proa contra o vento outra vez e poder seguir os dois navios de linha, que podiam ver-se claramente ao sudeste, lutando sem aproximar-se muito um; do outro. A corveta tinha colocado um mastaréu de

joanete maior de reserva no mastro traquete, que havia sido erguido com grande esforço e com a ajuda de Deus num mar impossível; levava a vela traquete envergada em uma verga; e tinha tantos nós na exércia que dava pena vê-la. Sua velocidade se reduzira muito, mas ainda podia navegar com bastante rapidez, assim que seguiu os dois navios com a intenção de voltar a participar do combate depois de que ambos houvessem lutado um tempo. *O Jason* havia perdido a verga cevadeira, ainda que não se podia saber se derrubada por uma bala ou por desprendimento, e eles sabiam o que haviam feito ao *Méduse*. Agora os dois navios de linha navegavam muito mais lentamente.

— Escapamos desta — disse Jack enquanto tomava uma xícara de chá ao anoitecer, quando por fim pôde descer. — Nunca pensei que nos saíssemos tão bem. Não houve mortos nem feridos, nenhuma bala acertou o casco e somente alguns paus se romperam e os botes; e nós, em troca, demos uma surra. Pensei que nos faria saltar em pedaços em um abrir e fechar de olhos, ah, ah, ah! Se houvesse tido um momento livre, não há dúvida de que o teriam feito. Nunca me senti mais satisfeito que quando o vi chegar aonde não podia mais nos alcançar com seus canhões, levando ainda os restos da verga quebrada.

— O que pensa em fazer agora? — inquiriu Stephen.

— Bem, devemos segui-los durante a noite, e se não podemos tomar parte no combate, no qual não estou muito interessado, poderemos atrair algum barco que se encontre perto, ainda que não esteja a vista, pondo luzes azuis, lançando foguetes e disparando canhonaços. Há muitas probabilidades de que encontremos um de nossos cruzeiros ou algum barco da esquadra de Brest.

— E que pensa da tormenta que augurava Pellworm?

— Ao diabo com Pellworm e sua tormenta! Não se pode cruzar o rio até que se chegue à sua margem. Nosso dever é seguir os navios. Mas agora vou comer um pouco. Quer compartilhar uma perna de cordeiro fria?

Durante a primeira parte da noite foi bastante fácil segui-los, não só porque o *Jason* levava uma luz muito potente no cesto da gávea, senão porque, apesar da chuva ou das nuvens baixas

passageiras os ocultassem, os clarões dos canhões indicavam onde estavam. A *Ariel* os seguiu envolta em um resplendor azul, disparando canhonaços com frequência e lançando foguetes cada vez que soavam as badaladas, e houve um momento em que se aproximou um pouco deles. Isso ocorreu no início da guarda de meia, quando, no sudeste, o céu não foi iluminado por clarões isolados mas pelas descargas das baterias, por seis descargas seguidas, cujo estrondo puderam ouvir apesar do rugido do vento, apenas um instante depois de ver os clarões.

Mas depois não viram nada mais, nem luzes nem clarões. Tudo ficou oculto por uma copiosa chuva, uma chuva tão forte que os marinheiros tinham que inclinar a cabeça para poder respirar e que era lançada quase que paralelamente ao convés pelo vento, um vento cujo bramido teria abafado o ruído de qualquer bateria a meia milha ao redor. No início pensaram que era apenas uma rajada, mas durou muito, durou toda a noite, e finalmente eles se convenceram de que perderam de vista o *Jason* e a presa.

— Não importa — disse Jack. — voltaremos a vê-los a barlavento quando amanhecer.

“Se o *Méduse* não tiver rumado para Cherburgo”, pensou, já que conforme seus cálculos, baseando-se na posição que o *Jason* tinha há algumas horas, o navio havia chegado ao melhor ponto para escapar que havia no meio do Canal, onde, em uma noite como essa, não corria o risco de ser interceptado por um navio inglês.

— O senhor não deveria deitar-se, senhor? — sugeriu Hyde timidamente. — Esteve na cobertura desde o princípio, e também a maior parte da noite. Não podemos fazer nada, pois o céu está escuro como a boca do lobo, e, além disso, faltam duzentas milhas para percorrer.

— Acho que me deitarei, Hyde — disse Jack. — Mantenha-a assim.

A corveta tinha desdobradas as velas de estai baixas, levava a traquete e a mezena rizadas e navegava em direção sudeste. Havia forte marejada e o vento soprava desde o oeste-sudoeste.

— Chame-me quando amanhecer, ou antes, se ocorrer algo — acrescentou.

Havia mau tempo, muito mau tempo, mas a *Ariel* era uma embarcação estável, navegava bem de bolina e podia suportar um tempo pior que esse apesar de levar um mastaréu de velacho provisório.

Raras vezes havia dormido tão profundamente. Apenas tirara o jaquetão antes dos olhos se fecharem. Então se deitou, ouviu a si mesmo expirar com força, ou talvez roncar, durante alguns momentos, e depois se foi dali para um sonho que parecia real, um sonho no qual um estúpido lhe sacudia e dizia ao ouvido: "Arrebentação a sotavento".

— Arrebentação a sotavento, senhor — repetiu Hyde.

— Meu Deus! — exclamou Jack ao despertar de repente e saltou da maca e correu para o convés enquanto Hyde o seguia com seu jaquetão na mão.

Na cinza penumbra daquele momento entre a noite e o dia, podia ver-se claramente pelo través de bombordo, a dois cabos de distância, uma ampla faixa de espuma e enormes ondas formando-se em um vasto conjunto de rochas aflorando da água.

Ainda a corveta navegava de bolina com as velas amuradas para estibordo e ainda que avançava a bastante velocidade, o vento, as ondas e a maré a faziam mover-se de lado para o arrecife. Não podia evitar aproximar-se com um vento como esse, nem mesmo que o mastaréu estivesse em boas condições, e não podia mudar de bordo para avante, mas ao menos podia mudar de bordo em redondo.

— Todos a mudar de bordo! — ordenou. — Leme para bombordo!

Os oficiais e os marinheiros correram para seus postos. As velas de popa desapareceram, a corveta abateu a sotavento e se aproximou com rapidez do arrecife e depois virou justo à borda deste, virou 180° e ficou situada com a proa em direção nor-noroeste e amurou as velas para bombordo.

— Orçar! — ordenou Jack ao piloto. — Façam a maior ondear!

Não queria que a corveta avançasse rápido até saber onde estava. Supunha que se encontravam em frente da ilha d'Ouessant ou frente à costa francesa (a posição que havia calculado estava

cinquenta milhas mais ao norte e muito mais ao oeste de sua posição real), mas era preciso saber onde. Olhou para sotavento e, através da chuva, apenas podia ver borradamente o escuro litoral; contudo, observou que Hyde havia feito a bordo o que se devia fazer. O carpinteiro e seus ajudantes, com as machados na mão, estavam prontos para cortar os mastros; as âncoras já estavam preparadas, pendurando das serviolas; a sonda estava na água e o sondador já não cantava a conhecida ladainha senão que dava as medidas da profundidade instantaneamente: "Seis. Cinco menos um quarto..."

— Arrebentação a proa! — gritou o vigia do castelo.

Jack correu até a proa e observou a comprida faixa branca que se ampliava com rapidez, a marca de outro arrecife, um arrecife que cortava a rota que ia para o noroeste, sua única saída para o alto mar; e essa longa faixa parecia terminar em um distante cabo que se via borradamente por estibordo. O arrecife pôde ser visto com maior claridade, e Jack observou como a água se chocava contra as rochas e formava ondas de enormes cristas que avançavam para o alto mar uma grande distância, ondas devastadoras.

— Esticar a maior! — ordenou, — Quinze graus para estibordo!

A *Ariel* avançou diretamente para a faixa branca, e enquanto Jack calculava a distância que os separava e a força do vento e escutava atentamente ao sondador, os marinheiros do castelo, que confiavam plenamente em que atuaria com acerto, viraram para ele seus ansiosos rostos. A cinquenta jardas das agitadas águas gritou:

— Leme para estibordo!

A *Ariel* orçou e se deteve em uma zona de quatro braças de profundidade. Então, justo no momento em que a popa começava a se mover, Jack ordenou:

— Jogar a âncora!

A âncora agarrou, e imediatamente os homens amarraram um cabo à amarra, e a corveta permaneceu entre os dois arrecifes, cabeceando fortemente por causa da maré, que quase havia alcançado seu nível máximo. Estar ali era um alívio, mas se se encontravam onde ele supunha, não poderiam ficar por muito tempo. Mandou acordar Stephen, Jagiello e o coronel; ordenou

dobrar a guarda do paiol do rum, porque os marinheiros adoravam morrer bêbados; e também mandou acender os fogos da cozinha, posto que alguns tripulantes da *Ariel* estavam muito assustados, o que era razoável, e ver que ainda havia certa ordem e, sobretudo, ter papa de aveia quente em seus estômagos lhes reconfortaria.

O dia já se aproximava, já podia ver sua luz em terra. A chuva cessou de repente e a espessa névoa que cobria o mar se desvaneceu, e então Jack soube onde estavam. Era um lugar pior do que o que havia suposto. Estavam na baía que os membros da Armada chamavam Gripes, no fundo da baía Gripes. Durante a noite, a *Ariel* havia conseguido passar entre os dois arrecifes principais sem se chocar com as inumeráveis rochas que estavam espalhadas pela zona delimitada por eles. Era uma horrível baía aberta para o sudoeste, na qual nunca iam barcos da esquadra francesa. Não tinha um fundo bom para que agarrasse a âncora e estava infestada de rochas puntiagudas que podiam cortar as amarras. Além disso, tinha arrecifes por toda parte. Mas ele conhecia bem suas águas, porque quando fazia o bloqueio a Brest, ia pescar ali com um grupo em pequenas embarcações nos dias de calmaria e porque quando tinha dezessete anos e era ajudante de oficial de derrota, havia estado ao comando da lancha do *Resolution* quando as lanchas da esquadra haviam explodido a bateria de Camaret. Olhou acima do coroamento e viu a bateria a menos de uma milha de distância, em uma fortaleza situada num promontório próximo ao extremo norte do arrecife. Já a haviam reparado, certamente, e dentro de pouco os soldados despertariam e abririam fogo. Além de Camaret estava Brest, e, ao fundo da baía, estava a cidade de Trégonnec, com um pequeno dique em forma de meia lua que protegia o porto pesqueiro situado na desembocadura do rio e com uma fortaleza bem armada. Não era conveniente ficar ali entre dois fogos, ainda que no litoral as águas fossem tranqüilas porque este estava, por assim dizer, protegido pelos enormes arrecifes; e na praia não havia grandes ondas, apesar das ondas de grandes cristas que se formavam fora. Na parte sul da baía estava o cabo Gripes, e depois do cabo Gripes estava a salvação, a bonita e enorme baía de Douarnenez, onde uma esquadra inteira poderia fundear e, posto que ficaria protegida

pelo norte e pelo oeste, poderia rir das baterias francesas, que estariam muito longe para fazer dano.

Para chegar ali teriam que dobrar o cabo. A única maneira de fazê-lo era avançar para o sul bordejando o arrecife interior até uma rocha que chamavam de Thatcher, próxima à parte sul da baía, mudar de bordo, avançar pelo arrecife exterior e dobrar o cabo, onde estariam a salvo. Teriam que ficar ali até que terminasse de passar a tormenta e a maré alta lhes permitisse fugir, mas atravessar o arrecife por uma abertura navegando de bolina não era possível, porque o vento havia se acalmado. Confiava em que, com a ajuda de Deus, poderiam mudar de bordo bastante antes de chegar à Thatcher, quando tivessem muito espaço para mudar de bordo em redondo, pois não era conveniente mudar de bordo para avante naquele lugar porque o arrecife exterior não o protegia e o mar estava muito mais agitado. Mas poderia decidir onde mudar de bordo quando estivessem muito mais perto; agora tinha que ocupar-se do problema das rochas e dos bancos de areia que encontraria no caminho.

— Algum dos senhores conhece esta baía, cavalheiros? — perguntou aos oficiais.

Os oficiais se olharam uns para outros com expressão de assombro, mas antes que pudessem responder, uma fonte de água lhes empapou. A fortaleza aberto fogo e a primeira bala havia caído a apenas seis pés do pescante do costado de estibordo.

— Cortar a amarra! — ordenou Jack. — Leme para bombordo!

Ao mesmo tempo que a popa se moveu, a corveta começou a mudar de bordo; a bujarrona e as gáveas se incharam; e depois de estar sem movimento durante uma pausa infinitesimal, moveu-se bruscamente para frente e começou a avançar com rapidez através da forte chuva que chegava do alto mar. Jack a conduziu pelo estreito canal delimitado pelo arrecife exterior e o interior e, apesar das balas caírem ao seu redor, diminuiu vela.

— Meça rápido! Rápido! — disse ao sondador.

Havia que evitar chocar contra as rochas e contra os arrecifes menores. Uma bala que quicou derrubou a haste de bandeira e atravessou a sobremesana.

— Ponham a bandeira em um aparelho nos amantelhos de bombordo, senhor Hyde! — gritou sem olhar para trás e depois murmurou: — Detesto quando disparam-me da costa.

Mas pelo menos esses disparos não eram tão precisos como outros que ele já vira as baterias francesas fazerem, e enquanto duraram, a chuva ocultava quase por completo a *Ariel*, e os artilheiros disparavam ao acaso.

Avançavam cautelosamente, avançavam mais e mais. Jack começava a recordar os diferentes lugares da baía. Pelo través de estibordo ficava a rocha onde costumavam pegar peixes ruivos, e pela amura ficavam as ilhotas onde pegavam lagostas na maré baixa, agora cobertas de uma massa de espuma branca. Dentro de pouco passariam pela abertura do arrecife interior que os pescadores utilizavam, por onde a água passava com força quando a maré subia na primavera.

Virou a corveta em 15° para contra-arrestar o embate do mar, e quando o sondador gritou: “Marca três, marca três!”, a *Ariel* caiu no seio de uma onda e chocou-se contra uma rocha, e o impacto foi tão grande que se cambaleou e se estremeceu de proa a popa. Mas imediatamente seguiu navegando, e o sondador ia dizendo: “Marca cinco, marca cinco, profundidade seis, seis e meio...”. Então apareceu a bombordo um pedaço da falsa quilha entre as agitadas águas e, dando voltas, passou pela abertura do arrecife e foi aproximando-se da distante costa. Grimmond desceu correndo.

— Meça rápido! Rápido! — ordenou Jack outra vez. — Jogue a sonda mais adiante!

— Sim, sim, senhor — respondeu o sondador e enrolou o pesado prumo formando um grande círculo antes de lançá-lo na água.

Já estavam fora do alcance da bateria e dentro de pouco deixariam a proteção do arrecife exterior. O extremo sul deste era o ponto que deviam alcançar para poder mudar de bordo em redondo e chegar ao seu refúgio, a protegida baía Douarnenez. Quando chegassem naquele extremo, já não teriam dificuldades, mas só poderiam alcançá-lo navegando de bolina e com as velas amuradas para bombordo. À medida que avançavam, ficava mais claro para

Jack que deviam mudar de bordo muito longe, quase ao chegar na Thatcher. Se não virassem perto da Thatcher, não poderiam sair. Mas ali não teriam espaço para mudar de bordo em redondo, nem muito menos, só poderiam mudar de bordo com a ajuda da âncora, uma manobra perigosa mesmo quando o tempo era bom, assim que tinha que calcular com precisão até a última jarda necessária para fazê-la. Com esse vento e entre aquelas rochas, não se poderia corrigir nenhum erro. E a Thatcher já não estava longe...

— Abaixo tudo está bem, senhor — informou Grimmond ao regressar da bodega. — Só há dois pés de água mais ou menos na bodega de proa.

Jack assentiu com a cabeça. Em circunstâncias normais, isso distava muito de ser bom em uma embarcação estanque como aquela, mas agora não tinha importância.

— Senhor Hyde, vou mudar a corveta de bordo com a ajuda da âncora quando chegarmos naquela grande rocha negra e branca — disse. — Prepare a caridade<sup>{31}</sup> e ordene a alguns homens que peguem machados.

Depois, com um vozeirão que podia ser ouvido apesar do rugido do vento, disse:

— Tripulantes da *Ariel*, vamos mudar de bordo com a ajuda da âncora quando chegarmos na Thatcher. Todos devem obedecer as ordens instantaneamente, e, se Deus nos ajudar, dobraremos o cabo e nos refugiaremos na baía Douarnenez. Não façam nada até receberem as ordens, mas façam o que for ordenado com a rapidez do raio.

Os tripulantes, com uma expressão grave, assentiram com a cabeça, e Jack comprovou com satisfação que nenhum havia entrado no paiol do rum.

Agora a corveta estava no meio da zona que não estava protegida pelo arrecife exterior e o vento e o mar a empurravam com força. Nessa velocidade, e com o velame que era necessário ter aberto, em cinco ou talvez quatro minutos alcançariam a Thatcher, por cujos escarpados lados, a compridos intervalos, subia a água com grande estrépito, formando enormes penachos.

— O que significa mudar de bordo com a ajuda da âncora? — inquiriu Jagiello, que estava ao lado de Stephen agarrado à borda.

— Significa jogar a âncora, deter o barco com a proa contra o vento, cortar a amarra e mover-se na outra direção, para o alto mar, para poder dobrar o cabo.

— A rocha está muito perto.

— O sondador diz que há uma profundidade adequada. Escute-o.

— Orçar! — ordenou Jack, olhando atentamente a Thatcher e as algas marinhas arrastadas pelo mar. — Pôr as escotas da vela de estai! — E depois de cinco insuportáveis segundos, gritou: — Jogar a âncora!

Imediatamente o gurupés da corveta ficou situado contra o rugido do vento, ainda que a marejada tratava de desviar a proa para sotavento.

— Mover as amuras da maior...! Puxar! Cortar!

O brilhante machado se moveu para a amarra. Agora a corveta estava terminando de mudar de bordo, mas se movia para trás, para a Thatcher.

— Meça a profundidade da popa, longe da popa! — ordenou Jack ao sondador e se inclinou sobre a borda da alheta para calcular com precisão o momento em que o movimento do leme para estibordo, que devia fazê-la mudar de bordo, teria um maior efeito. O sondador enrolou o prumo e o lançou com todas suas forças, mas o barbante se enganchou no aparelho que sustentava a bandeira e o chumbo se deslocou para a corveta e golpeou Jack, derrubando-o sobre o convés.

Quando Jack estava de gatas, pôde ouvir entre o rugido do vento e o bramido do mar, a uma distância infinita, o grito de Hyde:

— Todos a bombordo, digo, a estibordo!

E imediatamente ouviu um ruído estrondoso, no momento em que a *Ariel* se chocou contra a Thatcher e seu leme se despedaçou e uma parte da popa se partiu.

Quando se levantou por fim, viu que Hyde tinha uma palidez cadavérica e uma expressão triste e que a corveta estava situada com o lado para o alto mar.

— Carregar a mezena e a maior! — gritou. — Puxar as escotas da traquete!

Roçando as rochas com um forte chiado, a *Ariel* pôs a proa na direção do vento, e Jack a fez passar pela parte mais estreita do arrecife interior mudando sua direção unicamente com o movimento da traquete. Ainda estava um pouco aturdido, mas a parte de sua mente que estava clara atendia aos movimentos da corveta, e depois do sétimo choque capaz de causar grandes danos, percebeu que a popa estava partida pela metade. Não obstante, como a maré quase havia alcançado seu nível máximo, a corveta não parou e seguiu avançando pelas cristas que se formavam na arrebentação e que subiam até os cestos das gáveas.

Ainda seguiu flutuando nas águas tranqüilas que estavam do outro lado do arrecife, mas não se manteria assim por muito tempo.

— Joguem as caronadas pela borda! — ordenou.

Sem aquele peso, ainda poderia flutuar o tempo suficiente para que pudesse levá-la até a margem. Alguns minutos mais tarde, quando o vento, o mar e a maré favoreciam seu movimento para a desembocadura do rio, disse aos oficiais que pegassem suas ordens e pertences e fez um sinal para Stephen para que o acompanhasse até a cabine, onde a água chegava até os joelhos.

— O coronel deveria pôr um uniforme de infante de marinha e fazer-se passar por outra pessoa — disse. — Está de acordo?

Stephen assentiu com a cabeça.

— Então darei a ordem — disse Jack.

Pegou o livro de capas de chumbo que continha o código de sinais, seus informes oficiais, seus documentos privados e seu sabre, disse ao seu despenseiro que fizesse um fardo com o que pudesse e subiu para a coberta. Jogou pela borda o código de sinais, seus informes oficiais e seu sabre, falou com o tenente de Infantaria de marinha sobre o coronel e depois seguiu conduzindo a pobre corveta maltratada para a margem.

Por alguma razão, tinha certeza de que a corveta não se romperia em pedaços e que os levaria para terra. E ela se coportou bem até o último momento. Por fim deu um puxão na escota de estibordo e a corveta se deteve frente ao dique, com a coberta ao

mesmo nível do mar, e começou a girar sobre si mesma, chocando contra este, enquanto a água saía aos borbotões pelas escotilhas. Já o único que tinham que fazer era saltar por em cima da borda e passar para o dique, onde uma companhia de Infantaria e um pequeno grupo de pessoas em silêncio os esperavam.

## CAPÍTULO 10

---

Nos vinte anos de guerra, muitos barcos da Armada real haviam naufragado nas costas de Britânia, e alguns deles foram aprisionados. As autoridades de Brest estavam acostumadas a essa situação e, sem atribuir-se imerecidamente um triunfo, instalaram os oficiais da *Ariel* num convento de monjas abandonado e os marinheiros num dos porões do castelo forrado de palha.

Era de esperar que aqueles homens, sempre expostos aos caprichosos elementos, se levassem as coisas com serenidade, e em ocasiões anteriores, Stephen havia visto seus companheiros de tripulação aceitar com equanimidade as piores desgraças que lhes havia deparado o destino; contudo, assombrou-se de ver o rápido que recobriram os ânimos e puseram boa cara para a adversidade desta vez, se bem que era verdade que a corveta não havia sido aprisionada e, portanto, não havia havido pilhagem e ainda conservavam o pouco que tinham, o que ajudava a suavizar o golpe, já que depois de comer as escassas rações que os franceses davam podiam recheiar-se com melhores alimentos e melhor vinho dos que houvessem recebido na *Ariel*. Mas quando ficaram seguros de que não iam ser roubados nem iam morrer de fome, começaram a queixar-se da qualidade do chá. E na primeira visita que Jack lhes fez, também se queixaram do pão; disseram que o pão francês, por estar cheio de buracos, não podia alimentar nenhum homem, e que era lógico pensar que um homem que comesse buracos arrebentaria como uma bexiga. Acrescentaram que tampouco gostavam da aveia, que parecia feita com plantas sem amadurecer e com espigas ressecadas, e tampouco da sopa.

Os jovens que se encontravam no convento voltaram a ficar alegres quando o Sol, desde um céu limpo, iluminou Brest, vinte e quatro horas após terem chegado de sua horrível viagem desde Trégonnec; e com a alegria voltou o senso de humor característico dos marinheiros. O delegado encarregado de fazer uma correta lista oficial dos prisioneiros, que incluía, entre outras coisas, a data e o lugar de nascimento e o sobrenome de seus avós, recebeu algumas respostas raras, ditas em tom solene, umas respostas tão raras que o comandante do porto mandou buscar o capitão Aubrey.

— Nego-me a acreditar que todos seus oficiais exceto um sejam netos da rainha Ana, senhor — disse.

— Sinto dizer-lhe, senhor — disse Jack, — que a rainha Ana está morta, e portanto, o decoro me impede de fazer comentários.

— Em minha opinião, responderam com leviandade — disse o almirante. — Ter alguns pais como o imperador de Marrocos, Jenny *a Tolhida*, Guy de Warwick, Julho César... O senhor poderá dizer que o delegado é simplesmente um civil, o que é absolutamente certo, porém, mesmo assim, peço que o tratem com o devido respeito. É um servidor do Imperador.

Jack não pareceu se impressionar com isso, e, em verdade, o almirante havia falado com pouca convicção. Este olhou para seu prisioneiro alguns momentos e continuou:

— Agora quero falar-lhe de um assunto mais sério. Um de seus infantes de marinha, Ludwig Himmelfahrt, escapou. Encontraram sua roupa no lavabo.

— Oh, era um imbecil, senhor, um supernumerário! Nós o levávamos a bordo só para que tocasse o pífano quando os marinheiros estivessem no cabrestante. Acho que nem sequer está no rol... Não apareceria entre os tripulantes que têm alguma importância. Apesar de tudo, devo dizer que, como soldado nominal, era seu dever escapar.

— Talvez — disse o almirante, — mas espero que o senhor não o de imite, capitão Aubrey. Não me importa muito a fuga de um supernumerário tonto, sobretudo se não estava no rol, ainda que, sem dúvida, nós o encontraremos, mas a de um capitão de navio, um oficial de sua categoria, senhor, é uma questão diferente, e lhe

advirto que, ao menor intento, será encarcerado em Bitche. Encarcerado em Bitche, senhor!

Jack esteve a ponto de replicar com uma das melhores frases que havia pronunciado em sua vida, mas o jogo de palavras que havia feito em inglês não podia manter-se com os vocábulos equivalentes em francês, assim que não pôde dizê-la, e o sorriso que havia esboçado ao pensar nela se desvaneceu. Então se limitou a comentar:

— Com respeito a isso, senhor, acho que serei seu convidado até o final da guerra. Espero que não dure tanto para que não se canse de mim.

— Estou certo de que não — disse o almirante. — O Imperador está arrasando no norte. Os austríacos foram derrotados.

— Ameaçaram-me com Bitche — disse Jack, ao voltar para o convento.

Todos entenderam o que isso significava, porque Verdún e Bitche haviam sido os principais temas de conversa durante os últimos cinco dias, nos quais também falaram um pouco do desenrolar da guerra, que deduziam da informação do *Moniteur*, e da jovem que trazia refeição para Jagiello. Verdún era a cidade onde estavam confinados os prisioneiros de guerra e Bitche era a fortaleza onde eram encarcerados os que tentavam escapar. Ambas se encontravam no noroeste de França e tinham fama de ser lugares muito desagradáveis, úmidos, frios e caros. Mas quase ninguém na Armada as conhecia pessoalmente, pois, devido a que Bonaparte se negava a trocar prisioneiros na forma tradicional e devido a que, de fato, muito poucos prisioneiros eram trocados, quase todos os que iam ali não regressavam nunca. Contudo, entre os poucos que haviam voltado estava Hyde, que, sendo guarda-marinha, escapara primeiro da uma e depois da outra junto com três companheiros e conseguira chegar até o Adriático a pé.

Todos escutavam seus relatos com grande atenção, e isso o ajudava a recuperar o amor próprio, que perdera quase por completo. Em verdade, estava tão desanimado e triste que fora o único que não dera ao delegado a costumeira resposta graciosa; sua resposta havia sido uma chata série de dados corretos. Agora Jack

lhe pediu para que falasse da fortaleza outra vez e que indicasse a melhor forma de escapar, e outra vez Hyde falou da montanha de arenito escarpada e de grande altura, os passadiços, os buracos a prova de bombas, o profundo fosso...

— Para escapar, o mais importante é o dinheiro, senhor, é claro, e um mapa e uma bússola — disse. — É conveniente ter carne de vaca seca e bolachas e um abrigo para pôr enquanto se esconde durante o dia e botas muito fortes, mas o dinheiro é o mais importante. Com ele se pode conseguir quase tudo, e inclusive com um guinéu se pode chegar muito longe, pois o ouro inglês é muito apreciado aqui...

Jack sorriu. Tinha uma grande quantidade de guinéus no bolso, uma quantidade assombrosa, suficiente para manter os tripulantes da *Ariel* em condições moderadamente boas durante sua viagem, e sabia que Stephen escondia no peito um pesado monte, o dinheiro que levava ao Báltico para uma necessidade e que estava intacto.

— Também são úteis uma boa faca e um passador ou, pelo menos, uma punção — continuou Hyde. — E um...

— Uma jovem quer ver o senhor Jagiello — disse o guarda com um sorriso brincalhão.

Jagiello se aproximou da porta e se encontrou ali com a bonita jovem, que tinha o rosto avermelhado e a cabeça baixa e sustentava uma cesta coberta com um pano. Os outros se aproximaram da janela e se puseram a conversar como se não lhes prestassem atenção, mas poucos puderam evitar olhar de soslaio para a jovem e nenhum pôde evitar ouvir o que Jagiello disse:

— Porém, minha querida, minha queridíssima mademoiselle, eu só pedi chouriços e maçãs e vejo que aqui há *foie gras*, lagosta gratinada, uma perdiz, três tipos de queijo, dois tipos de vinho, uma torta de morango...

— Eu mesma que a fiz — disse a jovem.

— Com certeza deve está muito boa; contudo, isto é mais do que posso permitir-me.

— Tem que conservar as forças. Pode pagar em outro momento... ou de outra maneira... da maneira que o senhor queira.

— Mas, como? — perguntou Jagiello realmente assombrado. — Quer dizer como pagarei?

— Por favor, venha ao corredor — disse a jovem, avermelhando mais ainda.

— Outra vez igual — disse Jack para Stephen quando o levou para outro quarto. — Ontem lhe trouxe uma enorme empanada com trufas e provavelmente amanhã trará de sobremesa um bolo de casamento. Não sei o que vêem nele. Por que se fixam em Jagiello e ignoram os outros? Por exemplo o Fenton, um jovem formal com umas costeletas que são o orgulho da Armada e uma barba dura como um gorgulho... Tem que barbear-se duas vezes ao dia... e, além disso, forte como um cavalo e um excelente marinheiro, e apesar disso, não lhe trazem empanadas. Mas não era isso o que queria falar. O coronel escapou.

— Eu sei — disse Stephen, que estivera no castelo com o cirurgião da *Ariel*.

— Pensei que talvez soubesse — disse Jack. — Não parece muito preocupado.

— Não estou — disse Stephen. — Você não o viu em plena forma. No mar está fora de seu elemento, fala muito e qualquer um pensaria que é um fanfarrão, mas lhe asseguro, meu amigo, que como guerrilheiro não tem igual. É uma autêntica raposa em terra. Pode passar por debaixo de uma cerca deslizando como uma serpente, e quando ainda o procuram laboriosamente entre os arbustos e no fosso, ele já se encontra a mais de uma milha de distância, escondido atrás de um palheiro. Uma vez conseguiu ir de Tarragona a Madri apesar de que davam uma recompensa de onze onças de ouro por sua cabeça, e quando chegou, cortou o pescoço do traidor em seu próprio leito. Tem muito dinheiro e muita experiência. Terá passado pela fronteira antes de que nós cheguemos a Verdún.

— Com sua licença, senhor — disse Hyde da porta. — A comida já está na mesa.

Comiam na sala do convento, uma habitação austera que não havia mudado em nada exceto em que tinha barras mais grossas nas janelas, olhos\* nas duas portas e inscrições em inglês: *J. B. Ama*

*a P. M., Bates é um tonto, Quanto gostaria que Amanda estivesse aqui!, Nenhuma é mais bonita que Laetitia, J. S., ajudante do oficial de derrota, 47 anos.* Repartiram a comida. Ela foi encomendada ao melhor restaurante da cidade, recomendado pelo almirante, e, contudo, parecia muito pior que a de Jagiello, que escolhera a hospedaria mais barata, e consistia simplesmente em: um par de lubinas, quatro frangos, uma perna de cordeiro, meia dúzia de pratos para acompanhar os pratos principais e creme com merengue.

— O cordeiro estava bastante bom, ainda que lhe faltava geléia de groselha — disse Jack, mexendo o creme. — Os franceses poderão dizer que a França é uma grande nação e tudo o que queiram, mas não sabem nada de sobremesas. Isto não se parece com creme, não é mais do que espuma. Stephen levantou a vista de seu prato e viu através do olho mágico da porta que estava atrás de Jack como escurecia. Então apareceu nela um olho e permaneceu ali durante um longo tempo, olhando de um lado para outro quase sem pestanejar, sem expressar nada. Depois lhe sucedeu outro que não tinha a mesma cor escura senão uma cor azul cinzenta. Ambos olhos seguiram observando-lhes alternativamente enquanto terminavam a refeição, enquanto tomavam o conhaque, e ainda que Stephen não se virou para comprovar se o outro olho mágico estava ocupado também, estava convencido de que sim, já que oferecia uma perspectiva diferente da sala.

Portanto, não se surpreendeu que dissessem a Jack, Jagiello e ele que fossem ao escritório do almirante, e tampouco a mudança de atitude do almirante, que até então lhes dispensara um trato amável, quase amistoso.

A certa distância da mesa do almirante estava sentado um civil de meia idade com uma jaqueta negra descolorida e uma gravata bastante clara. Tinha o cabelo grisalho e os olhos negros, e seu rosto era familiar para Stephen. Não participava da entrevista, só os olhava atentamente; mantinha uma grande distância. O almirante dissimulava seu desgosto atrás de sua formalidade e sua severidade aparentes, mas não o escondia bem. Fez uma série de perguntas a Jack com respeito à sua viagem, as quais, obviamente, estavam

preparadas. Perguntou-lhe de onde vinha, aonde ia, que rota seguia, quando havia zarpado, que tipo de comboio escoltava e muitas outras coisas.

Jack se mostrou tão circunspecto como o almirante, ou inclusive mais, e, olhando-lhe com indiferença, disse:

— Senhor, eu lhe mostrei a nomeação que me foi dada por meu rei e lhe disse o número de tripulantes que a *Ariel* tinha. De acordo com as regras da guerra, um oficial prisioneiro não é obrigado a fazer mais que isso. Com todo meu respeito pela sua pessoa, senhor, nego-me a responder.

— Anote essa resposta — ordenou o almirante para seu secretário e, voltando-se para Stephen, perguntou: — O senhor é o cavalheiro que recentemente foi convidado para dar uma conferência no Instituto da França?

— Lamento não poder comprazer-lhe, senhor — respondeu Stephen. — Minha resposta é a mesma que a do capitão Aubrey.

Ambos passaram alguns momentos de ansiedade por causa de Jagiello; contudo, o jovem não era tonto e repetiu suas palavras com a mesma firmeza.

— Tenho que informar-lhes que suas respostas não são satisfatórias — disse o almirante. — Portanto, partirão para Paris imediatamente para ser submetidos a um novo interrogatório.

Tocou a campainha e mandou o ordenança buscar os pertences dos três.

— Imediatamente, senhor? — inquiriu Jack. — Não posso ver meus homens antes de ir? Ainda não me ocupei de seu provisionamento. Senhor, apelo para sua condição de oficial e marinheiro... Tenho que falar com eles, ainda que seja brevemente, e dar-lhes algo para afrontar seus gastos. Apelo por sua compreensão, senhor. Um capitão não pode largar seus homens abandonados.

— Não há tempo — disse o almirante. — A carruagem está esperando e tenho ordem de enviar-lhes para Paris no caso de não obter respostas satisfatórias.

— Ao menos, senhor — disse Jack, pondo sua bolsa sobre a mesa do almirante, — tenha a amabilidade de entregar isto ao mais

responsável, um marinheiro chamado Wittgenstein, e de dizer-lhe que o reparta eqüitativamente entre todos quando empreendam a marcha.

O almirante olhou para o civil e este se encolheu de ombros.

— Assim se fará, capitão — disse o almirante. — Desejo que passem um bom dia. Monsieur Duhamel lhes acompanhará na carruagem.

Durante os dias e as noites de sua viagem, Stephen pensou muito na situação. Teve muito tempo para fazê-lo, por uma parte, porque a presença de Duhamel impedia a conversa animada e, por outra, porque o francês apenas falava, ainda que não tinha uma atitude hostil. Não era descortês nem desdenhoso nem autoritário, senão reservado, e parecia taciturno, e do canto onde estava sentado olhava os numerosos soldados a cavalo que os escoltavam ou a paisagem sem muita atenção, distante, como se vivesse em outra dimensão e os observasse com a objetividade com que um naturalista observa os micróbios no microscópio. De vez em quando, Stephen surpreendia Duhamel olhando-o, e chegou a parecer que seu olhar refletia satisfação e, às vezes, a compreensão que sente um profissional por outro que se encontra em uma difícil situação, mas o francês afastava seus negros olhos imediatamente e voltava a olhar a paisagem das diversas províncias pelas quais passavam. Duhamel parecia imune à chateação, capaz de resistir o cansaço das longas etapas da viagem e estar acima de todas as debilidades humanas exceto a de comer.

Antes de partir, ele lhes dissera que seria melhor para todos que dessem sua palavra de que não tratariam de escapar durante a viagem (uma mera formalidade, pois a carruagem era escoltada por uma companhia de cavalaria), e por isso paravam nas melhores pousadas das cidades que atravessavam para comer e jantar. Ordenava a um soldado a cavalo que se adiantasse para separar uma sala privada e encomendar determinados ensopados, que variavam de uma cidade para outra, e os vinhos mais adequados para acompanhá-los. Duhamel não comia na mesma mesa que eles nem abandonava sua impenetrável reserva, mas mandava para sua mesa suculentos pratos como entranhas de cordeiro com molho de

vinho, dobradinha que qualquer homem poderia comer eternamente e pastel de calandras desossadas, assim que logo eles se guiaram unicamente por sua escolha, ainda que sua escolha abarcava um extraordinário número de refogados. Comia tudo o que havia no prato e depois, com uma expressão satisfeita, limpava-o com um pedaço de pão. Era um homem delgado, e, aparentemente, a quantidade de comida e vinho que ingeria duas vezes ao dia não lhe afetavam; não parecia ter problemas de estômago por encher-se tanto nem sintomas de nenhum transtorno do baço nem do pâncreas nem do fígado. A paisagem era magnífica e a comida também era, e depois de um desses banquetes (não podiam chamá-los de outra maneira), Jagiello, até então desanimado por causa do silêncio de seus companheiros, animou-se de novo e cantou muito baixo. Depois de outro, ficou brincando com um pequena corneta que uma dama em Lamballe lhe presenteara até que viu um raio de sol e decidiu abrir a janela para cumprimentar o céu com música.

Duhamel, ainda digerindo o peru, estava abstraído, mas quando o vidro apenas havia chegado à metade, quando na janela ainda não havia uma abertura por onde podia escapar um jovem esbelto e ágil, já tinha a pistola na mão e apontada para Jagiello. Stephen observou que a pistola estava coberta com tinta cinza fosca.

— Sente-se — ordenou Duhamel.

Jagiello se sentou de golpe.

— Só ia tocar algo como cumprimento — disse com assombro e depois, em tom grave, acrescentou: — Esquece, senhor, que lhe dei a minha palavra.

A expressão feroz de Duhamel deou passagem a outra na qual se misturavam a incredulidade e o desalento.

— Pode tocar durante as paradas, não na carruagem. Talvez estes senhores desejem refletir.

Tinham pouca coisa para fazer, além de dormir. Para Jack resultava fácil este último, pois a falta de forças e a grande quantidade de comida que ingeria, em silenciosa concorrência com o francês, contribuíam para que tivesse sono. Mas a comida também afetava seu fígado e terminou por causar-lhe transtornos digestivos. Inclusive na última parte de Britânia que atravessaram, a maioria

dos molhos eram feitos com muita nata, e na Normandia seu estado piorou e tiveram que parar com mais frequência. Ainda que havia dois urinóis debaixo dos lugares, Jack, por pudor, preferia uma cerca ou, pelo menos, um arbusto com muita folhagem, e os desgostosos cocheiros tinham que afastar a carruagem de um lado do caminho cada vez que percorriam um vão de algumas milhas.

Em Alençon, Duhamel se equivocou em sua eleição. Ao entrar na cozinha da pousada, viu uma tina com caranguejos de rio, e mesmo que eles ainda não estivessem sem comer pelo tempo necessário para eliminar as imundices que haviam obtido onde haviam se criado, mandou que os fervessem imediatamente.

— Fervam-os muito pouco, porque seria um crime alterar o sabor destes caranguejos tão grandes.

As reflexões haviam deixado Stephen sem apetite, mas Jagiello, que não tinha necessidade de refletir, comeu um monte deles, e Jack, pensando que nenhum francês podia superar-lhe, comeu tanto como ele. Mas Jack já estava tão débil e em tão más condições que ficou doente imediatamente, em meio de um caminho vazio, e todos o notaram perfeitamente. Duhamel sugeriu por fim que o doutor Maturin fizesse algo por ele, que lhe prescrevesse algum medicamento ou tomasse alguma medida apropriada. Stephen esperara com ansiedade esse momento.

— Muito bem — disse, escrevendo uma receita. — Peço que tenha a amabilidade de dizer a um desses soldados que leve isto a uma farmácia. Acho que com isto poderemos viajar com mais tranqüilidade.

Duhamel observou aqueles sinais cabalísticos, ficou pensativo alguns instantes e por fim acedeu a sua petição. Um dos soldados se foi imediatamente a galope e regressou com um enema de um tamanho adequado para um cavalo e com vários frascos, alguns grandes e outros muito pequenos. A viagem continuou e não fizeram mais paradas de urgência nem se ouviu mais o grito: "Aí na frente há um arbusto!". Jack dormiu quase todo o caminho, pois estava sob os efeitos do láudano, o medicamento preferido de seu médico, um potente opiáceo do qual Stephen abusara em uma época de instabilidade emocional, chegando quase a arruinar sua carreira, um

medicamento que, contudo, seguia contendo a substância mais importante da farmacopéia.

Stephen se alegrou ao ver a garrafa de láudano, pois, apesar de que já não permitia a si mesmo bebê-lo, gostava de tê-lo a mão. Mais tarde, quando já estavam perto de Verneuil, também o intestino de Jagiello e o férreo intestino de Duhamel se renderam aos caranguejos de rio, e Stephen lhes deu uma dose. Nesse momento podia ter matado Duhamel, porque havia repostado suas provisões de morte instantânea e lhe bastava um diminuto frasco para acabar com cinquenta Duhameles, e ainda sobrava. Porém, com uma escolta como aquela, não lhe serviria de nada, e, além disso, como médico, nunca havia causado dano a nenhum homem intencionalmente, e duvidava que chegasse a fazer, mesmo que se visse em um apuros.

Quando atravessaram a Ilha de França, os três, ainda em jejum, seguiam dormindo, e Stephen voltou para suas reflexões. Tinha a grande desvantagem de que perdera o contato com a Europa já fazia algum tempo e sabia muito pouco das mudanças ocorridas na França recentemente, sobretudo nos Serviços Secretos. Contudo, sabia que os Serviços Secretos franceses tinham maior diversidade que os ingleses e também sabia que os ciúmes, a concorrência e a luta para ter o controle dos fundos secretos eram muito mais fortes. O Exército e a Armada tinham suas próprias organizações dedicadas à espionagem, e também a Junta Suprema, os ministérios de assuntos Exteriores, Interior e Justiça e a polícia, e nenhuma delas confiava plenamente nas demais. Além disso, havia outros corpos quase autônomos, herdeiros do *Secret du roi*, que estavam encarregados de vigiá-las a todas e de vigiar-se entre si, eram como cachorros guardiães que vigiavam outros cachorros guardiães. A metade do país parecia ser formada por informantes. Também sabia que Talleyrand, Fouché e Bertrand já não ocupavam cargos oficiais, ao menos teoricamente, mas desconhecia quanta influência ainda tinham e quantos agentes ainda trabalhavam para eles, ainda que acreditava que contavam com uma legião de colaboradores. Mas não sabia em que mãos estava o verdadeiro poder agora e tampouco de quem era prisioneiro.

Certamente, tinha a certeza de que, se estivesse nas mãos do Exército, eles o torturariam. Isso também era possível se estivesse nas mãos do sucessor de Fouché (ainda que só fosse para vingar-se dele porque desferira duros golpes ao seu ministério), mas era mais provável que o Exército o fizesse. O principal pilar de um exército era a força física e, nos Serviços Secretos de muitos países, não só nos da França, esta força implicava em empregar a tortura. Stephen a experimentara uma vez, ainda que não fora muito forte, e temia experimentá-la de novo. A havia resistido em Port Mahón, mas então era mais jovem, estava em melhores condições físicas e, além disso, tinha uma poderosa razão para suportá-la: nem mais nem menos que preservar as organizações que formavam a resistência catalã. Agora não sabia como ia a comportar-se, pois a coragem de um homem não era sempre a mesma e a agonia podia dobrar sua vontade e inclusive convertê-lo em um simples animal que desse alaridos, disposto a fazer concessões para sentir sequer um alívio momentâneo. Tinha a esperança de poder suportá-la, e lhe parecia provável lográ-lo, sobretudo pela raiva e o desprezo que tinha acumulados em seu interior, mas estava contente de contar com uma forma segura de escapar naquele diminuto frasco verde escuro.

Agora não tinha tanto apego à vida como na época em que se encontrava em Porto Mahón, porque então, à parte de suas atividades políticas, estava loucamente apaixonado por Diana. Mesmo assim, não queria terminar seus dias em uma lúgubre câmara de tortura, entre a abjeta satisfação dos torturadores e seu enorme ódio por eles (pois os torturadores, para justificar a si mesmos, viam-se obrigados a odiar a vítima, e esta, obviamente, correspondia-lhes com ódio). Diana Villiers... Na época em que se encontrava em Porto Mahón, não tinha nenhuma relação com Diana porque ela havia fugido com Richard Canning, porém, assombrosamente, ela havia sido um grande apoio para ele, o foco que atraía sua bússula para o norte e dava sentido a seu movimento por ali, mas esse movimento perdera o sentido quando ela, de repente, deixara de reinar.

Pensou muito nela quando se aproximavam de Paris. Provavelmente estaria ali, no hotel *de Mothe*, não no campo.

Custaria muito sacar Diana das lojas mais elegantes do mundo depois de haver-se privado delas durante tanto tempo, e ainda que estava seguro de que nunca, nunca se desprenderia de seu grande diamante, que valia uma fortuna, sabia que suas outras jóias lhe permitiriam comprar sem moderação durante um sem-fim de anos. Em Paris, acreditavam que sua relação com Diana era superficial, a de um médico com sua paciente, e, às vezes, a que existia entre dois companheiros de viagem, e mesmo que a polícia soubesse qual era realmente, o que duvidava, o fato de viver sob a proteção de Adhémar de Mothe, impediria que a molestassem com algo mais que um interrogatório formal, a cujas perguntas ela sabia como responder. Em sua opinião, a fama de eficaz que tinha a polícia francesa, salvo nos casos criminais, era exagerada, pois havia comprovado que seus agentes eram lentos, ineficientes, covardes diante dos ricos, antiquados e corruptos em sua maioria, e duros com seus rivais.

O tráfego aumentou em ambos os sentidos. Pensou então nos possíveis motivos pelos quais se encontrava na situação atual e nas possíveis formas de defender-se. Era compreensível que tivessem prendido ele, mas parecia que não tinha sentido tratar assim a Jack e a Jagiello, a menos que... Uma série de hipóteses passaram por sua mente, mas nenhuma realmente convincente.

Depois de atravessar Versalhes, onde havia mais tráfego ainda, Duhamel fechou as portas da carruagem por dentro.

— Oh, meu Deus! — disse Jack ao despertar de seu sono. — Tenho que sair.

— Eu também — disse Jagiello.

Duhamel vacilou, brincando com a chave entre os dedos e olhando para fora, pois também tinha a imperiosa necessidade de sair. Mas não era possível. O Sol do entardecer iluminava com sua dourada luz a avenida, abarrotada de carruagens e de transeuntes que caminhavam de ambos os lados, mas não se via nenhuma cerca nem nenhum arbusto. Ordenou aos cocheiros que avançassem mais rápido e à escolta que abrisse passagem.

— Não tardaremos muito — disse angustiado.

E depois de pronunciar essas palavras, as primeiras que refletiam um sentimento humano em toda a viagem, voltou a encolher-se em seu canto com a mão sobre seu revirado estômago e com seus pálidos lábios muito apertados.

Por que haviam prendido Jack? Stephen não podia entender. Recordava as vozes que se haviam alçado em todo o mundo para condenar o encarceramento e o suposto assassinato do capitão Wright em 1805. E o pobre Wright era simplesmente um capitão de corveta, enquanto que Jack era um capitão de navio de bastante antiguidade. Jack não era um grande homem, não era um almirante, mas era bastante importante para que sua posição impedisse que o tratassem mal, ao menos que tivessem algum pretexto convincente para fazê-lo. Então Stephen pensou em si mesmo, em que não era um desconhecido no mundo científico, ainda que não tinha tanta fama como Davy na Europa. Se conseguisse que seus colegas soubessem que estava ali, teria certa proteção, ainda que, em seu caso, os franceses poderiam encontrar um pretexto com mais facilidade, supondo que soubessem quem era e que era. Pensou com satisfação que não podiam acusar-lhe de haver abandonado sua atitude neutro durante sua visita a Paris, mas sua satisfação não durou muito. O importante era encontrar um pretexto, e o perjúrio e a falsificação de documentos proporcionariam isso aos franceses facilmente. Ao duque d'Enghien lhe haviam matado tomando como desculpa documentos falsos, e era um homem muito, muito mais importante que ele. Um pretexto... Por absurdo que parecesse, os ditadores eram sensíveis à opinião do povo a que ultrajavam. Tinham que ter razão sempre, tinham que ter uma moral intacável, e essa era uma das razões pelas quais raras vezes deixavam com vida os homens que eram desfigurados ou mutilados durante um interrogatório, tanto se haviam dado informação como se não. Quanto os franceses sabiam realmente? Quem eram? Pensou em todos os sinais: o desgosto do almirante, a atitude de Duhamel com eles, a imagem da guerra que dava o *Moniteur*, o semblante das pessoas que vira, os fragmentos de conversações que ouvira sem querer... Já fazia tempo que a carruagem havia cruzado o rio e agora Stephen seguia com a vista seu curso entre as ruas de Paris,

iluminadas pelos postes de luz. A escolha da prisão lhe revelaria muitas coisas... Duhamel deu um ronco de lamúria.

Passaram a entrada da rua que os teria levado até a Faisanderie e Stephen assentiu com a cabeça, pensando que, ao menos por agora, não eram prisioneiros do general Dumesnil. Seguiram adiante e não cruzaram o rio para dirigir-se para a Conciergerie; continuaram avançando e passaram o Châtelet; e por último dobraram com rapidez à esquerda, o que provocou outra desesperada lamúria, e entraram no escuro pátio de uma fortaleza que não podia ser outra que o Temple, ainda que parecia assimétrica e deforme na escuridão. O Temple era uma prisão pouco comum, porém, ao menos, não era militar.

Entraram na velha e escura fortaleza de uma forma que Stephen nunca havia visto. Duhamel já tinha a porta aberta antes da carruagem parar e, seguido por Jack e Jagiello (que, ao descer a toda pressa, pisotearam Stephen e romperam o frasco maior), entrou correndo na imensa sala abobadada onde estavam sentados os guardas que recebiam os prisioneiros, entre andaimes e baldes. Com um irreprimível impulso, os três passaram junto ao alcaide, seu secretário e os carcereiros e, muito pálidos, seguiram correndo pelo corredor escuro; Duhamel levava bastante vantagem aos demais.

— Acho que ele tem uma urgente necessidade... — disse Stephen. — Por favor, diga-me, senhor, o que estão fazendo com o Temple?

— Por desgraça, vão demoli-lo, senhor — respondeu o alcaide e, olhando inquisitivamente para Stephen, acrescentou: — Acho que não tenho a honra de conhecer-lhe.

— Isso pode ser arrumar imediatamente — disse Stephen, fazendo uma inclinação de cabeça. — Meu nome é Maturin. Seu servidor, senhor.

— Ah, monsieur Maturin! — exclamou o alcaide, olhando sua lista. — Exatamente. Perdoe-me, eu lhe havia tomado por... Por favor, tenha a amabilidade de ir com estes senhores para cumprir com as necessárias formalidades.

Stephen estivera em várias prisões, mas todas se encontravam sob a terra, e, depois das necessárias formalidades (que incluíam

uma exaustiva revista), quando conduziam a ele e a seus companheiros para cima, achou estranho estar subindo os vãos de uma escada de desgastados degraus de pedra. Subiram e subiram e logo passaram por um longo corredor que davam em três quartos, dois com colchões de palha e um com uma cama, que se viam borradas pela luz de uma lanterna. E lhes deixaram ali na escuridão.

Depois de uma noite escura e comprida mas fresca, uma noite horrível para Jack, angustiante para Stephen e tranqüila para Jagiello, que, por ser mais jovem, já havia se recuperado dos recentes trastornos digestivos, o cinzento amanhecer lhes permitiu ver pela primeira vez como era seu alojamento. Estava formado por três quartos muito sujos que se comunicavam entre si, cada um com uma janela com barras que dava para uma muralha muito alta e anegrada situada do outro lado do fosso e com uma porta com olho mágico que dava para o corredor. Pelo fato de haver tantas portas e janelas em um espaço tão pequeno e a tão grande altura, provavelmente se formavam muito diferentes correntes de ar; contudo, não eram as únicas, já que no primeiro quarto havia outra porta fechada com trinco por fora na parede da esquerda e uma espécie de cela em saliente — provavelmente uma latrina ou sanitário que datava do tempo em que residiam ali os templários — por cuja base aberta entrava o vento uivando que soprava do norte ou do leste.

Parecia que há pouco tempo as habitações estavam ocupadas por um só prisioneiro, um homem distinto. Na primeira havia uma cama bastante boa, uma bacia e uma torneira conectada a uma cisterna; a segunda a havia usado como refeitório; a terceira havia sido seu estúdio ou sala de música, pois ainda em um canto havia alguns livros rotos e uma flauta desmontada, e no lugar situado junto à janela, onde, a julgar pelas manchas de gordura que ele deixara e, sem dúvida, várias gerações de prisioneiros também, passara a maior parte do tempo. Essa era a única janela pela qual se via boa parte do exterior, pois as outras eram simplesmente estreitos vãos feitos na grossa e fria parede, e se estirassem o pescoço e passassem a cabeça por entre as barras, podiam ver o fosso, a muralha que estava do outro lado dele e, na sua esquerda, uma fila

de sanitários salientes, cada um com abundante vegetação debaixo, cujo crescimento havia sido favorecido por seiscentos anos de fertilização.

Isso foi o que viram na primeira manhã, e depois de haver-se assomado, Stephen disse que aquela era a torre Courcy e que, provavelmente, aquele era o lado que dava para a rua Neuf Fiancées, o lado mais afastado da grande torre.

— Diga-me, por favor, a grande torre de que? — inquiriu Jagiello.

— Então, do Temple. O Temple, o lugar onde encarceraram o Rei e a maioria de sua família — respondeu Stephen.

— O Temple, o lugar onde mataram o pobre Wright — disse Jack em tom triste.

E com uma mistura de tristeza e raiva olhou para o carcereiro quando este entrou, acompanhado do ruído metálico de suas chaves, para perguntar-lhes se queriam sua ração ou preferiam encomendar o café da manhã fora. Na revista lhes haviam tirado objetos perigosos, como as navalhas, e haviam tirado de Stephen a assombrosa quantidade de dinheiro que escondia, mas os guardas não haviam encontrado o diminuto frasco que continha seu alívio imediato, nem podiam ter encontrado salvo se houvessem buscado entre seus órgãos vitais. Contudo, eles lhes deram um recibo pelo resto do dinheiro e haviam dito que poderiam utilizar essa soma para pagar a comida e as coisas que lhes fizessem sentir mais cômodos, desde que fossem permitidas, e comunicaram que estavam proibidos o vinho e qualquer outra publicação que não fosse o *Moniteur*. O carcereiro, um homem de meia idade, com semblante triste e uma enorme barriga pingente, disse que poderiam comer a ração que a prisão dava ou encomendar a comida fora, e que se o preferiam assim, ele, Rousseau, estava a seu serviço por uma modesta, muito modesta gratificação, e se deu umas palmadinhas na barriga. Era um homem muito desajeitado, mas sabia exatamente quanto dinheiro haviam tirado dos prisioneiros e que poderia obter muito ganho ali, e seu comportamento era o mais cortês possível. Além disso, em seu largo rosto não havia sinais de ódio, apesar de ser óbvio que estava abatido.

— Tomarei a ração — disse Jagiello, que não tinha dinheiro.

— Bobeira! — exclamou Stephen e se voltou para Rousseau e disse: — Encomendaremos a comida fora. Mas antes disso, tenho que pedir-lhe que diga ao cirurgião que este cavalheiro necessita de atenção médica urgentemente.

Rousseau voltou lentamente a cabeça para Jack, que tinha uma palidez cadavérica, e o contemplou alguns momentos.

— Não temos cirurgião, senhor. O último se foi faz três semanas. E pensar que em outro tempo tínhamos sete e inclusive nosso próprio boticário! Que lástima!

— Então apresente minhas saldações ao alcaide e diga-lhe que lhe agradecerá que me recebesse o assim que for possível.

O alcaide o recebeu mais cedo do que Stephen pensava. Rousseau regressou em poucos minutos e conduziu Stephen, custodiado por dois guardas, pelos numerosos vãos da escada. O carcereiro ainda estava abatido, mas se deteve em um canto e lhe assinalou um espaço que havia na parede, um espaço muito grande que parecia uma prateleira invertida.

— Aí era onde apoiávamos os ataúdes para fazer este difícil giro — disse. — Tenha cuidado com o degrau, senhor. E pensar que em outro tempo tínhamos um carpinteiro que fazia os ataúdes, e, pela vontade de Deus, estava sempre atarefado!

O alcaide o tratou com frieza e seriedade, mas não foi descortês nem se mostrou autoritário, e depois de um tempo, para Stephen parecia que ele tinha espírito conciliador e uma grande ansiedade, uma ansiedade que havia notado em outras pessoas na França, talvez porque, apesar de que não se davam conta disso, já não estavam seguros de encontrar-se no lado vencedor. O alcaide disse que lamentava que não tivessem um cirurgião oficial e autorizou que se chamasse algum de fora.

— Porém, posto que o senhor é médico, cavalheiro — disse, — se tem a bondade de prescrever algum medicamento, mandarei buscá-lo imediatamente.

Isso não permitiria a Stephen alcançar seu objetivo.

— O senhor é muito amável, senhor — disse, — porém, neste caso, preferiria ouvir outra opinião. Dadas as circunstâncias, não

quero assumir eu sozinho a responsabilidade do que suceda. O capitão Aubrey é um homem muito influente na Inglaterra e seu pai é um membro do Parlamento inglês, por isso, não queria ser o único responsável em caso de que lhe ocorresse uma desgraça. Havia pensado em chamar o doutor Larrey...

— O cirurgião do imperador? — inquiriu o alcaide com os olhos descomedidamente abertos. — O senhor fala em sério?

— Estudamos juntos, senhor, e, além disso, esteve presente na conferência que dei no Instituto no início do ano — disse Stephen com a simplicidade de quem diz a verdade e observou que havia atingido o alvo. — Porém, como li no *Moniteur* que vai passar o resto da semana em Metz, pelo momento podemos solicitar os serviços de um médico local.

— No final da rua vive um tal doutor Fabre — disse o alcaide. — Mandarei chamá-lo.

O doutor Fabre era muito jovem e acabava de instalar-se. Era tímido e estava desejoso de agradar. Acudiu imediatamente, e por alguma razão, talvez por tencionar dar prestígio à prisão, o alcaide decidiu surpreender ao jovem falando-lhe das excelências de Stephen. Enquanto subiam, Fabre disse que não havia assistido à conferência do doutor Maturin no Instituto, mas que havia lido um artigo sobre ela, e confessou que estava assombrado da quantidade de distintos médicos e cientistas que haviam assistido, entre eles, seus antigos professores, os doutores Larrey, Dupuytren... E ao chegar à porta murmurou que Stephen tinha a honra de conhecer a monsieur Gay-Lussac.

Examinou ao paciente e esteve de acordo com o diagnóstico do doutor Maturin e com os remédios que havia proposto. Se foi imediatamente, preparou os remédios ele mesmo e regressou pouco depois com vários frascos, pílulas e cápsulas. Esteve falando com Stephen um tempo antes de ir embora, sobretudo dos representantes do mundo da medicina e das ciências naturais em Paris. Stephen alardeou de uma forma repugnante dos estudos que havia publicado e nomeou os grandes homens que conhecia e, no de despedir-se, disse:

— Se ver a algum de meus amigos, querido colega, faça-me o favor de dar-lhes lembranças de minha parte.

— Se os darei, se os darei — disse o jovem. — Vejo a Dupuytren todos as terças-feiras no Hotel Dieu e, às vezes, de longe, também ao doutor Larrey.

— Por acaso o senhor conhece o doutor Baudelocque, o *accoucheur*?

— Sim, conheço. O irmão de minha esposa está casado com a sobrinha de sua irmã, assim que quase somos parentes.

— Ah! Da última vez que estive em Paris o consultei sobre o caso de uma paciente, uma dama norte-americana, e a deixei em suas mãos. Pode ser que a posição do feto não seja a adequada, devido a que ela fez um longa viagem pelo mar. Recordo que ele estava um pouco preocupado. Se por acaso se encontrar com ele, tenha a bondade de perguntar-lhe como está a dama. Era um caso interessante... E quando vier na sexta-feira para ver seu paciente afetado de disenteria, traga-me meia dúzia das melhores ampolas que Michel vende.

— Alegro-me de ter feito isto — disse Stephen enquanto ouvia seus passos afastando-se pelo corredor. — Foi desagradável, e estranho que esse jovem honesto não tenha sentido repugnância. Porém, pelo menos, agora há muito menos probabilidade de que se desfaçam de nós silenciosamente. Não há havido nunca um grupo tão inter-relacionado, tão comunicativo, tão parecido com um clã como o que é formado pelos médicos de Paris, e quando se informarem de que estamos aqui... Agora tome esta cápsula, meu amigo, e amanhã se sentirá melhor. Acho que inclusive poderá tomar um pouco de café, do café que temos que encomendar agora.

Rousseau regressou depois de acompanhar ao doutor Fabre, e Stephen lhe disse:

— Encomendaremos a comida fora, mas onde? Este cavalheiro — assinalou para o capitão Aubrey — deve comer um ovo fresco, água de arroz recém fervida e papa recém feita. Já eu gosto de tomar o café quente.

— Não há problema — disse o carcereiro. — Há um pequeno estabelecimento a menos de cem jardas daqui onde se fazem

refeições todas as horas e se vendem muitos tipos de vinhos. A dona é madame *veuve* Lehideux.

— Então, encomendaremos o café da manhã à viúva. Para os cavalheiros, leite fresco e pão, e para mim, café e *croissants*. Que o café seja muito forte, por favor.

Mas Rosseau, em vez de prestar-lhe atenção, expressou a única idéia que tinha agora na cabeça.

— Alguns clientes gostam de encomendar a comida a Voisin, a Ruhl e a lugares como esses, porque alguns clientes gostam de esbanjar dinheiro. Eu não gosto de impor meu critério aos clientes; ninguém pode dizer que Rosseau impôs seu critério aos clientes. Além disso, os gostos são diferentes. O último cavalheiro que esteve aqui, e era um cavalheiro de uma posição social muito alta, também encomendava a refeição ao Ruhl, apesar do que eu disse, e o que se passou? Morreu de pneumonia nesta mesma cama — dava palmadas na colcha. — Morreu na mesma tarde que os senhores chegaram. Aposto que o senhor ainda a nota quente, senhor. E agora que me recordo, havia prometido que traria uma prancha para a latrina, e perdoem a palavra. A que havia caiu porque ele era desajeitado, e ficou pior por causa do reumatismo e no final estava quase dobrado pela metade. Que descanse em paz.

— Então encomendaremos a refeição a madame Lehideux — disse Stephen.

Rousseau continuou falando o mesmo.

— Não digo que a comida que prepara é como a do Imperador, não vou lhes enganar, cavalheiros, mas sua cozinha é a autêntica *cozinha caseira*. Que *ensopado de coelho*! — exclamou e beijou o dedo polegar. — Que excelente *galinha cozida*! E o melhor de tudo é que se comerão os ensopados quentes. Sempre digo: a refeição tem que ser comida quente. É um estabelecimento muito pequeno, mas está muito perto, a um passo, na rua Neuf Fiancées, assim que a comida chega aqui quente, já sabem.

— Então encomendaremos o desjejum a madame Lehideux — disse Stephen. — Leite, pão, café e *croissants*. E, por favor, insista em que o café esteja muito forte.

Chegou o café, e era forte, forte e aromático, e estava quente. Os *croissants* estavam untuosos, mas não demais. Foi um café da manhã extraordinário, e lhes pareceu ainda melhor porque o haviam tomado tarde. Em verdade, era o melhor de todos os cafés da manhã que Stephen tomara nas prisões. Agora se sentia mais forte, capaz de fazer frente a qualquer imprevisto: a delação feita por um espião capturado ou por um espião duplo, um duro interrogatório...

Estava preparado, fazia tempo que estava preparado, para muitas contingências, mas não para o abandono. Ficou assombrado, foi pego de surpresa, fez com que se sentisse como um imbecil e, ao mesmo tempo, produziu-lhe muito mais medo. Os dias passavam e não viam a ninguém mais que a Rousseau, que lhes trazia a comida ou lhes olhava fraudulentamente pelo olho mágico, e uma vez por semana ao barbeiro, um surdo-mudo. E depois de transcorrido um curto tempo, sua vida se tornou tão monótona que parecia que estava há meses ali. O único que interrompeu aquela monotonia foi a visita do doutor Fabre na sexta-feira pela manhã. Examinou ao capitão Aubrey, comprovou sua melhora e escutou atentamente tudo o referente ao efeito das poções, das pílulas e das cápsulas; contudo, estava preocupado, um pouco distraído e constrangido pela tristeza, porque havia recebido a ordem de reunir-se com o Regimento 107, um regimento frontereiro que se encontrava numa desolada estepe do norte da Europa, numa cidade cujo nome nem sequer sabia pronunciar. Disse que, se pelo menos pudesse obter a dispensa, o que era improvável, sua recém começada carreira profissional ficaria truncada, e que fora visitar todos os homens influentes que conhecia, mesmo que remotamente, com a esperança de encontrar palavras de alento. Acrescentou que havia visto o doutor Larrey e que agradecia ao doutor Maturin por poder usar seu nome como introdução de sua própria petição, e assegurou que seu nome lhe fora realmente útil ao fazer essas visitas e que todos lhe recordavam: o doutor Dupuytren, o doutor Baudelocque... Além disso, disse que todos estavam muito preocupados pelo encarceramento do doutor Maturin e convencidos de que se tratava de um erro administrativo que já seria emendado, e acrescentou que iam apresentar suas queixas ante as autoridades competentes e que

se ofereceram para ajudar-lhe se tivesse dificuldades, quais quer que fossem estas. O doutor Fabre também comunicou ao doutor Maturin a informação que o doutor Baudelocque lhe deu sobre a paciente norte-americana: suas suspeitas se haviam confirmado e não estava seguro de que o feto fosse capaz de viver. Conforme o doutor Baudelocque, uma das causas podia ser um forte e prolongado enjôo, porém, à margem disto, não estava seguro de que a gravidez da dama pudesse chegar ao seu término.

— É melhor assim — disse Stephen. — Na verdade, há muitas crianças.

— Sim, claro, senhor... — disse Fabre, que já tinha cinco e ia ter outro dentro de poucas semanas.

— Sem dúvida, nenhum homem que pense dará deliberadamente vida a outro ser neste mundo superpovoado e sempre em guerra.

— Talvez nem todas as crianças sejam geradas deliberadamente, senhor — sugeriu Fabre.

— Não — disse Stephen. — E se os homens pensassem no que fazem, se olhassem ao seu redor e refletissem sobre o valor da vida em um mundo onde abundam as prisões, os bordéis, os manicômios, e os grupos de homens armados e adestrados para matar outros homens, duvido que víssemos muitas dessas larvas choronas que não são outra coisa além de vítimas e que causam amiúde a miséria de seus pais e põem em perigo o futuro de sua espécie.

Os olhos do jovem se encheram de lágrimas, mas imediatamente se serenou. Então meteu a mão no bolso e disse:

— Aqui tem as ampolas que me pediu.

— Obrigado, querido colega — disse Stephen, pegando com cuidado a caixa de madeira que continha as ampolas, que eram para seu uso particular e um meio seguro para escapar em caso de necessidade. — Muito obrigado.

— De nada — disse Fabre.

Depois se despediu e disse que duvidava que voltasse a ter a satisfação de ver o doutor Maturin e a seus companheiros.

Não voltaram a ver-lhe. As semanas passaram, e eram tão tranqüilas e monótonas que quase chegaram a parecer inúteis aquelas ampolas.

Os longos e monótonos dias eram marcados pelos gritos dos homens que trabalhavam na demolição do antigo edifício, que não podiam ser vistos dali, e o distante ruído das pedras e tijolos que caíam e as apitadas dos capatazes. Nas noites, que eram muito tranqüilas, os únicos sons que se ouviam eram o burburinho da cidade, semelhante ao do mar distante, e as badaladas da igreja de Saint-Théodule dando a hora. Não se ouviam pisadas acima de suas cabeças nem se ouvia nenhum ruído dos lados. Às vezes tinham a impressão de que estavam sozinhos na imensa torre e às vezes, por estar isolados, viver em um espaço tão reduzido e estar em estreito contato uns com os outros, parecia-lhes estar na mar. Mas a qualidade da comida não era como a da comida dos barcos, nem um pouco.

Desde a primeira xícara de café, a viúva Lehideux lhes proporcionou uma grande satisfação. Logo suas refeições chegaram a formar parte da rotina diária e se converteram em sua principal diversão. Ela estava desejosa de fazer as coisas o melhor possível e mandava notas muito bem escritas, ainda que com erros de ortografia, sugerindo pratos de acordo com o que oferecia o mercado. Stephen respondia suas notas fazendo comentários sobre a última refeição e recomendações para a próxima e inclusive dando receitas.

— Esta mulher tem uma maneira especial de cozinhar, ainda que não lhe confiaria a caça — disse Stephen, enquanto brincava com a *musse* de chocolate. — Porém, em comparação com a generalidade das cozinhas, é extraordinária. Deve de ser uma mulher sagaz e, sem dúvida, tem uma grande experiência em oferecer um serviço excelente, como o que havia antes da Revolução. Talvez fosse uma cortesã. Uma amável cortesã pode converter-se na melhor das cozinheiras.

Ainda que estivessem encarcerados e muito chateados, sua vida diária podia haver sido mais desagradável. Logo começaram a se ajustarem a uma ordem, e ainda que Jack não chegou a

organizar turnos de guarda, convenceu seus companheiros de que conseguiriam que aquele lugar tivesse a característica limpeza naval tão só utilizando os meios mais simples e varrendo três vezes ao dia. Mas seus alunos eram lerdos, preguiçosos, faziam as coisas de má vontade e às vezes se enfadavam. O que mais lhes molestava era pendurar as mantas e os colchões de palha de palha na janela do quarto de Jagiello e empilhar os escassos móveis formando uma pirâmide para lavar o solo antes do desjejum; contudo, a força moral de Jack, seu convencimento de que aquela era a única forma correta de limpar, venceu-lhes, e, pelo menos, os quartos deixaram de cheirar mal.

A mudança foi tão notável que o rato doméstico do prisioneiro anterior não gostou e se ausentou por três dias. Vivia atrás da porta fechada com trinco que havia no quarto de Jack e havia saído de sua toca quando haviam tomado o primeiro café da manhã. Havia vacilado ao ver que seu amigo já não estava e que havia estranhos sentados na conhecida mesa, mas havia aceitado um pedaço de *croissant* e um pouco de café que lhe haviam dado com uma colher. Se sentava junto deles enquanto discutiam sobre o modo de eliminar a sujeira que havia ao redor, e tudo foi bem até que chegou a desafortunada e desenfreada limpeza do chão. Mas o rato regressou, e Stephen observou com assombro que era uma rata e que estava prenha. Então encomendou nata, porque a nata era boa para a gestação.

Não havia sido necessário que visse a rata nem que observasse seu estado para recordar-se de Diana, pois pensava nela a maior parte do tempo, mas isso trouxe à sua mente muitos pensamentos e recordou com que graça e que agilidade Diana cavalgava pela campina inglesa em outro tempo e viu claramente sua imagem na Índia, no Instituto e nas ruas de Paris. Pensou que Diana teria muita nata que comer e se perguntou se também teria um amante ou se teria vários, o que lhe parecia provável, pois, desde que a conhecia, houver muito poucos períodos nos quais não tivera nenhum; contudo, notou com estranheza que era resistente a seguir pensando nisso. Preferia vê-la como a solitária caçadora que conhecera tempos atrás.

A ordem e a limpeza eram as primeiras coisas nas quais Jack pensava em cada dia, mas não eram as únicas nas quais pensava. Quando ainda não havia chegado o desjejum nem o solo havia secado completamente, já estava buscando ao seu redor um meio de escapar, ainda que Stephen insistia em que voltasse para a cama que seus companheiros lhe haviam dado porque estava enfermo.

Não havia muitas expectativas, pois a descida até o fosso tinha que fazer-se em vertical, e a muralha que estava em frente parecia impossível de franquear e, conforme Stephen, que havia visitado o Temple em sua juventude, havia dois passadiços que interceptavam o fosso de ambos os lados da torre onde eles se encontravam. Jack descobriu que outros haviam tentado antes que ele. Uma mão paciente havia escavado a base dos barrotes da janela na habitação ocupada por Jagiello e havia feito profundos mas inúteis buracos; outra havia serrado um dos vinte e quatro barrotes de ferro e dissimulado o corte com gordura; e havia muitos outros sinais da ânsia de liberdade de seus predecessores, que qualquer pessoa que procurasse com mais interesse que os carcereiros poderia ver. Porém, em seu opinião, a maioria deles haviam tentado de um modo inapropriado. Ainda que alguém tivesse as ferramentas, não poderia cortar os barrotes sem ser descoberto, porque estes podiam ser vistos através do olho mágico e, além disso, porque ninguém podia saber quando viria uma patrulha, já que Rousseau e seus companheiros sempre tinham postas sapatilhas de riscas e não eram ouvidos até que metiam a chave na fechadura. O sanitário era mais conveniente. Seu piso, que sobressaía bastante da parede, era formado por dois blocos de pedra separados pelo espaço necessário, com os extremos apoiados em dois suportes, e se conseguissem tirá-los, o caminho ficaria livre. Ainda que, afinal de contas, era um caminho para abaixo. Por desgracia, era feito conforme a típica forma de construção medieval, com esbanjamento de meios e sem ter em conta o peso, e os blocos estavam unidos à base por uma capa de enxofre fundido; apesar disso, existia uma remota possibilidade de movê-los, e a colgadura que cobria a entrada do sanitário impediria ver quem estivesse trabalhando dentro e lhe permitiria permanecer ali todo o tempo do mundo. Apesar disso, iam ter muitas

dificuldades, e, além disso, o sanitário estava asqueroso. Antes de pôr em prática esta idéia, Jack pensou na possibilidade de usar a porta que havia na parede, a porta pela qual somente a rata entrava. Uma alavanca podia fazer maravilhas em uma porta, inclusive em uma porta tão grossa e tão reforçada com braçadeiras como aquela, mas antes de fazer maravilhas, era conveniente saber onde dava. Stephen achava que dava em uma escada de caracol próxima à grossa parede, porque os templários gostavam muito das escadas de caracol. Contudo, também poderia dar para outros quartos como os suas, portanto, só lhes permitiria mudar de uma jaula para outra.

Rousseau não lhes havia dado informação sobre a porta. Somente havia dito: "Está fechada... Não está aberta... É muito velha; hoje em dia já não fazem portas assim". Talvez o havia feito por prudência, ainda que era mais provável que houvesse agido assim por falta de inteligência que por cautela ou maldade; contudo, eles não o pressionaram. Era mais comunicativo quando falava de outros temas, sobretudo da decadência do Temple. Ele lhes disse que era a melhor prisão da França, dissesse o que dissesse a Conciergerie... E que clientes havia tido...! A família real completa em uma ocasião, por não mencionar os bispos e os arcebispos e os generais e os oficiais estrangeiros... Eram clientes seletos... Nunca se queixaram, ainda que alguns tenham ficado ali durante anos... Sempre de acordo com tudo... Muitos dos apartamentos, porque não se assemelhavam a celas, tinham latrinas e água corrente... E tudo isso estava em ruínas... Agora só tinha uma vintena de clientes, por essa razão podia pôr-se a conversar com tão amáveis cavalheiros... Nos bons tempos, quando havia cinco ou seis homens num quarto, ele e seus companheiros estavam trastornados e apenas tinham tempo de dar o bom dia, ainda que então ganhavam o dobro do soldo designado graças aos encargos de refeição e agora ganhavam uma autêntica miséria... A fortaleza estava em ruínas... Tudo estava de pernas para cima... O alcaide anterior havia faltado mais de um mês e logo renunciara... O novo alcaide estava a ponto de ficar louco e era provável que fosse substituído...

O que lhes contou sobre a demolição era confuso e, obviamente, falso, e provavelmente o disse influenciado por seu desejo de que deixassem em pé uma pequena parte; contudo, parecia que iam demolir tudo exceto a grande torre e talvez um torreão. Já haviam derrubado boa parte da fortaleza.

— Como é possível que alguém creia que uma pessoa pode manter em ordem uma prisão nestas circunstâncias, com trabalhadores indo de um lado para outro e desobedecendo as regras? — inquiriu. — Isto parece um prostíbulo.

Depois de pensar detalhadamente, Jack achava que a porta era menos útil que o sanitário, onde agora se viam as andorinhas volteando.

— Quando tirarmos esses blocos de pedra, farei uma corda com os lençóis e descerei para reconhecer o fosso — disse Jack.

Portanto, dedicou todos os seus esforços para mover os blocos, mas já não podia fazer esforços tão grandes como antes. Os caranguejos de rio, isto é, os efeitos dos caranguejos de rio ainda perduravam, apesar de sua rigorosa dieta e dos remédios que Stephen lhe havia fornecido. Faltavam-lhe as forças e, às vezes, também os ânimos. Stephen insistia em que se afastasse daquela atmosfera nociva.

— Meu amigo — disse Stephen, — eu lhe asseguro que se continuar inalando as mefíticas emanções da porcaria mal decomposta acumulada ao longo de seiscentos anos, escapará em um ataúde, não com uma corda feita com lençóis amarradas. Deixe que Jagiello e eu nos revezemos contigo para escavar. Cada um trabalhará durante um determinado período de tempo por dia.

— Muito bem — disse Jack com um tímido sorriso.

Era justo deixar-lhes escavar, mas sabia como terminaria tudo. Pensava que Stephen não tinha habilidade para os trabalhos manuais e achava quase o mesmo de Jagiello. Todos os homens de terra adentro eram uns inúteis.

Além disso, Stephen era um sonhador e se saía melhor fazendo hipóteses do que destruindo o Temple, e para completar, a única lima que tinham caiu por entre os blocos e foi parar no fosso. E Jagiello, por sua falta de constância, não avançava muito. Em muitas

ocasiões, depois de haver-lhe mandado tirar a porcaria ou a argamasa de uma determinada parte da pedra, descobriam no final de seu turno que havia gastado suas forças trabalhando em outras partes do sanitário, examinando novas fendas ou tirando velhas capas de excrementos de pássaros em lugares que não eram importantes, e uma vez inclusive escreveu *Amor vincit omnia* no teto. Passava quase todo seu turno cantando alegremente, e a possibilidade de escapar era tão remota que não lhe parecia que aquele trabalho fosse urgente. Faltava-lhe o fogo sagrado que Jack tinha em seu interior e que lhe havia permitido destruir em menos de cinco dias um dos sete longos tijolos que fixavam o extremo esquerdo do bloco interior da base, usando uma faca da pobre madame Lehideux, que se havia transformado em uma pua de aço. Quando terminava seu turno, pensando sempre que havia cumprido seu dever, voltava a sentar-se no lugar que ficava junto da janela e cantava, modulando sua doce voz de tenor, ou tocava a flauta que Jack havia ensamblado. Nunca lhe ocorreu perder horas de sono para escavar os grossos tijolos e pedras, e nem ele nem Stephen nunca ouviram Jack realizando durante a noite a tarefa que se havia imposto, nunca o viram escavando como um rato gigante que, na escuridão, com paciência e determinação, tratasse de sair de sua jaula.

Como Jack previra, seu turno era cada vez mais longo, e ainda que Stephen e Jagiello protestassem porque trabalhava muito, muito mais do que o devido, tiveram que confessar que, comparados com ele, eram ineficientes. E um dia em que lhes parecia que os trabalhadores — que eles ainda não podiam ver mas podiam ouvir claramente do outro lado da muralha que rodeava o fosso — tinham mais trabalho do que o habitual, quando Jack se encontrava no sanitário, Jagiello estava sentado na janela, de cujos barrotes penduravam as camisas recém lavadas, que ondeavam ao vento, e Stephen estava no quarto do meio, abstraído em suas meditações, a parte superior da muralha caiu com um ensurdecido estrondo. Quando a nuvem de poeira se dissipou, puderam ver os sótãos e os tetos das casas da rua Neuf Fiancées. Todas as janelas que se viam

tinham os postigos fechados, exceto uma, a mais próxima, desde a qual uma jovem olhava a comprida fileira de pedras caídas.

— Olá! — gritou Jagiello, agitando a flauta no ar e sorrindo porque ela era a primeira pessoa diferente que via em várias semanas.

Ela o olhou, sorriu, cumprimentou-lhe com a mão e se foi; contudo, puderam ver que voltou a olhar-lhe de dentro. Depois de um tempo, saiu de novo e escrutinou o céu, um céu limpo e luminoso, e botou a mão pela janela para comprovar se chovia. Jagiello também botou a mão e ela sorriu. Durante um tempo se contemplaram com satisfação e depois fizeram sinais e assinalaram a muralha derrubada e puseram a mão ao redor da orelha para indicar que havia feito muito ruído ao cair.

Stephen os olhava atentamente desde um lugar discreto, a certa distância da janela do meio.

— Fique aí! — gritou quando Jack saía de costas do sanitário. — Não se aproxime do quarto de Jagiello. Pode olhar desta janela. Olhe ali: uma figura feminina. Acho que estamos ante uma clássica história, a do preso e a donzela, um tema conhecido. Mas se aparecer, tudo se estragará.

— Que quer dizer com “tudo se estragará”?

— Meu amigo — disse Stephen, pondo a mão sobre o braço de Jack, — eu não sou um charmoso galã, e você, perdoe-me que lhe diga, também não é.

— Não, acho que não — disse Jack.

Então olhou pela janela, passando a mão pela barba de seis dias, amarela e espessa. A barba de Stephen era negra e rala. Jagiello era o único que não tinha barba; parecia que o barbeiro o havia barbeado naquela manhã. A dama voltara a aparecer e, sem dar-se conta de que a olhavam, regava as plantas dos vasos e assobiava muito baixo para uma pomba presa em uma jaula de vime.

— Que bonita criatura! — exclamou. — Meu Deus, que bonita criatura! — repetiu e, com voz forte, com o mesmo tom de voz que usava no castelo de popa, disse: — Senhor Jagiello, toque uma

melodia melancólica e cante: *Os muros de pedra não fazem uma prisão*. O senhor me ouviu?

Jagiello ainda cantava quando chegou a refeição. A jovem estava regando as plantas outra vez.

— Ocorreu o pior! — exclamou Rousseau. — Como eu temia: começaram a derrubar a muralha. Onde estaremos dentro de um mês? A melhor prisão da França terá sido derrubada. Seguro que lhes mandarão para a Conciergerie, cavalheiros. Que pena! Ali não há água corrente; não há latrinas, e perdoem a palavra, só urinóis, que são indignos. E não sei o que ocorrerá comigo. Rousseau será afastado e seus longos anos de serviço serão esquecidos.

Pôs a cesta sobre a mesa e, olhando pela janela, acrescentou:

— É uma imoralidade; isso é o que eu chamo uma imoralidade. E é ilógico... ilógico, essa é a palavra. Mas pelo menos agora podem ver a madame Lehideux. Está aí, regando as plantas.

— Espero que sejam aquáticas ou, pelo menos, que possam viver nos pântanos — disse Stephen enquanto olhava a nota que encontrou dentro de seu guardanapo. — Nenhuma outra poderia sobreviver com essa frequência de irrigação. — Então, leu em voz alta: — “Se os cavalheiros têm que lavar, remendar ou passar alguma roupa, B. Lehideux ficaria encantada de servir-lhes”.

— Nós mesmos podemos fazê-lo — disse Jagiello, — O capitão Aubrey teve a amabilidade de remendar meu colete ontem, e quase não se nota onde estava roto. Além disso, ensinou-me a pregar botões e a cerzir meias.

— Bobeiras! — exclamou Stephen. — Estes lençóis só foram lavados com água fria. Além disso, eu gosto das camisas passadas e com o odor de lavanda. E os calções de seu uniforme, os da cinta de cor cereja, são indignos de um homem como o senhor, senhor Jagiello, necessitam de ferro. Monsieur Rosseau, por favor, entregue estas camisas, estes calções e esta jaqueta para a madame Lehideux e transmita-lhe nossos cumprimentos. Diga-lhe que é um grande alívio poder desembaraçar-nos de tudo isto, sobretudo das camisas. As camisas pendurando dos barrotes e ondeando ao vento são um desagradável espetáculo, e, além disso, não quero fazer-me passar

por uma costureira nem por uma lavadeira. Diga-lhe que todos, especialmente este cavalheiro, agradecemos muito sua amabilidade.

As camisas não voltaram a ser penduradas nos barrotes da janela nem a ondear ao vento. Jagiello passava todo o dia na janela, cantando ou tocando a flauta. Eles o dispensaram da obrigação de varrer, lavar o piso e limpar a mesa e as cadeiras; dispensaram-no de todas as suas obrigações; exigiram que se mostrasse amável. Jack e Stephen não se aproximavam da janela, mas, pelo que notavam, acreditavam que as coisas iam bem. Além de mandar-se cartas diariamente, cada vez mais volumosas, os jovens se comunicavam mediante um alfabeto feito com as mãos ou mediante sinais ou cantando a mesma canção. Sua conversa requeria esforço e os mantinha ocupados durante a maioria das horas diurnas, e nenhum podia entender como a pobre jovem tinha tempo para cozinhar e arrumar-lhes tão bem a roupa.

Os dias tranquilos e ordenados seguiram passando. A rata teve uma prole de bom tamanho. Stephen leu no *Moniteur* um artigo que desmentia o rumor que os Aliados, considerados desesperados, haviam feito circular sobre o esfriamento das relações entre a França e a Saxônia. Dizia que, pelo contrário, a amizade entre Sua Majestade o Imperador e o rei saxão era mais estreita do que nunca e que não havia sinais de desafeição entre as corajosas tropas alemãs. Acrescentava que o Imperador, encurtando suas vias de comunicação criteriosamente, ficava cada vez mais forte. O pó dos tijolos e das rochas fluía constantemente do sanitário, e eles escondiam em seus leitos alguns pedaços de tijolo. Ao seu redor o Temple caía aos pedaços.

Rousseau estava cada vez mais triste e silencioso. Corria o rumor de que não iam deixar em pé nem sequer as torres, e numa segunda-feira viram os trabalhadores passarem para o interior da muralha e deixar montes de rochas e inclusive escadas perto da parte que estava meio derrubada, e isso lhes fez sentir-se frustrados.

— Senhor Jagiello, se o senhor não abrir mais velas, jogarão abaixo toda a fortaleza antes de que possamos escapar. Faríamos o

ridículo se nos transferíssem justamente quando estou terminando de descolar os blocos de pedra. Tenho que conseguir uma talhadeira, uma alavanca e uma corda. Trabalhando com as ferramentas apropriadas durante uma hora poderia adiantar mais do que raspando durante uma semana. Tenho que conseguir as ferramentas apropriadas. E tenho que consegui-las agora.

— Farei todo o possível, ainda que não acho que este seja o momento oportuno — disse Jagiello.

— Não importam as táticas, o que importa é atacar com decisão — disse Jack. — Este caso é urgente. Não há que perder nem um momento.

— Devo jogar tudo em uma cartada?

— Sim.

— O que tenho que pedir?

— Um talhadeira e cinco braças de corda de uma polegada de grossura.

Jagiello entrou devagar em seu quarto e se sentou junto à janela. Pouco depois eles o ouviram tocar.

Então Stephen recitou:

*A flauta lamurienta*

*revela com suas notas lânguidas*

*as penas dos amantes sem esperança.*

— Como pode dizer uma coisa assim? — inquiriu Jack. — Isso traz má sorte. Não sei por que disse *sem esperança*. Se a bonita criatura permite que desapareça seu faqueiro, por que vai negar-se a dar-nos uma talhadeira ou duas e algumas braças de corda? Não queria que dissesse coisas como essa, Stephen.

— Era uma citção — disse Stephen.

Citação ou não, depois de uma hora de silêncio, Jagiello regressou com o rosto pálido e uma expressão na qual se misturavam a tristeza e o desespero. Então negou com a cabeça e eles olharam para a muralha e viram que os postigos da janela estavam fechados.

— Não importa — disse Jack quando a janta chegou, uma janta que lhes pareceu insípida e menos abundante que de costume. — Não importa. Antes de que acabe a semana, poderei tirar o bloco mais próximo. Não dê muita importância, homem. Estou certo de que fez o que pôde.

— Não é isso senhor — disse Jagiello, afastando o prato e jogando a cabeça para trás, por cima do respaldo do assento, para ocultar uma lágrima. — É que eu gosto dela. E ela disse que não votaria a me ver.

Olharam ansiosos para a janela e observaram que já não penduravam dela os vasos nem a pomba. Pela mente de Jack passaram muitos pensamentos, entre eles a idéia de que talvez não voltaria a ver uma jaqueta que mandara lavar e teria que andar em mangas de camisa. Isso o deixou muito triste, porém, ao ver Jagiello tão triste, não disse nada. Tampouco disse nada sobre a possibilidade de que tivessem que dizer adeus a tão esplêndidas refeições. Stephen se perguntava o que Jagiello dissera para arruinar uma situação tão favorável, porém, pela mesma razão, foi dormir sem saber qual era a resposta à sua pergunta.

Não se via luz pelas brechas dos postigos; não se abriram os postigos ao amanhecer e tampouco quando o Sol já brilhava no alto do céu. Aquele parecia o fim, pois, como todos sabiam, aquele era seu quarto (ela não fora sempre discreta), e o fato de que se encontrar vazia indicava que se mudara, o que acabava com suas dúvidas, com suas esperanças, com tudo exceto com uma mal fingida alegria.

Contudo, assombrosamente, o café da manhã chegou, e com ele a reluzente jaqueta de Jack. A cesta continha a especialidade lituana preferida de Jagiello: enguia defumada com fatias de queijo. Dentro da jaqueta havia alinhavada uma corda de seda muito forte e em cada bolso havia uma talhadeira. Jagiello se levantou da mesa com o rosto radiante de alegria, e todos viram que a janela do sótão se abria e que apareciam a jovem, os vasos e a gaiola. Ela pôs os vasos na parte onde dava o sol e, com um expressivo olhar e um doce sorriso, pegou a pomba da gaiola, beijou-a e a lançou no ar.

## *CAPÍTULO 11*

---

Essa não era a hora que Rousseau costumava vir, mas podiam ouvir suas chaves se chocarem umas com as outras. Dois soldados com botas grossas o acompanhavam, cujas pisadas retumbavam no corredor abobadado. Stephen fez o sinal combinado para Jack e este saiu do sanitário e sacudiu a poeira dos tijolos das mãos.

— Doutor Maturin, por favor — disse Rousseau e então prestou atenção nos sons que vinham da última habitação. — Como canta bem o jovem cavalheiro! Parece um canário.

— Cuidado com o degrau, senhor — disse quando chegaram à abertura onde se apoiavam os ataúdes.

— Esperem aqui um momento — disse o secretário do alcaide no final da escada.

Enquanto Stephen esperava, custodiado por seus guardiães, ouviu vozes que discutiam no escritório do alcaide. Por desgraça, os soldados e o carcereiro começaram a falar do tempo (se era bom, se era muito bom, se era o prelúdio de uma tormenta, que certamente era o prelúdio de uma tormenta...) porém, apesar de tudo, pôde informar-se de que o alcaide estava preocupado por algumas irregularidades e que seus interlocutores, mediante a exposição de argumentos, da persuasão e da intimidação, tentavam fazer com que deixasse de opor obstáculos. Por fim chegaram a um acordo.

— Tem que regressar antes que as portas sejam fechadas e os senhores, os dois, têm que assinar para que fique registrado que o levaram — disse o alcaide com voz débil e em tom ansioso e depois gritou: — Passem!

Não havia dois homens com o alcaide, mas três, todos militares. Um era um robusto coronel com cara avermelhada e

expressão mal-humorada, provavelmente um valentão; outro era um indescritível capitão; e outro era um tenente moreno e de olhar inteligente com uniforme de artilheiro. Quando Stephen entrou, cumprimentou:

— Bom dia, cavalheiros.

O alcaide e o tenente responderam, o capitão moveu os lábios e o coronel se limitou a olhá-lo.

Um funcionário trouxe alguns papéis, depois o coronel e o capitão assinaram, e depois o tenente disse para Stephen: “Por aqui, por favor” e todos se dirigiram a uma carruagem que estava no pátio.

Os trabalhadores haviam feito muitos progressos desde a última vez que Stephen vira a entrada do Temple, e agora que já não estava ao lado da muralha que a protegia, não haveria reconhecido o Temple salvo por sua localização. Os passadiços que atravessavam o fosso já não tinham teto e a guarita da entrada se convertera em um monte de pedras, que eram retiradas dali por uma longa fila de carrinhos de mão. Depois de fazer alguns comentários que pareciam referir-se ao alcaide, como “Esse cara é um canalha”, “Todos os civis são iguais, o que necessitam é de um chute no traseiro, como os selvagens”, “Um pouco de fumaça dos canhões a cada três meses não lhes faria mal”, o coronel e o capitão falaram de seus assuntos privados e, conforme um arraigado costume militar, falaram de seus companheiros desrespeitosamente. Era evidente que os dois eram aparentados: uma tal Hortênsia era esposa do primeiro deles e irmã do segundo. Contudo, ainda que a conversa houvesse sido muito mais interessante, Stephen não teria prestado atenção, pois estava absorto em seus pensamentos e no percurso.

Cruzaram o rio pela Pont au Change, pelo que parecia que seu destino era a nefasta Conciergerie, enquanto as potentes vozes seguiam falando de Hortênsia. Pouco depois dobraram em direção a Saint-Germain des Prés. “Iremos à rua Saint-Dominique, o que é pior ainda”, pensou Stephen. Na altura da abadia, o coronel deteve o carro e ordenou ao seu subalterno que recolhesse um pacote em uma das pequenas lojas que estavam detrás, e quando o homem

regressava, Stephen viu Diana. Ia em uma carruagem descoberta, falando animadamente com uma dama que ele não conhecia e que levava um vestido empetecado, e se inclinava para frente daquela forma graciosa que ele teria reconhecido a qualquer distância. Agora estavam separados por uma distância de apenas seis pés, e ele cobriu seu rosto com a mão e seguiu olhando-a por entre os dedos. A expressão de Diana era grave, porém, surpreendentemente, tinha muito boa aparência e as costas retas e estava magra. Stephen não reconheceu o escudo que estava na portinhola do carro nem as chamativas librés dos criados que iam detrás. O carro passou o dos militares, mas o cocheiro deste iniciou a marcha nesse momento, colocando-se atrás dele, e Stephen o seguiu vendo durante dez minutos. De vez em quando olhava para a acompanhante de Diana, que estava sentada de costas para os cavalos, uma mulher de meia idade vestida da última moda, com bom aspecto mas com muitos adornos, que representava o típico estilo da corte napoleônica, um estilo muito diferente ao de Diana. A carruagem dobrou um pouco antes de chegar ao hotel *de Mothe* e entrou em uma enorme casa recém pintada que havia pertencido à princesa de Lamballe.

Foi então que notou que sentia uma profunda emoção, que seus joelhos tremiam e que sua respiração se interrompia quase no mesmo ritmo das batidas de seu coração. Se lhe falassem nesse momento, teria sido quase impossível responder com voz normal. Imediatamente logrou dominar-se e fazer desaparecer esses sinais externos, mas ainda não dominava sua mente quando o carro entrou numa galeria flanqueada por arcadas. Não sabia muito bem por onde dobrara, mas pensava que provavelmente aquele edifício e seus pátios davam para a rua Saint-Dominique.

Felizmente, fizeram com que esperasse por duas horas em uma sala vazia (um método tradicional de aumentar a ansiedade e a aflição), e quando voltou a dominar sua mente, a emoção desapareceu. Era óbvio que aquele lugar era um recinto militar, pois, além de haver soldados movendo-se de um lado para o outro do pátio, tinha a mesma sujeira que ele vira em todos os quartéis onde estivera. Ainda que era indubitável que os recrutas haviam branqueado os arredondados pedaços de escória que beiravam as

veredas e o poste de madeira que estava junto ao muro cheio de buracos, nenhuma escova e nenhum trapo haviam passado pelas asquerosas paredes interiores, que tinham uma cor parecida ao chocolate. Além disso, Stephen pensou que nenhuma armada, nem sequer a francesa, haveria tolerado que os cristais estivessem sujos e que a sala tivesse um aspecto descuidado e um odor tão desagradável. Uma vez ouviu gritos, mas não sabia se eram uma reação real ou fingida. Não era estranho que esse tipo de coisas fosse o prelúdio de um interrogatório.

Depois notou o mesmo descuido e a mesma contradição na sala aonde o levaram. Alguns oficiais tinham um aspecto magnífico, mas estavam sentados em mesas desconjuntadas e sem pintar e tinham na frente pastas sujas e com as pontas dobradas. As mesas formavam os três lados de um quadrado, e ordenaram a Stephen que se sentasse num banco que formava o quarto lado. Aquela distribuição era muito parecida à adotada quando um conselho de guerra administrava justiça, e na que teria sido o lugar do presidente do conselho, estava o coronel que gostava tanto de dar chutes na bunda dos civis, que parecia descontente e chateado. Stephen estava convencido que era uma nulidade e que o utilizavam porque tinha um alto posto e, se os chefes dos Serviços Secretos do Exército eram tão astutos como seus colegas do Governo, porque poderia incitar a qualquer homem subordinado a um interrogatório a subestimar seus inimigos e, portanto, a traiçoar a si mesmo. O homem que realmente tinha o comando era um capitão vestido com um uniforme cotidiano, um homem que só chamava a atenção por seus olhos afundados e seu olhar inexpressivo.

— Doutor Maturin — disse o capitão, — sabemos quem o senhor é e o que é. Mas antes de que falemos de seus colegas na França, temos que fazer-lhe algumas perguntas.

— Estou preparado para responder todas as perguntas desde que estejam dentro dos limites, dos estreitos limites, das que podem ser feitas a um oficial prisioneiro de guerra — disse Stephen.

— O senhor não era um prisioneiro de guerra nem tinha o posto de oficial da última vez que veio a Paris, mas, vamos deixar isso de lado pelo momento. Agora deve nos contar todos os

movimentos que fez ultimamente. Começamos pela época em que era cirurgião da *Java*, que foi capturada pela fragata norte-americana *Constitution*.

— O senhor está equivocado, senhor. Se consultar o Boletim Oficial da Armada, verá que o cirurgião da *Java* era um cavalheiro chamado Fox.

— Então, como o senhor explica que a descrição do cirurgião coincida exatamente com a sua? — inquiriu o capitão, pegando um papel de sua pasta e depois leu: — Mede cinco pés e seis polegadas, tem compleição débil, cabelo preto, olhos claros, pele azeitonada e mãos um pouco torcidas e lhe faltam três unhas na mão direita; fala perfeitamente o francês, com sotaque do sul.

Stephen imediatamente se deu conta de que a descrição fora enviada por um agente francês que se encontrava no porto brasileiro aonde a *Constitution* os levava e que vira seus documentos em cóigo. Evidentemente, ele o havia tomado pelo cirurgião da *Java*, mas essa confusão era compreensível, já que ele e Fox dormiam juntos e seus baús se misturaram quando os capturaram. O importante era que o documento que o capitão tinha não procedia de Boston, onde Stephen era muito conhecido. Era possível que, apesar do tempo que havia passado, em Paris não soubessem o que havia feito nos Estados Unidos, porque entre ambos a comunicação era irregular, graças ao esforço da Armada, e porque ele mesmo havia destruído as principais fontes de informação dos franceses ao matar Dubreuil e Pontet-Canet. Se a informação de sua rede de espionagem era tão confusa e tão atrasada como essa, tinha a esperança de poder enganá-los. Com a vista fixa no piso para evitar que notassem o brilho triunfal que pudesse aparecer em seus olhos, disse que não podia ser considerado responsável pela descrição que outro homem havia feito e que se negava a fazer comentários.

Enquanto passavam a descrição de um para o outro, um subalterno trouxe um pequeno folheto forrado de papel marrom do mesmo tamanho do Boletim Oficial da Armada. O capitão, depois de consultá-lo e sem mudar de expressão, disse:

— O senhor é um poliglota, doutor Maturin. Também fala o espanhol?

— Catalão — murmurou o homem que estava sentado ao seu lado.

— Fala as línguas da Espanha? — continuou o capitão, franzindo o cenho.

— Desculpe-me, capitão, mas me parece que esta pergunta não está dentro dos limites que mencionei.

— O fato de que se negar a responder é significativo. Acho que equivale a uma negação.

— Não nego nem afirmo.

— Então acredito que podemos considerar que fala o catalão com fluência.

— Pelo mesmo pensamento, o senhor poderia concluir que domino o basco ou o sânscrito.

— Passemos ao Báltico. O que pode nos dizer sobre a morte do general Mercier em Grimsholm?

Stephen respondeu que não tinha nada para dizer sobre a morte do general Mercier em Grimsholm. Admitiu que estivera no Báltico a bordo da *Ariel*, porém, quando lhe perguntaram o que fizera ali, respondeu:

— Na verdade, senhor, ninguém pode esperar que um oficial descubra os movimentos que realiza em tempo de guerra a Armada à qual tem a honra de pertencer.

— Talvez não — disse o homem que estava na esquerda, — mas esperamos que nos conte por que o senhor estava ali. Seu nome não figura no rol da *Ariel*, e seu cirurgião era um tal senhor Graham.

— O senhor se equivoca. Meu nome está na lista suplementária, depois dos nomes dos infantes de marinha. Ia como passageiro, com direito a comida mas não a pagamento nem a tabaco.

— Como um maldito espião — murmurou o coronel.

Quando lhe perguntaram por que escolhera fazer uma viagem para o Báltico em vez de ir a outro lugar, respondeu que escolhera porque queria conhecer as aves do norte.

— E pode dizer-nos que aves viu? — inquiriu o capitão.

— As mais importantes foram: *Pernis apivorum*, *Haliaetus albicilla*, *Somateria spectabilis* e *Somateria mollissima*, à qual devemos ser agradecidos porque nos proporciona a plumagem.

— Ninguém zomba de mim! — gritou o coronel. — Aves... plumagem...! Deus santo! Este homem necessita de uma lição de respeito. Mandem chamar o capitão chefe.

— É verdade que ali se encontram essas aves, senhor — disse um tenente ruivo. — Acho que não pretendia faltar ao respeito.

— Um chute no traseiro... — murmurou o coronel aborrecido, movendo-se no assento.

— O senhor espera que acreditemos que viajou mil milhas para ver aves? — inquiriu outro oficial.

— Acreditem no que quiserem, cavalheiros — disse Stephen. — Essa é a forma de proceder característica do homem. Eu me limito a dizer a causa de um fato. Muitos sabem que sou um naturalista.

— Exatamente — disse o capitão. — E isso nos traz a Paris. Acho que agora entramos em um terreno mais seguro e esperamos que nos dê respostas satisfatórias, porque, neste caso, não está protegido pelas regras da guerra. Recomendo que não nos obrigue a forçá-lo. Sabemos muitas coisas e não toleraremos nenhum erro.

— Estava protegido por um salvo-conduto concedido por seu governo.

— Nenhum salvo-conduto protege a espionagem nem a conivência com outros para cometer traição. No hotel Beauvillier o senhor recebeu a visita de Delarue, Fauvet e Hersant, que lhe pediram que levasse mensagens para a Inglaterra.

— Isso mesmo — disse Stephen. — E poderia nomear muitas outras pessoas que fizeram o mesmo. Mas o senhor deve saber que me neguei a aceder às suas petições e que em nenhum momento abandonei a atitude de neutro que, como naturalista, devia adotar.

— Temo que isso não é exato — disse o capitão. — Tenho testemunhas que podem contradizer-lhe, mas antes de trazer-lhes, quero saber os nomes de seus colegas aqui. Vamos, doutor Maturin, o senhor é um homem razoável e deve saber a importância que tem para o Imperador conhecer suas fontes de informação e o que

passou em Grimsholm. Não nos obrigue a levar as coisas ao extremo.

— O senhor me pergunta por algo que não existe. Insisto em que durante minha permanência em Paris nunca deixei de ter uma atitude neutra, como corresponde a um naturalista.

Não era provável que uma simples afirmação tivesse um grande efeito imediato, sobretudo naquela atmosfera de receio; contudo, sua afirmação, repetida sem variação e com certeza, se não os convenceu totalmente, terminou com sua incredulidade. Alguns oficiais fizeram objeções e citaram os nomes (alguns verdadeiros e outros falsos) de quem desejava se comunicar com a Inglaterra, e em suas perguntas e nas respostas de Stephen se repetia uma e outra vez a palavra “naturalista”, como se fosse o refrão de uma chata canção.

— Que vão à merda os naturalistas! — gritou o coronel por fim.  
— Naturalista! Vamos, anda...! Quem há visto que ofereça meia Golconda para soltar a um naturalista, que é o que ele afirma ser? Cem mil luises...! Que merda! É claro que é um espião!

Houve uma pausa muito breve mas tensa na qua o coronel retificou o que havia dito trocando os luises por napoleões. Depois o capitão dirigiu um olhar feroz para Stephen e ordenou:

— Tragam o monsieur Fauvet.

Fauvet entrou. Se notava que estava envergonhado, apesar de sua fingida expressão confiante e arrogante. Estava acompanhado de um homem gordo com um traje apertado, um homem chamado Delaris, a quem Stephen havia visto em alguma ocasião, um homem que ocupava um dos principais postos na organização de Laurie, a qual dependia do Ministério do Interior e da Conciergerie. Nunca vira o doutor Maturin e agora o olhava com uma enorme curiosidade.

— Senhor Fauvet, por favor, repita sua declaração — disse o capitão.

Fauvet a repetiu. Afirmou que, em várias ocasiões, o doutor Maturin se havia oferecido para levar mensagens para a Inglaterra e que falara do Imperador desrespeitosamente e profetizara que seria derrotado logo. Disse que lhe aconselhara e a muitos outros a fazer as pazes com o Rei o quanto antes e que lhe pedira uma grande

soma de dinheiro para levar as mensagens, e acrescentou que estava disposto a jurar tudo isso. Mas falava mecanicamente e em tom vacilante, pelo que era uma péssima testemunha.

— O que o senhor tem a dizer? — inquiriu o capitão.

— Absolutamente nada salvo que nunca vi uma representação tão deplorável — respondeu Stephen. — Surpreende-me que inclusive um civil possa cair tão baixo.

Delaris sussurrou algo ao ouvido do capitão.

— Não, não, não é possível — disse o capitão. — Terá que entrar em acordo com o Temple, se puder. Agora pertence a...

Stephen não pôde ouvir o nome de seu dono, mas notou que impressionou Delaris, que deu um assobio muito baixo. Seguiram conversando durante um tempo, em voz mais baixa ainda, ainda que se podia apreciar claramente a insistência de Delaris e a enérgica oposição do capitão.

— Isto é tudo por enquanto — disse o capitão em voz alta. — Doutor Maturin, pense no que lhe hei disse. Antes lhe contradisseram em um ponto importante e, no próximo interrogatório, outras testemunhas poderão contradizer-lhe também. Não tenha falsas ilusões, pois sabemos muito mais do que imagina. Quando voltarem a trazer-lhe, venha preparado para falar com muita mais sinceridade ou deverá ater-se às consequências, que, é meu dever dizê-lo, serão terríveis para o senhor e seus companheiros.

O tenente ruivo que havia afirmado que o pato de flojel existia em realidade levou Stephen de novo à lúgubre sala onde havia esperado. Ficou ali olhando o amplo pátio através da suja janela e, passado um tempo, disse:

— Assisti sua conferência, senhor, e quero que saiba que desfrutei muito escutando-lhe naquela tarde. Quer um charuto?

— O senhor é muito amável, senhor — disse Stephen, pegando-o e aspirando a fumaça com avidez.

— Me penaliza muito ver um homem de sua categoria numa situação como esta — disse o tenente. — Peço que, pelo seu próprio bem e pelo bem de seus companheiros, não persista em sua negativa.

Um grupo de soldados entrou no pátio marchando, pararam, deram meia volta para a direita e descansaram os mosquetes em no solo produzindo um só estalido. Por outra porta foi introduzido um homem vestido com camisa e calções que estava encurvado, tinha as mãos atadas às costas e coxeava, e depois foi amarrado ao poste alvo. Tinha o rosto intumescido, e, onde não tinha manchas roxas, a tez era de cor verde amarelada. Era outro homem que Stephen conhecia e que não lhe conhecia, um espião duplo que trabalhava para Arliss; era um mercenário, mas agora olhava o pelotão de fuzilamento fixamente, com uma expressão que demonstrava sua dignidade.

Ao receber a ordem, os soldados dispararam seus mosquetes. O rosto se transformou em uma horrível massa vermelha e o corpo deu violentas sacudidas por causa do impacto e depois se afrouxou, mas seguiu atado ao poste. Um jovem soldado com o rosto pálido e expressão de horror se voltou para a janela onde estava Stephen para não ver-lhe e então deixou cair o mosquete e vomitou.

—... se persiste em sua negativa — dizia o tenente, que, sem dúvida, estava acostumado a cenários como esse — será fuzilado. Se o senhor fizer algumas concessões, será mandado para Verdún e terá como pena um confinamento bastante agradável, nada mais.

— O que diz é muito grave — disse Stephen, — e creia-me que aprecio muito que haja tido a amabilidade de advertir-me disso, mas seu argumento está baseado em uma premissa falsa. Não tenho concessões a fazer nem segredos a revelar.

Quando voltavam ao Temple, o tenente, sua única escolta agora, repetiu seu pedido de várias formas e Stephen repetiu sua resposta, porém, como sabia que aquele era um método de manipulação utilizado com frequência, dava respostas mais curtas cada vez, até que por fim, com alívio, separou-se de seu acompanhante.

— Como se foi? — inquiriu Jack ansioso.

— Não era mais que um interrogatório normal para examinar-me — respondeu Stephen, sentando e sorrindo. — Ainda não têm provas e oxalá que sigam assim por muito tempo. Amém, amém, amém.

— Amém — disse Jack, escrutinando seu rosto para ver se encontrava sinais de maus tratos, mas só notou seu desejo de não dizer nada mais.

— Guardamos sua janta e lhe deixamos todo o vinho — disse Jagiello.

— O senhor é uma jóia, Jagiello — disse Stephen. — Acho que poderia comer um boi e beber toda a água dos oceanos.

Comeu com voracidade e, antes de terminar, assinalou o sanitário com a cabeça e perguntou:

— Como vão as coisas?

— Quase não tínhamos ânimos para fazer nada enquanto estava fora — respondeu Jack. — Queria ter um forte aparelho para levantar o bloco exterior; não acho que o interno resista muito mais tempo. Como se diz cadernal em francês, Stephen? Com um par de cadernais e um apoio adequado, poderia levantar o Temple.

— Um cadernal? Só Deus sabe. Nem sequer sei o que é isso.

— Então terei que tentar desenhá-lo — disse Jack. — Sem um cadernal, esse bloco não se moverá.

— Tente, meu amigo — disse Stephen, — que eu vou dormir.

Necessitava dormir porque estava muito cansado, mas mais que sono necessitava de silêncio para que as idéias fluíssem por sua mente e formassem uma razoável seqüência. Parecia óbvio que seus adversários, ou alguém que estava atrás de seus adversários, guiavam-se pela intuição, pois a boa informação que tinham era fragmentária e não podiam conectá-la de forma coerente. Sabiam que a *Ariel* estivera no Báltico quando Grimsholm se rendera, que era o tipo de embarcação ideal para uma missão como essa e que Maturin estava a bordo dela, e como Maturin lhes parecia raro, pensavam que tinha que estar relacionado com o sucedido. Algum dos Serviços Secretos, provavelmente o de Delaris, tomando uma rotineira precaução, tentara comprometer-lhe durante sua visita a Paris, mas Stephen não acreditava que as palavras de Fauvet pudessem convencer a ninguém e sabia que nem Delaris nem o capitão seriam capazes de apresentar nenhuma testemunha mais convincente. Depois pensou no arrebatamento de ira do coronel. Até então as manobras dos militares foram comuns, e ainda que alguns

fossem inteligentes, não pareciam terem induzido o coronel a dizer aquelas palavras. Aquelas palavras foram espontâneas, foram um grande erro, e o que implicavam lhe produzira terror. Golconda era sinônimo de grande fortuna. Quem poderia ter oferecido “meia Golconda” por sua liberação? Era possível que alguns de seus amigos, por exemplo, Larrey ou Dupuytren, ao informar-se de que ele havia sido aprisionado, houvessem intercedido ante algum ministro para que fosse liberado; contudo, Larrey era o homem mais virtuoso que conhecera e, apesar de seus longos anos de serviço e as inumeráveis oportunidades de corromper-se, era exageradamente pobre, e, por seu espírito caridoso, sempre o seria, enquanto que Dupuytren, no caso de que ter lhe ocorrido dar um passo tão atrevido como esse, não poderia dispor de cem mil lises apesar de que se estava enriquecendo. Não havia ninguém em Paris que pudesse fazer isso, ninguém salvo Arliss, seu colega dos Serviços Secretos, que controlava somas de dinheiro muito maiores; contudo, era inconcebível que Arliss fizesse algo assim, porque seria contrário às regras da espionagem e inclusive ao sentido comum, seria uma oferta perigosa pelo que a fazia e fatal para o beneficiário. Na história da espionagem, nenhum naturalista inocente fora considerado merecedor de algo mais que de um protesto, e nenhum espião, merecedor de algo mais do que de uma troca. Oferecer por ele a metade de Golconda, ou qualquer fração de Golconda, era reconhecer seu valor e sua culpa.

Ouvia Jack e Jagiello raspar as pedras com mais rapidez. Trabalhavam sem parar e com discrição, pois, apesar dos ruídos que os trabalhadores faziam, que já não estavam longe, não usavam os martelos durante o dia, e muito menos durante a noite. Viu passar duas vezes a luz da patrulhas por frente do olho mágico. Suas idéias iam e vinham como as ondas e perdiam mais claridade cada vez; Golconda e Gólgota se misturaram e se converteram em um mesmo lugar. Depois apareceram em sua mente o nome e a imagem de Diana. Apenas notou que Jagiello o cobria com outra colcha. Depois não se deu conta de nada mais até que lhe despertaram no dia seguinte.

— Vieram buscar-te outra vez — disse Jack.

— Permitam-lhe que tome uma xícara de café rapidamente — pediu Rousseau aos soldados que estavam do seu lado na porta.

Stephen bebeu o café, colocou a ampola na parte interior da bochecha, amarrou a gravata e disse que já estava pronto.

Havia adormecido vestido e tinha um aspecto descuidado. Mas não viu oficiais elegantes ao entrar no escritório do alcaide senão a uma solitária figura, Duhamel, que tinha um aspecto tão descuidado como o seu. Este lhe deu o bom dia com amabilidade e disse:

— Eu vim em parte por um assunto particular e em parte porque tenho que entregar-lhe uma mensagem.

Stephen estava assombrado de ver que seu tom refletia humanidade, mas se assombrou ainda mais quando, depois de alguns momentos de vacilação, ele falou de seu intestino. Disse que não voltara a estar como antes de passar por Alençon e que o efeito dos remédios que os médicos franceses lhe prescreveram não podia se comparar com o alívio que a poção vermelha do doutor Maturin lhe fizera sentir, pelo que lhe rogava que dissesse seu nome. Ao final de um prelúdio estritamente médico, Stephen lhe prescreveu o medicamento e Duhamel agradeceu, e imediatamente a atmosfera mudou por completo.

— Agora lhe falo em nome de meu chefe — disse Duhamel em voz baixa, aproximando Stephen do parapeito da janela; depois de uma pausa, continuou: — Como o senhor sabe, a guerra já não é uma ininterrupta série de vitórias do Imperador. Muitos homens que ocupam cargos muito importantes pensam que a paz negociada é a única maneira de evitar um inútil derramamento de sangue e querem fazer chegar suas propostas ao governo da Inglaterra e ao seu rei. Essas propostas só pode levá-las um homem que goce da confiança de quem estão no poder e que tenha acesso aos chefes dos Serviços Secretos. Para meu chefe o senhor é a pessoa ideal para desempenhar esse papel.

— É muito interessante o que diz — afirmou Stephen, escrutinando o rosto de Duhamel, — e desejo sinceramente que o projeto de seu chefe seja levado a cabo com êxito e que a França sofra o menos possível, mas sinto dizer-lhe que não sou o homem que busca. Como disse aos seus amigos da rua Saint-Dominique —

então notou um brilho nos olhos de Duhamel, — sou um simples cirurgião naval e nem sequer recebi a nomeação de oficial apesar de desempenhar esse cargo. Sem dúvida, sou um naturalista de certa fama, ainda que isso não me permite o acesso aos homens importantes, e muito menos aos chefes dos Serviços Secretos, e talvez essa circunstância tenha dado lugar a um mal-entendido.

Duhamel não pôde reprimir um sorriso, mas voltou a ficar sério quando Stephen prosseguiu:

— Além disso, estimado senhor, acha que o homem que seu chefe pensa que sou seria tão estúpido como para admitir que é essa sua identidade? Indubtavelmente, seria indigno da confiança de ambas as partes se se jogasse nos braços do primeiro agente provocador que se aproximasse, se aceitasse realizar tão extraordinária tarefa sem exigir garantias igualmente extraordinárias. Isso significaria o suicídio e demonstraria que é um asno.

— Compreendo — disse Duhamel. — Não obstante, suponhamos por um momento que havemos encontrado a esse homem. Que garantias o senhor acha que ele exigiria?

— Acha que realmente vale a pena falar de uma hipótese tão remota? Se me perguntasse pelas tercianas ou pelo esqueleto do casuar, poderia dar-lhe uma resposta lógica, mas se me pergunta pelo processo mental de um ser meramente hipotético... Acho que o senhor concebeu a mesma teoria absurda dos militares, que, apesar de minha negativa, parecem convencidos de que sou, como diria?, um agente secreto.

— Sim, sim, claro — disse Duhamel, tamborilando com os dedos sobre o pacote que tinha na mão esquerda.

Ainda que era experto em ocultar seus sentimentos, agora o desalento se refletia em seu semblante. Fez uma longa pausa, durante a qual Stephen quase chegou a se convencer de sua boa fé, e por fim prosseguiu:

— Falarei com sinceridade. Minha organização está convencida de que essa é sua identidade desde que as autoridades de Brest mandaram sua descrição para Paris. Por essa razão foi alojado no Temple.

— Pode dizer de quem sou prisioneiro?

— Que importância têm os nomes? — disse Duhamel com cautela e depois, mais relaxado, acrescentou: — Nosso, pelo momento. Porém, voltando ao tema, nossa intenção era pedir ao senhor... isto é, ao homem que supúnhamos que era, pois, pelo que vejo, nossa conversa deve seguir nesse plano..., nossa intenção era pedir que ele levasse a cabo essa missão muito antes, quando houvésssemos podido dar-lhe todas as garantias possíveis. Contudo, o Imperador atrasou sua partida, e, além disso, surgiram outras dificuldades... Durante esse intervalo, madame Gros apareceu no baile do príncipe de Bénévent com um magnífico diamante, um diamante azul, e no dia seguinte, na reunião do Grande Conselho, seu esposo propôs que o senhor fosse libertado, mostrando um repentino amor pela ciência e uma grande preocupação com a opinião dos cientistas de todo o mundo.

Stephen notou que estava empalidecendo e voltou o rosto para um lado para que ele não notasse. Certamente que Golconda não era somente um termo usado com o significado de fortuna, era também o nome da mina de diamantes do Grande Mogol.

— Gros não é tonto — continuou, — mas está dominado por sua mulher. Fez um excelente discurso, no qual falou da universalidade da ciência, a imunidade de Cook e Bougainville e outras coisas, e quase chegou a convencer o conselho, mas no final foi decidido que se levaria o caso ao Imperador. As atas das reuniões do Grande Conselho, como as das reuniões do Conselho de ministros de seu país, não se mantêm em estrito segredo, e outros organismos se informaram do valor que o senhor tinha e agora competem pela posse de sua pessoa. O Exército é dos mais insistentes. Isto também será levado ao Imperador para que decida em favor de um desses organismos, e posto que os militares relacionam o senhor com Grimsholm e o Imperador está furioso pelo que ocorreu ali, é provável que eles ganhem. Já lhe mandaram uma mensagem com um de seus homens, um oficial muito influente.

— Madame Gros deu explicações sobre o diamante?

— Contou uma história medíocre com respeito a uma herança — disse Duhamel, deixando de lado o assunto. — Mas devo advertir-lhe que o senhor corre um grave perigo, entre outras razões, porque

há muitos homens que pensam que nada deve sobreviver ao império e que, se este cair ou parecer próximo de cair, matarão sem vacilar e tratarão de converter tudo em um monte de ruínas. Meu chefe tem o documento no qual o Imperador ordena sua liberação...

— Como é possível? O Imperador está em Silésia.

— Vamos, vamos, doutor Maturin — disse Duhamel impaciente. — Sabe muito bem que sir Smith escapou daqui mesmo, do Temple, em 1798. Qualquer um poderia fazer uma boa falsificação de uma ordem. Como vê, temos muito pouco tempo, assim que deve decidir-se já. Peço que me diga quais são as condições que exigiria o homem que acreditamos que é.

Stephen olhou o pacote que Duhamel tinha na mão. Uma parte de sua mente prestava atenção à *Naval Chronicle*, cuja capa lhe era tão familiar, e ao jornal londrino *The Times*, enquanto a parte restante analisava a situação e a personalidade de Duhamel e valorizava o que havia dito explícita e implicitamente. Seu instinto se negava a aceitá-lo, mas seu instinto não era infalível.

— O homem em quem o senhor pensa exigiria, em primeiro lugar, uma prova de boa fé — disse devagar. — Por exemplo, pediria que lhe desse sua pistola.

— Sim — disse Duhamel e largou a pistola sobre a mesa. — Tenha cuidado porque está carregada.

Com a pistola de repetição na mão, olhando o engenhoso mecanismo, Stephen fez um parêntese e disse:

— É muito pesada para mim.

— Somente apertando o gatilho já está em posição de disparar — disse Duhamel, estendendo o parêntese. — O canhão dá voltas sozinho. Um se acostuma com o peso.

Stephen prosseguiu:

— Esse homem exigiria a liberação de seus companheiros e também que se restituísse o diamante à sua dona, que se eximisse esta de toda responsabilidade e que se lhe concedesse liberdade para viajar, se assim o desejasse.

— Esse homem pede muito — disse Duhamel.

— Também seu chefe — disse Stephen. — Pede a esse homem hipotético que ponha a cabeça na guilhotina.

— São essas as condições mínimas?

— Estou certo de que seriam — respondeu Stephen. — Mas tenha em conta que estou falando de um ser hipotético, de um ser imaterial.

— Não posso ficar mais tempo — disse Duhamel. — Tenho que falar com meu chefe. Deus queira que haja tempo... Devo ir até Valençay e regressar...

— Valençay?

— Sim — respondeu Duhamel e ambos se olharam com perspicácia.

Talleyrand vivia em Valençay a maior parte do tempo. Talvez essa calculada indiscrição era uma prova a mais de boa fé.

— Se importaria de devolver-me a pistola? — continuou. — Quando viajo sem ela parece que estou nu, e não serviria de nada para o senhor aqui nem na rua Saint-Dominique... O capitão Clapier quer ver-lhe de novo esta tarde. Não podia negar-me a permitir porque daria o que falar, mas temos os militares bastante controlados. Eles o tratarão como a um prisioneiro excepcional e estará de regresso antes do anoitecer. Dei ordens estritas de que o tragam antes do anoitecer.

Olhou fixamente a pistola e Stephen lhe entregou. Então deu para Stephen o pequeno pacote, dizendo:

— Pensei que isto lhe serviria para entreter-se em seu tempo de ócio.

— Era Duhamel, que queria um remédio — disse Stephen, respondendo à expressão ansiosa de Jack. — Teve um traço de humanidade e nos trouxe estas publicações para que nos entretivéssemos em nosso tempo de ócio.

— Nosso tempo de ócio? — inquiriu Jack mais calmo e passou a rir. — Acho que teremos muitos, porque não podemos fazer muito mais aí dentro até que tenhamos um aparelho. Possivelmente a bela *poupette* de Jagiello o ponha na cesta da comida.

Pegou a *Naval Chronicle* e pouco depois interrompeu as meditações de Stephen com um grito de alegria:

— Oh, Stephen, ele conseguiu! O *Ajax* combateu com o *Méduse* frente à Hogue e o converteu em uma múmia em trinta e

cinco minutos. Seus homens mataram o capitão e a cento e quarenta e sete tripulantes. O *Ardent* e o *Swiftsure* estavam à vista, a sotavento... Por Deus que valeu a pena...! Valeu a pena encalhar a pobre *Ariel*!

Stephen voltou a suas meditações. Mais de nove décimos de sua mente admitiam como verdadeiras as palavras de Duhamel, e se perguntava se a dúvida da parte restante era o resultado de anos e anos de cautela e desconfiança ou se estava justificada por uma razão mais forte que a deformação profissional. À medida que o tempo passava, era mais difícil ter absoluta confiança em uma pessoa. Tinha deformação profissional, e mais grave do que supunha; por exemplo, havia se equivocado ao julgar Diana, pois nunca a considerara capaz de amar. A achava capaz de sentir estima pelos amigos, evidente, e de chegar a sentir um profundo afeto às vezes, mas não de sentir amor, e menos ainda por ele; contudo, aí estava a prova, em forma de uma ação gloriosa, carinhosa e enlouquecida. Sabia que ela dava mais valor àquela pedra que a sua salvação e também que havia posto uma corda no pescoço por ele; ao pensar nisso, sentiu uma grande emoção e uma mistura de gratidão e admiração por ela. Pouco depois, quando Jack voltou a entrar no quarto e a cruzá-lo com a *Naval Chronicle* aberta na mão, Stephen o olhou com uma extraordinária serenidade.

— Olhe isto — disse o capitão Aubrey com voz trêmula e muito baixa, assinalando uma página.

Stephen leu:

“Matrimônios. O capitão Ross, da *Désirée* e a senhorita Cockburn, de Kingston, Jamaica”.

— Não, não, mais abaixo.

Stephen seguiu lendo:

“Sexta-feira, em Halifax, Nova Escócia, o capitão Lushington, da Infantaria da marinha, e a senhorita Amanda Smith, filha de J. Smith, de Knocking Hall, Rutland”.

Depois disse:

— Acho que não conheço o senhor Lushington.

— É claro que sim, Stephen. É um tipo corpulento que parece um touro. Está ao comando do *Thunderer*, que está a apenas três

semanas na base naval da América do Norte. Que Deus o ajude! Que Deus nos ajude a todos! Não lhe parece incrível isto? Acredita que tudo... que a criança não era mais que ar?

— É muito provável.

Durante alguns instantes, Jack permaneceu pensativo, movendo a cabeça de um lado para o outro.

— Meu Deus! Acho que nunca senti tanto alívio em minha vida. Agora vou seguir raspando essa lousa, agora vou trabalhar mais duro.

Então voltou a meter-se no sanitário, e o ouviram raspar com muita força até que chegou a refeição.

Revistaram a cesta quando Rousseau partiu, mas não encontraram nada. Todos disseram que não tinha importância e que o cadernal chegaria com a janta.

— Assim que esta é uma *sopa inglesa* — disse Jack quando chegaram à sobremesa. — Tinha curiosidade para ver uma.

— Mas não é uma *sopa inglesa* ortodoxa — disse Stephen. — Isto não figura na receita aceita.

Tirou a concha e viu nela uma pequena polia de lata das que se usavam nos estendedores, e depois sacou a parêntese. Jack as olhou assombrado.

— Como é possível que essa bondosa jovem haja pensado que estas polias podiam fazer a função de um cadernal? Olhai, olhai estes parafusos! Jagiello, deve dizer-lhe que o que necessitamos são duas polias colocadas dentro da mesma armadura. Não importa que não tenham a peça que duplica o giro das roldanas, mas os parafusos devem ser pelo menos cinco vezes mais grossos que estes.

— Senhor, esqueceu que eu lhe disse que ela não estaria em casa esta tarde nem amanhã — disse Jagiello.

Depois, num tom defensivo, disse que as polias pareciam similares às que o capitão Aubrey havia desenhado.

— Bem, é certo que não sou um grande desenhista, mas as desenhei em escala, sabe? — disse Jack e, voltando-se para a porta e aguçando o ouvido, perguntou: — Esse é o barbeiro? Gostaria de

barbear-me, mas detesto que um surdo-mudo me barbeie. Isso não lhe incomoda?

— Não — respondeu Stephen. — E esse não é o barbeiro senão Rousseau e os soldados, que vêm me buscar. Eu os esperava. Não se preocupe — disse enquanto procurava a ampola. — A menos que ocorra algo inesperado, estarei de regresso antes do anoitecer.

— Antes do anoitecer sem falta — disse o capitão enquanto assinava para se encarregar do prisioneiro.

Esta vez o capitão e o tenente eram seus únicos acompanhantes. Quase não sucedeu nada inesperado enquanto atravessavam Paris, só que Stephen viu ao doutor Baudelocque quando passaram em frente ao hotel *de Mothe*; e quase não sucedeu nada inesperado quando chegaram à parte traseira do edifício da rua Saint-Dominique. Só o que mudou foi que, pouco depois de entrar na sala de espera com barrotes de onde se via o poste, a porta se abriu e alguém meteu um homem, empurrando-o com tanta força que caiu quão comprido era. Stephen o ajudou a se levantar e o homem se sentou, limpando o sangue da cara e das mãos e murmurando em catalão: "Mãe de Deus, mãe de Deus, virgem Maria, salva-me!". Conversaram, e o homem, falando em francês com dificuldade e com um forte sotaque estrangeiro, falou de forma pouco convincente da perseguição que havia sofrido por lutar para a independência catalã. Aquele tipo era uma armadilha, obviamente, mas era muito desajeitado e nem sequer havia aprendido a lição, e Stephen logo se cansou de ouvi-lo e de ver suas gotas de sangue coagulado.

O interrogatório que seguiu foi quase tão medíocre como essa representação. O capitão Clapier apresentou mais duas testemunhas, um sudoroso zoólogo e um oficial decrépito, que, em termos muito parecidos aos de Fauvet, declararam que o doutor Maturin se havia oferecido a levar mensagens, havia pedido dinheiro para isso e havia falado do Imperador desrespeitosamente. Depois entrou um empregado do hotel Beauvillier, que declarou que o doutor Maturin lhe pedira que trocasse cinquenta guinéus por napoleões, e o capitão disse com tanta ênfase como pôde que esse era um delito muito grave, que todos haviam demonstrado que o

doutor Maturin era culpado e que se fosse um homem sensato compreenderia que a única maneira de escapar ao castigo era cooperar com as autoridades. Contudo, ninguém pareceu acreditar, e Stephen tinha a esperança de que o iam soltar, mas depois de um breve silêncio, um homem de olhar inteligente que estava sentado à esquerda perguntou:

— Pode explicar-nos, doutor Maturin, por que uma dama ofereceu o equivalente a um milhão de napoleões pelo menos em troca de sua liberação se nem ele nem ela são agentes secretos?

Stephen respondeu imediatamente:

— Acha o cavalheiro que pode existir um agente secreto tão ingênuo para cometer semelhante loucura, que seria fatal para ele mesmo e para seu colega?

Se olharam uns para os outros e um capitão inquiriu:

— Qual é a explicação então?

— Só um fátuo poderia responder — respondeu Stephen.

— É possível que a dama, que uma dama como essa esteja enamorada do doutor Maturin? — perguntou com assombro um oficial, a primeira pessoa que falava com sinceridade na sala.

— Admito que parece improvável — disse Stephen, — mas devem ter em conta que Europa e Parsifae amaram um touro e que a história nos dá inumeráveis exemplos de pares muito menos adequados.

Os oficiais faziam comentários sobre o assunto, e a atmosfera era agora relaxada. Depois de que alguns, com assombro e respeito por vez, olhassem de soslaio para Stephen, entrou um homem, inclinou-se sobre o ombro de Clapier e lhe murmurou algo em tom enfático. O capitão levantou os olhos e fez um gesto de assombro e saiu precipitadamente da sala. Cinco minutos depois regressou acompanhado de outro homem. Estava pálido de raiva, mas Stephen não teve muito tempo de observar seu rosto porque o homem que o acompanhava era Johnson.

— É ele! — gritou Johnson imediatamente e ambos lançaram para Stephen um feroz olhar cheio de ódio. Clapier avançou para ele e, em voz baixa, quase sem poder controlar seus sentimentos, disse:

— O senhor matou Dubreuil e Pontet-Canet!

Stephen pensou que Clapier ia pegar-lhe, mas o capitão reprimiu seu impulso e gritou:

— Levem-no para a cela! Levem-no para uma cela da colméia!

A cela da colméia tinha acumulada muita porcaria e barro e talvez devia seu nome a que em seu interior volteava um enxame de moscas e moscões; estava completamente vazia e nas paredes havia anéis de ferro.

Durante as horas que seguiram, Stephen permaneceu de pé junto de uma janela com barrotes à altura do solo do pátio interior, do pátio onde tinham lugar os fuzilamentos, enquanto as asquerosas moscas de ventres frios pousavam sobre ele.

Dali viu ocultar-se o Sol. O céu ficou da cor do nácar e os telhados das casas que estavam do outro lado do pátio se transformaram em silhuetas; a cor clara se escureceu e mudou para um excelente violeta; desapareceram as silhuetas e apareceram as luzes. Por uma janela sem cortinas viu um homem e uma mulher jantando de uma forma estranha, pois tinham as mãos dadas, e depois os viu se inclinarem sobre a mesa e se beijarem.

Também via as estrelas, pequenas e brilhantes, e um grande astro de luz intensa no alto do céu, possivelmente Vênus, que parecia ligeiramente inclinado sobre um telhado de duas águas e tinha uma parte oculta atrás da fileira de telhados. Sentia na face a pressão da ampola, a eterna causadora de pecado mortal admitida pelas regras morais, e ainda que sempre pensara que rezar em momentos de perigo era uma indignidade, começou a implorar mentalmente a proteção de seu amor seguindo a hipnótica cadência do canto gregoriano.

Por fim ouviu o ruído de botas. Depois viu luz ao redor da porta e ouviu o ruído da chave. De repente tudo se encheu de uma luz intensa, e entre as moscas que volteavam, pôde distinguir dois sargentos da guarda. Levaram-no para a sala onde havia esperado, e ali, já com os olhos acostumados com a luz, viu um general, ao seu assessor, ao alcaide do Temple e ao coronel que fizera de testa-de-ferro originalmente, que agora estava muito pálido e angustiado.

— É este seu prisioneiro? — inquiriu o general.

— Sim, senhor — respondeu o alcaide.

— Então leve-o ao Temple. Coronel, apresente-se amanhã às oito da manhã no escritório de meu secretário para relatar o assunto.

Fizeram uma viagem silenciosa. O alcaide parecia cansado, abatido, angustiado e velho; o assessor observava a empunhadura do sabre, que se enganchara na portinhola da carruagem.

— Ah, está aqui, Stephen! — exclamou Jack. — Finalmente você chegou! Estivemos muito...

Stephen lhe fez um sinal com a mão e ficou alguns momentos com o ouvido colado na porta.

— Diga-me, Jack, é possível acelerar as coisas? — perguntou quando se fez silêncio de novo. — Johnson está em Paris e me identificou.

— Ah, sim? — disse Jack.

Então pegou a vela e entrou no sanitário. Preparara tudo para quando chegasse o aparelho com polias mais fortes que as que haviam recebido com a comida, quer dizer, havia preparado quase tudo, porque ainda faltava romper os móveis para utilizar seus pedaços como cunhas, mas já lhes havia feito alguns cortes profundos com uma das facas de Poupette com a borda cortada como uma serra. Ainda que os pesados blocos de pedra do sanitário já não estavam unidos a sua base, seus extremos ainda estavam ocultos pelos cuidadosamente colocados, mas esses tijolos podiam ser tiradas em um momento e só era necessário aplicar uma força para levantar os blocos. Jack pensava que com as polias poderiam levantá-los com facilidade e tirá-los em silêncio, um depois do outro, e que o dintel serviria perfeitamente de apoio, e achava que a corda, apesar de ser fina, era muito forte. Inclusive com o que tinha nesse momento não era impossível conseguir seu objetivo.

— Com uma polia sobre a outra e com a corda dobrada poderíamos conseguir — disse. — Tudo depende dos parafusos.

Pegou as polias do bolso e as examinou outra vez. Os eixos sobre os quais giravam as pequenas roldanas apenas tinham um diâmetro de três dezesseis avos de polegada e eram de ferro doce, e, contudo, teriam que suportar um grande peso.

— Meu Deus, que parafusos! — continuou. — Os típicos parafusos que usam os homens de terra adentro! Porém, pelo menos, as roldanas são fortes, e, por outro lado, o suporte não é importante.

Chamou Jagiello para que sustentasse a vela, e como não havia espaço para três no pequeno sanitário, Stephen se sentou na cama e se ficou observando-os.

Jack era um homem corpulento, mas se movia com agilidade e era hábil e rápido nos trabalhos manuais. Não queria cortar a corda, não só porque não gostava de fazê-lo, mas também porque a seda era um material muito valioso para emendar, e, ao cabo de um tempo, conseguiu formar com ela uma teia de arranha, uma intrincada rede parecida às que recompunham a exércia, cheia de engenhosos nós e com pedaços de madeira fazendo a função de vinhateiras e estopores, uma rede especialmente desenhada para que concentrasse a força de dois homens e a exercesse sobre o extremo esquerdo do bloco exterior de maneira que tivesse como resultado o levantamento deste. Ainda que não havia parado nem um momento, para qualquer observador pareceria que era muito metuculoso e que seu trabalho não ia terminar nunca, e agora, por fim, verificou todo o conjunto para ver se todos os vãos tinham a tensão adequada e se a força resultante produzia uma elevação exatamente na vertical. Depois saiu do sanitário de costas, pegou o melhor tamborete que tinham e quebrou uma de suas pernas em pequenos pedaços e dividiu cada um em dois pedaços.

— Por favor, Stephen — disse Jack, — entre no sanitário, ajoelhe-se junto ao bloco exterior e, se ele levantar, coloque isto debaixo.

Stephen passou através da rede e se colocou em seu posto. Depois ouviu que Jack dizia:

— Pegue a corda, Jagiello. Puxe comigo, ao mesmo tempo. Devagar, devagar.

Todos os vãos da corda se esticaram; o nó feito com quatro cabos desceu até ficar na frente do nariz de Stephen, e os cabos emitiram um som musical ao estender-se; as pequenas roldanas começaram a fazer um movimento giratório que se via claramente à

luz da vela. A força chegou ao extremo do bloco e foi aumentando pouco a pouco; o som musical subiu de tom; a força aumentou ainda mais.

— Devagar, devagar — murmurou Jack.

O extremo do enorme bloco se elevou três polegadas com um rangido, separando-se quase por completo da base.

— Ele se elevou! — disse Stephen, e colocou madeira no espaço que ficou debaixo do bloco.

Todos os vãos de corda da rede começaram a vibrar, emitindo um estranho som que rompeu o profundo silêncio, e então o bloco voltou a cair sobre a base, esmagando a madeira.

— Algo está errado — disse Stephen.

— Segure bem! — ordenou Jack e depois entrou no sanitário e pegou a vela. — Sim. Os parafusos se soltaram.

Seus companheiros o olharam com tristeza e ele acrescentou:

— Tenho que desmontar tudo isto. Estas polias não são moitões, sabe?

Meia hora depois conseguiu soltar as pequenas polias; à meia-noite já havia sacado os parafusos quebrados e os havia substituído com pedaços de uma lima de aço.

— Não são bonitos — disse, — mas podem servir. Farei que só três cabos realizem a tração e desse modo diminuirá a força no mais fino.

Voltou a tecer uma rede, mas agora formando um desenho diferente, e antes de que o distante relógio desse a uma, disse:

— Pegue a corda.

Outra vez os vãos da intrincada rede se esticaram, tanto como as cordas de um violino, mas agora as roldanas se moviam mais lentamente e chiavam e toda a rede estremecia, pelo que não parecia muito forte. Contudo, quando a tensão aumentou até um ponto em que Stephen achou que tudo ia cair, viu o extremo do bloco se elevar. À medida que se elevava, Stephen punha pedaços de madeira no espaço que deixava.

— Este extremo se separou! — exclamou.

— Segure bem! — ordenou Jack e entrou no sanitário e olhou o bloco com satisfação. — Muito bem, muito bem. Se os parafusos

resistirem, conseguiremos. Estive pensando em meu plano, que era meter os blocos aqui dentro, um a um. Isso significaria ter que mover as polias em cada vez, e ainda que os parafusos resistam, duvido que possamos tirar os dois blocos muito antes do amanhecer; em troca, se subirmos e baixarmos o extremo esquerdo enquanto você tenta separar o direito, primeiro com um talhadeira e depois com cunhas de madeira, o extremo direito poderia girar sobre si mesmo, provocando a queda do bloco. O único inconveniente seria o ruído. A queda nos pouparia horas de trabalho e diminuiria o risco dos parafusos se romperem, mas faria ruído. Qual é sua opinião?

Stephen pensou durante um momento.

— Ouvi cair muitos pedaços da torre durante o dia, com os operários trabalhando — disse. — Além disso, a fortaleza está quase vazia, e a patrulha quase não passa de noite já faz mais de uma semana. Acho que devemos correr o risco de que ouçam o ruído. Explique-me o que tenho que fazer.

Jack explicou, mudou o ângulo de elevação e voltou aonde estava Jagiello.

— Devagar, devagar — disse.

O bloco se levantou e começou a mover-se alternativamente para cima e para baixo quase no mesmo ritmo de um segundeiro. Stephen colocou algumas cunhas sob o extremo direito do bloco e disse:

— Baixem!

Então o bloco desceu e o extremo direito se moveu para os lados girando sobre si mesmo e se deslocou um pouco para frente. Stephen pôs mais cunhas no espaço livre e disse:

— Puxem!

Acima e abaixo; Acima e abaixo. E o movimento lateral continuava e Stephen punha cunhas maiores em cada vez.

— Está a ponto de... — começou a dizer, mas não teve tempo de pronunciar a palavra "cair" antes de que se fizesse o vazio no lugar para onde olhava. O bloco de pedra já não estava, e o ar da noite, iluminado pela luz da vela, era o único que havia agora sob a vibrante rede que subia e descia a pouca distância de sua cabeça.

Houve um breve silêncio e depois se ouviu abaixo um terrível estrondo, um ruído estrondoso que encheu o quarto e toda a torre.

Eles se olharam e permaneceram imóveis, ainda que Jagiello, por alguma razão, apagou a vela num dado momento. O tempo passou. O relógio de Saint-Théodule marcou o quarto de hora e o repetiu. Não se ouviu nenhum outro ruído.

Muito, muito tempo depois, Jack sussurrou:

— Acendam uma vela.

Primeiro Jagiello e depois Stephen se esforçaram para consegui-lo.

— Vocês são marinheiros de água doce! — exclamou Jack, empregando pela primeira vez um tom aborrecido. — Dá-me isso.

Pegou o isqueiro, deu-lhe um forte golpe, soprou onde saltou a faísca e acendeu a vela. Então inspecionou o buraco e a rede.

— Só mais seis polegadas e um homem magro poderá passar por aqui. Mas desta vez protegerei com a camisa de Jagiello a trama da corda que rodeia o bloco para evitar que se desgaste com o roçamento.

Uma vez mais todo o sistema mudou de lugar para fazer tração sobre o bloco de pedra interior, e uma vez mais Stephen observou seus companheiros. Agora que a porta que conduzia para a liberdade estava meio aberta, já não podia controlar seus sentimentos, e enquanto eles realizavam o longo processo, sua ansiedade e sua irritação aumentaram até ficar quase intoleráveis e se sentiu frustrado. Confiava em que a muralha meio derrubada e o fosso não seriam um obstáculo e em que depois de sair do Temple poderiam passar a noite em um lugar seguro, pois conhecia meia dúzia de refúgios onde ficariam a salvo, e pensava que tinham que começar a mover-se já se queriam que isto ocorresse. De seu refúgio poderia pôr-se em contato com Adhémar de Mothe e com Valençay. Estava quase certo de que Duhamel havia sido sincero ao fazer-lhe aquela proposição, porém, apesar disso, pensava que era melhor estar fora de seu controle quando selassem os acordos definitivos. Em qualquer caso, não podia ficar nem mais uma noite no Temple com Johnson ali, pois, além da vingança de Clapier por motivos pessoais, a conexão com os Serviços Secretos norte-

americanos era tão importante que o capitão sacrificaria os prisioneiros, pegando-lhes do Temple à força, se fosse necessário, e seria fácil justificar depois do fato ocorrido, fácil demais. Atuaria imediatamente, indubitavelmente, e o amanhecer era o momento que costumava escolher-se para esse tipo de ações. Porém, por outro lado, que influência a chegada de Johnson teria sobre Valençay? Era uma pergunta estúpida, pois se o plano de Valençay tivesse êxito, a conexão com os Serviços Secretos norte-americanos não teria importância, nenhuma importância, e não seria necessário fazer concessões. A situação de Diana era a que lhe causava angústia. Repetia uma e outra vez que não era possível que Diana estivesse em perigo porque tinha amigos influentes, não estava vinculada à política e se encontrava sob a proteção de Adhémair de Mothe, e, além disso, porque provavelmente Johnson acabara de chegar; contudo, respondia uma e outra vez que dizia isso para tranquilizar-se, mas que só eram conjeturas, que não tinha fundamento. Para evitar, ao menos em parte, esta contínua e intolerável discussão, arrumou os poucos pertences que os três tinham e fez um pacote envolvendo-os em um pedaço de tecido e depois deu de comer à rata, que, muito assombrada, entrara por debaixo da porta.

— Acho que funcionará — disse Jack por fim em um tom de voz normal, que havia voltado a utilizar. — Mas teremos que puxar com todas nossas forças desta vez, porque o ângulo não é tão bom e a multiplicação é menor. Espero que os parafusos aguentem a força. Jagiello, ponha um lenço ao redor das mãos. Entre, Stephen.

Agora Stephen tinha algo concreto para fazer. Agora tinha um retângulo da noite justamente debaixo dele, e, com um intenso brilho nos olhos, se agachou na borda deste, junto com a talhadeira e um monte de cunhas na mão. A grande força foi passando para o bloco enquanto Jack e Jagiello gemiam ao puxar a corda, e de repente Stephen pensou que se usasse sua própria força reduziria a pesada carga dos parafusos. Se montou sobre o bloco, meteu as mãos por debaixo das quinas e puxou ele para cima até que as bordas lhe cortaram a pele dos braços e seu coração chegou a bater

com tanta força que sua vista se nublou, até que o bloco, depois de um ligeiro estremecimento, começou a elevar-se.

— Ele se elevou! — disse ofegante e foi pegar as cunhas e as colocou com rapidez mas com torpeza.

Jack o viu e sorriu. Também viu que a porta desconhecida, a porta por onde entrava o rato, abriu-se de par em par. Então apareceram quatro homens com uma lanterna.

— Boa noite, cavalheiros — disse o primeiro do grupo.

— Não se mova, Jack — gritou Stephen, porque Jack e Jagiello tinham acumulada tanta energia potencial que eram perigosos como tigres. — Boa noite, cavalheiros. Entrem, por favor.

Deu um passo para frente e se caiu e ficou pendurado da cintura para abaixo no meio da noite. Jack e Jagiello saltaram por cima do bloco e o subiram pegando-lhe cada um por uma mão e perguntaram se havia se ferido.

— Não, nenhum, obrigado — respondeu Stephen, limpando a perna na qual tinha uma dor forte mas superficial, e depois, secamente, disse: — cavalheiros, digam-nos a que hão vindo.

— Talvez não se lembre de mim, doutor Maturin — disse o primeiro do grupo, adiantando-se. — Sou D'Anglars. Tive a honra de conhecer-lhe quando fazia parte do séquito de monsieur de Talleyrand-Périgord quando era embaixador em Londres e acho que temos amigos comuns.

— Lembro perfeitamente, senhor — disse Stephen, — e, certamente, recordo com agrado de Sua Excelência. Tive o prazer de ver-lhe faz pouco. Nenhum dos dois mudaram.

Isso não era verdade no que se referia a D'Anglars, pois envelhecera, e ainda que conservasse um olhar vivo e inteligente, podia ver-se à luz da lanterna que seu rosto estava desfigurado e muito pálido. Por outro lado, Stephen sentia uma grande admiração pelo bispo de Autun, ou o príncipe de Bénévent, como o chamavam agora, que era um mestre do engano, o fênix da falsidade, mas tinha uma inteligência brilhante e era uma companhia agradável.

— O senhor é muito amável, muito amável — disse D'Anglars fazendo um gesto que fez Stephen se lembrar de Adhémar de Mothe, que era um de seus amigos comuns. — Vejo que está

ocupado, mas talvez poderíamos falar um momento. Desculpem-nos — disse, fazendo uma inclinação de cabeça para o capitão Aubrey e para Jagiello.

— Não faltava mais nada! — exclamou Jack, em resposta ao seu gesto cortês.

Stephen olhou para os acompanhantes de D'Anglars e viu que entre eles estava Duhamel, com certeza, um oficial com uma capa que ocultava parcialmente seu esplêndido uniforme e um homem vestido de preto que pôde reconhecer apesar de sua viseira, um homem que pertencia ao ministério de assuntos Exteriores, um alto cargo do ministério de assuntos Exteriores.

Foram para o quarto de Jagiello com a vela, cuja chama tinha agora muito pouca intensidade, e se sentaram no lugar que ficava junto da janela.

— Duhamel nos disse quais são suas condições — disse D'Anglars. — Estamos de acordo com todas exceto com uma. O senhor exige que a pedra preciosa, o diamante azul, seja restituído à sua dona, porém, por desgraça, não podemos entregá-lo imediatamente, ainda que dou isto como garantia de que ele será restituído.

Então lhe deu um anel de bispo com uma enorme ametista. Stephen o olhou com curiosidade e, ainda que parecesse que não gostava muito, não disse nada.

— Por outro lado — prosseguiu D'Anglars, — a dona da pedra preciosa se encontra sob nossa proteção e está desejava de viajar, como o senhor supunha, e pronta para partir.

Havia falado às vezes com bajularia e outras com vacilação, mas sempre em tom urgente; contudo, Stephen não respondeu aliás se limitou a dar voltas e voltas no anel com a ametista à luz da vela.

— E como compensação — acrescentou D'Anglars com mais segurança, — trouxe documentos de Drummond...

— Não, não — disse Stephen. — Isso complicaria o caso, e eu sempre evitei as complicações. Diga-me, que garantias me oferece?

— Nós três o acompanharemos até um dos barcos com bandeira branca que zarpam de Calais e, se o senhor desejar, iremos

até a Inglaterra. Terá em suas mãos nossa vida, ou, ao menos, nossa liberdade. Poderá usar armas, se quiser.

— Muito bem — disse Stephen. — Meus companheiros virão comigo, sem dúvida.

— O capitão Aubrey e o jovem Apólo?

— Sim.

— Certamente.

— Então vamos.

Stephen voltou coxeando para o outro quarto com D'Anglars, e este assinalou o sanitário com a cabeça e disse:

— é uma pena que tenham trabalhado tão duramente, mas nada poderia ser mais conveniente para nós, mais *adequado*. Este é o álibe perfeito. Por esta porta, por favor.

— Capitão Aubrey, senhor Jagiello, nós iremos com estes senhores — disse Stephen.

Na porta adotaram uma atitude cortês ante a questão da precedência e ao sair a fecharam com trinco. Depois desceram pela escada de caracol, atravessaram um longo corredor, chegaram a um pátio que nunca haviam visto, avançaram até uma pequena porta em frente à qual havia duas obscuras figuras que se afastaram para deixar-lhes entrar, e por fim saíram para a rua, um ordinário espaço aberto que lhes pareceu maravilhoso. E ali havia duas carruagens e dois cavalos amarrados. O homem vestido de preto e o oficial da capa montaram nos cavalos; Jack, Duhamel e Jagiello subiram no primeiro carro; Stephen e D'Anglars subiram no segundo. Então se puseram em marcha e atravessaram trotando as ruas escuras e silenciosas em direção ao rio, rodeados pela quente noite.

— Onde vamos recolher a dama? — inquiriu Stephen.

— No hotel *de Mothe* — respondeu D'Anglars surpreendido.

— Fala sério? É seguro?

— Oh, sim! — respondeu D'Anglars num tom que indicava claramente que estava sorrindo.

— Não a incomodaram?

— Não. Apesar de que um cavalheiro norte-americano que acaba de chegar perguntou por uma compatriota sua com a qual tinha boas relações, ninguém a incomodou.

Quando chegaram ao Pont au Change, Stephen disse:

— Certamente, subentende-se que ela deve acreditar que nossa liberação foi possível graças à sua atuação.

— Naturalmente — disse D'Anglars. — Naturalmente. Qualquer outra coisa seria uma loucura, de nosso ponto de vista.

Na rua Grenelle já havia alguns carros com produtos para o mercado, um deles carregado de flores. Finalmente chegaram ao hotel *de Mothe*, e Diana lhes esperava no pátio com uma capa com capuz que a fazia parecer muito magra, um grupo de serventes estavam junto de uma carruagem cheia de baús. Stephen desceu de um salto e se aproximou dela coxeando enquanto ela corria ao seu encontro. Se beijaram e ele exclamou:

— Queridíssima Diana, estou profundamente agradecido! Custei-lhe o diamante azul!

— Como estou contente de vê-lo! — exclamou ela, pegando seu braço. — Ao diabo com o colar! Você será meu diamante! Oh, Stephen, rasgou a meia e tem a perna coberta de sangue!

— Sim, levei uma topada na canela. E você como está, minha jóia? Soube por Baudelocque que não estava bem.

— Stephen, eu não o fiz, eu juro — disse ela enquanto o olhava sob a luz de um poste de luz. — Mantive minha palavra e me cuidei muito. Estava assombrada, realmente assombrada. Mas o doutor Baudelocque disse que não se podia evitar, eu lhe asseguro.

— Era impossível evitar, eu sei muito bem — disse Stephen, assentindo com a cabeça. — Dê-me a mão, ponha o pé no degrau e iremos para longe, com a ajuda de Deus.

Afastaram-se mais e mais, enquanto no céu, à direita do caminho, a luz ficava cada vez mais intensa. Mudaram de carruagem em Beaumont le Châteaux, em uma silenciosa casa afastada da avenida beirada de tílias. Duhamel se comportou como se fosse o dono do lugar e lhes indicou onde podiam barbear-se e pôr roupas de paisano e depois os levou para desjejuar. Quando provavam as jaquetas, Stephen disse:

— Escute, Jack: deve saber que Diana deu seu grande diamante para a mulher de um ministro em troca de nossa libertação.

— Deu...? — perguntou Jack imóvel, com um braço já metido na manga. — Quanta generosidade! Que Deus me condene se isso não é generosidade! Porém, Stephen, ela estava orgulhosa do diamante e muito contente de possuí-lo. Na Torre de Londres não se pode encontrar uma jóia melhor... Vale seu peso em ouro... Como posso agradecer? Sempre foi uma mulher com brio, mas isto... Sophie lhe ficará eternamente agradecida, e eu também, asseguro, eu também.

Entrou correndo na enorme e lúgubre sala onde estava servido o café da manhã sobre uma mesa de cavalete, fazendo-a retumbar, e apertou Diana entre seus potentes braços, beijou-a com força e disse:

— Prima Diana, estou-lhe profundamente agradecido e estou orgulhoso, muito orgulhoso de que sejamos parentes, tão orgulhoso como Lúcifer, dou-lhe minha palavra. Deus te abençoe, querida prima!

Quando estavam na nova carruagem, uma carruagem puxada por oito cavalos, Jack disse que ela deveria viver em Ashgrove Cottage e que nem Sophie nem ele queriam ouvir uma resposta negativa, e enquanto atravessavam Picardia a grande velocidade, falaram muito de Stephen. Agora Stephen estava com D'Anglars e Duhamel na carruagem que lhes precedia, falando sobre os documentos que tinha que entregar e explicar em Londres. Qualquer plano para derrotar Bonaparte contava com todo seu apoio, por mais disparatado que fosse, e aquele plano distava muito de ser disparatado. Sugeriu que fizessem algumas mudanças para que ele fosse mais fácil de aceitar pelos ingleses, mas foram trocas de tom ou de matiz, não de conteúdo, pois lhe parecia que a proposta estava muito bem elaborada. Pensava que havia sido concebida por homens inteligentes, perspicazes e de mente analítica, e desejava sinceramente que tivessem êxito, que encontrem homens tão inteligentes como eles em Londres e em Hartwell.

Esses mesmos homens haviam organizado sua viagem e haviam traçado sua rota, e ainda que ele havia visto o que podia conseguir uma organização eficiente quando era urgente resolver uma questão relacionada com a espionagem, nunca havia visto

obter tão bons resultados. Só uma vez houve um pequeno atraso, três milhas depois de passar Villeneuve, porque caiu a ferradura de um cavalo, mas atravessaram a Picardia e depois Artois sem fazer nenhuma pausa devido a imprevistos. Passaram por numerosas colunas do exército — muitas delas compostas só por adolescentes — que se dirigiam para o norte, seguidas de compridas filas de soldados montados a cavalo, os apetrechos para sitiar a uma praça, as munições, os víveres e as peças de artilharia, e os soldados sempre se afastavam e deixavam o caminho livre desde muito antes de que se aproximassem.

Stephen sabia muito bem que a maioria das vitórias se haviam conseguido graças ao brilhante trabalho dos chefes do Estado Maior, e era evidente que nesta conspiração participavam alguns dos mais importantes; contudo, às vezes pensava que essa perfeição não podia durar, que algum general com muita antiguidade ao comando de um importante posto poderia exigir explicações e a confirmação de Paris, ou que qualquer outro setor que valorizasse a Johnson e ao governo de seu país mandasse persegui-los ou, o que seria ainda pior, comunicasse suas ordens através dos semáforos que vira em todas as montanhas. Mas estava equivocado. Chegaram a Calais durante a maré-cheia, quando o barco inglês *Oedipus*, ancorado nesse porto, já estava preparado para zarpar e só esperava que a maré baixasse para fazê-lo, e, afortunadamente, soprava um moderado terral.

— Terá uma viagem agradável, ao menos — disse Stephen para D'Anglars, pois haviam concordado que este o acompanharia, ainda que só fosse para que seu primo Blacas e o rei nominal pudessem ver tudo com mais clareza. — Esse barco, isto é, esse bergantim tem excelentes características para a navegação, é estanque e navega bem de bolina, como nós dizemos. Além disso, o mar está em calma.

— Alegro-me, porque da última vez que cruzei tive horríveis náuseas e precisei deitar-me.

Além dos barcos dos contrabandistas, no Canal não havia outros mais discretos que os que navegavam com a bandeira branca. Atracavam num lugar do porto discreto e protegido e,

pertenciam à Armada real, como o *Oedipus*, evidente, eram comandados por capitães sumamente discretos, amiúde oficiais de bastante antiguidade com uma nomeação temporal para esse posto. Por isso Jack se assombrou ao ver pela janela da casa privada onde esperavam para embarcar e ver a William Babbington no castelo de popa, dirigindo as manobras, sem lugar para dúvidas. Babbington estivera sob o comando de Jack quando era guarda-marinha e tenente, e ainda que Jack sabia que o haviam promovido a capitão e o haviam dado o comando da corveta capturada *Sylphide* (de fato, escrevera cartas de recomendação e falara com alguns amigos para que o ajudassem a consegui-lo), achava que ele ainda era muito jovem para desempenhar um posto como esse.

Porém, jovem ou não, o capitão Babbington conhecia o significado da palavra “discrção” tão bem como qualquer outro membro da Armada, e quando os passageiros, ingleses e franceses, subiram a bordo, em seu recebimento cortês não apareceram sinais que indicassem que lhes havia reconhecido, e tampouco se observaram esses sinais no comportamento dos demais. Ordenou a um guarda-marinha que levasse o capitão Aubrey, o doutor Maturin e a dama para sua própria cabine e aos distintos cavalheiros estrangeiros para a câmara de oficiais. Depois olhou a proa e a popa e, em uma digna imitação da voz que Jack empregava no castelo de popa, gritou:

— Todos a desatracar!

O *Oedipus* se afastou do cais com a vela de estai de proa e a bujarrona desdobradas e as gáveas rizadas; colocaram-lhe as vergas quando chegou ao canal, e então passou junto à baliza norte e avançou lenta e discretamente por entre uma multidão de barcos pesqueiros e chegou à baía exterior em pouco mais de meia hora. Nesse momento o capitão Babbington mandou largar as maiores e criticou com dureza os guardas-marinhas que se ocupavam dos tomadores de estibordo por sua preguiça e profetizou que essa preguiça provocaria a ruína da Armada dentro de muito pouco tempo. Apenas havia acabado de fazer esta profecia, que havia ouvido pela primeira vez aos doze anos, dos lábios de Jack, quando uma grande sombra apareceu no castelo de popa, e ao voltar-se viu

o mesmíssimo profeta tão nervoso, preocupado e temeroso que causava assombro a alguém que, como William Babbington, havia lutado em muitas batalhas com o capitão Aubrey.

— Quer que desçamos, senhor? — perguntou, sorrindo.

— Acho que ficarei aqui tomando ar fresco durante um tempo — disse, acercando-se do coroamento. — Abaixo faz bastante calor.

— Continue, senhor Somerville — ordenou Babbington e foi reunir-se com seu antigo capitão junto à haste da bandeira.

— Estão brigando como cachorro e gato — disse Jack em voz baixa. — Como cachorro e gato! Parece que estão casados há um ano ou mais.

— Meu Deus! — exclamou Babbington entristecido.

Os homens puxaram as braças para fazer girar as vergas e o *Oedipus* fez rumo a Dover. Apenas havia ondas, e o castelo de popa do bergantim estava horizontal como uma mesa, e depois que os cabos foram aduchados e guardados abaixo, só se ouvia o assobio do vento na exércia, o rumor da água ao passar por seus costados e os distantes grasnidos das gaivotas. Os dois capitães estavam perto da clarabóia da cabine e, em meio do silêncio, ouviram claramente estas palavras: “Por Deus, Maturin, que teimoso e que selvagem és! Sempre foi!”.

— Gostaria de ver o novo mascarão de proa, senhor? — inquiriu Babbington. — É novo, de estilo grego, acho.

Aquele Edipo poderia estar pintado ao estilo grego se os gregos gostassem de dar grossas camadas de tinta em suas estátuas e fazer-lhes sorrisos insípidos, olhos grandes e inexpressivos e bochechas vermelho escarlata. Ambos olharam atentamente a imagem, e depois de um tempo, Jack disse:

— Não sou um entendido em temas clássicos, porém, não lhe havia ocorrido algo estranho nos pés?

— Acho que sim, senhor, porém, desgraçadamente, neste não se vêem porque está cortado pela cintura.

— Mas, agora que o penso, acho que o estranho era seu matrimônio e não seus pés.

— Talvez ambas as coisas fossem estranhas, senhor. Poderiam ter certa relação. Acho que li algo sobre isso no *Polite Education* de

Gregory.

O capitão Aubrey ficou pensando uns momentos com a vista fixa numa verga que estava colocada sob o gurupés e por fim gritou:

— Já sei! O senhor tem razão: seu matrimônio e seus pés eram estranhos. Recordo que o doutor me contou a história completa quando nos abordamos com a *Jocasta na* baía Rosia. Não pretendo ofender seu mascarão de proa, e muito menos ao seu bergantim, Babbington, mas essa família não era muito decente, sabe? Para dizer a verdade, amiúde as relações entre os homens e as mulheres são muito raras, e amiúde terminam mal. O que acha desta verga?

Na cabine, Diana disse:

— Stephen, querido, como pode esperar que uma mulher se case contigo se apresenta o matrimônio simplesmente como algo conveniente, como algo que está obrigada a aceitar?

— Somente digo que Johnson estava em Paris, que não lhe permitirão a entrada nos portos ingleses porque a consideram uma estrangeira inimiga e que não tem escolha — disse Stephen, entristecido e incômodo. — Faz mais de uma hora que estou tratando de meter isto em sua dura cabeça, Villiers.

— Outra vez! — exclamou Diana. — Deveria pensar, deveria saber que inclusive uma mulher que recebeu tantos golpes como eu gostaria de um pedido de matrimônio mais... mais, como diria?, mais romântico. Ainda que fosse para casar-me contigo, o que é inconcebível de todo ponto de vista, nunca o faria se me fizesse um pedido como este: ordinário, mundano e similar a uma transação comercial. Isto é contrário às boas maneiras, às mais elementares regras de cortesia. Realmente me surpreende, Maturin.

— A verdade é que te quero muito, Diana — disse Stephen em tom lamuriento, baixando os olhos.

—...e assim não temos que pôr um cordão — disse Babbington no castelo e depois olhou para o alto da exércia e, voltando-se para popa, gritou: — Senhor Somerville, acho que podemos largar as sobrejoanetes!

Ouviram os apitos do contramestre e os gritos: “acima! Para os picos! Soltar, soltar!”. Os tripulantes do *Oedipus* haviam desdobrado mais velame com tanta habilidade e rapidez que seu capitão sentiu

uma grande satisfação, porque sabia que Jack os havia estado observando. Os dois capitães haviam começado a falar dos vergas outra vez quando se aproximou correndo um cadete, o filho da irmã de Babbington, e, com voz escandalosa, disse:

— Tio William, ela quer que vá à cabine!

Mas imediatamente se serenou e, ruborizando-se, tirou o chapéu e disse:

— Com sua licença, senhor, a dama que está na cabine envia suas saudações ao capitão Babbington e diz que queria falar com ele quando tenha um momento livre.

Foram correndo para a popa. O infante de marinha que estava de sentinela abriu a porta com um olhar expressivo, ainda que não souberam o que expressava, e então entraram. Babbington notou imediatamente que os passageiros haviam feito as pazes, pois, apesar de estarem sérios, tinham uma expressão satisfeita e as mãos dadas, como um casal feliz. Sentiu uma grande alegria e exclamou:

— Oh, senhora Villiers, quanto me alegro de vê-la! Bem-vindo, doutor! Que desejam tomar? Tenho uma caixa de garrafas de champanhe inteira. Tom! Tom! Suba o champanhe!

— Capitão Babbington, meu amigo, quando pensa chegar a Dover? — inquiriu Stephen.

— Dentro de duas ou três horas, não mais, se o vento a maré não mudarem. E se subisse ao cesto da gávea do maior, poderia ver dali o branco escarpado — disse, com um amplo sorriso.

— Então não há nem um momento que perder. Tenho que pedir-lhe um favor.

— Ficarei encantado de servir-lhe.

— Quero que nos case.

— Muito bem, senhor — disse Babbington. — Tom! Tom! O devocionário!

— William — disse Jack num aparte. — Sabe como celebrá-lo?

— Oh, sim, senhor! O senhor sempre nos disse que tínhamos que estar preparados para o inesperado, lembra-se? Está antes do serviço religioso. Obrigado, Tom. Agora, por favor, diga ao meu escrevente que venha. Ah, senhor Adam! Traga o rol e prepare o

certificado de matrimônio regulamentar, por favor. Anote a hora e fique aí para que recite os versículos. Quem vai entregar a noiva?

Depois de um momento de vacilação, Jack, olhando nos olhos de Diana, disse:

— Eu a entregarei, porque sou seu parente mais próximo. E estou muito contente e muito orgulhoso de fazê-lo.

— Então o senhor ficará aqui, senhor — disse Babbington e se colocou atrás da mesa de mogno e comprovou se estavam sobre ela o papel, a pluma e o tinteiro. — Doutor, tem um anel?

— Sim — respondeu Stephen e lhe entregou o anel com a ametista.

Babbington colocou os noivos, abriu o livro e, com voz clara, com a típica voz dos oficiais navais, sem afetação nem leveza, leu as palavras rituais. Jack escutou emocionado aquelas palavras que lhe eram tão familiares, e seus olhos se encheram de lágrimas quando ouviu: “até que a morte os separe”. E quando ouviu dizer: “Stephen, quer...?” e “Diana, quer...?”, pareceu que estava em seu próprio casamento e que Sophie estava do seu lado.

— Então os declaro marido e mulher — disse Babbington, fechando o devocionário, e, com a mesma gravidade, atrás da qual se observava agora uma grande alegria, acrescentou: — Senhora Maturin, querido doutor, eu lhes desejo toda a felicidade do mundo.



{1} Brummagem: Nome que vulgarmente se dava a Birmingham, onde se fabricaram moedas de quatro peniques falsas em certa ocasião.

{2} Estadio: Medida de longitude equivalente a 125 passos (201,2 metros).

{3} Bourbon: Uísque de milho e centeio que foi produzido pela primeira vez no condado de Bourbon, no estado de Kentucky.

{4} Cable: Medida de longitud equivalente a la décima parte de una milla (120 brazas o 185,19 metros).

{5} Vela quadrada que os barcos menores usam embaixo da espicha.

{6} Pompey: Nome que os marinheiros davam a Portsmouth.

{7} Navio de quarta classe: Na Armada real, os navios se dividiam em classes atendendo ao número de canhões que tinham; os de quarta classe tinham entre cinquenta e sessenta canhões.

{8} Dog's nose: Mescla de genebra e cerveja.

{9} Flip: Vinho ou licor mesclado com ovo e açúcar e servido com noz moscada polvilhada por cima.

{10} Arábia Feliz: Região da Arábia que abarcava aproximadamente o território do atual Iêmen e que erroneamente era considerada rica e fértil.

{11} Boney: Napoleão Bonaparte.

{12} Ratites: Grupo de animais que inclui aves não voadoras como a avestruz, o emu e o kiwi.

{13} Nova Holanda: Antigo nome da Austrália.

{14} Royal Society: Organização criada por Carlos II da Inglaterra em 1662 para fomentar o desenvolvimento das ciências naturais.

{15} Os marinheiros ingleses davam a muitas cidades, ilhas, marés, etc., nomes diferentes dos verdadeiros porque confundiam a maneira de pronunciá-los, porque passavam a ser de sua propriedade ou já haviam sido no passado e por outras razões. Por exemplo, a La Corana chamavam de Groyne.

{16} Bala vermelha: Bala de ferro que, feita em brasa, se metia na peça de artilharia, e era usada para incendiar.

{17} Na Inglaterra, quando um homem era detido por dívidas, em vez de ir para a cadeia podia ficar sob a custódia de um oficial de

justiça em sua própria casa, e quando saldava suas dívidas, devia pagar ao oficial de justiça por sua estadia.

[{18}](#) Maelstrom: Redemoinho extraordinariamente forte e perigoso próximo à costa noroeste da Noruega.

[{19}](#) Clonmacnois: mosteiro cristão da Irlanda localizado na parte central do país, perto do rio Shannon.

[{20}](#) Arrastraculo: vela pequena que se largava debaixo da espicha.

[{21}](#) Monterilla: vela triangular que em tempo sereno se larga sobre os últimos joanetes.

[{22}](#) Perico: Juanete do mastro mesena que se cruza sobre o mastaréu de sobremesana.

[{23}](#) Humbug: Farsante.

[{24}](#) Bitá: cada um dos postes de madeira ou de ferro que, fortemente presos à coberta nas proximidades da proa, servem para dar vuelta a los cables da âncora quando se fundeia o barco.

[{25}](#) Âncora de leva: cada uma das duas que vão colocadas nas serviolas.

[{26}](#) Cadenza: é uma passagem virtuosística, frequentemente baseada em temas expressos anteriormente na obra, na qual o solista tem oportunidade de mostrar sua técnica.

[{27}](#) Vinhateira: pedaço de cabo que tem numa extremidade uma alça e na outra um nó que se engasga na mesma alça.

[{28}](#) Negus: vinho do porto ou xerez com água, açúcar e especiarias.

[{29}](#) Guindaleza: cabo de 12 a 25 cm de diâmetro, de três ou quatro cordões torcidos da direita para a esquerda e de 100 ou mais braças de comprimento, que se usa a bordo e em terra.

[{30}](#) Estrobo: pedaço de cabo unido por seus chicotes, que serve para suspender coisas pesadas, prender o remo ao tolete e outros usos semelhantes.

[{31}](#) Caridade: Quinta âncora de respeito que os navios costumavam levar na bodega.

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por  
**LeYtor**  
Tendo como base tradução do *Espanhol* para o *Português* feita em  
03/05/2011 por  
**Kleber de Souza Andrade**

